

ALAN DEAN FOSTER

THE  
DIG



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



THE  
**DIG**<sup>TM</sup>  
ALAN DEAN FOSTER

Baseado em uma história de Sean Clark **WARNER BOOKS**  
**A Time Warner Company** 1995 LucasArts Entertainment  
Company nomes e logotipos são marcas registradas da  
Warner Books, Inc.

Warner Books, Inc., 1271 Avenue of the Americas, New  
York, NY 10020 A Time Warner Company Impresso nos  
Estados Unidos da América em capa dura: Janeiro de  
1996\*.

*design por H. Roberts*

\* Referente ao texto original em inglês.

Para Steven Spielberg. Eu esperei quarenta anos por aqueles dinossauros.  
Obrigado.

## TRADUÇÃO

# Igor Silveira Melo Cavalcanti

## Agradecimentos Especiais da tradução:

Gostaria primeiramente de agradecer ao **Riccieri Pataro**, que sugeriu a criação do presente texto. À **Fernando H. D. Guaracy**, que me auxiliou no processo de revisão de vários capítulos. E finalmente ao **Rafael F. Martins**, que dedicou o seu tempo e criou essa maravilhosa capa, exclusiva dessa versão.

# CAPÍTULO 1

"É uma rocha, senhor presidente."

Warren Lyon Fraser – Pai, filântropo, proveniente de uma família rica de mercadores e atual líder do chamado mundo livre, dirigiu o seu olhar para atrás da mesa. Detrás dela, Earle lembrou a sua imagem. O chefe executivo estava preocupado, seus pensamentos estavam em suas conferências marcadas para uma hora da tarde e em seu jantar de negócios para a *première* espanhola.

Foi incumbido a Earle, como chefe cientista da Casa Branca, dizer o seu informe em termos suficientemente fortes para penetrar a neblina social e diplomática que permanentemente envolvia o presidente. Isso quer dizer, ir direto ao ponto, deixando de lado palavras complicadas do jargão científico. As palavras tinham que ser escolhidas para um impacto imediato e preciso. Algo deveria ser feito sobre a situação, e deveria ser feita logo.

Embora soubesse da agenda lotada do presidente, Earle insistiu no encontro. A notícia era tão importante, a necessidade de uma resposta tão crítica, que não havia tempo de se escrever um relatório e enviá-lo ao chefe executivo. Earle não era um orador muito bom, mas não havia chance de se expressar a situação atual em papel.

Então, ele usou toda a técnica que tinha para tomar cinco minutos do tempo do presidente, confiante de que quando ele soubesse da gravidade do problema, daria a atenção necessária. Afinal de contas, o que Earle tinha a dizer tornaria irrelevante o mais importante jantar de negócios que o presidente poderia ter em sua agenda.

"Suponho que esteja se referindo ao 'Objeto?'" Fraser encarou o cientista com os seus olhos penetrantes, que pareciam nunca piscar. "Os técnicos vem cochichando sobre isso desde ontem, mas eu não vejo muito sentido em gastar tempo em rumores e especulações." Os dedos de sua mão

direita giraram de uma maneira formal, formando pequenos círculos na mesa, como se estivesse polindo-a.

"Eu espero que não haja muitas especulações. Eu espero fatos. Tenho uma conferência à uma hora. Nada demais. Apenas coisas usuais como crises e catástrofes..." Earle sorriu polidamente

enquanto o presidente olhava o seu elegante relógio de mesa. "Eu só quero entender o quadro geral, antes de mais nada".

"Sim, senhor" O cientista não se intimidou. Seus relatórios eram entregues em qualquer lugar da Casa Branca, mas ele havia passado muito pouco tempo dentro da sala oval, e sentia-se pouco confortável ali dentro.

"Então vamos lá, Willy. É apenas uma rocha. Que tipo de rocha? Grande, pequena, rosa... o quê?" O presidente esperou impaciente.

Earle hesitou. Com certeza nenhum relatório de tal magnitude foi reportado em tais condições. Por isso ele queria ser o mais preciso possível. Para não deixar espaço para incertezas ou equívocos.

"Tem aproximadamente uma milha de diâmetro, senhor presidente. Meus colegas me reprovaram por não usar dados mais precisos, mas todos estes detalhes estarão no relatório final amanhã. Tenho certeza de que esta é uma boa aproximação."

"Uma rocha com uma milha de diâmetro...". O presidente murmurou. "Ou um asteróide, se preferir.". "É isso mesmo, senhor." Warren Lyon Fraser não era um cientista sofisticado. A sua vida e negócios estavam no campo da política. Mas não se chega ao cargo de presidente da república sem se saber um pouco de tudo. Ou ao menos, fingir que se sabe.

"Um asteróide, senhor, está certo. Esse é o problema."

"E uma milha de diâmetro é algo relevante, falando-se em asteróides?"

"Relativamente sim, senhor."

"Estou começando a entender, pelos rumores que ando escutando dos técnicos, e pela sua atitude, que este é um assunto que não pode ser ignorado."

"Temo que não, senhor presidente." A expressão do cientista era solene. Fraser caminhou em direção a sua luxuosa cadeira. E disse agudamente: "Porque não?"

"Existem dois problemas com esse asteróide em particular, senhor. A primeira é que ninguém o viu chegando. Ele não é grande o suficiente para se anunciar, de certo, mas uma vez que já tenha atravessado a órbita lunar, ele deveria ter sido visto por meia dúzia de observatórios, ou pelo menos por alguns amadores que fazem muito do trabalho sujo da astronomia."

"E ele não foi?" O presidente perguntou.

"Não senhor. Ele simplesmente apareceu. Objetos do sistema solar não brincam de esconde-esconde. É contra as leis da física! Esta coisa quebrou muitas regras. Num minuto o perímetro espacial terrestre estava vazio, e no minuto seguinte é o lar desta rocha. Alguém deveria ter avistado ela muito antes de entrar em órbita!"

"Então ela está em órbita?" O interesse do presidente ficou bem aparente. "Esses cometas e coisas do tipo simplesmente não brilham e desaparecem?"

"Naturalmente, isso era para acontecer, senhor. Mas esta coisa não. Essa coisa veio Deus sabe em que velocidade, chegou ao nível da atmosfera exterior e reduziu. Desacelerou inacreditavelmente rápido. Estudos iniciais indicam que não se trata de uma Palasitita ou---"

"O que disse Willy?"

"Desculpe, senhor. Um tipo exótico de meteorito. Análises iniciais sugerem que a sua composição é comum, exceto por ocasionais manchas em dutos isolados."

"Estou feliz por ouvir isto". O presidente tinha um estranho senso de humor, que ele preferia mostrar apenas quando estivesse longe dos jornalistas e das câmeras. Earle já havia o presenciado em mais de uma ocasião.

"Estas 'manchas', é que têm intrigado aos meus colegas. Eles pensam que essa pode ser a explicação do por que ninguém viu essa rocha chegando. E não é só o nosso pessoal. Os russos, os japoneses, os europeus. Todos eles não o viram chegando."

"Talvez seja porque ninguém estava olhando para o lugar certo na hora certa."

"Isso é completamente plausível, senhor. No momento, essa seria a explicação mais aceitável. Especialmente se considerarmos que ele apareceu sobre o Ártico. Infelizmente, isso não nos ajuda com o segundo problema."

"É melhor que seja importante." Fraser olhou novamente para o relógio. Earle desejou que alguns de seus homens de Houston estivessem ali para ajudá-lo. Entretanto,

nenhum deles poderia perder tempo. Estavam trabalhando furiosamente no problema.

"É a órbita, senhor. Esse é o problema. É uma órbita decadente. Está decaindo muito rapidamente. Isso realmente não faz sentido. Considerando a velocidade na qual o objeto deve ter entrado no sistema solar, ele deveria ter passado direto pela terra, e não ter sido capturado pelo nosso campo gravitacional! Os

cálculos..." Ele procurou algo no bolso de sua jaqueta. "Aqui, senhor. Eu fiz um esboço para você. Eu pensei que isso tornaria a situação um pouco mais fácil de entender." Ele sorriu esperançoso.

"Você sabe, o valor de uma imagem...?"

Fraser se esticou em sua cadeira e pegou o desenho. Com linhas simples, ele mostrava a Terra, a Lua, e uma elipse estreita em torno da Terra. No ponto mais distante da elipse havia um ponto. O presidente encarou o cientista. "Este não é o tipo de órbita que os nossos satélites e naves usam?"

"Não, senhor. Estas seriam como círculos quase perfeitos, cada uma representando uma órbita estacionária. Vê o quão extrema esta é?"

Avançando, ele tocou no ponto da elipse mais próximo da Terra. "Se algo não for feito logo, a órbita do asteróide vai decair ainda mais e ele irá entrar na nossa atmosfera, ao ponto de colidir com a superfície na forma de um grande asteróide seguido de pequenos outros, ou na forma de vários de tamanho médio. Novamente, tudo depende da sua composição físico-química." Ele se endireitou. "Nós teremos dados mais precisos ao fim da tarde."

Warren Fraser levou lentamente a mão esquerda aos lábios. Não estava mais olhando para o relógio.

"O que aconteceria então? Na pior das hipóteses?"

Earle pensou um pouco. "Não posso dizer precisamente, senhor. Ninguém pode. Tudo depende do tamanho dos fragmentos, da sua composição química e de onde ele cairá. Se ele chegar a cair nas redondezas da ilha de Páscoa, por exemplo, nós podemos esperar tsunamis pela costa do pacífico. Se ele cair no meio do Atlântico ou do Índico, teríamos resultados semelhantes. Se sua maior parte queimar na entrada da atmosfera, seus efeitos serão mínimos."

"Eu vejo". A expressão do presidente não mudou. "E se esses possíveis fragmentos não caírem no meio do oceano? E

se um pedaço grande viesse a cair em algum lugar aqui por perto?"

"Bem, nesse caso, senhor, ninguém deveria se preocupar com que partido irá dominar a próxima sessão do congresso. Ou qualquer outra parte do governo. Sempre achei que a capital deveria ficar num lugar mais central. Missouri, por exemplo."

"Tão ruim quanto" Murmurou o presidente.

"Sim, senhor. Tão ruim quanto. Nós podemos perder tudo no extremo norte, como a Filadélfia. Baltimore com certeza".

Fraser o encarou seriamente. "Não há nenhum jeito de vocês preverem aonde o asteróide irá cair?"

"Não, senhor. Nem em quantos pedaços, nem o quão grandes ou quão pequenos eles serão. Podemos prever apenas uma terrível perda, aonde quer que ele caia. Lembre-se, nós só estamos trabalhando nisso a menos de 24 horas. Os astrônomos tem que cooperar com os químicos, e vice-versa. Se for feito de níquel-ferroso, bem, isso não é bom. Isso significaria que a maior parte de sua massa cairia em um único pedaço. Nós não temos muito tempo!"

"Mas ele poderia se desintegrar em pequenos pedaços?"

"Sim, senhor. Embora eu não veja muita vantagem em levar um tiro de espingarda ao de um rifle".

O presidente pensou um pouco. "Está bem. Já chega de conversa. O que nós podemos fazer?" Ele estava alcançando o telefone. O telefone que poderia comandar exércitos, ou dólares.

"Vou resolver isto. Irei falar com um comitê de elite..."

"Por favor, senhor". Earle pôs a sua mão na frente, impedindo o presidente. "Acredito que a velocidade de resposta do congresso não condiz com a necessidade da situação. Nós precisamos fazer algo imediatamente!"

Fraser deixou o telefone. "Você não falaria desse jeito ao menos que exista algo que possa ser feito. Vamos a isto então. Só espero que isso não me custe muitos votos".

"Esperar irá custar muito mais votos senhor. Milhares deles." Earle engoliu em seco. Foi por isso que ele queria tanto falar com o presidente. No país, dúzias de cientistas e engenheiros estavam contando com ele para vender a idéia. E ele esperava ser capaz disso. Mesmo porque, até agora, era a única idéia.

"Modelos preliminares sugerem que seja possível ajustar a órbita do asteróide, forçá-lo a uma posição fixa."

"Eu vejo. E presumo que isto não pode ser feito por algumas centenas de jogadores da NFL pulando

simultaneamente para cima e para baixo em um dos lados do asteróide?"

Earle sorriu, surpreso pelo fato de o presidente fazer piadas numa situação tão terrível e séria. "Não, senhor." Agora vinha a parte difícil. "Na verdade, a solução envolve o uso de explosivos nucleares de baixa potência. Cálculos mostram que poderiam ser posicionados---".

Fraser interrompeu: "Espere um minuto. Bombas nucleares?"

"Sinto muito senhor. Eu sei o quão controverso isso possa parecer, mas ogivas nucleares são as únicas coisas com efeito suficiente para mover um objeto desse tamanho. Não há alternativas. E é preciso ter exatidão. Nós não queremos acelerar mais essa coisa. Nós só queremos ajustar a sua altitude."

"Eu vou ter problemas com o congresso. Ogivas!" O presidente balançou a cabeça lentamente. "Você consegue imaginar uma dúzia de senadores ouvindo isso?"

"Você precisa, senhor. Diga a eles que se não fizermos, e não o fizermos rápido, um grande número de representantes irá perder mais do que votos. Como cidades inteiras, por exemplo."

Fraser entendeu. "Tudo bem. Esse é o meu trabalho. Se eu não conseguir uma autorização, terei de fazer um decreto presidencial. Assumindo que o procedimento seja autorizado, nós temos os equipamentos necessários para o trabalho?"

"Nós temos experiência em tudo, exceto por ogivas de pequeno porte, senhor presidente. Mas os russos vêm usando-as por décadas e---"

"AH! Maravilha. O congresso vai adorar isto."

"Uma missão cooperativa pode ser útil à ambas as partes!" Ele sorriu agudamente. "Isso também permitiria dividir a culpa, caso tudo falhe. Nós já fizemos contato com as pessoas apropriadas em Moscou e Khabarovsk. Eles nos asseguraram não só de que os dispositivos iriam fazer o serviço bem e na primeira tentativa, mas que eles ainda tem a Kilotonagem certa à mão."

"Esses 'dispositivos'" o presidente murmurou. "Eles caberão em uma nave? Sem oferecer risco para a tripulação?"

"Sim, senhor. Completamente protegidos e prontos para serem armados. Na verdade, comparando com algumas cargas que temos lançado em órbita recentemente, essas são relativamente pequenas. Eu analisei os esquemas, e a mecânica é muito básica. Os russos sempre fazem as coisas da maneira mais simples."

A voz do presidente ficou seca. "Isto é bem diferente de explodir garrafas com bombinhas. Costumava fazer isso quando era criança. Mas esta explosão nós não poderemos esconder, não é?"

"Não, senhor. Todos estarão observando. O planeta inteiro. Nós podemos fazer isto, senhor presidente. Os russos tem a encomenda, e nós, o serviço de entrega."

"Nós não podemos simplesmente atirar a 'encomenda' no asteróide e evitar expor o nosso pessoal à possíveis conseqüências?"

"Temo que não, senhor presidente. Para que a ação seja o mais eficiente possível, os explosivos devem ser colocados com muita precisão na superfície do asteróide. Isso significa uma viagem de nave e a colocação manual dos explosivos. Não há como contornar isso."

"Irei acreditar na sua palavra, Willy"

"Não é a minha palavra, senhor presidente. Centenas de pessoas trabalharam muito para chegar a esta solução! É a melhor chance que temos!"

Fraser ficou quieto por um longo tempo, olhando para um canto. Eventualmente, ele olhou para o visitante em sua sala. "Você sabe qual é a frase de um político de sucesso, não?"

"Não, senhor". Earle se forçou a escutar.

"É a habilidade de encontrar algo positivo, não importando o quão ruim a situação esteja. Por exemplo, nós não estamos falando do fim do mundo aqui."

"Não, senhor" Earle murmurou. "Só de uma boa parte dele."

"Tudo bem, está certo. Nossa equipe tem certeza de que esses dispositivos irão funcionar?"

"Razoavelmente certos, senhor. Na ciência nada é certo. Mas os russos já as usaram antes na escavação de grandes e profundos poços de minério. E eles vêm refinando-o já fazem anos!"

"Assumindo que eles funcionem, pense nos benefícios! Isso significa que a América pode clamar mais uma vez o título de salvador do mundo! Eu percebo que quando eu falo isso, pode soar frio demais para você, Earle, mas eu como presidente tenho que levar em conta certos aspectos. Eu realmente espero ser reeleito daqui a dois anos."

"Claro, senhor" Earle manteve a sua expressão cuidadosamente neutra. Nas eleições anteriores, havia votado no oponente de Fraser.

"Agora, deixe-me ver se entendi direito. Se esta rocha pode ser estabilizada, ela ficará em órbita permanente com a Terra?"

"Está certo, senhor"

"Então nós poderíamos usá-la para substituir nossos satélites de comunicação e de pesquisa?"

Earle sorriu de uma maneira que desejou não parecer hipócrita. "Não completamente, senhor. Seria uma órbita estática, e não uma geosincronizada. Mas ela poderia servir de base para vários programas científicos. Uma estação espacial barata, e ainda

muito maior do que qualquer coisa que poderíamos ter mandado para o espaço."

O presidente mudou de expressão. "Bom o bastante. A Terra irá ganhar uma segunda lua, e com potencial econômico."

"Talvez, senhor. Entretanto, não acho que essa deva ser a nossa prioridade."

Fraser se mexeu levemente na cadeira. "Você não tem que justificar gastos ao congresso. Eu tenho. Espere e verá. Se conseguirmos passar por isto, haverá meia dúzia de senadores insistindo em proclamar a rocha como território norte americano. Então eu terei que bajular Kubiltov e seu grupo, e os europeus irão questionar... Bem, você entendeu. Existe muito mais do que ciência envolvida aqui."

"Sim, senhor." Earle estava ficando impaciente. "Entretanto, senhor, nós precisamos agir agora mesmo. Asteróides que caem não respeitam a política!"

"O asteróide e a política, ambos precisam ser alavancados. Você trabalhou o suficiente em Washington para saber disso."

"Eu sei, senhor. Eu só estou enfatizando a necessidade de velocidade nessa questão! Cada momento é importante. Se esperarmos muito, a órbita do asteróide chegará a um ponto em que nenhuma quantidade de explosivos será capaz de desviar!"

"Farei o melhor que eu puder. Prometo que assinarei as autorizações necessárias o quanto antes, assim que o gabinete for consultado. Irei limpar a agenda de hoje à tarde para podermos lidar com isso. A NASA será beneficiada com um decreto presidencial até às cinco da tarde." Seus olhos se fixaram firmemente nos do cientista. "Deus te ajude, Earle, se o seu pessoal estiver errado sobre estes dispositivos nucleares e eles não funcionarem corretamente..."

Earle respondeu secamente: "Deus NOS ajude, se eles não funcionarem corretamente. Fim de conversa." Ele se virou para sair.

"Só mais uma coisa, Earle..."

O cientista parou. "Sim, senhor?"

"Se isto não vier a funcionar como planejado, nós iremos levar a culpa por qualquer ângulo de aproximação que o objeto venha a tomar eventualmente."

"Eu sei, senhor. Essa situação é inédita. Não há garantias. A única coisa certa é que se não fizermos algo rápido, o asteróide irá colidir com a Terra. É só uma questão de onde, e quantos morrerão."

"Então é melhor se apressar. Você tem pessoas das quais precisa conversar e eu tenho ligações das quais eu preciso fazer."

"Certo, senhor presidente." Earle deixou a sala enquanto o chefe executivo alcançava um de seus três telefones na mesa. Esta seria a linha direta com Moscou. Não que fosse importar o que ele e o presidente Kubiltov conversariam. Tudo o que importava agora era colocar as 'encomendas' em seus devidos lugares na superfície de um veloz rocha do tamanho de uma pequena cidade de Iowa.

A prioridade imediata era encontrar a melhor equipe para aquelas 'encomendas'...

## CAPÍTULO 2

Era o lugar favorito de Low na cidade. No nível da água, perto do inconcebível show da arrebentação que as ondas faziam ao lado da enorme ponte e da linda visão das montanhas costeiras. Para os imigrantes empobrecidos da Ásia e da bacia do Pacífico, essa ponte era como o portão para o paraíso. Para os moradores de Martin County era um atalho. Para os turistas do país e do mundo inteiro, um excelente cartão postal.

Hoje, toda a sua extensão estava visível, sem sinal de neblina. Isso iria desapontar os turistas, ele sabia. Muitos esperavam que a neblina surgisse do nada, como se a cidade tivesse enormes máquinas de fumaça, apenas para se criar o melhor lugar para fotos enquanto os barcos de cruzeiro estivessem passando.

Com ou sem neblina, Low amava a ponte. Não havia outra estrutura pública mais graciosa nos Estados Unidos. Simples e funcional, o Taj Mahal do extremo oeste. Ele nunca cansava de ficar olhando para ela.

À sua direita, a balsa de Alcatraz estava partindo. Um conjunto de gaivotas voou baixo, na busca de lixo comestível. Duas delas o encararam rancorosamente.

Ele levantou o saco de algum restaurante fast-food. "Desculpe pessoal. Sem mais batatas fritas. Tentem alguma coisa mais radical. Vão procurar por peixes!" As gaivotas urbanizadas se negaram a acreditar, não sabendo que ele havia terminado o seu almoço vinte minutos mais cedo. Ele não as culpou. Batatas fritas eram muito mais fáceis de se conseguir do que atum.

Não havia muitas pessoas no ponto hoje. Além dele mesmo, ele só viu dois casais. O lugar era meio romântico, um bom lugar para namorar. Frio como era, com o vento soprando meio forte, você naturalmente é atraído para o seu

par, em busca de calor humano. Entretanto, Low estava só. Exceto pelas gaivotas, siris e os peixes.

Depois da hora do rush pela manhã, a ponte se aquietou. Ele já podia ver a primeira nuvem de neblina, pacientemente esperando a mudança de temperatura que permitiria que caísse sobre a baía e a cidade.

Ele se fechou em seu casaco, muito confortável com a sua solidão e seu almoço super calórico recém comido. Ele não esperava ser incomodado.

Foi então que ele viu um rosto familiar vindo em sua direção. Harry Page. O representante da NASA parecia ser o mesmo desde a última vez que se encontraram, na conclusão de uma missão oficial. A missão oficial de Low. Há quanto tempo isso foi? Há quase um ano.

Agora ele estava lá, percorrendo o seu caminho tortuoso pelo meio das pedras, com uma expressão meio fechada em seu rosto barbudo. Ele previu que teriam uma longa conversa, na qual Low não gostaria de participar.

Low poderia levantar rapidamente, fingindo não tinha visto o visitante, e fazer uma caminhada em direção ao seu carro. Page não iria alcançá-lo. Mas ele sabia que deveria existir outro carro em algum lugar lá em cima, na rua de acesso, provavelmente estacionado perto do seu próprio carro. Um luxuoso carro, branco ou preto, e com a marca do governo. E haveria um motorista e provavelmente um assistente esperando por Page.

Low imaginou o que Harry queria. Deveria ser algo importante, para ele ter vindo pessoalmente, ao invés de telefonar ou usar um fax. Importante o suficiente para perturbar a sua aposentadoria. Ele se consolou com a chance de que talvez Harry não estivesse procurando-o.

Então já era tarde demais para uma saída discreta, pois o representante da NASA estava andando em sua direção e gritando o seu nome. Espantadas com todo o movimento, as gaiotas levantaram vôo, e foram procurar comida em outro lugar.

Low indiferentemente pegou o saquinho das batatas e as escondeu no bolso. Era o tipo de alimento que nunca seria tolerado em uma missão espacial, e estava comendo-as em função de agora se considerar um ser estritamente terrestre. Ele teve uma infeliz sensação de que seria perturbado.

"Boston!" Page gritou novamente, com mais entusiasmo. "Como andam as coisas, Boz?"

"Estou bem, Harry. Sente-se em uma pedra..." Page fez o seu melhor, e Low assistiu-o desconfortavelmente. "O que trouxe você até a beira do continente?" Low já sabia a resposta. Esperou para ouvir a sua conclusão.

Page escorregou um pouco. Não se sentia confortável naquelas pedras. Embora os dois homens tivessem quase a mesma idade, o que sobrou do cabelo do representante da NASA agora estava com uma cor cinza.

Low sempre acreditara que a radiação em Washington era maior do que em qualquer outro lugar do espaço. "Em parte a comida, Boz. Eu tomei o meu café da manhã no cais. Caranguejo e omelete. Não se pode arranjar isto em Beltway." Indo rápido na água, um navio contêiner Liberland estava entrando no portão, cozinhando o vapor suavemente em baixo da ponte. Em seu caminho para apanhar um carregamento rumo a Yokohama, Low pensou. Ou Cingapura ou Jacarta. Ele suspirou. Não havia fuga para essa direção também. Os burocratas tinham conquistado o mundo

e você deve coexistir com eles, não importando onde você vivesse. "Há quanto tempo você está me procurando?"

"Desde então. Me falaram que este era um de seus lugares favoritos." O sorriso dele, pelo menos, parecia sincero. "Nós sentimos falta de você, Boston. O programa sente falta de você. Eu ainda não entendo por que você não quis aquela posição administrativa em Houston. Nunca me oferecerão aquele salário, nem se eu trabalhar até os noventa anos!

"Pela mesma razão que eu optei pelo programa inteiro, Harry." Apanhando um pequeno seixo, ele o atirou na baía. Ele golpeou a água, fazendo um 'sploosh' satisfatório. "Eu não soube o que eu queria exatamente, mas eu soube que eu quis sair."

A luz solar ricochetou na água fria, bateu em seus olhos azuis e então nos de Low.

"Você ouviu falar da rocha?" Low fez um barulho evasivo. "Por um acaso alguém não ouviu?"

Page riu. "Algum fazendeiro de arroz em Bangladesh, talvez, ou um Mongol com sua família na estepe. Todo mundo já ouviu falar da rocha. Você vê as pessoas todo o tempo, parando para encarar o céu! Querendo saber se vai cair perto deles. Querendo saber se vai cair NELES."

Low não respondeu. Ele era tão culpado quanto qualquer um. Especialmente à noite, quando você poderia ver ela passando lá em cima. Sabendo que a cada instante estava ficando cada vez mais próxima.

Um siri verde foi se escondendo na areia úmida perto dos pés dele, enquanto usava uma garra para empurrar comida na boca, como um mineiro procurando por ouro. Seu corpo era do tamanho de uma moeda de um dólar.

"Alguém já sabe como a comunidade astronômica inteira conseguiu perder sua aproximação?" ele se ouviu perguntando.

"Ainda não." Page não viu o caranguejo. Como a maioria das pessoas como ele, Page raramente parava para olhar para baixo e ver o que estava acontecendo bem aos seus pés. "Eles ainda estão discutindo sobre isto. Nós tivemos tanta sorte que ela entrou em uma órbita elíptica, ao invés de cair direto em Saint Louis, ou em qualquer outro lugar. Pelo menos deste jeito nós temos um tempo para tentar fazer algo."

"Está certo sobre isto." Low continuou assistindo ao siri. Ao contrário dele, tinha se adaptado perfeitamente a sua profissão.

"Você sabe que a rocha está em uma órbita rapidamente decadente?"

"Já tinha ouvido." Low levantou outro seixo. Uma gaiivota voou em sua direção, mas mudou de rota quando percebeu que aquilo não era comestível. Seu grito era perturbador. Atrás dos dois homens, um par de jovens em jaquetas escuras se abraçou fortemente um ao outro, ignorando as gaiivotas, a ponte, a água, a cidade e o mundo em geral. Low os invejou.

"O que eles estão planejando sobre isso?"

Page balançou a cabeça tristemente. "Homem, você realmente saiu da ativa não é?" Quando Low não reagiu, o discurso continuou. "Os russo estão nos fornecendo alguns dispositivos de escavação de última geração. Material realmente bom, com baixa taxa de resíduos. Só que eles não vão ser usados para alargar canais ou expor poços de minério."

"Mandá-lo para o espaço aberto?" Low indagou casualmente. Page balançou a cabeça novamente. "Isso seria muito arriscado. Teríamos de usar explosivos mais poderosos, que talvez o explodiriam em mil pedaços. Pedaços muito perigosos e devastadores... A intenção é apenas dar um impacto suficiente para estabilizar a sua órbita."

"Isso requer muita precisão, da parte dos profissionais e dos explosivos."

"Tudo tem sido cuidadosamente trabalhado." Page demonstrou confiança. "Até mesmo onde as fezes serão colocadas. Ninguém quer nenhuma surpresa. A operação já foi revisada mais de cem vezes."

"Simulação de computador." Low murmurou.

"Em Houston e em Langley. Os resultados batem todas as vezes, foi bom o bastante até para convencer o pessoal do comitê. Não há margem de erro."

"Sempre há margem de erro." Low disse calmamente. O siri tinha se mexido. "Seria um erro muito grave se alguém calculou errado, e esta coisa vier a descer mais rápido."

"Eles não calcularam errado e isto não irá acontecer." Page mudou seu tom de voz. "O Presidente e o Congresso estão admirados pelo potencial da pedra. Eles a vêem como uma plataforma espacial de uma milha de comprimento."

Low deixou escapar um profundo suspiro. "Eu aposto que os fabricantes de brinquedos estão mais interessados nessa 'estação'. Assim eles poderiam fazer brinquedos que usem a gravidade zero." Os olhos dele giraram para cima, mas Page não viu.

"Certamente eles podem, mais uma rocha gigante é uma venda garantida. Mais sensual. Há muito que se conversar sobre isto, Boston." Ele chegou um pouco mais perto. "Nós temos que parar esta rocha de qualquer jeito. Porque não procurar um lado positivo nisto tudo?"

"Eu suponho." Elevando os seus olhos, Low contemplou a visita com este olhar especial. Aquele que só as pessoas que viram a Terra como uma imensa esfera azul e branca possuem. Isto não confortou Page. Ele já tinha testemunhado isto muitas vezes antes, de vários homens e mulheres diferentes. Lidar com isto era parte do seu trabalho. Ele poderia lidar com equações complexas e problemas de engenharia, mas ele também poderia lidar com pessoas. Esta era a razão porque foi enviado à costa, ao invés dos outros.

Além do mais, ele conhecia Boston Low há mais de dez anos. Conheceu o tanto que era possível se conhecer de Boston Low.

A névoa estava começando a aparecer. Logo a ponte e a baía estariam escondidas por uma névoa branca e grossa, e o uivado triste das buzinas dos navios ressoaria pelas águas como leões que chamam as suas crias á noite. Ele piscou para o seu velho conhecido.

"Você quer que eu voe na missão, não é Harry?"

"Eu não, Boz." Page olhou para cima e para trás, na direção da estrada onde os outros esperavam. "Isso não depende de mim. Eles não me escutariam se eu tentasse falar com eles sobre isto. Me pediram para vir e conversar com você. Eu tentei dizer a eles a resposta que achei que daria." Low olhou para longe, dando as boas vindas à neblina. "Então não há sentido em repetir isto, não é?"

"Não é tão simples. Este é um vôo internacional e emergencial. Não um vôo espacial qualquer."

"Nenhum vôo espacial é 'qualquer'", Low resmungou, por falta de uma resposta melhor. "Se lembra da missão Enterprise?" "Claro que eu me lembro." Todo o mundo se lembra do segundo vôo de Low como comandante. Um engano no abastecimento, cálculos contraditórios... Nesse dia ninguém soube como a aeronave foi liberada para decolar sem combustível suficiente para fazer uma reentrada. Havia uma grande chance de a nave queimar na descida. A maneira com que Low corrigiu a trajetória da nave, para cima e para baixo no momento da reentrada, e sem o uso de combustível, parecia sobrenatural. Fazia cálculos e decisões sem a ajuda de computadores. A nave pousou em Edwards com metade da fuselagem do nariz, e ninguém com um ferimento mais grave que uma contusão leve.

Aquilo se chamava 'pilotar', uma habilidade meio esquecida numa era da computação e auxílios redundantes, do controle de naves via solo, com rotas predeterminadas por computador. Isso tornou o comandante Boston Low um herói nacional. Ele encarou tudo de maneira muito quieta e solene, aceitando somente pouco do que lhe era oferecido. O suficiente para complementar a sua pensão da NASA.

E quando toda aclamação terminou, quando não havia mais jornalistas em sua porta esperando por notícias suas, ele decididamente se aposentou e mudou-se. Não para as colinas de Virgínia ou os centros espaciais de Houston ou Canaveral, nem para a fascinante Los Angeles, nem para a vida noturna perpétua de Nova Iorque, mas para um condomínio de dois quartos simples no noroeste de São Francisco, próximo não de poder, corretores e políticos, e sim de mendigos, prostitutas, turistas, imigrantes ilegais e a melhor comida chinesa da América do Norte.

Também da névoa e das gaivotas. Havia muito delas em Boston Low.

"Eles querem você." ele ouviu Page dizer. "Eles realmente querem você."

"Quem me quer?" Low sorriu. O siri tinha voltado e estava olhando para ele com os seus olhinhos pretos em forma de pino.

"A agência. Os cientistas e os supervisores. O presidente e o congresso."

"Eu tenho quarenta e dois anos, Harry. Eu comandeí duas missões espaciais e participei de cinco. A Enterprise fez isso comigo.

O único espaço que eu quero explorar agora é aquele dentro de mim." Movendo a sua cabeça para trás, ele olhou para o céu.

"Não há nada lá em cima que possa me fazer voltar, e muito que possa me fazer ficar. É morto lá fora, Harry. Sem vida e frio. Quando você olha para a terra e vê aquela imensa esfera azul brilhando pode ser bonito, mas quando olha para trás, tudo o que você vê é escuridão e vazio. Uma escuridão sem fim. A morte."

"Boston, escute..." Page começou.

"Não, escute você Harry." Low usou uma voz tão grave que faria até vários senadores se calarem. "Tive o bastante, entendeu? Eu não estou com medo, eu não estou assustado. Já tive o bastante. Foi por isso que eu me aposentei. Isso se chama ser sensato. Não importa quem me 'quer'".

Ele olhou distante, e os dois ficaram em silêncio por vários minutos. Então Page falou em uma voz suave, porém insistente.

"Não me diga que você não está nenhum pouco curioso para descobrir o que está lá em cima? Este é um visitante extraterrestre, talvez até extrasolar. Você não é desse jeito. Me lembro de você ser várias coisas, mas indiferente não era uma delas."

"Eu sei o que está lá em cima, Harry. Eu sei como deve ser. E você também, assim como todo mundo da NASA. É um grande pedaço de rocha e metal. E só. Morto assim como o seu ambiente, e igual a milhares de outros que estão entre Marte e Júpiter. Este está apenas mais perto. Interessante? Certamente. Especial? Acho que não."

Outro momento de reflexão, então Page disse: "Olhe, Boston, eu não sei como te dizer isto. Como alguém que sempre diz o que pensa, eu não estou confortável a dizê-lo."

Low deu uma risada. "Você não diz o que pensa, Harry. Você é um funcionário do governo e diz o que dizem para você dizer. Você é apenas um bom funcionário, devo dizer isto."

Page riu de volta, porém deu uma risada bem mais forçada. "Ok, então eu sou apenas um profissional do governo. Chame do que você quiser. Mas você tem que me ouvir. Você não pode escapar desta, Boz. Deus! Até os Russos o querem! E todo mundo também! Então é melhor você ir se acostumando com a idéia."

Low não estava impressionado. "Você pode obrigar um homem a fazer várias coisas, Harry. Mas você não pode obrigar alguém a pilotar uma nave espacial."

Page levantou a mão em sinal de defesa. "Eu já disse! Não sou eu! É todo o resto!"

"O que eles vão fazer, Harry? Me ameaçar? Como eles vão me ameaçar? Morte? Desmembramento? O IRS?"

"Eu disse a eles que não poderiam intimidar você. Ninguém pode."

Low balançou a cabeça lentamente. "Quando se vai para o espaço, com frequência, ameaças terrestres parecem não ter mais peso. Simplesmente não importam mais." – ele procurou pela palavra certa – "Se torna fútil."

"Porque você acha..." Page respondeu "... que eles querem você para comandar essa missão? Nada incomoda você, Boston. Você apenas não os teme, você não teme a nada! Tudo o que você tem dito até agora só está me fazendo acreditar que você é o mais apropriado para esse projeto."

Low olhou novamente através da água, desejando que a neblina chegasse logo. Mas ele não poderia adiantar a neblina.

"Você é inteligente, Harry. Muito inteligente. Foi por isso que eles o enviaram."

Um Page diferente se inclinou para trás na direção da pedra. "Apenas para ser sincero." Descendo um pouco, ele pegou um seixo e atirou-o em direção ao mar, mas ele não chegou na água. "Você já pensou aonde essa rocha cairia, se nada fosse feito, Boz? Se ela não fosse corrigida?" Ele gesticulou exageradamente. "Ela, ou uma boa parte dela, pode vir a cair bem aqui. Bem nesta baía, ou naquela ponte. Ou mesmo na sua casa."

"Pode acontecer no futuro também. Se não for esta rocha, será outra."

"Sim, mas não é todo mundo que tem esse ponto de vista pessimista que você tem, Boston. Se você não quiser pensar em si mesmo, pense nos seus vizinhos! Pense em mim!"

"Eu estou pensando em todo mundo." Low queria poder levar o siri para casa, mas sabia que ele não

sobreviveria muito. "Existem tantos qualificados para uma missão como esta! Vocês têm o Terrence..."

"Terrance!?" Page olhou-o com uma cara de descrente.

"Tudo bem, mas e Woodside, ou Turginson, ou mesmo Murasaki?"

Page estava rindo. "Certo, o que tem eles? Qualquer um deles certamente faria o serviço, e provavelmente o fariam bem. Mas é

uma questão de montar a melhor equipe. Aquela na qual teremos a maior chance de sucesso. Todo mundo acredita que encarregar você nos dá a melhor chance."

"O que você pode fazer pelas chances da missão?" Low podia sentir a temperatura caindo enquanto o sol era bloqueado pela neblina. "Quem mais estaria nessa missão?"

Page sentiu um enorme peso ser aliviado de seus ombros. Low não havia concordado em vir a bordo, nem participar, na verdade ele não concordou com nada, mas atravessou uma linha invisível. O representante não parou para apreciar o cumprimento da sua missão. Ele estava muito grato para celebrar. Isso poderia ser feito depois.

"Antes de eu contar para você, existe algo que eu sempre quis saber. Algo que vem me incomodando por anos." Low virou-se para ele. "Porque seus pais deram o seu nome em homenagem à cidade em que você nasceu, e por que você não vive lá ao invés daqui? Ambas são costeiras."

Agora era a vez de Low rir debochadamente. "Eu fui criado lá. Isso foi o suficiente. Eu me mudei. Eu sou tão grato de não ter nascido em Indianápolis, ou Winnemunca."

Page gargalhou atrás dele. "O co-piloto será Ken Borden." A resposta de Low foi positiva. "Devia ter adivinhado."

"Eu pensei que você iria, de qualquer modo." Page sabia que Borden havia voado com Boston antes e servido de co-piloto para outros capitães durante suas terceira e quarta missões. Borden sempre estava ativo, sempre animado, eficiente e inteligente, uma das mais brilhantes estrelas do programa. A única coisa que ele não sabia era que o controle havia designado um piloto como comandante e o outro como assistente. Ninguém disse nada a ele, é claro.

Não que ele fosse incapaz. Bem ao contrário. Ele apenas não era a primeira opção. Se ele soubesse, ou até mesmo desconfiasse da verdade, ele não aceitaria participar, não cooperaria. Borden era um integrante brilhante da equipe.

"Ken é um bom homem." Low afirmou. "Nós sempre estivemos confortáveis juntos." Vindo de alguém como Low, a palavra 'confortável' carregava uma conotação extremamente boa.

"E os explosivos? Os russos vão enviar alguém de sua própria equipe?"

Page balançou a cabeça negativamente. "Washington e Moscou querem alguém que tenha algum treinamento russo, mas que seja experiente nos procedimentos espaciais. Não há tempo de treinar um especialista em bombas para isso. Eu disse que os explosivos são anti-falha e tão simples de usar que até uma criança de 10 anos poderia acioná-los."

"Ah, isso é tranquilizante." Low respondeu sarcasticamente.

"Relaxe. Você conhece Cora Miles?"

"Cora?" Low se surpreendeu. "Ela ainda está no programa?"

"Claro que está! O que o fez pensar o contrário?"

"Eu me lembro de Cora sendo um pouco agressiva sobre permanecer na Enterprise por qualquer tempo que fosse! Até mesmo o programa espacial. Da última vez que eu a vi, ela estava falando algo como concorrer a uma vaga no congresso."

"Ela está. Provavelmente esta será a sua última missão."

"Cora sempre foi boa em administrar seu tempo." Ele riu abafadamente. "Cora: uma enorme ambição impedida apenas pela incapacidade de fazer um trabalho corrido e mal feito."

"Você desaprova? Porque, se você quiser, qualquer quem seja, estará ao seu comando. Tudo o que você precisa fazer é---"

"Não, não. Ela serve. Você poderia vendá-la, tapar os seus ouvidos, virar ela de cabeça para baixo e girá-la centenas de vezes que mesmo assim ela seria capaz de inserir um chip em um satélite usando apenas o braço mecânico da nave." Ele sorriu, lembrando-se dos velhos tempos. "Cora irá servir perfeitamente."

"Já posso imaginar o slogan da sua campanha. 'Vote em Cora Miles, a mulher que ajudou a salvar o planeta!' Isso deve render a ela alguns votos. Quem mais? Certamente não vão mandar apenas nós três?"

Page virou de costas para as pedras. "Ninguém quer que a missão seja tumultuada. Existe muita preocupação em que haja discordância na equipe, principalmente em um problema serio. Você sabe disso: uma vez que eles estiveram

lá em cima, não haverá tempo para discussões. Você, Cora e Borden podem fazer isto. Posicionar os explosivos, recuar, checar os resultados e voltar. Uma missão de dois dias."

"Nisso você está certo." Low disse em um tom aprovador.

"Entretanto..." O representante adicionou rapidamente.

"Haverá mais dois especialistas a bordo. Eles não vão interferir nos seus assuntos, mas a presença deles foi aprovada. Afinal de contas,

isso é o mais perto que a humanidade já esteve de um asteróide. A comunidade científica mundial iria nos estrangular, se nós não permitíssemos que pelo menos um cientista viesse a bordo."

"Eles não podem esperar até que a órbita esteja estabilizada?" Page deu de ombros. "Os russos já estão falando até de se

lançar uma estação espacial em sua superfície. Acho que muita gente quer mais dessa primeira visita do que apenas um grande estouro." Sua expressão parecia apreensiva. "Tenho certeza de que eles não irão interferir no seu trabalho. Eu posso dizer isto, não? Podemos contar com você?"

Low pensou nas gaiotas e na neblina. Pensou em quando voltaria a vê-las novamente. "Creio que sim." Sua resposta foi automática e sem entusiasmo algum. Para seu visitante ele deu um sorriso. O mesmo sorriso lacônico que seduziu a jornalistas e políticos.

"Mas só porque esta coisa pode cair em cima da minha casa, e eu gosto dela do jeito em que está."

"Tudo bem." Page estava pateticamente feliz.

Low suspirou. "Quando eles me querem na Florida?"

Seu amigo estava na defensiva. "Quanto tempo você demora pra arrumar as suas malas?"

"Foi o que eu pensei." Low respondeu azedamente. "Eu não tenho muita coisa para levar. Não é a mesma coisa que ter uma família inteira para levar..."

"Eu sei." A voz de Page estava completamente neutra, sem nenhuma falsa simpatia. Low gostou disso. "Ai está outra razão de terem escolhido você."

"Sim. Um lugar errado para um homem de família. Desse jeito nada dá errado. Ninguém tem que sofrer, nem esposa, nem filhos com a sua partida. Esta é a política da agência. Sempre olhe para o lado positivo das coisas!"

Page olhou em seus olhos. "O carro está esperando. Você não precisa pegar um ônibus."

Low riu um pouco enquanto ele se levantava. Não havia jeito nenhum de tentar explicar a Page que ele gostaria de ir de ônibus, ou por quê.

## CAPÍTULO 3

Ele se sentiu estranho ao voltar para Canaveral. Estava úmido e nebuloso ao invés de úmido e frio, o ar estava tão pesado que Low se sentiu em um roupão encharcado. O ar parecia forçar os seus pulmões, fazendo de respirar um grande esforço, ao invés de ser prazeroso. O terreno era mais plano do que montanhoso, e a vegetação estava retorcida. As gaiivotas eram uma presença familiar para Low, mas os aligátors definitivamente não. Qualquer vibração do chão era causada pelo movimento de enormes máquinas, e não pelo movimento do próprio solo.

"I've left my heart, in San Francisco" [Eu deixei meu coração em San Francisco] ele cantou baixinho pra si mesmo. Assim como havia deixado carteira, peixes, amigos e seu estilo de vida. Ele não havia trazido muitas coisas, como uma carteira de motorista. Ela não era necessária para se pilotar uma nave espacial.

Aqueles que não conheciam ele, visitantes e trabalhadores novos do programa, interpretaram mal o seu silêncio, como stress. Mas elas não sabiam que Low era imune ao stress assim como certas pessoas eram imunes ao sarampo. Se existisse um gene de anti-stress com certeza ele estaria enlaçado no DNA do comandante. Quando Low soube que uma bomba nuclear iria explodir perto de onde ele estaria, a resposta que ele deu foi apenas um tímido "Tudo bem".

Ele achou que a planta física do prédio mudou muito pouco desde quando ela servira para ele como o seu lugar de trabalho, bem como a sua casa. Ele percebeu a nova pintura, e um trabalho melhor na jardinagem em geral, e um prédio novo para a montagem do satélite *Minerva Deepspace*. Um observatório envidraçado acalmava e entretia aos visitantes.

*Minerva* estava a vinte anos de seu lançamento, e ele se perguntava se viveria o bastante para poder vê-la decolar.

Muito dependia do desenvolvimento do projeto russo *Próton III* de lançamento, que deveria ser do tamanho da engenhoca da NASA. Tratar com falhas da ciência era muito mais fácil do que tratar com a burocracia do governo, ele pensou. E ao mesmo tempo ele imaginou porque ele se importaria com isso.

Na distância se via duas plataformas de lançamento. A nave em si, ainda estava no hangar de montagem, sendo preparada por

um exército de técnicos. Embora cada peça pudesse ser substituída, elas tinham certas superstições, que os homens e mulheres que voaram na nave acreditavam. Low era do tipo que não dizia o nome da nave que iria pilotar, até que tivesse certeza e autonomia total para isso.

Uma pequena superstição, um pouco injustificável, tendo ele trabalhado tantos anos para a ciência. Isso era estranho, especialmente para um piloto como Low. Mas pelo outro lado, ele havia sobrevivido a cinco missões espaciais; duas como comandante, uma quase um desastre, e não viu motivo para mudar o seu jeito pessoal de agir.

A equipe e os fãs do espaço o reconheceram. Eles olharam-no fixamente, quase ao ponto de parecer rude. Ele era o herói da *Enterprise*, e pensou que talvez tivesse de escutar "Por favor, assine isto para meu filho/filha/sobrinha/sobrinha/tia Clotilde, Comandante Low?" Sua roupa não era um disfarce. Frequentemente ele parou para autografar coisas, sabendo que seu autógrafo seria destinado à caixa de sapatos e gavetas empoeiradas. Sua relutância sempre deixava espaço para a sua cortesia.

Ele tentou, mas falhou em fugir do tumulto causado pelos fãs. "Precisamos de você, amigo," Page e os outros tinham insistido. "Você traz segurança a esta missão. Seria bom para o programa. Você poderia vir, por favor?" Ninguém entendia que ele era melhor em explicar falhas técnicas de equipamento do que ter uma pequena conversa?

Pequenas conversas, pequenas pessoas. Ele apertou seu maxilar, e entrou na sala de reunião.

Era um grande encontro de especialistas da missão, equipe da estação espacial, os privilegiados e amigos dos privilegiados, alguns capitães (ou ao menos substitutos) da indústria, e os onipresentes jornalistas, alguns de alto padrão que se diziam amigos do programa espacial, mas que deixariam a causa de lado caso aparecesse um caso de

assassinato mais interessante, especialmente se uma celebridade ou duas estivessem envolvidas.

Se sentindo um peixe fora da água, Low caminhou em linha reta em direção ao bar. Agora a multidão estava ao seu favor: Ninguém estava chamando por ele. Com olhos apenas nas garrafas vazias e na caixa de gorjeta, os garçons o ignoraram.

Então ele se escondeu naquele 'abrigo', balançou um pouco as mãos e deu alguns sorrisos. Ele já havia passado por piores

momentos, especialmente depois da missão *Enterprise*. Algumas pessoas ele ficou feliz em ver: engenheiros, programadores, e outros que trabalharam com ele. A felicidade nos olhos deles quando o reconheceram foi um pouco embaraçoso. Low vestira a sua fama como um par de tênis muito apertados.

Cada face trazia memórias, nem todas boas. Memórias de trabalho duro e de longos dias, de sacrifício físico e psicológico. Dias de satisfação, de se fazer um trabalho melhor do que qualquer um poderia fazer. De amizades feitas e perdidas, de alegrias e de violentas discussões.

Experiências, reparos em satélites, caminhadas espaciais. Tudo era muito fácil e sem importância não é mesmo? O que o público não sabia era que quanto menos peso o corpo humano têm de levantar, maior é a sobrecarga na mente. No espaço, Low se tornou um cérebro de 80 quilos. Dores de cabeça eram mais do que inconvenientes. Elas poderiam ser fatais.

Era melhor deixar os músculos, vasos sanguíneos e os nervos fazerem a maior parte do trabalho, ele sabia. Era isso que ele tem feito ultimamente, deixado o resto do seu corpo carregado, em volta de um cérebro cansado. Os chimpanzés têm feito isso há muito tempo, e sobrevivem bem.

A similaridade entre algumas pessoas da sala com o parente mais próximo do homem era incrível. Ele se divertiu mais um pouco inventando outras comparações. Pelo menos chimpanzés não mentiam.

Mas porque ele estava ali? Ele sabia a resposta, assim como Page e os outros. Boston Low podia não ser um participante ativo do programa espacial, mas isso não queria dizer que ele quisesse o ver falir, ou que ele quisesse que a humanidade permanecesse para sempre como seres terrestres. Low desejava que seus sucessores atingissem as estrelas.

Ele particularmente desejava não ter de ir lá pessoalmente. Ainda assim aqui estava ele novamente, fazendo a sua parte.

Enquanto os outros se avaliavam no bar, ele pediu o seu habitual 'açúcar carbonizado líquido'. Do meio da sala, Borden o chamou. Low riu em resposta. Borden não iria violar a sua privacidade, ele sabia. Seu co-piloto conseguiu chamar a sua atenção, e ele iria se reunir com ele com todo o prazer, permitindo a Low compartilhar a sua necessidade.

Durante as semanas de simulação eles haviam se dado muito bem, cada um complementando o outro, um par perfeito na cabine da nave. Depois de alguns "alôs", eles se falaram pouco, não que eles tivessem uma aversão em conversar, mas porque eles não precisavam. Cada um entendia ao outro, ciente de suas fraquezas e qualidades. Borden sabia que Low era do tipo sério, e deixou-o ser. Low sabia do mesmo, e sabia que Borden não iria se preocupar com isso.

Ele invejou a facilidade com que seu amigo conseguia passar pela multidão. O importante era que Borden não precisava de toda essa bajulação. Ele simplesmente se divertia com tudo isso.

Quando a multidão parcialmente foi embora, ele viu Cora Miles ladeada de congressistas da Califórnia e do senador sênior de sua terra natal, o Texas. Falavam de estratégia de campanha, sem dúvida. Estavam provavelmente dizendo a ela que salvar o mundo de uma grande catástrofe com certeza era muito bom para a sua imagem, mas isso não era uma garantia de que ela iria ganhar o cargo na Casa Branca. Não que isso não fosse dar uma vantagem em relação aos seus oponentes, Low pensou.

Havia um homem que ele nem queria conhecer. Era para ele estar presente, mas até agora Low não tinha o visto. Quando ele finalmente o viu, não havia chance de confundilo com mais ninguém. Com seus chamativos olhos azuis, testa protuberante, seus traços enganadores, cabelo curto e loiro, seu corpo truncado, tudo era instantaneamente reconhecido das fotos das contracapas de inúmeros livros. Como se isso não bastasse, a grande caneca de cerveja escura que o homem trazia na mão era conclusiva.

O reconhecimento foi simultâneo e mútuo. O Homem atravessou a multidão e foi de encontro a Low. Trocando a cerveja da mão direita para a esquerda, ele sorriu sem mostrar nenhum dente e estendeu a palma de sua mão.

"Ludger Brink, Comandante Low. É um prazer. *Wie gehts?*"

"Não muito mal. O que você acha de tudo isso?"

O cientista fez uma expressão. "Publicidade. Pessoalmente, eu prefiro às vezes que aristocratas ricos subscrevam a ciência pura. Políticos não têm classe. Mas, enfim, não é a aprovação deles que nós queremos, *nicht wahr?* Apenas os seus talões de cheques."

Low sorriu e levantou o seu refrigerante. Brink estaria a bordo como uma autoridade representativa da EEC. A Nasa poderia ter

insistido em um homem de sua própria equipe, mas a necessidade de um bom relacionamento com o público pediu o contrário.

Além do mais, Brink era certamente qualificado. Não só pelo fato de ele ser o segundo ou terceiro melhor expert em meteoritos e em asteróides do mundo, e com uma estante cheia de livros de sua autoria e muitos papéis importantes que lhes davam muito crédito. Ele passou meses, e não dias, no espaço, como um pesquisador a bordo da estação espacial *Mir II*. Ele já fez quatro caminhadas no espaço e a sua fluência em russo os ajudaria a decifrar as instruções que acompanhavam os explosivos. Sua outra especialidade era a sismologia extraterrestre, particularmente o vulcanismo Ioniano.

Apropriadamente, o pequeno bordado em sua camisa era decorado não com um crocodilo ou um jogador de pólo, mas com o símbolo da Mons Olympica.

Low não podia dizer nada sobre a maneira em que Brink falava russo, mas o seu inglês era perfeito, exceto pelo seu leve sotaque germânico. De acordo com a sua ficha, Brink também conhecia (se não fluente) o francês, italiano, e além de tudo, turco. Igualmente importante para Low, o aperto de mão dele era firme e confortável. Low então se lembrou que poderia lidar muito bem com aqueles que são melhores naquilo em que fazem.

Isto satisfez Low. Ele não faria uso de alguém que estivesse a bordo e que duvidasse das habilidades dele, ou de suas próprias. Isto custaria tempo. Como também oxigênio, coisa que não se pode desperdiçar em uma nave espacial.

"Eu desejava que nós tivéssemos mais tempo para nos prepararmos para o vôo e nos conhecermos, Comandante, mas o asteróide não irá esperar."

Low respondeu positivamente. Ele também gostaria de ter mais tempo para se preparar para o vôo. Era encorajador que Brink pensasse o mesmo.

"Eu sei. Foi um prazer conhecer você, finalmente." Ele olhou em volta da sala tumultuada. "Gostaria de ter um dia ou dois para conversarmos a sós."

"*Warum?* Por quê? Você sabe o que você tem de fazer, e eu sei o que tenho de fazer. Se a máquina foi construída corretamente, suas partes devem se combinar perfeitamente na primeira vez em que ela for usada. Se não, terá sido uma falha dos engenheiros, e não das partes!"

"Não posso negar isto." Low sabia que Brink iria fazer a sua parte eficientemente e assim como foi instruído. Ele é apenas o tipo de pessoa que Low não sabia se convidaria para uma festa íntima.

Não que isso importasse. Eles apenas estariam juntos por uns poucos dias, durante um tempo em que estariam tão ocupados e que não se preocupariam em se tornar bons amigos. Uns dos benefícios de uma missão curta, Low pensou. Ele estava querendo terminar, e não começar uma amizade de longa data.

Brink parecia corresponder a sua fama. Low sabia que ele não teria sido chamado para a missão, caso contrário. Mas afinal de contas, realmente foi bom ter conhecido ele. Embora a sua personalidade tenha incomodado Low um pouco. Ele analisou-o da mesma forma em que faria se estivesse escolhendo o seu médico.

"Tenho certeza de que nos daremos bem." Ele disse para o alemão. "E quanto à missão, eu já fiz trabalhos mais delicados do que este lá em cima. Este é bem simples. É só subir, trabalhar na superfície por umas duas horas e então voltar. O que acontecer depois não será de nossa responsabilidade."

"É assim que eu vejo. Meu único desejo seria o de permanecermos mais tempo na superfície do objeto." Ele deu de ombros. "Mas esta não é prioritariamente uma missão científica. Existem muitas considerações políticas."

"É, eu sei." O quanto mais eles conversavam, mais a vontade Low se sentia em relação ao cientista. Apesar de diferentes áreas e especialidades, era claro que eles compartilhavam a idéia de que havia muita interferência burocrática. Ele imaginou se o outro homem também desaprovava esse modo de agir do comando, o tanto que ele desaprovava.

"E sobre as, bem, 'encomendas' que nós devemos entregar?"

O sorriso polido de Brink se apagou. É difícil sorrir quando se fala de explosivos nucleares, especialmente se eles

vão explodir perto de você.

"Eles já estão aqui. Eu passei os últimos dias trabalhando neles junto com a equipe de Irkutsk. Dentre eles haviam duas pessoas que estavam envolvidas em recentes aplicações destes dispositivos. Você já deve saber sobre o derretimento da permafrost sobre o poço de minério de Khovanchi?"

"Acho que não." Low respondeu um pouco envergonhado.  
"Eu não estou a par dos acontecimentos internacionais em minerações."

"Não, claro que não. De qualquer jeito, você deveria saber para a sua própria preparação que esses dispositivos são típicos do desenvolvimento e design russo. Isso quer dizer, eles são simples e funcionais. Faça isto, isto e mais isto, e você terá um grande boom. Se isto funcionar, é claro." Para a surpresa de Low, o cientista acenou na direção do meio da sala tumultuada.

"Você está gostando disso?" Low tomou um gole do seu refrigerante.

Os cantos da boca de Brink se elevaram. "É possível evitar este tipo de besteira. Uma grande ciência demanda um grande dinheiro. É o mesmo na Alemanha, e na Europa. Se você deseja liberdade para a pesquisa, alguém precisa prestar tanta atenção à mídia quanto ao microscópio."

"Eu entendo. Diga-me, Ludger, o que nós realmente sabemos sobre o objeto? Eu sei que você tem se envolvido bastante nos estudos preliminares."

Brink fez uma expressão neutra. "Um pouco. O objeto é fascinante por várias causas, apesar do cenário de destruição global que ele trouxe. A maior parte da comunidade científica está interessada em saber de onde essa coisa veio, se ele veio do cinturão de asteróides entre Marte e Júpiter ou se ele é um objeto extrasolar. Se ele for extrasolar"-seus olhos brilharam-"ele poderia ser uma verdadeira janela para a química da galáxia."

"Do tanto que podemos aprender até agora, podemos dizer que é um típico modelo de mesosiderita, parte metal, parte rocha. As proporções são de grande interesse, e a densidade parece variar."

"Então ele é apenas feito de rocha e níquel-ferroso?"

"Certamente não, Comandante. Existem também piroxênio e plagioclase e também evidências de cristais de olivina."

Brink sorriu. "Ainda é muito cedo para saber. Este caso não tem precedentes. Mal posso esperar para andar em sua superfície e vê-lo pessoalmente."

"Com a gravidade tão fraca, você não poderá fazer qualquer caminhada lá."

"É um jeito de dizer, Comandante." Brink não pareceu estar ofendido pela correção. "Também seria fascinante estudá-lo depois de passar pela atmosfera. Mas é claro, isto é o que nós estamos tentando evitar." Algo atrás de Low chamou a sua atenção.

"Ah, eu vejo a Srta. Robbins se aproximar. Não há dúvida de que ela irá querer conversar com você também."

Low franziu a testa. "Robbins? Eu não conheço nenhuma srta. Robbins."

"Então você irá conhecer. Sem dúvida ela quer outra entrevista. Eu já dei a minha. Agora, se você me der licença, eu vou ver um falso industrialista de grande reputação que se diz ser um cientista amador. Eu irei aliviá-lo um pouco de seu dinheiro na forma de grandes promessas, enquanto eu encorajar a sua demência." Desta vez foi Low quem estendeu a mão.

"Foi um prazer conhecer você, Boston Low. Eu tenho confiança total em suas habilidades e no sucesso de nossos esforços. Depois de toda a preparação intensa que nós tivemos, eu espero que a missão em si seja apenas um clímax. Tenho pensado bastante nisso, apesar de tudo." Com um último aperto de mãos e uma troca de sorrisos, ele partiu. Low podia o ver sumindo no meio da multidão, sua cabeça subindo e descendo por entre o mar de paletós.

"Comandante Boston Low?"

Se virando, ele se encontrou confrontando uma face que era familiar, embora que para ele isso parecesse um enigma. Sabia que essa pessoa não era uma completa desconhecida. Se você vive dentro dos Estados Unidos, tem que morar em uma caverna para não conhecer Maggie Robbins. Ela era uma das mais famosas jornalistas do país, regularmente em destaque, e notada por fazer reportagens difíceis, em lugares distantes. Low a viu, mas não fez nenhuma conexão pessoal. Até agora, ela não passava de mais uma cabeça falante. Apesar de ser jovem, ela alcançou um nível de profissionalismo que nenhum de seus colegas poderia alcançar em um tempo de vida. Sua lembrança veio à tona, e Low sorriu para si mesmo.

Sua presença não o agradava. Suas experiências anteriores com jornalistas fizeram com que ele passasse a evitar esse tipo de pessoa. Ele se preparou para as perguntas.

Lamentavelmente, relações públicas faziam parte do seu trabalho.

Ela era certamente a entrevistadora mais bonita com quem ele já esteve.

Ela pegou na mão de Low. Seu aperto de mão era sólido, não como aqueles cumprimentos apressados que muitas mulheres davam, te dando a impressão de que acaba de ser beijado por um pássaro apressado.

"Finalmente!" ela disse firmemente. "Eu estava começando a pensar se você realmente existia, ou se eles iriam colocar um papelão com a sua forma na cadeira do piloto e fazer a nave levantar vôo no piloto automático."

"Você não está totalmente errada." Ele ficou um pouco intimidado pelo seu entusiasmo e energia. "Computadores fazem a maior parte do vôo."

"Então talvez seja apenas a sua personalidade que é de papelão. Acho que irei descobrir por mim mesma."

"O que disse?" ele respondeu polidamente.

Suas sobrancelhas foram de encontro uma a outra. "Você sabe que eu fui designada pela minha rede para fazer uma reportagem sobre todo o projeto?" Antes que ele pudesse responder, ela adicionou "Você devia saber que todos os repórteres do mundo queriam este trabalho e a NASA deu ele a mim. Eu acho que deve ser por causa do meu apoio no programa espacial e porque eu me sinto confortável trabalhando em histórias que se possam chamar de incríveis." Tudo isso foi dito muito rapidamente, numa velocidade que deixou Low atônito.

Procurando pela resposta apropriada ele murmurou. "Eu acho que vi uma parte do seu trabalho que fez ano passado sobre a última missão Viking."

"Sim, era eu. Gentileza sua lembrar. Eu tenho falado de você também."

"Hã?" Ele murmurou, pensando se ele deveria ficar surpreso.

"Faz parte da minha reportagem no programa espacial. É claro que todo mundo fez alguma coisa na Enterprise." Ela sorriu encantadoramente.

Um tipo estranho, Low pensou. Sofisticada e muito culta, e com um gênio de uma colegial. Era esse charme, essa aparência inofensiva, que possibilitava ela obter as entrevistas com pessoas relutantes e até perigosas da África e da Ásia. Desse jeito, era impossível resistir a ela, ou ignorá-la.

No topo de sua carreira jornalística, ela possuía a teimosia de um pit bull e um imediatismo de uma cobra. Embora fosse amigável, ele sempre tinha que estar prestando atenção no que dizia, sabendo que tudo o que ela falasse poderia sair nas páginas do jornal do dia seguinte, possivelmente fora de contexto.

"É, todo mundo fez." Ele se esforçou para continuar a conversa. "Tenho certeza de que você irá fazer uma boa reportagem sobre o projeto."

"Você pode apostar nisso. Eu espero ter sucesso assim como eu tive na entrevista no ano passado com o chefe iraniano em seu esconderijo; e com o líder do movimento chinês, no ano anterior. Todas elas foram feitas no local, você sabia? Depois de vestir uma burca por três meses, não acho que uma roupa espacial vá me incomodar."

"Eu acho que já ouvi falar sobre esta reportagem iraniana." Ele disse, sem ter certeza se já tinha mesmo ouvido. "Parabéns". Parecia que ela iria fazer a reportagem de dentro de uma roupa espacial. Você tem que admirar o capricho dela, de pensar em cada detalhe.

"Essa vai ser melhor, muito melhor! Eu prometo. E você não tem que se preocupar comigo. Eu não vou ficar no seu caminho. Eu não vou tocar em nada ou fazer alguma coisa, a não ser que eu tenha sido instruída para fazer, e não irei incomodar as operações de nenhuma forma."

"Bom para você, mas não há muita coisa em que você possa interferir depois que a nave levantar vôo." Ela poderia andar a vontade pelo controle da missão, ele sabia. Repórteres experientes faziam isso o tempo todo.

Ela não entendeu. "Eu tenho me preparado desde quando eles detectaram o objeto. Eu sabia que eles iriam mandar uma nave lá para cima. Mas como todo mundo, eu apenas não sabia que eles iriam movê-lo."

"Nós não iremos movê-lo." Ele corrigiu-a. "Nós vamos apenas alterar a sua trajetória um pouco."

"É, isso." Ela balançou a cabeça como se tivesse lembrado de algo. "Aqueles testes que eles fazem com vocês são mais difíceis do que escalar as montanhas do Timor Leste. Pelo menos vocês não têm que enfrentar chuvas torrenciais e sanguessugas. Mas, sem problema." Ela sorriu desdenhosamente. "Eu passei em todos os testes. Sabia que eu iria. Tive apenas um pequeno problema com equilíbrio,

mas nada sério. Nada que iria me mandar para fora da missão."

Low vacilou. "O que disse? 'Fora da missão?' Eu acho que não entendi."

Ela olhou-o com cara de boba. "Você quer dizer que ninguém te contou ainda? Existem cinco pessoas que vão abordo desta nave. Quem você pensou que seria a quinta?"

"Você?" Low ficou boquiaberto. "Eu esperava um outro especialista, como Ludger Brink." Seus pensamentos pacíficos sobre a tripulação voltaram a se revolver.

Então, por alguns minutos, ele se encontrou dando aquele sorriso ingênuo. "Não. Vai ser eu mesma. Mas não se preocupe. Eu não entrarei no seu caminho."

Com dificuldade, Low escondeu a as suas emoções. "Se você ficar fora do caminho, tudo bem." Levantando-se e ficando na ponta dos pés, ele aumentou a sua voz. "Page? Harry Page?" O representante parecia ter sumido na multidão. Low achou que não o veria mais esta noite.

"Vamos lá Comandante. Eu sei que existe uma diferença entre as nossas idades, mas não é nada significativa. O que você vai me dizer? Que o espaço não é lugar para mulheres?" Ela olhou-o desafiadoramente.

Ele continuou pela procura na multidão por Page ou qualquer outro representante importante. Não havia nenhum ali por perto. A não ser por esta mulher, que estava praticamente dentro da sua jaqueta.

Sem olhar para ela, ele respondeu "Porque você não pergunta a Cora Miles sobre isto? Se você está tentando me provocar, é melhor dizer coisas melhores do que estas frases clichês."

Ela disse sem ao menos mostrar traço de embaraço.

"Eles me disseram que você não se chateia com nada. Só estou confirmando." Temporariamente desistindo da sua busca, ele olhou-a nos olhos. Ele não precisou dizer nada. Seu olhar já dizia tudo o que estava pensando: Que ela era desqualificada, ignorante da situação da qual estava entrando, e ele a considerava nada mais do que excesso de bagagem.

"Ai!" Ela se abanou. "Desista Comandante. Você não vai conseguir me assustar ou me fazer mudar de idéia."

Low relaxou um pouco a sua expressão. "Para falar a verdade, você está certa. O espaço não é lugar de mulheres. Ou de homens, ou de moscas. Não é lugar para nenhuma combinação de proteínas e aminoácidos que tenha vida, ou irá ter vida. Se você relaxar por um segundo, ele te matará tão rapidamente e sem misericórdia alguma. Você fez algumas reportagens para o programa espacial. Já fez

alguma que tratava dos danos que o vácuo pode causar ao corpo humano? Já pensou como seria abrir a boca para respirar, e só encontrar o nada para inalar? Você sabe o que é uma descompressão explosiva?"

Todo o momento ela estava escutando, sem alterar o seu sorrisinho feliz.

"Isso é tudo?" Ela disse quando ele terminou. "Saiba que eu já estudei tudo isso, Comandante. Estou totalmente ciente dos danos e dos riscos. Tudo o que eu digo é que eu prefiro encarar os riscos de uma viagem espacial com uma equipe de especialistas como Cora Miles, Ken Borden, Ludger Brink e você do que gastar meia hora num temporal para tirar a mandíbula de uma cobra python do braço do meu câmara-man com a ajuda de dois escritores de Nova Iorque, coisa pela qual eu já passei.

"Uma vez eu gastei uma tarde inteira tendo que assistir a três homens barbudos, armados com AK-47s, espancarem o nosso guia, esperando que ele dissesse que éramos espiões da CIA. Eles começaram a me ameaçar quando acabaram com ele. Você não vai me assustar Comandante. Então é melhor você ir se acostumando com a idéia de me ter por perto."

"Não importa onde eu estive ou o que eu fiz, eu sempre saí inteira. A não ser que você e seus colegas não façam o serviço direito, eu pretendo sair desta missão do mesmo jeito. Seus próprios colegas me dizem que uma missão espacial é como uma corrida de 100 metros. Ela é curta, e com um único objetivo ao invés de vários para se preocupar." Ela descansou.

"Se você pode lidar com tudo isso, eu acho que você pode passar por algumas perguntas. Você nem ao menos irá notar a minha presença. Me imagine como uma grande câmara de vídeo que nós nos daremos bem." Ela fixou seu olhar em Low com expectativas.

Ela tinha uma segurança profissional diferente da de Brink, ele concluiu. Do seu próprio modo, ela foi inabalável. Não se pode julgá-la pelo seu comportamento, ele pensou.

Ela parecia que não entraria em pânico em uma situação difícil, ou ceder diante do inesperado. Se um professor podia ser mandado em uma missão espacial, porque não uma jornalista?

Esse não era o problema, é claro. O problema era que se tratava *desta* missão espacial. A sua inclusão significaria em mais

uma coisa para se preocupar. Não era a primeira vez que Low passou por isso.

Tão perto do lançamento, ele não queria mudar os planos. Page não parecia estar ajudando, assim como todos os do seu gênero. Uma pessoa, ou várias pessoas, decidiram ter a presença dela a bordo. Um cargo foi determinado a ela, e ele tinha que lidar com isto. Ela iria dar o máximo de si. Ela era incrível, mas era mais um peso, apesar de tudo.

Ele fitou-a novamente, tentando enxergá-la como uma participante da missão, ao invés de um peso morto. Ela poderia ajudar? Fazer qualquer coisa útil? Para Low, ela era como uma versão moderna de uma cigana: dê milhões de dólares, e a única coisa que ela fará será perguntas.

"Você é uma mulher muito corajosa." Ele disse finalmente. "Ou muito estúpida."

Ela sorriu em resposta. "Ambos são a marca de uma jornalista de sucesso, Comandante Low." Ela pegou um copo da bandeja de um garçom que estava passando. "Bebida?"

"Já tenho a minha." Ele gesticulou mostrando o que sobrou de seu refrigerante.

"Ah, sim, eu me lembro." Ela fez um tom meio shakeasperiano. "O decidido e influente Comandante não fuma e nem bebe?" Ela o olhou de um jeito que poderia ser interpretado de cem maneiras diferentes. "Então, o que você faz?"

Low não era um homem muito criativo, mas também não era totalmente anti-social. Ele decidiu ignorar essas implicações. "Eu caminho bastante. Nos bosques, ao longo da praia, através da cidade. Se você não se importa de eu perguntar, srta. Robbins---"

Ela o interrompeu. "A única coisa que eu me incomodo é com você me chamando de 'srta. Robbins'. Tente Maggie. Os Aiatolá não o fariam, mas todos me chamam assim."

"Algum Aiatolá em particular?"

"Todos eles." Ela aumentou o seu sorriso. "Você está tentando me distrair? Estou surpresa. Pensei que estaria me

pressionando por razões ou qualificações."

"Por quê?" Ele girou o gelo no fundo de seu copo, um fato bem íntimo à ciência hidráulica e a física dos fluídos. "Você não tem nenhuma. Nenhuma que importe para a missão. Á esta altura do jogo, não há nada que eu possa fazer de qualquer forma."

Ela riu devagar e sua expressão mudou para uma de extrema sinceridade. "Eu repito o que eu disse, Comandante. Eu não vou entrar no seu caminho, e eu não vou causar nenhum problema. Se qualquer emergência aparecer, pode contar comigo. E se eu não fosse qualificada..." - e o sorriso voltou - " Eu teria sido morta uma dúzia de vezes através dos anos."

"Eu não duvido disto."

"Você é um herói nacional, não, internacional; mas não espere que eu vá venerar você. Até onde eu sei, você é apenas o piloto e eu sou um passageiro."

"Eu nunca pedi para ser venerado," Low repreendeu de volta. Ele começou a desejar que ele tivesse aceitado a sua presença sem questionar. "Eu só quis fazer o meu trabalho."

"E você fez, melhor do que qualquer um na sua profissão altamente especializada. É por causa disto que você está nesta missão. É e por isso que eu estou indo também. Sou tão boa no que eu faço quanto você é no que você faz." Não parecia possível, mas ela conseguiu se aproximar ainda mais de Low. "Pessoas que são as melhores no mundo naquilo em que fazem não têm motivos para discutirem entre si. Nós estamos acima do resto, Comandante. Espero que você ache cada presença complementar, e não antagônica."

"Eu acho que irei. Desde que você se lembre de que foi a política e a relação pública que colocou você a bordo, não uma habilidade que tenha que vá ser útil para esta missão."

Ele se endireitou, e tomou um gole saudável de seu copo. "Sabe, eu sou muito boa em 'ler' as pessoas. Sou como um expert. Eu acho que posso perceber o que você quer. Você é agressivo. Tem que ser, fazendo o que você faz. Agora mesmo você está me testando, tentando me aborrecer, vendo como eu respondo ao desafio. Mesmo um pequeno, como um insulto oblíquo. Isso não vai me aborrecer. Já fui insultada por especialistas." Quando ele não respondeu, ela disse "Bem, eu passei?"

Pegando deliberadamente o copo da mão de Maggie, ele analisou o seu conteúdo e tomou um gole. Ele fez uma

careta e devolveu o copo.

"Deus, eles servem estas porcarias nessas festas oficiais?"

"Eu sei, é horrível, não é?" Ela tomou outro gole. "Mas quando você tem de fazer algo que exige tanta conversação quanto eu faço, qualquer coisa para molhar a garganta já é bem vinda."

"Qualquer coisa?" Suas sobrancelhas levantaram.

Ela hesitou e sorriu de volta. "Você realmente faz qualquer coisa, não é? Eu realmente espero escrever um livro, junto com os meus relatórios diários. Eu espero ganhar um prêmio Pulitzer. Eu quase ganhei quando desmascarei as falsificações Maias há quase dois anos atrás. Você se lembra disto?"

"Estranhamente eu lembro. Só não lembro de você."

"Está certo Comandante. Continue me testando. Eu continuarei passando. É bom que você não se lembre de mim. Isso significa que o jornalismo carrega mais impacto do que qualquer personalidade. Tomarei isto como um elogio." Ela encarou-o. Ela não era muito menor do que ele, embora ela pensasse isso. Boston Low tinha um jeito de fazer as pessoas se sentirem pequenas. Era o mesmo com os cosmonautas russos, fisicamente muito pequenos.

"Eu posso fazer mais do que discutir com você. Tenha isso em mente. Vejo você mais tarde, comandante Low."

Sem esperar para dar a chance de ele dizer a última palavra (não que ele fosse dar, de qualquer jeito), ela se virou e desapareceu no meio da multidão. Ela era do tipo que não ficaria satisfeita até ter a última palavra, Low pensou. Ele ficou observando-a até que ele não pudesse mais vê-la.

Sim, ele tinha que admitir, ela poderia ter feito pior. Ela era sedutora, inteligente, persistente, e de olhar firme. Mas o que realmente importava era se ela poderia cumprir com a sua palavra, e manter-se fora do caminho. Apenas isto já o faria feliz.

Mas se tivesse escolha, ele ainda preferiria levar a bordo um tanque com mais 60 quilos de oxigênio.

## CAPÍTULO 4

Levando-se em conta os equipamentos e a tripulação, essa era a nave mais descarregada de toda a história do programa espacial. Cogitou-se até a hipótese de se aproveitar a viagem para se colocar em órbita um satélite meteorológico, ou um dos dois novos satélites de comunicação sul-americanos, que deveriam entrar em órbita mais tarde naquele ano.

Essas sugestões foram rapidamente revogadas. Não por que a equipe e a nave não eram capazes de lidar com uma tarefa extra. Mas porque nessa missão, mais do que em qualquer outra, não poderia haver distrações.

Low relaxou na cadeira do piloto, como era o seu hábito. Antes ele teve que passar pelo leitor de retina, coisa que ele pensava que nunca mais iria ver, exceto em filmes. Eles modificaram bastante a nave, e ele estava checando-a para ver quais foram as modificações. A calma voz do controle da missão sussurrou em seu fone. A qualidade do som era hipnótica, assim como todo o lugar.

A qualquer minuto, ele disse para si mesmo. A qualquer minuto eu vou acordar, e eu estarei deitado no úmido campo de Redwood Creek, ou esperando uns biscoitos de amêndoas saírem do forno no Hung fat's, ou vendo uma família de Iowa tentando lidar com um caranguejo do Scaparelli's.

Ele suspirou. O que para a maior parte da humanidade era considerado como uma grande aventura, para ele era só mais um trabalho que ele tinha que fazer. Embora ele não tenha percebido, essa era a melhor abordagem a se tomar.

Visto através das janelas da nave, o céu estava num tom perfeito de azul. Não havia nuvens, vento, e nenhum furacão para atrapalhar a decolagem. Não haveriam impedimentos por parte do clima, o que agradou Low. Ele odiava impedimentos de qualquer espécie.

As pessoas perguntavam se ele já havia se acostumado com a idéia. Ele mal sabia o que responder a elas. Como alguém se acostuma à idéia de estar amarrado a uma bomba, ter de levá-la para o espaço, tentando monitorar mil coisas de uma vez e sabendo que o próximo nano-segundo pode ser o último da sua existência? Ninguém se acostuma com tal coisa. O que ninguém conseguia entender era que o pensamento era pior do que qualquer realidade.

Como se acostumar a idéia de deslizar eternamente no espaço gelado, com os equipamentos quebrados, esperando o último sopro de vida sair de seus pulmões, esperando que seus dedos fiquem dormentes, esperando...

*Pare com isso*, ele disse a si mesmo. Em setenta e duas horas tudo estará terminado, concluído, e ele poderá parar de se preocupar. Parar de pensar. Isolado do resto dos equipamentos mais importantes, o cronômetro poderia contar para ele. Setenta e duas horas e eles estarão de volta. O clima estava bom e não havia necessidade de advertir ninguém. Uma missão curta. Uma corrida de 100 metros.

Haveria as comemorações, algumas perguntas e então ele poderia sair discretamente. De volta para o lugar onde as pessoas não ligam para quem você é. De volta para o velho mar. De volta para onde ele deixou o seu coração. Setenta e duas horas.

"Todos prontos?" Ele disse meio baixo.

"Você disse alguma coisa, Boz?" Borden falou sem tirar os olhos dos relatórios e das instruções que eram de sua responsabilidade.

"Sim. Eu estava pensando se os físicos não estão errados e se a nossa rocha na verdade é feita de queijo verde."

"Talvez seja uma bola de queijo." Borden apertou um botão. "Você sabe: Macio por dentro, e duro por fora." O co-piloto era do tipo que poderia vestir um abajur e dançar em cima de uma mesa para alegrar aos seus amigos. Com a mesma alegria, ele notou o peito da mulher atraente que estava ali perto.

"Em algum lugar alguém com graduação em química alimentar deve ter dedicado a sua vida ao queijo." Low girou em seu banco. "Você não acha, Ludger?"

Atrás dele o cientista deu uma risada. "Você está sendo irrelevante, Comandante."

"Gostaria que fosse." Low acariciou um pequeno mostrador digital. Ele estava muito distante de Redwoods. E

longe também de qualquer bosque. Escuro e profundo, ele pensou. "Todos se preparem."

"Isso é tão excitante!" Robbins estava demonstrando claramente a suas emoções. Low odiava isso.

"Com certeza!" Ao seu lado, Cora Miles esperou pacientemente, contando votos enquanto ela ia em direção a sua cadeira. Enquanto ela estivesse no trabalho, haveria uma grande

expectativa quanto a sua campanha. Isso iria soar muito bem na mídia.

Low se sentiu feliz em ver que seu co-piloto e especialista da missão também estavam se aposentando. Como o golpe de nadadeira que uma baleia desferiu em um grupo camarões, eles haviam afastado os repórteres do alcance de Low. Para ele, falta de atenção era uma benção, e não uma exclusão.

"Todo mundo está OK ai atrás? Srta. Robbins?"

"Bem, muito bem, Comandante." Ele pensou que a não ser pelo pequeno aperto em sua voz, ela estava bem. Deveria estar tão ocupada planejando o seu discurso de abertura da primeira reportagem que parecia não estar muito ligada no que eles estavam prestes a fazer. "Apesar de eu estar com um pequeno problema."

Eles estavam muito perto da decolagem. A voz de Low estava carregada de preocupação. "O que é Srta. Robbins? Nós não temos muito tempo."

"Isso não levará muito tempo." Low sentiu a jornalista olhando para ele. "Se você não parar de me chamar de senhorita Robbins e começar a me chamar de Maggie eu vou abrir todos os meus relatórios com 'O eternamente formal e enfezado Comandante Low disse hoje...!'"

"Acomode-se... Maggie." Em seu ouvido o controle da missão estava começando a contagem regressiva verbal dos segundos finais. Isso era um anacronismo dos dias iniciais do programa espacial, bem melodramático. Ninguém sugeriu outra forma. Era uma tradição antiga que ninguém queria quebrar.

Havia algo que ele iria dizer para ela, mas Borden alegremente roubou o seu espaço. "Se acalme Maggie. Eu já estive em montanhas-russas que são bem piores do que isto."

Eu também, pensou Low, *mas nenhuma que tivesse o potencial de me explodir em mil pedacinhos.*

Então só restavam poucos segundos. Um grande rugido, mais vibração do que som, começou atrás e abaixo

deles. O momento era muito impressionante para permitir conversas casuais ou piadas, o rugido foi aumentando de volume até dominar por completo todo o lugar.

A nave começou a se mexer. O complexo cilíndrico de vários andares de altura estava se elevando de suas fundações e alcançando o céu. Primeiro indo devagar, e acelerando de forma constante. Para evitar que caísse, ele fazia giros e era controlado por

programas de alta velocidade. Eles não escutaram a comemoração que acompanhou a sua decolagem. Eles subiram para o céu azul, assim como dúzias antes deles.

O destino de todos era o mesmo, mas seus objetivos eram diferentes. Essa vez eles não iriam apenas visitar o cosmo, mas sim interagir com uma parte dele.

O corpo de Low tremia como uma corda de violino enquanto ele monitorava dúzias, centenas de leituras e dados no cockpit. Ao seu lado, Borden começou a assoviar calmamente. Low reconheceu a música como o último movimento da sinfonia de Brian Gothic. Desde a ignição, Maggie Robbins ficou muito quieta e bastante atônita. Low não tinha tempo para gastar checando se ela estava apenas impressionada com o momento ou se ela estava ficando inconsciente. Isto teria que esperar até a nave se estabilizar.

Não importa o tanto que eles tenham preparado você, nenhuma simulação poderia chegar perto da experiência de alcançar o espaço numa nave, o céu ficando cada vez mais escuro, e com um inferno de chamas bem atrás. A pressão estava forçando o corpo de Low, empurrando o seu tórax e fazendo com que o seu corpo se sentisse mais pesado. Essa sensação era bem familiar. Diante de seus olhos, o azul do céu foi mudando suavemente para púrpura, e então preto.

As estrelas apareceram, mas ele não se alegrou com isso.

Embora estivesse tão calmo quanto um turista sentado em um banco de um cruzeiro, ele não começou a relaxar até que os dois propulsores de combustível sólido estivessem funcionando, e a máquina estivesse completamente acendida. A bomba em sua bagagem tinha a sua potência reduzida, mas ela não estava desativada.

"Queime sua desgraçada, queime!" ele murmurou para si mesmo. Enquanto deixavam a atmosfera suavemente, o sistema principal começou a cuspir fogo. Então analisando os equipamentos em sua frente, ele começou a relaxar.

Atrás dele, Brink estava sussurrando alguma coisa em alemão. Low pegou algumas palavras mas estava muito ocupado para continuar a prestar atenção nele. Pela primeira vez desde que foi assumida, Maggie estava em silêncio. Se ela estivesse assustada ou inconsciente, não fazia diferença para ele. Ele estava sendo muito duro com ela. Miles estava descansando pacientemente, esperando pela inserção da órbita antes que ela pudesse checar o braço

mecânico da nave. Borden parou de assobiar e começou a recitar um poema, "Existia uma moça de Marte, cujo marido se perdeu nas estrelas..."

Low já tinha ouvido-o antes. Seu co-piloto estava se comportando como de costume, assim como a nave. Para outros, a sua normalidade seria considerada como inexpressiva. Mas Low não se importava. Deixe que os outros "Desafiem os céus, e surpreendam as estrelas amedrontadas!" como o poema dizia. Dê a ele monotonia e rotina, que será um alguém feliz.

O controle da missão deu os parabéns, e Low deixou Borden responder. Acompanhamentos e checagens ainda eram praticados. Não havia lugar em uma nave espacial para algo pior que a perfeição. Pelo menos não havia, numa missão comandada por Boston Low.

Pela primeira vez desde a decolagem, ele pensou novamente sobre a sua carga. Três pequenos contêineres, cada um com potência suficiente para vaporizar a nave inteira, junto com os seus ocupantes. Duas foram designadas para serem usadas, uma seria apenas de reserva. Se os seus esforços se provassem bem sucedidos, a terceira seria desativada e jogada no espaço.

Muito abaixo de onde eles estavam, o presidente estava recebendo os parabéns e os desejos de boa sorte de todas as pessoas representativas da mídia. Ele sorria e acenava, fazendo parecer que a missão era sua, que ele havia organizado-a, escolhido a tripulação, atribuído as tarefas de cada um, e construído a nave.

Tudo entrava no território político, Earle sabia. Se algo desse certo, você poderia reclamar todo o crédito. Se falhasse, você poderia culpar o congresso ou a NASA, ou mesmo os terroristas. Ficando em pé na plataforma do presidente, ele era feliz por pertencer ao anonimato e ter privacidade. Ele não seria presidente nem se implorassem para ele assumir, nem se eles viessem com todo o dinheiro do

mundo. Nem mesmo os bilionários podiam comprar a privacidade, ao contrário de políticos.

Alguém teria de ser inacreditavelmente ambicioso para querer este cargo, ou muito entediado.

Então os repórteres, tendo sido saciados, começaram a sair do local, junto com os assistentes. O presidente olhou em volta, e encontrando Earle, começou a andar em sua direção. Vendo que o presidente se aproximava, ele desviou o seu olhar para a janela, para o pontinho brilhante no céu que estava desaparecendo.

Fraser estava tranqüilo. "Bem, Willy, Se tudo correr tão bem quanto o lançamento, nós seremos heróis até a próxima semana. Se não..." sua voz ficou grave " nós ainda temos uma segunda chance. A *independence* está sendo organizada e a tripulação está sendo convocada."

"Sim, senhor" Isso não era um segredo. O presidente estava apenas jogando conversa fora. "Quanto a tentar de novo, isso depende."

O presidente mudou de expressão. "Depende? Do que você está falando Willy? O que poderia acontecer? Eu fui assegurado que os explosivos a bordo da *Atlantis* não eram poderosos o suficiente para destruir o asteróide."

"Eu sei, senhor." Earle forçou um sorriso. "Você me conhece. Eu apenas me preocupo. Sou pago para me preocupar. É que nada desse tipo já foi feito antes, e a realidade tem uma maneira de lançar surpresas que não aparecem nas simulações."

O presidente colocou a sua mão no ombro do homem e começou a olhar pela janela, procurando pelo ponto que já havia sumido nos céus. "Uma coisa que aprendemos na política é que não devemos antecipar desgraças, Willy."

"Diga isso para o irmão da minha mulher em Bethesda, senhor. Ele deveria estar retelhando a sua casa nesta semana. Ele parou de trabalhar até que ele saiba com certeza aonde essa rocha vai estar."

O presidente sorriu. "Um fatalista, não?"

Earle olhou nos olhos de seu chefe. "Na verdade não, senhor. Fui eu quem disse para ele dar um tempo."

Fraser perdeu o sorriso. "Você realmente acha que isto pode falhar e o asteróide cair?"

"Eu não sei, senhor. Como cientista, eu sou obrigado a pensar em cada possibilidade e me preparar para as possíveis eventualidades." Era a sua vez de sorrir. "Eu me sinto como o coioote em um desenho do papa-léguas. Está vindo uma rocha enorme, e tudo o que eu posso fazer é abrir um pequeno guarda chuva para me proteger." Ele voltou a sua atenção de volta para o céu. "Eu me sentiria muito melhor se

soubéssemos a composição química desse asteróide. Algumas das leituras que tivemos sobre isso são muito superficiais. Algumas até são contraditórias."

"Você acha que pelo fato de não se saber a composição exata, o posicionamento dos explosivos nucleares podem estar errados."

Earle não se surpreendeu. O presidente era um mestre do conhecimento que não se sabe. Era uma habilidade de sobrevivência do cargo.

"Isto mesmo, senhor. Não que eu não esteja confiante. Tudo foi cuidadosamente calculado e calibrado e reconfirmado por simulação. Eu só não tenho a certeza absoluta."

Fraser sorriu. "Se você tivesse, não seria um bom cientista, Willy".

"Então essa é a sensação de pouca gravidade!" Contrastando com a sua postura polida e sofisticada, Maggie Robbins estava demonstrando uma empolgação ingênua. "Mas que gás!"

"Falta de" Miles a corrigiu. A especialista em cargas estava verificando os equipamentos e o braço mecânico da nave. Eles estavam indo ao asteróide por trás e por baixo, como um tubarão atacando uma foca. Quanto mais devagar fosse a aproximação, menos combustível eles teriam que queimar para frear a nave.

"Eu sei que você foi aprovada," Miles observou, "mas você ficaria surpresa ao saber o quão diferente as pessoas reagem. Não está sentindo nenhum tipo de náusea?" Uma Robbins sorridente balançou a cabeça. "Isso é bom. Eu estou muito ocupada para ter de me preocupar com você."

Borden olhou para trás, na direção da jornalista flutuante. "Eu sempre achei a falta de peso um misto entre estar mais próximo do paraíso e a sensação de ânsia de vômito a cada minuto. Lembre-se disso."

"Acho que eu não irei, Ken." Usando os apoios da nave, ela cuidadosamente foi em direção ao teto da nave, em um lugar aonde ela poderia ver os dois pilotos trabalhando. "Eu nunca senti nada disso."

"Não existe isso." Low girou a cabeça. "Tenha cuidado. Também existem instrumentos aí em cima, perto do seu braço esquerdo."

"Ah, desculpe." Robbins reajustou a sua posição, bateu a sua perna direita e se estabilizou. "Eu estou tentando pegar o jeito da coisa." Ela sorriu.

Absorto em suas leituras e instrumentos, Low não respondeu. Ele sorria depois, quando o trabalho estivesse terminado.

Borden se ajeitou. "Tudo bem querida. Você está se saindo bem. Mas seja o que você fizer, não aperte aquele botão."

Maggie ficou impaciente e girou para a esquerda. "Quê? Que botão?"

"Esse, bem aí!!!" Ele exclamou. A voz de Borden estava ficando cada vez mais alta.

Maggie aterrorizada, se encolheu, com medo de tocar naquele maldito botão. Em forma de bola, ela começou a rodar em direção ao fundo do cockpit, esticou os seus membros, e finalmente se estabilizou apoiando em uma alça. Seus olhos nervosos procuraram os do co-piloto.

"O que eu fiz? O que eu quase apertei?"

Borden suspirou e apontou. "Vê aquela depressão ali, perto de onde você estava flutuando? Esta é a saída de emergência. Se apertar aquele botão, *FROOM!!!*" Ele abriu os braços. "A escotilha inteira se abre, nossos sistemas de emergência ligam, e nós somos mandados para fora da nave para um pouso de emergência. Exceto se nós estivermos fora da atmosfera, nesse caso, nós sofreríamos uma descompressão explosiva antes de nós morreremos congelados ou sufocados."

Robbins se sentiu culpada. "Me desculpem, peço desculpas. Eu não sabia." Ela olhou a depressão e então disse. "Eles deveriam ter colocado uma proteção numa coisa dessas, para não ser ativado sem querer. Eles deveriam..."

Então ela parou e notou alguma coisa que ela nunca tinha visto. Era Boston Low. Estava sorrindo. Tentando esconder o riso, mas não conseguindo. Ele estava tentando disfarçar, mas apesar de seus esforços, ele deixou escapar.

O Sol estava surgindo no horizonte, e com ele um momento de descontração.

"Espere um segundo." Seu olhar foi do piloto para o co-piloto. "Algo dessa magnitude certamente estaria protegido do contato casual. Aposto que isto não deva funcionar fora da atmosfera. Não deve nem ser operado manualmente e numa emergência não teriam tempo de acioná-lo e..."

Borden não conseguiu segurar. Ele caiu na gargalhada, seguido por Cora. "Hey" Ela gritou. "Corta essa Ken. Você

sabia que leviandade é contra o regulamento de vôo da NASA?"

"Me denuncie então!" Lágrimas estavam escorrendo da face de Ken. Se estivessem na Terra, elas estariam no chão. Mas na nave, as lágrimas estavam flutuando em todas as direções, sendo absorvidas pelo sistema de limpeza da nave.

"Além do mais, eu estou sendo relativamente comportado. Boston é quem você precisa denunciar!" Borden alegremente se voltou para o Comandante. "Você conhece o Boz. Quando ele ouve alguma coisa engraçada, não consegue se manter. Quero dizer, olhe para ele! Isso é quase obsceno!"

Low olhou de relance para o amigo. Não que ele estivesse caído no chão de tanto rir, mas algo havia se libertado nele, algo além de uma risada.

Robbins ficou com uma expressão séria. "Tudo bem. Vocês fizeram a sua piada. Terei muito prazer em me certificar de que isso irá ser reportado adequadamente."

"Certifique-se que sim." Borden secou os seus olhos com as costas de uma de suas mãos. "Sempre gosto de levar crédito pelas coisas que faço!"

Para quebrar um pouco a tensão, Low chamou os outros. "Cora, Ludger, como vocês estão indo?"

"Estamos bem, Boston." Miles respondeu. "O sistema do braço mecânico responde perfeitamente. Só gostaria de adicionar o quão confortável eu me sinto manuseando essa maravilhosa e segura carga, e dizer que o testamento com a minha vontade final se encontra em uma caixa do cofre do banco de Galveston, no segundo corredor."

"Mas para falar a verdade, eu prefiro lidar com explosivos nucleares do que com certas pessoas de Washington." Ela deu uma risada e se voltou em direção ao cientista. "Mas você não desconfiaria não é, Ludger?"

"*Nein?* Você deveria ser mais racional quanto a essa afirmação. Já ouviu falar do comitê espacial da EEC? Acredite, é tão difícil quanto trabalhar em Washington, adicionando o fato de você ter de trabalhar em seis línguas diferentes. Quando existe uma questão científica envolvida, a única diferença é que os americanos gritam e berram entre si o tempo todo, ao passo de que os europeus só fazem isso em público. Mas quando estão à sós, eles vão pacificamente a um gousto caro, para gastar o dinheiro público. Eu bebi do melhor vinho e comi da melhor comida da minha vida com pessoas que tentavam discutir um assunto científico,

exigindo pesquisas adicionais. Se me dessem metade do dinheiro que os burocratas de Bruxelas gastam em refeições e entretenimento, eu já teria o meu próprio laboratório."

Miles deu um sorrisinho tenso. "Você realmente acha que isso vai dar certo, Ludger? Eu sei o que os especialistas andam dizendo." Ela se virou na direção da janela panorâmica e apontou para o enorme globo azul. "Mas eles estão lá em baixo, e nós, aqui em cima. Que tal uma opinião sem censura?"

Brink respondeu categoricamente. "Os cálculos foram refeitos milhares de vezes. As simulações, centenas de vezes. Eles insistem que isso vai dar certo. Para mim não há dúvida de que os explosivos estão na potência certa e que, se forem colocados nos locais corretos, poderão ajustar a órbita do asteróide."

Miles então disse, com um suspiro. "Eu ficarei feliz quando tudo isso acabar."

"Nós todos ficaremos." O sorriso de Brink era prazeroso, ela pensou, mas parecia que faltava algo nele. Energia talvez, ou entusiasmo. Esse tipo de sorriso era útil para encantar milhões de pessoas nas agências do governo e em dúzias de países.

"O que há de errado, Cora?" Borden olhou para trás da cadeira do co-piloto. "Com medo de que se algo der errado, isto irá custar a sua eleição?"

"Na verdade, eu deveria, mas eu não penso assim. Você me conhece, Ken. Quando nós estamos aqui, nada mais importa, exceto o trabalho."

"É claro." Ele disse inexpressivelmente.

"Isso é mais do que excitante!" Anunciou Robbins "É divertido! Eles não me contaram sobre essa parte." Ela continuou a aclamar a maravilha daquela sensação de ausência de gravidade, usando os apoios da nave para empurrá-la para frente e para trás da cabine da nave, ocasionalmente fazendo como um morcego, tocando o teto com os seus pés. Todos sabiam que ela não pertencia a bordo, mas o seu entusiasmo era contagiante. Isso tornou a sua presença um pouco mais suportável na missão.

Depois da piadinha de Borden, ela tomou bastante cuidado para não tocar em nada, mesmo alguns controles que ela certamente sabia o que faziam. Com apenas cinco tripulantes a bordo, havia bastante espaço para explorar. O pequeno gravador que ela trouxe zumbia insistentemente.

Durante a aproximação, Borden continuou a assoviar obscuras músicas clássicas, fazer piadas, a ditar poemas, e em geral fingindo de que estava em uma alegre excursão para as montanhas. Isso

contribuiu para suavizar a atmosfera de um jeito que nenhum protocolo da NASA poderia fazer igual.

Ao mesmo tempo, o co-piloto realizou todas as suas tarefas e funções muito eficientemente. Low sabia que não havia necessidade de supervisionar o seu amigo. Se algo desse errado, ele e o homem mais jovem perceberiam simultaneamente. Sem saber, eles foram rotulados pelo resto da tripulação como "O garoto explorador" e "O cozeiro"

Nesse ponto, a nave estava voando por si mesma. Não havia nada do que se fazer agora, apenas esperar que a nave alcançasse o asteróide, no apogeu de sua órbita. Low se encostou na cadeira, admirando no céu o pontinho que se movia mais rápido do que qualquer outro.

Até Borden se aquietou quando o asteróide finalmente apareceu em suas telas. Havia milhares de asteróides no cinturão entre Marte e Júpiter. Satélites robóticos fizeram um ótimo trabalho fotografando-os, mas mal conseguiam retratar a maravilha e o esplendor que possuíam. Essa foi a primeira vez em que a humanidade teve a oportunidade de observar um asteróide a olho- nu.

Miles e Brink se juntaram a Robbins, atrás da cadeira do piloto, para participarem deste momento histórico e vislumbrarem o asteróide. Quando ela rompeu o silêncio, as palavras da jornalista não foram nada parecidas com as de Armstrong ou Glenn.

"Não é grande coisa. Apenas outro astro qualquer."

"Exceto por algumas peculiaridades." Miles se ajeitou para ter uma visão melhor do objeto. "Não se preocupe. Logo isso estará resolvido."

"Nós fomos abençoados, meus amigos!" Brink não conseguiu manter a solenidade em sua voz. "Nós seremos os primeiros seres humanos a colocar o pé em um objeto como este!"

"Certo." Borden deliberadamente imitou o tom do cientista. "E então nós iremos explodir alguns buracos nele!"

"Que assim seja. Mas antes nós iremos aprender o que pudermos desse pequeno pedaço de pavimento interplanetário."

"Pequeno?" Robbins girou os olhos na direção do cientista.

"Por padrões cósmicos o nosso visitante não passa de uma partícula de poeira, Maggie." Com os olhos brilhando, Brink se virou para o ponto de luz que se aproximava. "Com ele nós podemos descobrir mais sobre como os planetas são formados,

porque a sua constituição química é do jeito que é, e muito mais. Você deve entender que eu dediquei a minha vida ao estudo desses corpos, forçado a trabalhar apenas com fotografias ou minúsculos pedaços trazidos por exploradores malucos como aquele cara do Arizona, Haag. Nunca sonhei que poderia tocar em um deles, muito menos andar na superfície de um." Por um momento houve silêncio na cabine.

"Do ponto de vista científico, o que nós iremos fazer é um crime. Do ponto de vista político, é inevitável. Mas depois de tudo, se isso ocorrer como planejado, ele irá permanecer no lugar para que possamos estudá-lo. Nós iremos transformar esse visitante distante de uma ameaça, para uma dádiva. É uma surpreendente herança do espaço, que não foi solicitada. Um pacote de maravilhas ainda por ser aberto. Nós todos devíamos agradecer por ele ter vindo."

"Nós iremos." Disse Miles, "assim que nós tivermos certeza de que seus pedaços não irão voar na nossa cara. Eu acho que as pessoas não ficarão gratas se, ao invés de isso parar, vier a cair na França, por exemplo."

O sorriso enigmático de Brink voltou. "Isso depende para quem você irá perguntar." Por um breve instante, Robbins não soube dizer se ele estava brincando ou não.

A trajetória deles não foi perturbada por nenhum imprevisto, a distância entre a nave e o objeto estava gradativamente diminuindo. O ponto se tornou um objeto oval, então um sólido com as curvas bem definidas à medida em que se aproximavam. Adquiriu profundidade e sobras. Low e Borden ajustaram a altitude da nave, diminuindo a velocidade e estabilizando-a bem perto do obscuro visitante.

Picos em miniatura e pequenos vales ficaram visíveis na superfície, junto com evidências de múltiplos impactos de meteoritos. Nenhuma das crateras era profunda, nenhum precipício era muito alto. Uma versão menor da Lua, mas grande o suficiente para a nave parecer insignificante ao seu lado.

Robbins relutou com um pouco de medo ao encarar o asteróide, se aliviando apenas com o fato de que o asteróide não poderia cair na nave, porque ele não estava exatamente "em cima" deles. Mas estava acima de todos no planeta.

Regulando as velocidades, Low e Borden cuidadosamente trouxeram a nave para a distância pré-determinada da superfície rochosa. A gravidade mínima do asteróide não atrapalhou a

manobra. Low não perdeu tempo para saborear esse momento histórico. Assim que eles chegaram na posição pré-determinada, ele começou a sair da sua concha.

"Vamos logo. Ken, ela é toda sua. Ludger...?"

"Eu estou bem atrás de você, Comandante" Brink estava se dirigindo para a saída da Cabine.

Com a assistência de Miles, os dois homens começaram a vestir os seus trajes espaciais. Low colocou os seus pés na bota.

"Lembre-se Ludger, o quanto antes nós terminarmos com o que viermos fazer, mais tempo você terá para conduzir os seus estudos. Mas isso não quer dizer que vamos fazer isso com pressa."

"Não tenho nada a reclamar, Comandante." O cientista fitou Low com seus olhos penetrantes. "Eu estou disposto a salvar a Terra antes de começar o meu trabalho de verdade. Inclusive a França"

Low deslizou a sua mão até o fim da luva, mexendo os dedos para experimentá-la. "Se você me vir fazendo uma coisa errada, não hesite em apontá-la."

"Eu não sou tímido em relação a certas coisas, Comandante. Eu espero o mesmo tratamento crítico vindo de você. Não podemos cometer erros." Miles estava checando as conexões da parte traseira dos trajes, verificando se todos os lacres estavam corretamente fechados e se o sistema de oxigênio auxiliar estava completamente operacional.

"Isto será bem diferente de flutuar fora da *MIR*." Brink comentou. "Nós teremos um destino."

"Isso sem mencionar as 'encomendas'", Low adicionou secamente.

O cientista ajudou Miles a colocar seu próprio capacete, colocando-o sobre a sua cabeça e depois girando-o até os encaixes.

"Isso deixa tudo mais quente. Espero que você não me deixe ficar distraído." Seus olhos estavam brilhando enquanto ele e

Miles ajustavam o seu capacete. Quando ele falou novamente, Low o ouviu pelo rádio do traje.

"Isto é, depois de tudo, a culminação da minha vida profissional. É o mesmo para você, Comandante?"

"Não. Para mim é apenas mais um dia de trabalho."

"Tudo bem para mim. Eu estarei bobamente maravilhado, e você estará farto. Mas há um ponto em que eu concordo. Cada um de nós encontrará satisfação da sua própria maneira."

Eles estavam prontos. Uma última checagem nos comunicadores, ajustes nos reguladores de ar e temperatura, e eles estariam prontos para entrarem na escotilha a vácuo. Durante todo o procedimento dos trajes, Robbins ficou flutuando por perto, fora do caminho, mas dentro do campo de visão. Seu gravador chiando insistentemente.

Ao menos, ele não teria de lidar com Maggie enquanto ele e Brink estivessem lá fora, Low pensou. Nenhuma distração seria permitida. Eles iriam enfiar uma pá em uma caixa de areia extra-terrestre.

Uma vez dentro da escotilha, ele estudou Brink atentamente. Não havia nenhum sinal de que sua excitação estava afetando as suas atitudes. Uma indicação melhor viria depois, quando ele lesse o medidor que mostraria quanto oxigênio ele estaria usando.

Assim que a escotilha abriu, eles abriram a porta do compartimento de carga. Eles vislumbraram a Terra, moldada pelo escuro do espaço.

Usando os jatos direcionadores do traje, Low se virou lentamente, e então lá estava ele, seguindo em frente. Era como se a Lua estivesse vindo na sua direção. Por um momento ele tremeu, mas isso passou rápido.

Brink já estava desempacotando o escavador e o dispositivo especial para plantar os explosivos. Low se mexeu para ajudá-lo. Seu tamanho era tão pequeno quanto o seu nome verdadeiro era cumprido. Ao ouvi-lo pela primeira vez, Low apenas o chamou de escavador, e assim ficou conhecido por todos que estavam envolvidos no projeto. No espaço, não há tempo para se gastar com protocolo, seja humano ou mecânico.

Pelo fato de Brink estar mais familiarizado com o dispositivo, Low deixou-o fazer a maior parte do trabalho, ajudando quando era pedido. Não era complicado. Não podia ser, devido ao pouco tempo que eles tinham para a tarefa.

Eles teriam que plantar os explosivos, recuar para uma distância segura, e detonar os explosivos.

Eles estavam se dirigindo ao asteróide, o suporte de escavação entre eles.

## CAPÍTULO 5

Eles não tiveram nenhum problema em chegar à superfície do asteróide. Quando Brink finalmente o tocou, ficou por um tempo acariciando a superfície com ambas as mãos. Eles esperaram, enquanto a máquina fazia o seu trabalho rápido e eficientemente, cavando uma abertura exata para o explosivo. Descendo para uma segunda posição pré-estabelecida, eles repetiram o processo antes de voltarem para a nave.

Quando a máquina terminou, eles voltaram para a nave e removeram do contêiner de carga dois pequenos dispositivos e retomaram o seu caminho. Cada dispositivo era do tamanho de um tanque de oxigênio de um mergulhador. Trabalhando juntos, eles colocaram o primeiro em seu respectivo buraco, então colocaram o segundo. Esses dispositivos foram especialmente desenvolvidos para dissipar a maior parte de sua energia em direção ao espaço, dando ao asteróide um forte empurrão sem o risco de explodi-lo em perigosos fragmentos.

Apesar de milhares de simulações, Low sabia que sempre existia a chance de os computadores ou os programadores terem falhado em algo, sabia que a variável de desastre era sempre uma possibilidade latente. Ele poderia ficar em órbita e nunca voltar para a Terra. Nunca ninguém havia linchado um astronauta, ele pensou, mas sempre poderia haver uma primeira vez.

*Eu sou fatalista, como todo mundo diz?* Ele se perguntou. Mas logo deixou isso de lado. Esse não era o lugar nem a hora para introspecção pessoal. Ele poderia perder a concentração, e acabar fazendo algo errado.

Brink trabalhou eficientemente, sem desperdiçar nenhum movimento. Os olhos do cientista diziam que ele não estava pensando em mais nada além do trabalho que estava fazendo. Low sabia que ele estava querendo terminar o

trabalho eficientemente, para poder voltar para o asteróide e conduzir os seus estudos. Ele invejou o seu entusiasmo. Low antigamente era assim, mas foi gradualmente perdendo a sua empolgação com o trabalho. Ele teve que se esforçar para não se desconcentrar novamente.

Entretanto, ele nunca havia se imaginado no asteróide. Mas para Brink, era a culminação de todos os seus sonhos, o melhor presente de natal possível. Para Low, ele era apenas... uma rocha. Sem árvores, sem siris, sem focas, sem gaiotas, sem um céu azul...

Ele sorriu. Céu cinza, nessa época do ano. Mas bem melhor do que preto. Ele amava a neblina. Ela tampava o céu e deixava a Terra mais confortável.

*Aqui estou eu, pensando nas coisas e agindo como um mau poeta.*

Deliberadamente, ele se concentrou para fazer os ajustes finais.

Então eles estavam de volta na escotilha, esperando enquanto a nave soprava o ar para dentro, para normalizar a pressão. Era um alívio voltar para a cabine principal. Miles estava esperando para ajudá-los.

"Você está bem, Ludger?" Ela perguntou assim que tirou o seu capacete, e eles puderam novamente falar, sem a necessidade dos transmissores.

Apesar dos sistemas de refrigeração da roupa, o cientista estava suando muito. "Eu estou bem, Comandante, *danke*. Eu acho que nós fizemos bem o nosso trabalho." Ele olhou para o cronômetro na parede. "Nós estamos perfeitamente dentro dos parâmetros de tempo estabelecidos." Enquanto ele começou a sair de seu traje, ele adicionou: "Você sabia, Comandante, que eu tenho um enorme medo de altura?"

Low piscou. "Não, eu não sabia disso."

"Tudo começou quando eu tinha seis anos. Meu pai trouxe a família para o topo da catedral de Koln. Eu fui forçado a 'apreciar' a vista. É um medo que está comigo desde então, mas um bem simples de se combater. Você simplesmente não olha para baixo. Aqui em cima, qualquer direção é para baixo. Interessantemente, isso confunde o medo tanto quanto a mente."

"Eu não teria adivinhado." Low saiu de seu traje e se inclinou para frente. "Como estão as coisas no solo?"

"Houston está rodando as últimas checagens nas suas encomendas." Borden estava mais confiante do que o normal. "O posicionamento dos dispositivos está certo. Vocês erraram menos de meio metro em cada uma das localizações."

"Naturalmente." Low estava se enxugando com uma toalha absorvente especial.

"O que acontece agora?" Robbins estava flutuando ali perto.

"Assim que Houston nos der o sinal positivo" Borden disse "Nós nos afastamos para uma posição segura."

"E então?"

"Nós esperamos. Houston irá detonar os dispositivos. Se tudo for de acordo com o planejado, a órbita do objeto irá se estabilizar e

irá ficar conosco ao invés de voar para o espaço aberto. Ao ponto de nós podermos reconfirmar as órbitas e fazer quaisquer correções necessárias."

Ela sorriu silenciosamente. Momentos depois, as palavras "Muito bem!" vindas de baixo os alcançaram, seguidas de aplausos.

Low se sentou em sua cadeira. Ele sabia que deveria estar exausto, mas ele estava apenas ansioso para terminarem o vôo.

"Todos assumam os seus lugares. Senhorita Rob... Maggie ... Eu sugiro que volte ao seu assento e aperte o seu cinto."

Miles ajudou a jornalista e só então se arrumou. Borden iniciou os aceleradores da nave, e eles se afastaram do asteróide. Logo, novamente ele seria apenas um ponto na distância, outro irreconhecível ponto de luz.

Tecnicamente isso não fazia parte do plano de vôo, mas Low não conseguiu resistir à tentação. Queimando um pouco mais de combustível, ele rotacionou a nave para que ela ficasse de frente para o objeto que seria o centro das atenções.

Nem mesmo Borden fez alguma piada enquanto a contagem regressiva era feita pelo controle da missão. Eles se moveram para onde era considerado mais do que seguro, mais ainda assim... O que eles estavam prestes a testemunhar nunca havia sido feito antes.

Então surgiu um flash, desapontadoramente pequeno. Low pensou ter visto dois clarões distintos, embora soubesse que os dispositivos haviam sido programados para explodir simultaneamente. Eles apagaram rapidamente. Não havia nenhum som, é claro.

"É isso?" Maggie se esticou para ver melhor. "O que acontece a seguir?"

"Nós esperamos." Borden apertou um botão. "Nós iremos esperar durante várias órbitas até sabermos se o nosso pequeno 'empurrão' fez o truque. Encontrem alguma coisa para fazer."

Foi durante o longo período que se seguiu que Maggie Robbins se mostrou uma vantagem no vôo, ao invés de um peso morto. Enquanto os outros estavam especulando se a missão havia sido concluída ou fracassada, ou mesmo se havia sido um enorme desastre, Robbins estava em todo o lugar. Gravando vídeos, fazendo perguntas, experimentando sua sensação de falta de peso, e geralmente fazendo o máximo para manter os seus colegas ocupados. Num ambiente tão tenso, até mesmo a pergunta mais fútil tem o benefício de distrair.

Suas persistentes intrusões na rotina da tripulação foram bem- vindas. E qualquer coisa que fizesse a idéia de um possível desastre desaparecer.

E se os explosivos estivessem errados? Ou mal posicionados? E se os cálculos estivessem incorretos, e se agora mesmo o asteróide estivesse indo rapidamente para a superfície da Terra? E se...?

"Com licença, Boston, mas o que isso faz?"

Ele tentou se concentrar na pergunta, seus pensamentos depressivos foram interrompidos. "Aquilo? São controles múltiplos do sistema de aceleração. O controle de solo pode corrigir esses movimentos da nave."

"Por quê?" ela perguntou inocentemente. E enquanto ele explicava, imagens de um desastre não podiam se formar em sua mente.

Ela queria saber como tudo funcionava, pra que tudo servia. Quando ela terminou o interrogatório sobre os equipamentos, partiu para as histórias pessoais da tripulação. Como eles haviam crescido? Eles sempre sonharam em serem astronautas? O que seus pais pensaram desse sonho? Seus amigos, cônjuges, os amantes? Continuando hora após hora, órbita após órbita, as perguntas eram tão rápidas e tão profundas que ninguém teve tempo de pensar em qualquer outra coisa. Não tinham tempo de contemplar uma catástrofe.

Foi apenas mais tarde que Low pode refletir sobre o interrogatório insistente e perceber que muitas perguntas eram apenas reformulações de outras já feitas. Só então ele percebeu exatamente o que ela estava fazendo, usando as suas habilidades jornalísticas para distraí-los de pensamentos negativos. Mas não era jornalismo que ela estava fazendo. Era uma terapia. Apenas para distraí-los.

Tão eficaz quanto um mosquito no ouvido.

Borden estava olhando para ele esperançoso. "Houston chamando, Comandante." Ken Borden não chamava Low de "Comandante" havia anos.

Low se inclinou para frente. Dentro da cabine havia silêncio total.

"Não reconheço a voz." Ele disse, ajustando uns controles. "Há muita interferência."

"Boston sobe na base" a voz anunciava excitante pelo auto-falante. "E ai vai o arremesso... é uma bola curva para baixo. Boston

se prepara... Acertou! É um arremesso distante, para o fim de campo! Kowalski's está indo em direção a parede... Ele pula... é o fim! Está terminado! Um home-run para Boston Low! E os fãs vão à loucura!"

Fortes risadas podiam ser escutadas ao fundo. Agora todos a bordo estavam sorrindo. Alguém habilidoso no controle da missão havia feito uma montagem a partir de uma narração de um jogo de beisebol. Ele havia substituído o nome de um bateador anônimo e colocado o de Low. Ele riu de si mesmo. A implicação do joguinho feito pelo controle da missão já dizia o bastante.

Apesar de um pouco de ruído, ele pôde ouvir uma voz familiar. "Parabéns, Comandante Low, Co-piloto Borden. Parabéns a todos vocês."

Low se inclinou para frente para falar no microfone. "Porque vocês demoraram tanto?"

"Nós decidimos esperar por uma órbita a mais." A voz respondeu.

"Nós não apenas queríamos ter certeza. Todo mundo aqui gostaria de ter mais do que certeza."

"Inferno!" Borden relaxou "Eu pensei que vocês estavam se conformando com o fato..."

"De acordo com os dados preliminares, tudo foi conforme o planejado." Mesmo com a distância envolvida e os ruídos, a voz passou um tom de excitação muito agradável. "Todos os objetivos foram cumpridos dentro dos parâmetros aceitáveis. A Missão foi um sucesso!"

"Naturalmente." Brink murmurou no silêncio. "Não havia razão para acontecer o contrário."

O controle da missão continuou. "A Terra tem uma nova Lua. Eles estão procurando por um nome para ela agora mesmo."

Miles manteve a sua voz baixa. "Quis ter certeza de que eles a nomeariam apenas depois de se estabilizar. Motivos políticos."

"Hey, e nós?" Borden resmungou no microfone. "Nós não ganhamos nenhum crédito nisso tudo? Como as

primeiras pessoas a fazerem contato com o objeto, eu acho que nós é que devemos ter o direito de nomeá-la. Agora, eu sugiro—"

"Não se preocupe, Borden." A voz de Houston interrompeu-o. "Não importa o que  *você*  acha." A risada era claramente ouvida pelo auto-falante. "De qualquer maneira, você não fez contato direto. Essa honra cai sobre o Comandante Low e o especialista Brink."

"O que de qualquer maneira não importa. A decisão definitiva cabe ao Presidente junto com o conselho espacial dos Estados Unidos."

"Não importa." Brink se mexeu em sua cadeira. "Eu gostaria que o meu nome fosse lembrado de uma maneira mais construtiva." Como tudo havia ido de acordo com o planejado, isso permitiu que Low relaxasse. Ele não iria sentir essa sensação novamente até que estivesse no chão, de volta à sua amada baía.

O objetivo principal da missão havia sido completado. Agora havia tempo, não muito, mas algum, para lidar com propostas secundárias que a comunidade científica havia insistido tanto. Atrás dele, Robbins estava fazendo perguntas à Brink. O cientista fez o seu melhor para tentar responder todas as perguntas usando o mínimo de termos científicos possíveis. Embora alguns fossem inevitáveis. Miles estava atipicamente quieta, talvez pensando no que iria dizer para os eleitores nas eleições do congresso, na qual ela esperava ter a maior parte dos votos.

Então Robbins estava na sua frente. Ou melhor, em cima dele, flutuando perto do teto e se mostrando confortável com a sensação de ausência gravitacional. Low teve que olhar para cima para poder olhar nos olhos da jornalista.

"Existe algo que eu possa fazer por você, Maggie?"

"Sim. O que há com você, Boston? Nada quebra essa sua concha? Você nunca fica feliz? O que acaba de fazer é equivalente a fazer uma cirurgia cerebral usando uma empilhadeira. Você provavelmente salvou milhões de vidas e não faz nada para comemorar além de respirar. Isso não é natural."

Ele deu um pequeno sorriso. "Eu nunca quis ser natural. Apenas competente."

Ela se recusou a receber uma resposta dessa. "Você não está sentindo nada? Você não gostaria de soltar fogos, assobiar como louco, estourar um bando de balões?"

"Não sou do tipo assobiador maluco que estoura balões, Maggie. Em relação aos fogos, nós não acabamos de ter alguns?"

"Pare de incomodar o Comandante, Maggie" A repressão de Brink pegou de surpresa tanto a entrevistadora quanto ao entrevistado. "Aqueles como nós que lidamos com as maravilhas da natureza tendemos a celebrar os nossos triunfos internamente. Nem todo mundo sente necessidade de compartilhar as suas emoções com uma rede de televisão, importando-se com o potencial

comercial que a situação possa ter." Quando terminou de falar, ele se impulsionou em direção à porta.

"E quanto a mim, eu irei celebrar quando nós estivermos de volta ao nosso objeto domesticado e eu puder estudá-lo ao invés de explodi-lo."

Robbins não perdeu nenhum momento, mudando a sua atenção de Brink para Low. Nada a intimidava, Low teve que admitir.

"Vocês tem certeza de que é seguro?" ela perguntou. "Eu sei que uma análise estava no plano geral da missão, desde que tudo fosse bem, mas parece muito cedo ainda para voltar para lá."

"A rocha não estará quente, se é isso que você está imaginando." Miles olhou para eles de sua estação. "Os russos insistiram que seus explosivos eram limpos. Ecologicamente corretos, até. Não sei se chega a esse ponto, mas se houverem resíduos radioativos, não será nada que nossas roupas não possam conter. A sua grande maioria foi dispersada para o espaço."

"De qualquer modo, nós não iremos demorar muito em suas proximidades." Flutuando perto do ombro direito de Low, Brink apontou. "As pessoas são tão paranóicas em relação à radiação. E lá está a maior bomba nuclear imaginável. Ela está explodindo todo o tempo, bem em cima da cabeça de todo mundo. Toda a vez que você sai de casa, você leva um banho de radiação." Ele balançou a sua cabeça tristemente. "As pessoas discutem freneticamente sobre a radiação emitida pelos celulares, aparelhos de microondas e grandes televisões. Então elas saem e se deitam ao sol."

"Hey, não precisa ser sarcástico, Herr Professor Brink. Eu não sou ignorante."

"Não quis dizer que você era, Maggie. Eu meramente quis enfatizar o meu ponto de vista. Uma breve visita ao asteróide não irá nós colocar em risco."

"Bem" ela murmurou "Já que todo mundo tem certeza..."

Low e Borden não estavam prestando atenção na discussão. Eles estavam muito ocupados computando

trajetórias, velocidades, órbitas e mil e uma outras necessidades.

Low não havia concordado com a participação de Robbins na EVA (N.T.: a palavra vem de “extravehicular activity” , em português: Atividade extra-veicular.) Quando propuseram isso a ele pela primeira vez, ele foi mortalmente contra. Mas a agência foi inflexível. A publicidade era muito promissora para ser ignorada. Além do mais, com Low e Brink assistindo cada

movimento, o que poderia dar errado? Caminhadas espaciais não são complexas, os trajes eram à prova de idiotas e isso não era como se eles fossem executar um procedimento complexo de engenharia durante a EVA.

Como havia sido explicado a ele, isso seria mais parecido com um passeio no parque. Era Brink que estaria se empenhando na pesquisa. O Comandante poderia gastar a maior parte de seu tempo com um olho na sua jornalista residente. Se necessário, todas as funções de seu traje espacial poderiam ser controladas a partir da nave.

Mais ainda assim não era uma tarefa que o deixou alegre.

Sabendo que não poderia argumentar contra a imensa burocracia sobre a imprensa, Low acabou concordando. Mas isso não significava que ele estaria entusiasmado por isso. Se a decisão coubesse a ele, ela teria optado em retornar ao planeta assim que o objetivo principal houvesse sido cumprido. Mas ele sabia que essa idéia ia ser rejeitada também por Brink, que gostaria tanto de ser o primeiro cientista a fazer um trabalho de pesquisa no local. O cientista teria com certeza atravessado os infernos de todas as religiões por essa chance.

A urgência de Brink ele podia entender. Mas em relação a isso, uma pequena parte de si que ele tentou ignorar gostaria de ir ao encontro.

Um acordo havia sido feito. Haveria uma EVA, mesmo que consideravelmente curta. Eles iriam se desprender, fazer umas avaliações básicas, coletar alguns exemplares da superfície e deixar que Robbins visse alguns milhões deles, e retornar para a nave.

"Nós concluímos a parte necessária da missão." Brink comentou. "Agora o trabalho da ciência pode começar."

"Não até nós alcançarmos o objeto novamente, Ludger." Borden encarou o cientista flutuante. "Me diga, o que um biologista diz quando ele vê alguma coisa se movendo na floresta negra?" Quando Brink não respondeu, o

co-piloto replicou com a voz deliberadamente acentuada, "Ai meu Deus! Gnomos!"

Miles riu, Low deu um sorriso forçado e um Brink sorridente riu aprovadoramente. Robbins parecia estar completamente perdida. Tentando entender a piada, ela deslizou e foi em direção à cadeira de Low. Seu cotovelo bateu no braço dele.

"Dê-me algum espaço, Maggie"

"Desculpe" Usando um dedo ela se impulsionou para trás.  
"Ninguém aqui vai me explicar, não é? Não é?"

"Segure-se em algo." Borden avisou alegremente.

Mais uma vez os propulsores da nave se acenderam, aumentando a sua órbita e desacelerando-a. Dentro de pouco tempo eles estariam abordando o alvo pela segunda vez.

"Ali está ele!" Robbins apontou excitante para o ponto de luz distante, se segurando em um dos apoios. "Eu posso vê-lo."

Ninguém mais comentou. Low murmurou um comando para Borden, que executou a ordem com a fluidez e a naturalidade de uma terceira mão. Operações complexas continuaram a ser feitas à razão de aproximadamente seis para cada piada de Borden.

"Posso ver onde uma das bombas explodiu" disse Robbins.

"Não são bombas" Brink a corrigiu. "Dispositivos de correção orbital. As três agências espaciais envolvidas se sentiriam melhores se você parasse de se referir aos dispositivos como bombas."

"Que seja" ela olhou impacientemente "Olhe bem ali"

Uma fenda se formou e era muito visível na superfície do asteróide. Mas devido ao ângulo dos raios do sol, eles não conseguiram determinar o quão profundo ela era. Uma outra havia se aberto mais ao oeste da qual eles estavam flutuando sobre.

Brink não estava chateado com tal profanação do espécime. Ele estava encantado. A fenda iria fornecer acesso ao interior do asteróide, algo nunca antes examinado. Ele realmente gostaria de explorá-lo o máximo que seus trajes pudessem permitir.

Low e Borden continuaram a delicada tarefa de manobrar a nave o mais perto possível do objeto, até o ponto de eles estarem apenas a 30 metros de distância de sua superfície.

"Parece limpo." Miles ligou as poderosas luzes da nave em direção à superfície maculada do asteróide. Foi iluminada

a fenda recém-formada, deixando a sua profundidade visível.  
"Não há muitos fragmentos flutuando por perto."

"A força da explosão deve ter afastado a maioria dos fragmentos," Brink declarou. "Uma pena."

"Elogios aos engenheiros que projetaram os dispositivos." Low se voltou para a parte de trás do cockpit.  
"Você está pronto para um passeio no parque, Ludger?" Mas o cientista já estava indo em direção ao fundo do cockpit, ao compartimento aonde eram guardados os trajes espaciais.

"O índice de radioatividade residual é alto, mas dentro dos padrões aceitáveis." Miles encarou o Comandante "Entretanto, eu não recomendaria mais de uma EVA"

Low deslizou para fora de sua cadeira. "Está bem, Cora. Foi isso o que programamos e é isso o que vamos fazer."

"Vocês têm certeza de que isso é perfeitamente seguro?" Robbins seguiu Low.

"É um pouco tarde para pensar nisso, não é, Maggie?" Ele a encarou. "Você pode voltar a hora que quiser."

Ela ficou com o rosto corado. "Não foi isso que eu quis dizer. Eu disse alguma coisa assim?"

"Não, você não disse. E para responder a sua pergunta, não, não é perfeitamente seguro. Muito pouco na ciência é perfeito. Mas é bastante seguro, ou eu não estaria indo lá fora também."

Ela deu um risinho sarcástico enquanto digeriria essa última fala. Atrás dela, Borden chamou alegremente. "Vejo vocês em uma hora. Se vocês puderem, tragam um x-burger e um saco de batatas fritas quando voltarem"

"Mais alguma coisa?" Low perguntou secamente enquanto ajudava Brink com o primeiro traje.

"Nada que eu possa querer em companhia." Borden olhou para trás e sorriu. "Eu vou manter os motores ligados."

Como esperado, Robbins precisou de muita ajuda para colocar o traje espacial. Low se questionou o quanto ela havia sido treinada em solo. Isso era loucura, levar uma novata para uma EVA. Pelo menos os movimentos de seu traje poderiam ser controlados pela nave, caso fosse preciso. Ele se certificou de que uma vez que a roupa estava lacrada, haveria pouca coisa que ela poderia fazer para se machucar. Seu traje propositalmente não tinha os controles dos propulsores, para que não houvesse o risco de ela ir em direção ao Sol, caso apertasse o botão errado.

Cruelmente, ela se encontrou pensando sobre o fabuloso final da reportagem que iria fazer. Mas por outro

lado, esse fato não iria melhorar a sua gravação. Ela preferiria passar o tempo com Brink inspecionando o asteróide do que ter de fazer o papel de uma jornalista faladora.

Enquanto eles se preparavam, Cora continuava a fazer leituras da radiação e outros dados pertinentes à EVA que iriam fazer. Os níveis continuavam a cair, embora lentamente, enquanto os

capacetes eram colocados. Eles verificaram o sistema de intercomunicação dos trajes.

Low pode ouvir Robbins respirando pesadamente. Se ela continuasse a usar tanto oxigênio, ela encurtaria o passeio em pelo menos vinte minutos.

"Se acalme, Maggie. Lembre-se do que disseram a você em Houston. Apenas respire normalmente, como se você estivesse usando um aparelho de mergulho. O sistema de oxigênio do traje irá fornecer tanto ar quanto você precisar. Quanto mais rápido você respirar, mais rapidamente o seu suprimento de ar irá acabar."

Ela sorriu para ele. Pálida e corajosamente, Low percebeu. A respiração dela se acalmou.

"Assim está melhor. Você estará amarrada à mim o tempo todo, portanto você não precisa se preocupar para onde ir. Apenas relaxe e aproveite a vista." Uma única risada e um grande sorriso dessa vez. "Bom. Não toque em nada a não ser que você tenha perguntado antes. Tente agir como um passageiro."

"Sou boa nisso." Sua voz chegou clara através dos auto-falantes dos trajes. "Eu não vou tocar em nada exceto no meu gravador, e ele é bem automático." Ela indicou uma câmera especial que foi colocada na manga esquerda de seu traje.

Pela segunda vez no dia, ele se encontrou no lado de fora, flutuando sobre o compartimento aberto da nave. A escotilha aberta bloqueou uma grande parte dos raios do Sol, que caíam sem impedimento na superfície do asteróide.

Ele pode ouvir Robbins respirando pesadamente de novo, mas enquanto eles se moviam em direção à superfície rochosa, seu ritmo foi se acalmando. Com Brink à sua direita, ele ajustou o seu movimento para que pudessem chegar mais perto da fenda que o dispositivo havia criado na superfície.

"Como você está se sentindo, Maggie?"

A voz dela saiu com um pouco de dificuldade. "Não muito bem... antes. Melhor agora. Não consigo saber se eu estou subindo ou descendo."

"Nenhum desses termos tem relevância aqui em cima. Não se preocupe com isso. Você está se *distanciando* da nave e se *aproximando* do asteróide."

"Isso é tudo o que você precisa saber." Mesmo conversando com ela, tentando ser agradável e consolador, ele continuou a ler e a reler o status do seu próprio traje e instrumentos.

Mais cedo do que esperavam, eles estavam lá. "Não se deixe enganar pela superfície sólida de baixo dos nossos pés." Ele disse a ela "A gravidade virtualmente não existe aqui. Você não pode 'andar' na superfície."

"Mas que visão magnífica!" Brink estava de frente para a superfície do chão e estava coletando algumas amostras em um saco especial. Os fragmentos eram removidos com muito esforço. "Me parece níquel-ferroso, com alguns traços de manchas rochosas" ele informou ao seus companheiros. "Não muito diferente de um aerólito comum." Usando os propulsores, ele assumiu uma posição em que seus pés tocaram o solo. "Traços de olivina, e talvez algumas surpresas. Nós iremos descobrir isso mais tarde no laboratório."

Robbins filmou Brink por um momento, e então voltou a sua máquina para o ambiente em volta. Ela fez algumas perguntas, e todas eram muito pertinentes e bem elaboradas. Low estava satisfeito.

O tempo passa muito rápido no espaço. Ele checkou o seu cronômetro. "Ludger? A fissura?"

"Sim, sim... estou chegando." O cientista disse algo em alemão. Low pegou algumas palavras, mais muitas eram palavras científicas alemãs – 'meio metro' ou algo parecido.

Low ouviu a respiração de Robbins novamente enquanto eles se aproximavam da beira da fenda. Ele tentou sorrir. "Acalme-se, Maggie. Lembre-se, você não pode cair. Não há gravidade aqui. Você já está 'caindo' constantemente." Ele parou na frente da fenda sombria. As luzes de seus trajes iluminavam apenas uma parte da abertura.

Os dois homens discutiram se iriam entrar nela. O único risco real era o de que algum projétil pontiagudo ou qualquer ponta rochosa pudesse perfurar os seus trajes. Eles não esperavam encontrar nenhum deles. A parte superior devia estar macia, devido ao calor residual da explosão. De

fato, a superfície ali perto assumiu um tom característico de rochas que são derretidas e rapidamente resfriadas. Era um terreno como um produzido por Gaudi.

Brink estava preparando seus propulsores para descer quando algo inesperado aconteceu. Não deveria haver nenhum imprevisto. Tudo havia sido estudado e revisado mais de mil vezes. Todas as possibilidades foram levadas em conta.

'Essa foi a Natureza para você', Low pensou. Logo quando ele estava se confortando com a vista, ela vem e bate na sua cara com algo. Ou, nesse caso, um enorme corpo extra-terrestre.

Abaixo deles, o chão começou a se mover.

## CAPÍTULO 6

Não havia som, mas uma súbita vibração que se transmitiu a eles não pelos seus ouvidos, e sim pelos seus próprios ossos. Em volta deles a superfície do asteróide estava vibrando visivelmente. Pedacos soltos da rocha começaram a flutuar. De dentro da fissura, mais material se despreendeu e veio flutuando lentamente na direção deles. Pequenas partículas de níquel ferroso podiam ser facilmente afastas por mãos cobertas por luvas. Felizmente, nenhuma delas tinha pontas afiadas.

Borden e Miles estavam tentando falar simultaneamente, enchendo os ouvidos dos astronautas de tal forma a fazer uma grande confusão. Assustada, Robbins apontou a sua câmara para baixo. Perto dela estava Brink, tentando capturar alguns dos pedacos que estavam flutuando. Muitos deles ele apenas jogava de lado, mais alguns poucos ele guardava no seu saco de amostras.

A euforia em volta dos fragmentos soltos cessou no exato momento em que uma luz brilhante surgiu logo abaixo deles, vinda do fundo da fenda.

A exclamação de Borden se sobressaiu ao desespero de Miles. "Mas que diabos...?" Low sentiu que ele estava se virando para falar com a especialista da missão. "Leituras, maldição! Faça algumas leituras!" Sua voz não continha nenhum traço de humor.

O co-piloto gritou em direção ao microfone. "Boston! O que está acontecendo aí?" Miles se sentou no banco de Low, seus dedos agitados sobre os controles, metade dos quais pareciam estar malucos.

"Alguma coisa está acontecendo!" ela murmurou.

"Um tremor no asteróide" Borden apertou um botão

"Impossível. Ele é muito pequeno e muito inerte."

"Não tão impossível quanto aquela luz." Borden estava olhando para o raio de luz que inexplicavelmente emergiu

das profundezas da fissura.

"Seja o que for, não é quente." Ela indicou um medidor.

"Alô, alô, *Atlantis*. Vocês estão ouvindo?" Era a voz do controle da missão. Quem estava no controle parecia nervoso e ansioso, Borden percebeu. Talvez um pouco em pânico. "O que está havendo aí em cima? Nós captamos movimentos não orbitais no objeto."

"Nós temos mais do que movimento, pessoal." Borden encarou descrente um medidor que deveria indicar nulo. E estava metade aceso. "Há uma luz de alguma espécie saindo de dentro do objeto. Muito grande, como um holofote. Vocês devem poder ver essa luz aí de baixo."

"Vocês estão sobre a região central-oeste da África. Nós não podemos ver nada até que vocês atinjam o nível de Mombasa. Quais são as leituras de vocês?"

"Não há radiação," Miles reportou. "Ken está certo ao dizer que parece um enorme holofote. Não acho que deva ser por causa dos resíduos da correção orbital."

"Assim que nós soubermos de algo mais exato, nós iremos relatar." Borden disse "Está muito estranho aqui em cima."

"É melhor vocês relatarem algo." A voz do controle da missão parecia nervosa. "'Estranho' não faz parte da terminologia científica. Precisamos de dados!"

"O asteróide está gerando uma luz muito intensa. Isso é o suficiente para você? Não nos incomode. Nós temos três pessoas no objeto." Ele olhou assustado para Miles. "Você já conseguiu alguma coisa?"

"Nada. Se existe uma fonte, ela está muito bem enterrada e não é quente. Não há nenhum sinal de que está reduzindo o seu brilho." Ela checou outro banco de dados. "Um movimento limitado está sendo detectado por todo o comprimento do objeto."

"Droga." Borden mudou o seu olhar dos computadores para o objeto em si. "Boz? Fale comigo homem!"

A voz de Low ecoou na cabine através dos auto-falantes. O Comandante parecia um pouco abalado, o que em si já representava um fenômeno sobrenatural.

"Estamos bem. A vibração, ou qualquer coisa que tenha sido, parece que já está se acalmando."

Borden olhou para Miles, que confirmou. Ela se inclinou em direção ao microfone. "Nós estamos vendo a luz. Não é quente e não mostra sinais de emissão de laser, então acho que é seguro olhar para ela."

"Um pouco tarde para isso, não é?" A voz de Low deu uma pausa. "Ajuste o espectrofotômetro. Aquele que usamos para análises estelares."

"Olhe aqui," o co-piloto começou "se você acha que irei deixar vocês aí enquanto eu rodo recalibrações nos computadores, é melhor checar o seu nível de oxigênio"

"Não precisa se preocupar." Low respondeu. "O chão parou de se mover. Existe apenas a luz. Whoa! Agora nem isso temos mais."

Olhando através das janelas, os dois membros da tripulação viram que a luz de fato desapareceu.

"O que poderia ter sido aquilo?" Miles disse alto.

"Talvez precise de pilhas novas." Low replicou. "Do tamanho duplo Z." Ele se esforçou para dar um sorriso.

Low estava flutuando acima do buraco no asteróide, olhando para baixo. "Ainda existe algo brilhando no fundo da fissura, Ludger?"

"Não vejo mais do que você, Comandante. Alguns minerais têm a propriedade de reter e liberar calor. Outros fazem o mesmo, só que com cargas elétricas. Talvez nós tenhamos testemunhado um fenômeno mineral totalmente inédito!" Em seu traje, ele se virou para encarar Low. "Seria negligência não investigar isso agora."

"Reflexão de um conjunto de material fundido?" o Comandante sugeriu. "Níquel ferroso macio iria fazer um espelho extremamente eficiente."

"Não acho que possa ser. Era muito brilhante para ser uma reflexão."

"Bem, então o que seria?" o Comandante o pressionou. O cientista não tinha uma resposta.

Low teve um mau pressentimento ao ver Robbins flutuando por ali. Usando a corda, ele puxou-a para mais perto deles.

"O que é isso então? O que aconteceu?"

"Nós não sabemos."

"Mas nós iremos descobrir," Brink adicionou rapidamente,

"Eu não sei." Flutuando em cima da fenda, Low considerou as opções. "Nós não estamos equipados para lidar

com imprevistos, Ludger. Eu não gosto de colocar a nossa sorte em risco."

"Tolice, Comandante. O fenômeno pode não se repetir. Até a primeira expedição científica chegar, os vestígios já terão se apagado." Ele voltou a sua atenção para o abismo abaixo deles. "Um corpo desse tamanho não deveria ser capaz de gerar movimento, muito menos luz. Sua trajetória não foi alterada com o tremor, o que indica a sua estabilidade. Eu acho que nós não temos nada a temer."

"Você fala como um homem que diante do desconhecido enxerga apenas respostas, não perguntas." Low disse friamente. "A sua segurança e a de Maggie são de minha responsabilidade, Ludger."

"Ei, eu não tenho nenhuma opinião nisso?" Robbins tentou entrar na discussão.

Na verdade ela não se importava muito com o resultado. "Não, você não tem," Low disse a ela formalmente. "Você está aqui para observar, e não para opinar. Não se esqueça disso."

"Nós iremos entrar de qualquer jeito, Comandante," Brink disse friamente. Bem no fundo da fissura, um pequeno ponto luminoso ainda estava visível. "Tudo indica que devemos prosseguir com as nossas intenções originais."

"Tudo? E se nós descermos lá e o tremor recomeçar? E se a fissura resolver fechar enquanto nós estivermos lá dentro?"

"Vamos lá, Comandante." Brink fez o seu melhor para não parecer um professor em aula, sem muito sucesso. "A fissura não vai 'fechar'. Essa não é uma formação calcária e macia. É rocha fundida e níquel-ferroso. Não é facilmente maleável." Ele acionou os propulsores de seu traje. "Eu vou entrar. Você pode permanecer do lado de fora, se preferir."

"Não," Low respondeu. "Nós iremos permanecer juntos. Maggie, qual é a leitura do seu tanque?"

Ela leu um número em um display no capacete de seu traje. Low resmungou. "Vinte minutos, Ludger. Sem mais."

"Eu aceito a sua decisão, Comandante. Vinte minutos é o suficiente." Ele começou a descer.

Low o seguiu, mantendo um olho atento nas paredes da fissura. Não havia indicações de uma nova vibração, ou qualquer movimento. Tudo estava quieto e calmo como na primeira vez que eles a encontraram, exceto pelo persistente e absurdo brilho embaixo deles. Robbins manteve a sua câmera continuamente gravando.

"O que acha da estrutura?" Low perguntou a Brink.

"Não vejo nada fora do comum, Comandante." Brink continuou a descer. "Tudo parece estar condizente com o que foi teorizado. Não sei se devo me sentir feliz ou desapontado com isso."

"Hey!" Uma voz familiar exclamou em seus fones. "Que tal um relatório, em pessoal?"

"A vibração cessou por completo, Cora. Nós estamos dentro da fissura e estamos descendo. Ludger diz que tudo parece estar

conforme o esperado. Há um tipo de luz abaixo de nós, iremos dar uma checada. Vamos coletar algumas amostras e então retornar. Mantenha o meu acento aquecido."

"Sempre." A risada de Miles foi muito reconfortante.

Robbins tocou em uma das paredes, esfregando a sua luva contra ela. "O que são esses cristais verdes?"

"Cristais de Olivina," Brink explicou. "Fundidos pelo calor da detonação."

"Vocês tem certeza de que tudo está bem?" Era Borden, Low sabia. O co-piloto estava atipicamente sério.

"Tudo bem, Ken. Existem alguns fragmentos flutuando, mas é fácil desviá-los. Não há nada cortante que possa pôr em risco a integridade dos nossos trajes. Nada até o momento, pelo menos. Tudo está normal."

"Não, não está." Anunciou Brink. Tendo alcançado o fundo da fissura, o cientista usou um empurrão dos propulsores para que pudesse parar. Agora ele estava flutuando olhando para baixo a alguns centímetros do chão da fissura.

"O que foi, o que está errado?" Low perguntou imediatamente.

"Não é que alguma coisa esteja errada, Comandante. Apenas parece que algo não está certo."

"Não compreendo."

O cientista girou e encarou os olhos de Low. "Venha e veja por si mesmo."

Low se ajustou, tomando cuidado para que Robbins não fosse bater com força no fundo da fissura. A gravidade do laudo de Brink era revelado em uma simples olhadela.

"Filho da puta...," uma voz resmungou. Era a de Low.

"O que houve, Boston? O que aconteceu?" Era Borden, insistente e preocupado.

Low achou que ele não podia responder. Ele sabia o que ele tinha que dizer, mas as palavras simplesmente não saíram. Isso foi deixado para a jornalista falastrona.

"Nós estamos bem, Ken. Tudo está bem." Ela estava passando entre os dois homens. "É só que nós... encontramos algo."

Abaixo deles, alojada no fundamento da rocha, estava a fonte da luz que tão sinistramente prendeu a atenção de todos. Não era menos maravilhosa do que sua intensidade. A luz que eles viram estava vindo de algum lugar dentro da rocha.

"Não é exatamente a reflexão que você hipotetizou, Comandante." Brink havia se ajoelhado pra contemplar a descoberta, segurando-se nas rochas que se projetavam do solo.

"É um metal." Low se aproximou. "Mas não é níquel-ferroso. E não há cristais de olivina incrustados nele."

A fonte da fascinação era simplesmente assustadora. Aquilo era parte do problema, porque todas as "marcas" eram profundas e uniformes. Além do mais, elas estavam organizadas de um jeito tão homogêneo que até uma pessoa comum seria capaz de avaliar que aquilo não poderia ser fruto de uma força natural.

Era uma plaqueta de algum tipo; redonda e encurvada no topo, sem dúvida o produto de um maquinário sofisticado. Não havia sido condensado ou formado de maneira natural: havia sido fabricado.

"O que houve? Nós não entendemos essa última parte, Boston" Embora estivesse menos ansioso, Borden ainda não estava completamente relaxado.

Low voltou os seus lábios em direção ao microfone do traje. "Eu disse que nós temos uma espécie de plaqueta aqui." Ele olhou para Brink, que riu solenemente. "E parece haver inscrições nela."

Robbins ficou inquieta. "Eu estou ouvindo vocês corretamente? Vocês estão dizendo que nós encontramos um tipo de artefato? Um artefato alienígena---"

"Só um minuto, agora, espere só mais um minuto." Low girou com tanta força que se desestabilizou por um momento, tendo que se re-posicionar. "Ninguém disse nada parecido com isso."

"Álien?" A voz de Miles tinha um tom cômico. "Alguém disse álien? Vocês tem uma plaqueta com inscrições alienígenas nela?"

"Ninguém disse nada desse tipo," Low retrucou.

"Comandante Low." Ele se virou e encontrou Maggie encarando-o com um ar reprovador. "Você está gritando,

Comandante."

"Eu não estou gritando," Low respondeu cuidadosamente. "Cora, Ken; nós encontramos uma anomalia aqui. Ainda é muito cedo para fazer determinações formais."

"Ok Boz," Borden respondeu da mesma maneira. "Então faça algumas determinações informais. Apenas para nos manter informados."

Low expirou lentamente. "Nós encontramos uma plaqueta que parece ter sido fabricada por algum tipo de máquina, com

algumas inscrições nela. Eu poderia até dizer – irei dizer isso discretamente - algum tipo de escrita. Mas ainda não sabemos de nada."

"Escrita." Miles mudou seu tom de voz para um usualmente usado em igrejas. "Então você está me dizendo que vocês encontraram algum tipo de artefato, Boston."

Brink estava passando a mão sobre os cantos da plaqueta. "Não acho que resta dúvida quanto a isso, senhorita Miles. Não há dúvida de que seja um artefato, tanto pelas inscrições quanto pela sua forma em si. Mas a fonte da luz permanece um mistério. Me parece que ela emana de dentro do próprio metal."

"Vocês dois me dêem licença." Robbins se virou de uma maneira para que sua câmera pudesse focar a cena. "Eu acho que tenho uma história aqui." E então ela começou a recitar.

"Nota de edição: início. Aqui é Maggie Robbins, reportando ao vivo do recém estabilizado e ainda não nomeado asteróide." Arrumando a lente, ela a focalizou em direção a plaqueta de metal.

"Nós acabamos de encontrar a primeira evidência de vida inteligente fora da Terra, uma plaqueta ou uma espécie de—"

"Ei, espere um estante." Girando, Low usou o seu corpo para bloquear a visão da câmera. "Nós ainda não analisamos nada e não podemos fornecer dados precisos. Agora mesmo, tudo, incluindo a sua origem, é pura especulação. Você não deve fazer conclusões precipitadas. Você fará com que milhões de idiotas saiam por aí afirmando isso como se fosse uma verdade absoluta."

Ela não ficou acuada. "E você, Comandante, não deve me dizer o que fazer enquanto eu estou filmando, ou que conclusões devo tomar. Aqui a minha experiência excede a sua. Então você está me dizendo que alguém da Terra fabricou isso, veio até aqui antes da gente, e enterrou-o onde nós o encontramos?"

"Não, claro que não." Ele respondeu impacientemente.  
"Mas isso não significa--- "

"É um artefato alienígena, Boston. Uma plaqueta sólida de metal que emite luz. Me dê uma explicação mais plausível e eu irei reportá-la com o mesmo entusiasmo."

Ele não pode, é claro. Com um respeito invejoso, Low percebeu o quanto ela não tinha medo de ir até o final das coisas para provar o seu ponto de vista. Atrás deles, Brink estava cavando a área em volta da plaqueta, usando uma das ferramentas especiais que seu traje estava equipado.

"Eu imagino se talvez possam haver mais objetos como este por aqui."

"Não precisa haver mais." Robbins disse, e balançou a câmera e apontou para Low. "Essa plaqueta sozinha é suficiente para nos tornar famosos mundialmente. É claro," ela adicionou polidamente

"Eu já sou mundialmente famosa. Você também Comandante." Ela deu uma olhada significativa para Brink.

Olhando para cima de seu trabalho, o cientista respondeu com aquele estranho, sorriso enigmático dele. "Eu sou muito bem conhecido dentro de umas comunidades científicas. Isso é o suficiente para mim."

"É melhor se acostumar com a idéia de se tornar mundialmente famoso, Ludger. É inevitável agora."

"É o valor científico no que encontramos que me interessa, Maggie. Mas é claro," ele adicionou gentilmente "Não tenho nenhuma objeção em ser famoso. Isso é muito útil para levantar fundos."

Ela chegou mais perto. "Você acha que pode haver mais plaquetas?"

"Talvez." Ele cavou cuidadosamente. "Ou, se tivermos sorte, algo mais."

Low checou os medidores de oxigênio. Eles ainda tinham tempo. Ele não sabia se estava feliz ou triste por isso.

Usando as ferramentas de Brink, eles não encontraram mais nada cavando ali em volta, mas eles puderam remover a plaqueta. O cientista alisou a superfície embaixo do artefato com a sua luva.

"Cuidado," Low disse num tom de advertência.

Brink sorriu de volta para ele. "Sem pontas cortantes, Comandante. Eu chequei. Você poderia me ajudar? Não tem peso, é claro, mais eu não gostaria de arriscar a lançá-lo em direção a uma parede e quebrá-lo em dois."

Com Robbins olhando e comentando excitada, os dois homens facilmente ergueram o artefato do seu lugar original.

"Vamos lá, Boston," Miles exclamou nos fones de todos. "Não comece a guardar segredos."

"Nós soltamos a plaqueta," Low informou. "Não vejo problema em levá-lo para a nave. Dentro de pouco tempo vocês poderão propor as suas próprias teorias."

"Maldição! E eu esqueci de trazer o meu dicionário de tradução alienígena-humano comigo!" Confiante de que seus amigos estavam fora de perigo, Borden estava em forma de novo.

"Hey." Robbins abaixou a sua câmera. "Hey, vocês dois já olharam o que tinha abaixo da plaqueta?"

Cuidadosamente colocando o artefato de lado, Low e Brink se voltaram para o lugar onde o objeto estivera. Havia um buraco. Um buraco muito profundo.

Uma passagem.

## CAPÍTULO 7

A entrada se inclinava para baixo; suas pontas eram encurvadas, sua forma cilíndrica e com quase dois metros de diâmetro. O primeiro pensamento de Low foi de que aquela abertura era uma extensão natural da fissura causada pela detonação, e que a plaqueta havia se soltado de algum lugar e a bloqueado. Mas uma inspeção mais atenta revelou que o túnel era tão artificial quanto o artefato que eles acabaram de retirar. As paredes eram moldadas de tal forma que parecia haver uma cerâmica cinza recobrando o seu interior. Nenhum degrau ou deformidade no túnel eram visíveis.

Robbins espetou as palavras. "Bem, Comandante? Você é o líder dessa expedição. Então lidere."

Hipnotizado, Low se encontrou encarando a abertura. Era claro agora que a luz que eles haviam visto não vinha da plaqueta de metal, mas sim, de trás dela. Embora ela parecesse, quando eles a olharam pela primeira vez, que era opaca e bem sólida. Mas de qualquer jeito, não havia discordância de que a luz vinha de dentro do túnel.

Robbins não hesitou e balançou a mão na frente de Low. "Veja, ali no chão!" Sua excitação quebrou a concentração dele.

Ela havia avistado outra plaqueta incrustada na parede da superfície. Na verdade, não era uma plaqueta. Eram três delas.

"Você tem uma excelente visão, Maggie." Brink já estava indo em direção a elas. Foram removidas muito facilmente e eram idênticas à primeira no formato e no tamanho. Apenas as inscrições, marcas, ou o que quer que fossem, diferentes.

Low imaginou porque eles não as tinham visto antes. Um truque da luz limitada, talvez? Ou algo mais sutil e maravilhoso? De qualquer forma, foi necessário pouco tempo para se recolher as novas descobertas e coloca-lás em um lado.

Mas ainda havia o mistério da passagem aberta, que com certeza não iria se resolver sozinho. Usando os seus propulsores e avisando Maggie para manter uma distância entre eles, ele começou a descer, seguindo a luz.

O túnel ia perfeitamente em direção ao centro do asteróide. Não havia nenhuma bifurcação, nada que perturbasse a perfeição na superfície interior. Enquanto desciam, Low pensou ter sentido a

sensação de peso retornando. O que era impossível, é claro. Tão impossível quanto à abertura, as plaquetas e a luz. O que, afinal das contas, não era de fato, impossível.

"Tem gravidade aqui!" Robbins anunciou surpresa. "Eu posso sentir."

"Sim." Através do visor do seu capacete, a expressão de Brink era uma mistura de medo e de perplexidade. "Mas não deveria haver. Certamente não nessa intensidade. Isso é muito estranho. Eu estou sentindo-a em todo o meu corpo, embora estejamos indo a mesma velocidade. Se é gravidade que nós estamos sentindo, não é o tipo de gravidade que conhecemos."

"Existe mais de um tipo de gravidade?" Low pensou alto.

"Parece que sim. Ou se preferir, nós podemos estar sobre influencia de uma força que nós ainda não compreendemos."

"Desde que a gente não despenque, está tudo bem." Low ficou atento ao fundo da passagem. Suas botas apontaram para o fundo e ele agora estava caindo em pé. Um olhar para o lado revelou que Brink e Robbins estavam alinhados da mesma maneira.

Virando a sua cabeça para cima, ele viu a entrada do túnel ficar cada vez mais distante. Se a tal força continuasse a aumentar, eles teriam dificuldades para voltar.

Ele não teve tempo para contemplar essa possibilidade porque nesse momento a passagem entrou em uma gigantesca câmara aberta. Claramente não era resultado da detonação dos dispositivos. Suas paredes eram decoradas e havia um teto em forma de domo. Em certos lugares, as paredes eram recobertas com mais inscrições, em outras elas formavam formas fluidas, e em outras assumia formas diversas. O teto e o chão eram decorados da mesma forma.

Gentilmente seus pés tocaram o solo.

"Não é como a gravidade terrestre," Brink comentou.

"Difícilmente como a da Lua, e de longe não é como a de Marte."

"Eu pensei que gravidade artificial fosse algo fisicamente impossível." Robbins comentou inocentemente.

Low olhou para ela surpreso. Ela havia feito as lições de casa.

"Nada que se propaga como uma onda é impossível de se reproduzir artificialmente." Brink declarou, como se estivessem falando de algo tão simples como uma roda ou uma polia, ao invés de algo que a humanidade nem sequer chegou perto de reproduzir.

"Isso é consolador." Disse Low enquanto ele estudava o ambiente ao seu redor. "Eu posso dizer com certeza de que nós encontramos mais um artefato."

Brink estudou o chão contínuo. Não havia sinal de juntas, parafusos, selos, ou qualquer coisa que pudesse servir como uma ligação. O chão inteiro parecia ser feito de uma única peça.

"Eu estou imaginando o quanto desse asteróide é asteróide, e o quanto é artefato? Essa câmara é grande o suficiente para abrigar muitos campos de futebol."

Iguais a competidores de corridas de obstáculos, saltando, eles avaliaram o ambiente a sua volta. A luz não vinha de qualquer ornamento ou instrumento, mas do próprio material que recobria a câmara. Low checou os seus instrumentos. Tudo indicava nulo. Eles estavam sendo iluminados por uma luz que, segundo os instrumentos de seus trajes, não existia. Low imaginou que esse fenômeno era tão inacreditável quanto a gravidade artificial.

"Eu acho que nós nos saímos muito bem em meia hora de caçada." Ele se voltou para Brink. "É melhor nós descobrirmos uma maneira de ir embora. Estou pensando se os nossos trajes serão capazes de gerar propulsão suficiente para voltarmos para a abertura." Como um movimento da mão ele indicou a câmara.

"Existe muito aqui para se explorar em apenas uma EVA, de qualquer maneira. Isso requer uma expedição equipada e bem programada a longo prazo. Nós viemos aqui apenas como especialistas de demolição, lembra?"

"Só mais cinco minutos, Comandante." Brink pediu. O cientista estava extasiado com a descoberta.

Robbins o apoiou. "Vamos lá, Boston. Por que cinco minutos? Nós podemos encontrar mais plaquetas, ou alguma coisa a mais que não esteja presa, que nós possamos trazer para a nave."

Brink sorriu para ela. "Obrigado Maggie. Como representante da comunidade científica internacional, eu

acho o seu apoio muito animador."

"Não há de quê." Seus olhos estavam brilhando enquanto percorriam os cantos da câmara. "Isso me lembra minha expedição a Yucatán, exceto pelo fato de não haver cobras, ou insetos."

"Ou ar, água, ou comida." Low disse secamente. Ele olhou para trás por cima do ombro. Agora eles estavam bem distantes da abertura do túnel.

"E pensar que alguém construiu isso." Brink estava pensando alto. "Olhe para as paredes, com todas essas dobras e ondulações. Ou elas são para fins estéticos alienígenas, ou podem ter uma função que não possamos imaginar. Não vejo sinais de botões ou controles. Não pelo menos do jeito que eu os imagino."

"E a luz," Robbins adicionou. "Ela parece emanar do próprio metal"

Low indicou o chão pelo qual eles estavam flutuando sobre. "Eu não tenho certeza se isso é metal, Maggie. Isso parece mais uma cerâmica de alta densidade, ou um plástico de algum tipo."

"Eu acho que existe algo mais interessante logo ali na frente." Brink continuou a frente de todos.

Low checou o seu medidor de oxigênio. Eles ainda tinham muito ar sobrando – considerando que eles seriam capazes de voltar para a abertura na primeira tentativa. Ele tentou contatar Borden, mas o material em que a câmara foi feita bloqueava a transmissão. Ele tentou imaginar a cena na nave, com Borden e Miles sem poder se comunicar com o grupo da EVA. Ken iria precisar de todo o seu senso de humor para lidar com o lapso temporário na comunicação.

O que estaria acontecendo no controle da missão, ele não quis nem imaginar.

Toda a preocupação e frustração seriam substituídas no instante em que os exploradores reportassem as suas descobertas. A alegria e o entusiasmo iriam substituir a fúria quando eles apresentassem as plaquetas inscritas.

"Dois minutos." Ele anunciou. "Vamos lá, Ludger. Tem mais aqui do que nós poderíamos explorar mesmo se nós tivéssemos um ano de oxigênio. Lembre-se, a excitação leva o corpo a consumir mais ar."

"Então eu estou grato por ainda estar respirando." A resposta de Brink fez com que Robbins desse uma risada. Por alguma razão que ele não soube explicar, isso teve o efeito de irritar Low.

"Você não pode respirar sonhos, Ludger." Ele adicionou agudamente.

"Eu sei, Comandante, eu sei. Acredite em mim, eu já tentei." Ele deu um longo salto em direção a estrutura que se projetava do solo que estava logo à frente. "Irei apenas analisar essa estrutura e prometo que então nós poderemos voltar."

"Tudo bem." Low o seguiu, movendo-se mais facilmente dentro do traje do que seus companheiros podiam fazer.

A estrutura parecia uma coluna retorcida de metal. Inerte e sem detalhes interessantes, era um enigma como tudo o que eles haviam encontrado até ali. Low deu um salto para poder ver de cima, enquanto Brink e Maggie exploravam a base. Enquanto descia lentamente de seu pulo, Robbins o surpreendeu dizendo abruptamente:

"Comandante! Quero dizer, Boston... venha dar uma olhada nisso!"

Low respondeu antes de ele atingir o solo. "O que é? Mais plaquetas?"

"Não exatamente, Comandante." Como sempre, Brink manteve o controle de suas emoções. "Você saberá quando ver por si só."

O cientista não estava mentindo.

Em um dos lados do pedestal, ou coluna, estavam várias depressões. Elas eram muito mais profundas do que as outras inscrições que decoravam as outras partes de câmara. Todas as quatro eram circulares, rasas, e com quase um metro de diâmetro.

"As quatro plaquetas." Robbins fez uma expressão como de quem acabara de resolver o problema da *Pedra de Rosseta* alienígena.

"Elas encaixam perfeitamente nesses buracos."

"Maggie está certa." Brink sorriu para Low. "O que você acha que irá acontecer, Comandante, se nós as colocarmos nesses espaços vazios?"

"Provavelmente nada." Low se deparou com as depressões. Como o resto da coluna, ou do teto e do chão, não parecia haver mecanismos. "Talvez esse seja apenas um grande reservatório alienígena vazio. Ou talvez esses sejam os componentes de uma bomba que iria detonar qualquer um que estivesse ao alcance." Ele encarou Brink. "Não acho que isso seja uma boa idéia."

"Vamos lá Comandante!" Brink o censurou. "Sem dúvida esse objeto tem vagado pelo espaço durante séculos. De tantas coisas para que possa servir, uma bomba é a que eu

acho ser menos provável. Além do mais, quem projetaria uma bomba que tem que ser armada pelo lado de dentro? Eu suspeito que talvez a sua avaliação esteja correta. Há grandes chances de nada acontecer."

"Vamos tentar, Boston." Robbins estava insistente. "Se nada acontecer, nós ainda podemos levar as plaquetas para a nave."

"Bem, Comandante?" Brink estava esperançoso. "O que vai ser?"

"Existe um proposto científico nisso?" Low considerou. Usar as plaquetas implicaria em voltar para o topo da abertura onde foram deixados. Era uma chance para ele testar o quão eficiente os propulsores dos trajes seriam contra a gravidade artificial. Essa atividade toda iria gastar mais oxigênio, mas se fizessem rápido, poderiam continuar normalmente.

"Você pode trazer dois." Ele disse a Brink. "Eu trarei os restantes."

"E quanto a mim?" Robbins protestou.

Low hesitou, e então se soltou dela. "Você fica aqui para se certificar de que nenhum álien vá sair correndo com os buracos."

"Ah, muito engraçado, ha ha. Agora entendo porque eles nunca convidaram um astronauta para estar no *Saturday Night Live*." Os dois homens começaram a retornar para a abertura. "Você pode fazer uma cena de nós dois trazendo as plaquetas," Low disse. "Isso faria uma ótima e dramática cena."

"De um ângulo aberto para um close-up, sim. Tudo bem. Eu irei esperar aqui. Mas não demorem."

"Com medo de fantasmas?"

"Não mesmo. Eu só irei sentir falta da sua companhia, Boston."

Com uma tarefa em mente e muitas outras coisas em suas cabeças, Low e Brink decidiram ignorar o fluxo frenético de chamadas feitas pela nave e por Houston quando chegaram à superfície. Respostas poderiam ser dadas quando tudo estivesse acabado e o ar não fosse mais precioso do que uma mercadoria qualquer.

A recuperação e o transporte das plaquetas alienígenas deram a Low a chance de ele poder as examinar. Exceto pelas inscrições, não haviam mais detalhes. Sabendo das intenções de Brink, ele procurou pelas suas superfícies quaisquer sinais de conexões, pontas ou plugues que

pudessem se encaixar nas depressões da coluna que encontraram. Não havia nada.

Mantendo a sua palavra, Robbins não havia saído de onde fora deixada. Ela estava filmando alegremente, fazendo pequenas voltas e deixando que sua lente captasse o interior da câmara. Low se sentiu um pouco constrangido à medida que se aproximava, sabendo que aquela reportagem iria aparecer mais tarde em televisões do mundo inteiro, sem dúvida acompanhada de uma voz

sem fôlego fazendo um comentário dramático, com uma música de suspense no fundo.

As inscrições em cada plaqueta eram únicas. Não havia nada nas depressões que pudesse indicar a maneira em que iriam se encaixar, isso se elas realmente tivessem sido projetadas para serem colocadas ali.

"Você teria a honra, Comandante?"

Low se voltou para o cientista. "Acho que não, Ludger. Essa foi a sua idéia, e isso diz respeito a achados arqueológicos. Você representa a porção científica dessa missão. Você o faz."

"Essa tarefa não requer um doutorado em engenharia." Brink pegou uma das plaquetas e cuidadosamente a colocou em cima de uma das depressões. Assim que viu que ela havia se fixado, Low passou as plaquetas restantes para o seu colega.

Assim que Brink preencheu a última depressão com a última plaqueta, Robbins respirou esperançosa. Nada aconteceu para justificar esse comportamento melodramático. As plaquetas ocuparam as depressões da mesma maneira que haviam ocupado a superfície do asteróide.

"Talvez se nos a girarmos de alguma maneira..." ela sugeriu, fazendo um esforço para disfarçar o aparente fracasso.

"Mas elas encaixam muito bem." Empurrando uma das plaquetas, Brink só conseguiu ser impulsionado um pouco para trás.

"Você pode colocá-las e tirá-las. Vê?" Colocando seus dedos por debaixo de uma de delas, Brink puxou-a, ela se soltou facilmente. Tendo demonstrado a validade de sua teoria, ele a colocou de novo.

"Talvez sejam apenas decorações." Low se inclinou para frente para encará-las. "Quadros que tenham caído da parede. Talvez os explosivos tenham as soltado e fizeram

com que fosse parar lá em cima. Exceto por aquela que bloqueou a entrada..."

"Elas de fato parecem não ter nenhuma função que podemos ativar." Brink não estava tão desapontado quanto Maggie. A falha era algo comum em sua profissão, tinha de ser aceita com naturalidade.

Low checkou o seu cronômetro. "Receio que tenho de terminar com essa brincadeira recreativa. É hora de voltarmos para a nave."

"Sim, é claro." Brink estendeu a mão para a plaqueta que acabou de recolocar. "Eu acho que nós três não iremos ter problemas em trazer estas quatro peças."

Seus dedos não chegaram a tocar o metal. "Você viu aquilo? Você viu?" Robbins exclamou enquanto o cientista rapidamente puxou a sua mão de volta.

"Eu vi!" Low andou um pouco de costas. "Todos, movam-se, dêem distância."

A única faísca azul que saltou das plaquetas e tocou a mão de Brink não causou nenhum dano aparente ao seu traje, mas era uma experiência que eles não queriam ter de novo. Enquanto os três davam distância da coluna, mais faíscas saltaram, saltando de uma plaqueta para outra. Outras começaram a sair das voltas da coluna. Elas saltavam e rodopiavam em uma grande orgia de raios elétricos alienígenas. Ocasionalmente refletindo na substância da coluna, outras vezes saltando para o vácuo em volta.

Se Low tivesse permitido, Brink e Maggie haviam ficado para assistir. Mas por mais hipnóticos que pudessem ser, os raios não eram tão impressionantes como os leitores de oxigênio caindo rapidamente.

Nesse momento, os raios e faíscas começaram a se intensificar e a englobar o teto e o chão, bem como a própria coluna. Agora raios de luz começaram a saltar dos cantos da câmara aleatoriamente. Dentro de seu traje, Low sentiu seus cabelos ficarem em pé.

Luzes de diferentes cores começaram a emanar da coluna, dando a impressão de ter sido feita de vidro metálico. As plaquetas continuaram opacas enquanto a estrutura assumia um tom transparente. Nesse momento havia tanta luz que era impossível olhar diretamente para o círculo onde estavam as plaquetas.

"O que acha disso como uma 'função que podemos ativar'?" Robbins estava tentando correr, flutuar, e mirar a sua câmera para trás ao mesmo tempo. Ela teria ficado para trás se Low não tivesse agarrado em seu traje e dado um puxão. A coluna pareceu brilhar cada vez mais, sem dar sinal de que iria parar.

Florescências elétricas começaram a sair da base da coluna e passaram na frente dos astronautas em retirada. Os leitores dos trajes estavam malucos, embora o medidor de radiação ainda mostrasse uma quantidade aceitável dentro dos limites seguros. Em volta deles, a câmara estava respondendo com brilhos e flashes e várias erupções elétricas que saiam de sua própria superfície. As paredes começaram a mudar de forma, o teto parecia mover-se como areia de praia, o chão estava assumindo uma série de padrões

diferentes. Dentro da câmara, apenas os três humanos permaneceram inalterados.

Eles se encontraram presos dentro de um arco-íris psicodélico. Ou dentro de um gerador elétrico alienígena que estava explodindo. De qualquer forma, nenhuma desses cenários era confortante.

Tudo estava acontecendo intensamente, a câmara estava criando vida própria, e eles ainda estavam lá dentro.

"A abertura! Usem toda a força dos propulsores!" Assim que deu a ordem, ele colocou o controle na máxima potência, e começou a sentir que estava subindo. O traje possuía força suficiente para compensar a força da gravidade artificial. Assim que eles subiram mais, a gravidade estava diminuindo, e o estresse nos propulsores estava acabando. Robbins estava indo muito bem, deixando que Low a rebocasse e ao mesmo tempo operando a câmera. Ele achou que poderia elogiá-la, mas o tempo era muito precioso para isso.

Toda a sua atenção estava focada na abertura acima, a saída do túnel, superfície, espaço, e a nave. Cinco passos simples para a segurança, cinco etapas diferentes a serem vencidas.

Um raio de luz vermelha passou ao lado deles. Parecia ter piscado enquanto passava, tudo tomava o aspecto de uma parada de fim de ano, com tantas luzes e efeitos.

"É lindo!" Robbins gritou pelo seu comunicador.

"Você pode descrever isso mais tarde para mim."

Fora do asteróide, as mudanças já podiam ser notadas.

"Você deveria ver isto" Seus olhos não piscavam, Borden se inclinou para frente em sua cadeira.

"Ai meu Deus..." Deixando a sua estação, Miles se dirigiu para as estações dos pilotos.

Não haviam palavras para descrever o que eles estavam vendo, nenhuma maneira de descrever o que nunca havia sido testemunhado, ou mesmo imaginado.

Raios cintilantes de luz começaram a saltar da superfície do asteróide, ou melhor, de suas profundezas. A fonte dela estava invisível, enterrada em algum lugar por sobre as rochas. Embora muito intensos, eles não se comportavam como lasers. Depressões e crateras começaram a cuspir raios elétricos e mais luz, que saiam do asteróide em direção ao espaço ou faziam arcos que retornavam a superfície.

"O que está acontecendo?" Miles murmurou. "Mas que inferno está acontecendo?"

"Talvez seja isso. Talvez o inferno esteja acontecendo." Borden estava com uma cara muito apreensiva e estava tentando interpretar os dados tão rápido quanto ele os lia. "Mais importante que isso, porque está acontecendo?" Ele disse sem olhar para cima, sabendo que o microfone poderia trazer as palavras para fora da nave e causar mais problemas. "Boston! Responda, Boston! O que está acontecendo aí? Onde estão vocês?"

"... luzes..." a voz vinha extremamente distorcida. "... a caminho da saída. Os artefatos ativaram... dispositivo nós estamos-" A interferência elétrica anulou as palavras seguintes.

"Boston, Boston, repita!" Borden agarrou o microfone com força e estava muito apreensivo. Então, ele olhou em direção à especialista de cargas. "Ele disse 'dispositivo'?"

Ela balançou a cabeça. "Me pareceu que sim."

"Que tipo de dispositivo, Boz? O que vocês fizeram, maldição?"

"Ele disse que está voltando." Miles estava friamente calma. Profissional. "Eu imagino que eles estejam trazendo explicações com eles."

"É melhor que estejam!" O co-piloto estava nervoso, frustrado e com medo, tudo ao mesmo tempo.

Usando os apoios, Miles girou em seu eixo. "É melhor nos prepararmos para a chegada deles."

"E para sairmos daqui assim que eles estiveram a bordo." Como Miles, Borden se silenciou enquanto cada um lidava com uma tarefa individual. Os chamados do controle da missão começaram a ficar intermitentes.

"Borden, Comandante Low – o que está havendo aí em cima?" A voz parecia estar agitada e ansiosa. "Nós estamos tendo todo o tipo de leituras anormais em sua proximidade. Alguns dizem que estão vendo uma luz brilhante. Uma luz muito intensa."

"Se isso brilhar mais forte, pessoas na Terra poderão vê-lo a olho nu." Miles estava rodando o relatório pós-EVA

três vezes mais rápido do que o habitual. "O pessoal do controle de giro vai amar isso."

Borden ainda estava agarrado ao microfone. "Boston! Porcaria, fale comigo! Me xingue, xingue a minha mãe, mas *FALE COMIGO!*" Mesmo se ele estivesse ouvindo o seu amigo implorando, Low estava muito ocupado para responder. Agora eles tinham um enorme problema para lidar.

A gravidade estava aumentando.

"Isso é fascinante!" Brink manteve a sua mão o tempo todo nos controles de propulsão, para não cair. "Nós não apenas estamos testemunhando uma tecnologia que pode reproduzir a gravidade, mas ela também é capaz de variá-la à vontade."

"Vamos esperar que quem construiu esse lugar não se sentisse confortável com a gravidade de Júpiter, ou teremos graves problemas." Low fez o melhor para continuar subindo. Mas ele estava indo em direção ao solo tão rápido quanto os seus companheiros.

Eles caíram não muito longe da coluna, que estava envolta em uma camada anárquica de raios e luzes. Desde que eles não fossem eletrocutados, queimados ou sofressem qualquer efeito da radiação, Low pensou, talvez eles vivessem para contemplar dilemas futuros. Qualquer que fosse o objetivo de toda essa luz acrobática e dançante em volta deles, ficou aparente que o seu propósito não era matar.

Isso tudo começou pela inserção das plaquetas nas depressões da coluna. Talvez se eles removessem uma delas, todo o circo iria cessar e as condições voltariam ao normal. Tudo iria ficar calmo e a gravidade iria cair a um nível que permitiria que eles escapassem.

Brink concordou com a dedução de Low assim que tocaram o solo. Eles tinham que tentar algo rápido, porque se a gravidade continuasse a aumentar, logo eles estariam rastejando em seus pesados trajes. Isso fez com que parar a coluna se tornasse a prioridade máxima no momento.

Low chegou lá primeiro e alcançou a plaqueta mais próxima, tentando não pensar na voltagem das faíscas e raios que estavam saltando dela. Lembrando-se de como Brink havia feito, ele prensou os seus dedos em uma das plaquetas. Imediatamente, a plaqueta começou a se mover.

Para longe dele.

Recuando a mão rápido com a surpresa, ele assistiu enquanto todas as plaquetas afundavam no material sólido da coluna, indo cada vez mais fundo, como se elas estivessem afundando em gelatina. Quando ele tentou alcançá-la pela segunda vez, seus dedos bateram em algo que parecia sólido. A cada instante que se passava, o conjunto de plaquetas afundava cada vez mais por dentro da coluna.

Elas desceram a cerca de meio metro abaixo do solo, quando começaram a se mover uma contra as outras. Assim que se tocaram,

começaram a mudar de forma, fluindo e se fundindo em uma única forma. Para o espanto de Low, o conjunto tomou a forma de um brinquedo de montar para crianças, exceto pelo fato dos ângulos estarem errados.

O final do processo foi marcado por um pulso intenso de uma luz vermelho-carmesim, que se expandiu tão rápido para fora da coluna que quase danificou o sistema de filtragem de luz dos capacetes. Era tão intensa que todos os três levaram as mãos em direção aos olhos, como reflexo. Além disso, eles não sentiram nada. Nem calor, nem uma onda de impacto.

Low teve que piscar várias vezes até que pudesse enxergar alguma coisa além de estrelinhas piscantes em sua vista. Quando ele conseguiu enxergar de novo, viu que no centro da coluna agora havia uma pequena bola brilhante não maior que o seu punho.

"Bem," ele disse, "tentar removê-las não deu certo." Ele olhou para cima, onde a passagem parecia estar inalcançável agora. Embora estivesse aumentando, a gravidade ainda era mais fraca do que a da Terra. Talvez se ele e Brink dessem a Robbins, já que pesava proporcionalmente menos, um forte impulso, talvez ela atingisse a velocidade de escape.

Um comando murmurado pelo microfone do seu capacete não retornou nada além de estática. Estava surpreso com a quantidade de energia que continuava sendo liberada por todos os lados. A energia tinha diminuído ligeiramente quando as plaquetas se fundiram, mas ainda era muito intensa para permitir a comunicação com a nave. Pelo mesmo motivo, as tentativas frenéticas de Borden e Miles de conseguir contato falhavam.

"*Atlantis*" a voz desesperada de Houston insistiu. "Alguma coisa está acontecendo lá dentro."

"Nossa, pelo menos agora nós concordamos em algo!" Tendo terminado os seus preparativos para o retorno da EVA,

Miles estava indo se unir a Borden. Os dois encararam o asteróide através da janela.

O asteróide estava mudando de forma. Bem diante dos seus olhos o seu formato estava sendo mudado por uma força silenciosa e inimaginável. Seria fácil imaginar que aquilo fosse apenas uma ilusão, Borden pensou, exceto pelo fato de três pessoas estarem presas lá dentro. O interior também estava mudando, e se continuasse assim, qual seria o efeito em Low e nos outros? Eles estavam sendo esmagados, ignorados, ou se sentindo em um

passeio dentro de uma daquelas casas malucas de parque de diversões? Com todos os canais de comunicação silenciados, não havia como saber.

Isso era um absurdo, ilógico, não fazia sentido. Asteróides de uma milha de diâmetro não mudavam de forma nem fluíam como massa de modelar, não mudavam a sua consistência para um cristal vítreo e brilhante. Um amigo colecionador de rochas uma vez mostrou ao co-piloto uma pedra ovóide lustrada de quartzo. Brilhava por dentro e era semi-opaca. Talvez fosse o objeto que Borden viu que poderia se comparar com o que eles estavam contemplando.

O que quer que o objeto fosse, não era um asteróide.

Aberturas que emitiam luz começaram a crescer de tal forma que a nave pareceu insignificante diante de tudo aquilo. Os instrumentos da nave começaram a ficar malucos, e de repente paravam, como se houvessem queimado. Tudo dentro da nave começou a tremer.

"O que é agora?" Miles segurou em um apoio com as duas mãos.

"Eu não—" A resposta de Borden foi interrompida pelo pior som que se podia ouvir no espaço: o de atmosfera vazando. Girando no meio do ar, Miles localizou a fonte do vazamento e o selou. Isso era irreal. Não havia ar e nenhuma ligação física entre a nave e o objeto para que ela estivesse tremendo daquele jeito.

Mas não era só a nave. Borden pensou que ele podia sentir cada célula do seu corpo vibrando, seus corpúsculos sanguíneos batendo contra suas veias. Era tudo harmonizado.

As explosões de luz que cobriam a superfície haviam se intensificado. Brevemente iria atingir o ponto de omitir por completo a superfície do objeto. Mesmo rezando para que o casco da nave permanecesse intacto, Borden se encontrou pensando em tentar falar com o seu amigo mais uma vez.

Então, aconteceu. Não no objeto alienígena, mas em volta dele. As estrelas que podiam ser vistas perto do objeto pareciam estar se distorcendo, como o açúcar jogado em alcaçuz fundido. O objeto deu um forte lampejo de luz, e então, desapareceu.

Dentro da nave a vibração inexplicavelmente cessou. Borden gritou para Miles.

"Cheque a integridade do casco!"

"Um pequeno vazamento. Já o selei." Ela estava fazendo leituras, dizendo nomes e números que soariam sem sentido a não ser para o co-piloto. Quando terminaram, praticamente a nave havia se mantida intacta.

As vozes do controle da missão haviam mudado de ansiosa para desesperada, e agora para implorante. "*Atlantis*, aqui é Houston. Vocês estão ouvindo? *Atlantis*, aqui é Houston. Vocês estão ouvindo?" Era um tarefa triste que merecia ser reconhecida.

Os olhos de Borden não haviam deixado o lugar onde o objeto deveria estar. Uma parte dele continuou a ouvir as vozes insistentes da Terra.

"*Atlantis*, nós detectamos muitas anomalias aqui." Uma nova voz, muito preocupada perguntou: "Vocês podem elucidar os fatos?"

"Claro," Borden se ouviu respondendo. "Nós podemos explicar. O asteróide sumiu. Ah, e aquilo não era um asteróide."

Silêncio vinha de baixo, de um lugar muito mais familiar e confortável do que o vazio do espaço onde a nave estava flutuando. Então, descrentemente veio a pergunta: "*Atlantis*, pode repetir?"

"Eu disse: sumiu. Foi embora. Ele mudou de forma e partiu. Era um asteróide e se tornou... algo mais. E agora se foi..."

Um silêncio mais curto dessa vez. "É essa a nossa indicação aqui. Mas isso é impossível. Asteróides não mudam de forma e simplesmente desaparecem. A sua posição continuou estável."

"Essa seria uma verdade humana." Miles encobriu Borden. "Estável. Ken já te disse. Não era um asteróide. O que quer que fosse, realmente se moveu." Ela engoliu. "Muito rápido. Quase instantâneo."

"Borden, você pode confirmar?"

Ele esperou até que a pergunta fosse repetida. "Sim, sim, eu confirmo. Ele desapareceu. Como o gênio da lâmpada."

Um pouco mais de silêncio. "Comandante Low? Especialista Brink e a senhorita Robbins?"

"Parece que, como estavam dentro do objeto, desapareceram também." Ele expirou muito devagar, de repente muito cansado.

"Eles encontraram artefatos. Plaquetas metálicas com inscrições nelas. Então encontraram um túnel ou uma passagem que levava para dentro do objeto, e resolveram entrar. E agora, eles sumiram também. Essa foi a versão sucinta. Tentarei ser mais claro mais tarde."

"Dentro?" perguntou a voz. "Artefatos?"

"É isso mesmo. Não é nada demais encontrar um artefato dentro de um outro artefato. Uma vez que eles entraram, a comunicação foi interrompida. Houve muita energia sendo liberada. Energia fria." Ele deu um sorriso descrente. "Uma grande confusão. Ele se moveu um pouco para o lado, piscou um tchauzinho, e desapareceu."

"O que você está nos dizendo não faz sentido, senhor Borden." O co-piloto respondeu sem hesitar. "Obrigado por confirmar a nossa hipótese, Houston. Nós estamos aguardando ordens." Isso fez com que os especialistas da missão não soubessem o que dizer de imediato.

"Tudo bem." Uma outra voz 'sem-sentido' havia tomado o microfone. "Se eles não estão mais lá, para onde eles foram?"

Borden e Miles trocaram olhares antes que Cora Miles – filha de um zelador, campeã mundial de xadrez, com destaque especial MIT, respondesse no melhor tom de uma candidata ao senado.

"Querido, não pergunte a nós, mas se vocês souberem, nós gostaríamos de saber. Eu digo isso porque eles não estão a bordo, não estão na escotilha e não estão ao alcance de nenhum dos nossos equipamentos. Eles desapareceram."

Borden se inclinou para frente do microfone. "Para qualquer lugar onde possam ter ido, eu só espero que haja árvores, neblina, e gaivotas, ou Boz vai ficar muito nervoso. Mas de algum maneira, sei que não haverá."

Seus olhos bateram em um medidor que indicava a velocidade relativa da nave. Ao lado, havia um que indicava a velocidade relativa do objeto. Estava parado, mostrando apenas uma fila de zeros.

O que indicava perfeitamente a soma do conhecimento humano sobre a constituição do asteróide, seu objetivo e atual paradeiro.

## CAPÍTULO 8

No meio do oceano sobrenaturalmente calmo, haviam continentes. Em certas partes eram cobertos por círculos de algas róseas, que atraíam os seres voadores como um jardim florido atraí os pássaros. As criaturas voadoras davam rasantes e cantavam constantemente, de uma maneira que aquilo pareceu ser uma espécie de show alienígena. Com o passo mais ligeiro e com corpos menores, outras criaturas brincavam perto da água e da terra, os dois grandes conversores materiais da vida. A área continha um grupo de pacíficos habitantes. No céu pálido, outros estavam voando despreocupadamente.

Os três humanos a bordo do asteróide não viam nada disso enquanto o transporte saía do espaço e ia de encontro ao solo daquela região. Eles ainda estavam confinados em um pequeno lugar, circundados por luzes e forças desconhecidas, pensando no que poderia estar acontecendo com eles, mas estavam diante de tantas maravilhas, que não tiveram tempo de contemplar qualquer possibilidade.

O dispositivo circundou o pacato planeta três vezes antes de começar a descer. Os astronautas dentro dele não tiveram nenhuma percepção de movimento ou de sua incrível aceleração. Robbins estava muito preocupada com a condição de seu traje, que em um momento desajeitado, ela o bateu em uma parede. Ela estava envergonhada e muito preocupada com esse fato.

Ninguém sabia o que tinha acontecido com eles ou que estava acontecendo no mundo lá fora. Nem mesmo tinham uma idéia de que o conceito de "mundo lá-fora" não era mais o mesmo, em nenhum sentido, comparado ao de alguns momentos antes. Eles sabiam apenas da existência das intensas luzes, das vibrações, frio na barriga, desorientação e uma falha total no sistema de comunicação com seus colegas a bordo da *Atlantis*. Eles estavam inertes, esperando que

talvez tudo aquilo acabasse, ou que alguém descobrisse o que estava acontecendo.

Na parte central do oceano púrpura, fora de vista do continente mais próximo, uma ilha rochosa em forma de tigela era circundada por outras pequenas ilhas que pareciam agulhas apontadas em direção ao céu. O asteróide surgiu entre elas, descendo levemente em direção à ilha do centro. Devagar, ele

flutuou por uns momentos para que seus instrumentos se comunicassem com os dispositivos no solo. Então ele começou a descer suavemente, até que se encaixou na depressão da ilha. Observadores nas ilhas assistiam à tudo sem fazer nenhum comentário.

O pequeno grupo de ilhas estava em uma região afastada de tudo. Quando o asteróide tocou a ilha central, cada ilhota ao redor atirou um raio brilhante em direção ao céu. Com o barulho e a agitação, muitos animais se assustaram e procuraram refúgio. Ao perceberem que o objeto continuava a se mexer, resolveram voltar para seus ninhos.

Foi Brink quem percebeu primeiro que um medidor do traje espacial indicava a presença de uma atmosfera externa. Quando o ar começara a entrar na câmara fechada, eles não sabiam dizer, mas o mais espantoso de tudo era que o traje indicava que o ar era respirável. Apesar dos avisos de Low, Brink rapidamente tirou o lacre do seu capacete. O Comandante não argumentou mais. De qualquer maneira, o oxigênio de todos estava acabando.

O surgimento de uma atmosfera respirável deu algo mais para eles pensarem, além de um enorme conforto. Eles resolveram remover a parte mais externa dos trajes, mas as deixaram bem próximas, no caso de o ar ser retirado na mesma velocidade em que foi fornecido. Robbins estava inexplicavelmente mais excitada com a situação do que seus colegas.

"O que acontecerá agora?" Robbins estava tentando tirar a câmara da manga do traje. Ela conseguiu se livrar do traje sozinha de uma maneira muito eficiente.

O último lampejo brilhou e se apagou, como se alguém tivesse desligado a luminosidade do chão. Low considerou a situação. "Nós iremos tentar voltar para a superfície de alguma maneira. O braço mecânico da nave não é muito comprido, mas se a abertura estiver livre de destroços, Miles

poderá nos ajudar. Eles terão que fornecer tanques de oxigênio antes, é claro, e então ---"

'E então' nunca chegou a sair, porque nesse momento a parede começou a rugir como um ciclope com dor de barriga, e uma abertura se formou em um dos lados do asteróide. A parede simplesmente se abriu, como se fosse uma frágil folha de alumínio.

Uma luz pálida meio amarelada atravessou a abertura. Através dela, eles viram um conjunto de estranhas árvores e arbustos, e algo que parecia ser algum tipo de grama, rochas e o céu.

Low deu o primeiro passo através do portal com muita cautela. "Querem saber de uma coisa? Não acho que ainda estamos em uma órbita geostática acima do Kansas."

"Nós devíamos ter ouvido o cão," Robbins disse dando ênfase as suas palavras. "O cão sempre tem mais senso do que todos eles."

"Diga isso ao Mago." Low estava caminhando em direção a Luz. "A essa altura eu realmente acredito que ele pode estar pelas redondezas."(Nota: Essas últimas passagens se referem a uma obra literária infantil inglesa, em que um cão acaba parando na Lua, e lá encontra um mago. A obra se chama 'Roverandom', de J. R. R. Tolkien.)

"Estamos em um ambiente diferente, se eu estou interpretando a referência correta." Brink seguiu Low através do portal. "Devido ao fato de onde nos encontrávamos à poucos instantes atrás, Ludger, eu pessoalmente acho a presença de árvores algo mais extraordinário ainda."

Eles saíram simultaneamente, e até mesmo a falante Robbins ficou sem palavras.

A superfície brilhante do que antes era um asteróide, agora estava suavizada e totalmente diferente desde a última vez em que eles a viram. O objeto agora descansava em uma concavidade feita por ele no solo... Ou que foi feita para recebê-lo. Em volta eles vislumbraram muito ar, o mar, o céu e muita vida vegetal. A aparência das nuvens no céu parecia totalmente normal. Low estimou a temperatura entre 21 e 23 graus, com uma umidade normalmente alta, devido ao fato de estarem perto do mar. Exceto pela quebra de pequenas ondas na praia, tudo estava silencioso, embora Low já tivesse estado em lugares mais silenciosos. No noroeste da Austrália, por exemplo.

Como se mais alguma prova fosse necessária, acima deles, no céu, haviam duas luas, confirmando a

alienigenidade do local.

Mas isso não fez com que eles parassem de procurar por coisas familiares. Quanto à atmosfera, se ela contivesse algo venenoso ou letal, eles iriam descobrir mais cedo ou mais tarde. Com os tanques de oxigênio quase vazios, os trajes espaciais ofereciam uma alternativa muito pobre. O ar cheirava bem; fresco, doce e não poluído, com uma suave mistura de fragrâncias naturais que Low não conseguiu identificar.

Cada um vestiu um cinto de ferramentas que foram feitas para o uso tanto a bordo, quanto para uma EVA, caso algum dos trajes apresentassem mal funcionamento. Low pegou um pequeno tele- comunicador e o ligou. Foi encorajador ver a pequena luz verde do aparelho acendendo. Então ele levou o microfone até mais próximo da boca. Nisso, ele sentiu esperança e entusiasmo.

"Borden, aqui é Low. Responda, por favor. Ken, você está me ouvindo?"

Não ouve resposta, nem mesmo ruído de estática. O aparelho emitiu um eco de um sussurro, o suficiente para confirmar que ele estava funcionando corretamente. A luz do sol alienígena aquecia agradavelmente o corpo de todos.

Só para terem certeza, eles deixaram Brink tentar no seu próprio comunicador. Ele pediu ajuda em inglês, alemão e russo. Mas não obteve resposta. Uma brisa suave vinda do mar passou por seus cabelos.

Pelo menos eles estavam fora dos trajes espaciais, Low pensou. Era um grande alívio depois das últimas horas que tiveram de enfrentar. Mas seria ainda mais agradável se eles estivessem a bordo da *Atlantis*, ou melhor ainda, se estivessem tocando o chão da pista de pouso.

Olhando na direção do céu, Low percebeu que as duas luas eram diferentes tanto na forma quanto no tamanho. Enquanto olhava para cima, um trio de criaturas voadoras passou na direção em que ele estava olhando. Elas tinham asas membranosas de aproximadamente um metro, e seus bicos eram muito pontudos.

A presença das ilhotas em volta indicava que existia algo mais a ser revelado. Suaves em suas bases, elas espetavam o céu alienígena como agulhas. Tudo era muito misterioso. Da distância em que estavam, ele não conseguiu dizer se elas eram sólidas ou ocas. Se fossem ocas, ele se encontrou pensando: o que elas poderiam conter? Elas seriam iguais por dentro e por fora? Ele pensou se poderia haver

uma conexão entre todas as outras ilhas, ou até mesmo com a ilha em que eles estavam agora.

Atrás deles, a enorme massa metamorfoseada do asteróide descansava em sua cratera, ou plataforma de pouso, ou qualquer coisa que aquela concavidade fosse. Era um portão, uma conexão, um transporte para qualquer um que tivesse cérebro o suficiente para resolver o problema das plaquetas.

Low não podia negar que o que estava acontecendo com eles era interessante. Apenas desejava que eles pudessem controlar o processo. Ele se sentiu como uma criança de cinco anos de idade que sabe dar ignição em um carro, mas não tem a menor idéia de como o dirigir. Eles ligaram o veículo, aceleraram fundo e vieram parar aqui, incapazes de reiniciá-lo e voltar.

Ele duvidou que pudesse existir uma auto-escola alienígena ali por perto.

Em outro plano de existência, que ocupava uma região indescritível em termos humanos, a leve brisa soprava devagar. Existia a mesma luz do sol, e o ar tinha o mesmo cheiro. Nesse lugar, outra realidade, outras percepções existiam. Tempo e espaço confraternizavam fisicamente.

No meio dessa total confusão, uma multiplicidade de inteligências estava presente, surfando nas correntes deformadas das distorções espaciais como cães da lua nas ondulações lunares (outra referência a obra). Isso eles faziam sem esforço algum, deslizando através do espaço, subindo e descendo.

Eles eram cientes do tempo-real e do espaço-real. Era visível para eles como uma paisagem através de um vidro fino. A maior parte da qual optavam por não olhar. As memórias haviam se tornado muito dolorosas, e era mais fácil ignorar o cair de uma folha, o respingo de um peixe saltitante na água, do que ter de tratar com o que eles poderiam ter sido.

Dentro de si mesmos, eles eram onipotentes. Mas não estavam felizes.

"Outros vieram," declarou a presença que estava mais perto da novidade. Inicialmente aparentando ser apenas mais um rasgo da realidade, uma análise mais profunda revelou que eram três formas inteligentes e que possuíam forma física. Isso foi uma surpresa para eles, porém não trouxe esperança.

"Novamente?" A resposta tomou a forma de um coral rouco, partículas sub-atômicas tomaram a forma da mensagem sóbria.

"Assim parece ser." Sem olhos, o descobridor se inclinou especulativamente em cima do trio de bípedes enquanto se moviam através do vácuo que o seu movimento gerava no mundo real.

"Estes são diferentes dos que vieram anteriormente."

"Assim como aqueles que vieram anteriormente diferem dos seus predecessores." A nova presença disse em um tom de tédio,

que na verdade afetava a todos. "É sempre o mesmo. Não haverá mais sucesso do que ouve anteriormente."

Nesse ponto houve concordância total. Isso não foi dito, ou sentido. Isso simplesmente era uma verdade inabalável para todos ali. Para os que estavam presentes, tudo havia perdido o sentido, mas alguns ainda sustentavam um pouco de curiosidade sobre isso.

O equivalente a ideogramas de pensamento passavam entre os indivíduos, o formato e o estilo de cada servindo para identificar aquele que o gerou de uma maneira mais precisa do que qualquer nome. Era o equivalente mental de se fazer uma pintura, cheias de cores e detalhes. Comunicação como arte, arte como comunicação. Era praticamente tudo o que restou para aqueles que o faziam. De uma maneira que eles se apegaram, moldaram, e redefiniram com cuidado. Eles haviam esquecido as outras formas de arte, muitas das quais lamentavam o terem feito.

A realização havia sido corrompida pelo desespero, que deu lugar a resignação. Tudo o que sobrara de suas existências foram tons, sombras, fumaça e sugestões. Ao invés de ser apreciada, a presença bípede apenas serviu para lembrar-lhes do que havia sido perdido. Era muito doloroso para se perceber.

Apesar de tudo, muitos persistiram. A teimosia era uma maneira de combater o tédio.

"Eles não aparentam ser grande coisa." Disse uma presença que flutuou diretamente abaixo dos visitantes.

Robbins olhou para Low. "Você sentiu isso?"

Low estava analisando o interior da ilha. Ao final da planície em que se encontravam haviam pequenos morros. Uma vegetação retorcida encobria pequenos cânions. Algumas plantas eram amarelas e púrpuras, ao invés de verde, e alguns grupos de plantas pareciam formar um único caule, como se tivessem sido plantadas ao contrário. Pequenos e ligeiros artrópodes se esgueiravam de pedra em

pedra, de arbusto em arbusto, de árvore em árvore, minimizando a sua exposição a céu aberto. Ele se lembrou das criaturas voadoras que havia visto antes.

"Senti o que?"

"Eu não sei," ela respondeu impacientemente. "Se eu soubesse, não teria perguntado."

"E se eu tivesse sentido alguma coisa, eu teria te dado uma resposta." Ele deu um passo à frente. "Provavelmente só um pouco de vento. Parece que podemos passar através daquele riacho..."

A repórter piscou, e então se virou rapidamente. Não havia nada atrás dela, nada perto, nem mesmo um mosquito alienígena. O sentimento de estar sendo vigiada foi algo com que ela já teve de lidar no passado várias vezes.

Absurdo, é claro. Não havia nada aqui que pudesse estar espiando. Se ela continuasse persistindo nisso, ela acabaria irritando e distraíndo os seus colegas. O mar estaria observando-a? As pedras, o sol? Embora não tenha perdido esse pressentimento, ao seguir Low, fez o máximo para poder ignorá-lo.

"Eles têm consciência," proclamou mais uma presença.

"Não mais dos que os vieram antes," argumentou uma outra.

"Assim parece ser." Isso veio da voz que primeiro os observou. "Mas sobre estes devemos ser otimistas."

"Ser tolos, você quer dizer." As formas se misturaram uma nas outras e giraram em várias direções. "Otimismo é um conceito inválido sem utilidade para o presente. Parei de ser otimista, mesmo na teoria, há milhares de anos atrás."

Eles estavam isentos de perder a senilidade. As formas de pensamento que compuseram as suas mentes era algo que não era ameaçado pelo tempo como os seres de carne e sangue. Mas eles não eram imunes ao argumento, o que na verdade era quase tudo o que representava das suas atuais existências.

"Solucionadores de problemas. Eles devem ser solucionadores de problemas, ou eles não estariam aqui." Curiosos, muitos indivíduos se juntaram ao encontro dos pensamentos que apresentavam forma.

"Assim como aqueles que os precederam." A voz mais alta, além de negativa, soava cansada. "Não será diferente. Uma distração apenas. A lembrança traz a dor."

"A dor pode ser tolerada e é apenas um conceito," insistiu o descobridor. "A dor é uma diversidade perante o que temos todo esse tempo. É algo que eu ainda valorizo."

"Então você é um tolo," insistiu o outro. Junto com outras formas, ele deslizou para longe, deixando poucos para continuar a discussão.

Os que restaram continuaram a olhar os recém-chegados: de cima, dos lados, de baixo, de dentro de seus corpos, estavam analisando cada partícula que pudesse ser apreciada. Nenhuma revelação promissora foi encontrada. Estruturalmente, os bípedes eram comuns.

Maggie Robbins colocou a mão em seu estomago. "Você sentiu alguma coisa agora?"

Preocupado com a inspeção do terreno, Low respondeu displicentemente. "O quê? Não, nada." Se este mundo fosse habitado, ele pensou, os seus habitantes estavam se escondendo. O trabalho ali era evidente – Aquelas torres em cada uma das ilhas – mas dos seus construtores, não havia sinal nenhum. Teriam eles morrido, deixando apenas as suas construções e máquinas para trás? Se foi isso, há quanto tempo teria acontecido? Talvez eles pudessem encontrar alguma coisa útil.

Eles estavam presos, Low pensou. E qualquer esperança de voltar para casa estava dependendo de estruturas e máquinas alienígenas. Não sabia nem mesmo por onde começar a olhar. Um arqueólogo saberia exatamente onde começar, onde cavar. Ele saberia dizer por qual construção começar e qual evitar. Mas ele havia aprendido muito pouco sobre arqueologia na escola. Cava-se ali ou mais na frente, faz-se um plano de busca ou apenas se começa pela estrutura mais próxima? Sem nenhum texto para poder se informar, eles teriam que improvisar para poderem lidar com a situação. Improvisar, e esperar que não cometessem muitos erros enquanto aprendessem.

Especialmente os erros fatais, ele pensou. Enquanto algumas relíquias alienígenas pudessem ser úteis, outras poderiam ter facilmente algum objetivo maligno. Como diferenciar umas das outras? Ele sempre aprendeu as coisas colocando as mãos na massa, mas agora desejava fortemente que tivessem alguma ajuda visual.

De uma coisa ele estava certo: isso não era um sonho. O oceano tinha um cheiro salgado, e o ar muito pungente de coisas vivas. Seus companheiros eram reais o suficiente, tanto quanto a dor que sentiu quando mordeu o seu lábio inferior.

Para tanto, ele pensou como poderiam escapar dali.

Ele puxou o ar rico em oxigênio para os seus pulmões, grato pelo aroma que continha. O mundo em que eles se encontravam podia ser um pouco diferente, se eles tivessem má sorte. Poderiam

haver as mesmas pedras, o mesmo oceano, as mesmas silhuetas, mas com uma atmosfera de metano. Ou uma temperatura ambiente de setenta graus negativos. As coisas poderiam ser piores.

Eles tinham ar. Deviam procurar por água potável, e então por comida. Só depois eles deveriam focar as suas energias em um modo de sair dali. A água e os nutrientes líquidos nos sistemas de seus trajes, mesmo que cuidadosamente racionados, não iriam durar mais do que um dia ou dois. Eles foram projetados para um uso imediato, não para um acampamento de longa duração. De uma maneira grossa a confirmar os seus pensamentos, seu estômago roncou.

Brink ficou ao lado da jornalista. "Espíritos, Maggie? Fantasmas? *Übermenschen*?"

"O quê? Eu não falo alemão, Ludger. Você sabe disso." Ela se virou. "Eu apenas pensei ter sentido algo. Isso é tudo."

"Gás." Ele sugeriu sucintamente. "Vento nas suas bochechas do lado de dentro e de fora."

Seu olhar atravessou a paisagem. "Nós fomos abençoados dentre todos os cientistas da Terra desde a sua criação. Você queria um artefato, Maggie Robbins. E você ganhou um mundo inteiro!"

"Agora mesmo eu trocaria tudo isso por um cheeseburger e uma carona para casa." Ela sentiu um cheiro estranho, como canela queimada.

"Estenda o seu polegar!" Brink riu. "Quem sabe?"

"Muito engraçado." Mas depois que ele se virou e quando ela teve certeza de que Low não estivesse olhando, ela fez exatamente isso, e se sentiu meio boba. Ela apenas fez isso uma vez, e não por muito tempo.

"Está claro que o objeto que acreditávamos ser um asteróide é na verdade um sistema automático de transporte. Quando ativado, ele retorna imediatamente a este lugar. Nós encontramos as chaves e sem querer iniciamos os seus

sistemas." Brink se ajoelhou para examinar uma rocha branca cheia de pequenos cristais transparentes. "Ele nos trouxe até aqui."

"Tudo bem. Então somos os maiores exploradores desde Colombo. Eu ainda gostaria de saber onde 'ele' está." Ela tentou não pensar em comida.

"Colombo?" Brink olhou por cima da pequena rocha. "Colombo foi um descobridor de vizinhos, se comparado a nós. O

que nós fizemos se iguala a invenção da roda, ou da descoberta do fogo."

A jornalista olhou uma árvore que tinha pequenas folhas e era cheia de espinhos. "Eu preferiria descobrir um cheeseburger."

"Nós talvez precisemos de uma roda ou de fogo para sairmos daqui." Low se inclinou para poder contemplar o precipício diante deles. Não parecia que fosse insuperável, mais seria mais fácil e esperto encontrar um caminho que passasse por volta, ao invés de tentar atravessá-lo. Ele não tinha idéia do que esperava encontrar, apenas sabia que era melhor procurar algo do que ficar parado, esperando que o destino resolvesse as coisas.

"Paciência, Comandante." Brink colocou o conjunto de cristais em direção à luz. "Eu compreendo a sua angústia, mas você não poderia parar apenas por um momento e contemplar essa maravilha que aconteceu para nós? Nós acabamos de fazer um milagre."

"Fizemos? Não estou muito certo de que fizemos muita coisa. Dando-se tempo o suficiente, ratos em um labirinto eventualmente iriam encontrar o queijo, mas isso não faz deles ratos mais inteligentes. Não é como encontrar um projeto e construir um transporte espacial."

Brink não estava desencorajado. "Então deixe-nos apenas explorar o labirinto." Ele deu um sorrisinho. "Talvez nós encontremos o queijo."

"Era isto em que eu estava pensando." Após dizer isso, o Comandante se virou e começou a andar em direção a fissura que havia no meio das rochas.

Robbins alongou o passo para acompanhar Low. "Nós estamos enalhados aqui, Deus sabe o quão longe de casa. Brink não se importa?"

"Com certeza se importa, mas eu conheço os cientistas. Isso faz parte da empolgação que toma conta deles quando fazem uma nova descoberta." Ele balançou a cabeça em direção ao seu colega. "É algum gene ou qualquer outra

coisa. Dê alguma nova descoberta a eles, que irão a estudar até que comecem a se enfraquecer de fome e desidratação. Fora isso, eles morrerão felizes."

"Desculpe. Para mim isto é uma contradição de termos. A primeira coisa que eu gostaria de fazer é encontrar água potável. Você tem certeza de que não podemos beber a água que está em nossos trajes?"

Low balançou a cabeça. "Agora não. Essa vai ser a nossa última alternativa. Você ainda não está com sede realmente. A sua mente está enganando o seu corpo."

"Então está enganando muito bem mesmo." Robbins lambeu seus lábios secos. "Ela não vai evaporar se nós não a bebermos?"

"Os suprimentos dos trajes são selados contra a evaporação. Quando você começar a ficar atordoada, aí então nós discutiremos o uso dos nossos suprimentos. Até lá, eu não me apavoraria. A vida vegetal aqui parece ser muito exuberante. A chance de encontrarmos água potável aqui é grande."

Ela olhou profundamente para ele. "Você realmente acredita nisso?"

"Eu poderia mentir, mas na verdade, acredito. Mesmo porque, de qualquer forma, nós *temos* que encontrar água"

Ela sabia a verdade daquilo, e olhou para o céu. "Eu me pergunto, o quão longe nós estamos da Terra? Um ano-luz? Dois ou três? Mil?"

Ele pensou. "Talvez à noite haja algumas constelações que nós possamos reconhecer, mas eu não contaria com isso. Me parece ser mais para mil do que para dois ou três. Poderiam ser até dez mil. Que diferença faz?"

"Acho que nenhuma."

"É melhor manter os seus olhos abertos. Pelo que entendi de Brink, ele está disposto a gastar todo o tempo dele olhando para o chão, ao invés de começar a procurar água e comida." Ele deu uma olhada por cima do braço esquerdo de Maggie. "Você não trouxe a sua câmera?"

"Ela é bem mais pesada aqui do que ela era no espaço. Depois de encontrarmos água, eu irei voltar para buscá-la." Ela apontou para os próprios olhos e para suas orelhas. "Até lá eu vou usar essas câmeras e esses gravadores. Eles me serviram muito bem no passado."

Ele sorriu. "Eu espero que eles encontrem o que nós estamos procurando. Quatro plaquetas seria ótimo."

Ela riu, concordando. "E que tal um par de chinelos vermelhos?"

"Hey, agora eu estou disposto a tentar de tudo." Ele deu um suspiro profundo. "Pelo menos não cheiram mal."

"Você tem certeza de que não são venenosos?"

Ele deu de ombros. "Eu chequei os seus medidores. Você tinha exatamente quatro minutos de oxigênio quando tirou o capacete. Nós não temos muita escolha. Se existir algum elemento venenoso na atmosfera, eles irão nos salvar da encrenca de encontrar uma maneira de voltar para casa. Enquanto isso, você deve apenas relaxar e respirar."

Ela cheirou aquilo que tinham encontrado. "Cravos da Índia?"

"Me pareceu também. Nós devemos encontrar centenas de 'temperos' diferentes por aqui, e nada para temperar. Eu sempre achei que a ironia fosse uma especialidade da natureza."

"Homem, como você é pessimista!"

"Isso vem com o fato de se comandar missões espaciais. Tome cuidado com a fissura." Ele deu um largo passo, passando por uma rachadura que havia no solo.

## CAPÍTULO 9

"Vê? Nenhum sinal de desorientação emocional ou comportamento aleatório e não pensado. Eles já assumiram o padrão de solucionadores de problemas."

"Reações simplistas e naturais, dificilmente um indicador de cognição avançada." A outra presença soava meio duvidosa.

"Características simples de sobrevivência. Qualquer animal ignorante iria reagir similarmente."

"O que precisa ser observado," declarou um terceiro, "é a maneira em que procedem, se é feito de uma maneira planejada ou se agem ao acaso. Se for o caso da segunda opção, logo eles entrarão em pânico."

"Eu concordo." A primeira presença era mais otimista do que o resto de seus companheiros, mas também era realista. Mesmo porque, todos os casos predecessores não foram bem sucedidos.

"Vamos ao menos observá-los sem condenação. Existe qualquer coisa que possamos fazer?"

"Uma distração." Os outros se reuniram e disseram todos simultaneamente. "Uma distração."

"Uma batida de asa." O desdenhoso desapareceu em um redemoinho de ilusões. Eles sabiam que o tempo não estava ao lado deles.

Pela manhã seguinte, os três exploradores já haviam feito muitas descobertas importantes. Uma delas foi o achado de água potável. Coletada de dentro das rachaduras das pedras, ela tinha a aparência, o gosto e o cheiro de água de chuva. Ninguém havia mencionado a possível presença de microrganismos perigosos na água. A sede sempre iria se sobrepor à razão.

De qualquer forma, ninguém se sentiu doente após beber a água. Talvez porque fossem sortudos, ou porque os protozoários locais não seriam adaptados para parasitar a vida humana ou até mesmo pelo fato de Brink ter filtrado

toda a água com a sua camiseta de algodão. Devido a isso, estava claro que de agora em diante a água não seria mais um problema. Havia vários reservatórios, e muitos deles eram profundos.

Robbins ainda havia apontado para o fato de que a poluição industrial não era um problema no local.

Low estava mais preocupado com minerais dissolvidos do que com seres microscópicos. "Se existir qualquer tipo de sal tóxico na água, nós deveremos saber esta noite."

Robbins tentou responder de uma maneira divertida. "Vamos lá Comandante, se anime! Ela tem um gosto bom e uma aparência boa. Além do mais, existem outras formas melhores de se morrer aqui do que de sede. Honestamente, você se preocupa com tudo! A água, as pedras, o ar, onde o chão poderá abrir embaixo de nós. O quanto pessimista uma pessoa precisa ser para comandar uma missão espacial?"

Ele respondeu suavemente. "Há uma razão para eu agir assim. É da minha natureza questionar as coisas. Por exemplo, enquanto nós estávamos bebendo, eu estava pensando se talvez essa vegetação fosse comestível."

Ao contrário da água, as árvores, arbustos e líquens não tinham uma aparência muito boa. "Eu não sou um bovino." Robbins respondeu. "Vamos tentar encontrar algo mais macio do que galhos."

"Hey, eu também não sou vegetariano." Low se inclinou na direção do paredão para analisar um buraco do tamanho de uma mão que havia perto do solo. Se o orifício estava ocupado por alguma criatura, ela estava se negando a receber visitas. A cautela indicou predação. Low desejou que eles não encontrassem tocas maiores, do tamanho de ursos, por exemplo.

Era maravilhoso perceber que havia vida fora da Terra. Mas isso seria menos maravilhoso se eles entrassem na parte baixa da cadeia alimentar do local e se tornassem presas de alguma criatura.

Ele chutou para o lado um toco de cor laranja, que na Terra teria um preço inimaginável. A coleta de espécimes teria de aguardar até que a sobrevivência do grupo estivesse garantida. Pelo menos, se o clima esfriasse, eles teriam algo para fazer uma fogueira. Além das rochas, eles passaram por paredes quebradas que pareciam ser feitas de um plástico metálico, arcos derrubados de algum material cerâmico, e

uma nave em que a carcaça parecia ser tudo o que sobrara. Era claramente um veículo de alguma espécie. Se era mais novo ou mais antigo que o asteróide, não sabiam dizer. Sua abertura escancarada e escura não era muito convidativa.

Não havia sinais de seus possíveis ocupantes, vivos ou mortos. Só um cheiro de mofo que talvez tivesse origem orgânica, ou simplesmente indicava ser algo muito antigo. Low não estava encorajado.

Brink havia desistido do estudo da geologia e da vegetação para examinar as ruínas. Certamente a esperança de saírem dali dependia de artefatos alienígenas, e não da flora e fauna local.

"Assumindo que agora nós estamos no que se pode chamar de uma busca arqueológica," ele disse inesperadamente "talvez seria melhor se eu assumisse a liderança."

Mais distraído do que confuso, Low parou e pensou por um momento. "Existem apenas três de nós. Que tipo de liderança você tem em mente? Só para constar, nós estamos empenhados em sobrevivência, não em uma expedição científica. Quer apostar qual de nós dois tem mais experiência nessa área?"

"Sobre circunstâncias diferentes, eu aceitaria a aposta, Comandante. E já estive em várias expedições no centro-sul do Saara, na Mongólia e no Pacífico sul. Nesse último caso, meu grupo enfrentou uma situação não muito diferente da qual estamos passando agora. Entretanto," ele adicionou com um sorriso conciliatório. "O número de luas que brilhou para o grupo foi apenas uma."

"Nada disso tem nenhuma relação com o que estamos passando agora. Nós estamos lidando com condições alienígenas, em um mundo alienígena. Por outro lado, eu aposto que eu já li mais ficção científica do que você. Isso é mais válido para se tratar da situação atual do que qualquer outra coisa."

"Esperem só um minuto!" Virando, eles se depararam com uma Robbins impaciente e obviamente irritada. "Se vocês *homens* não se importam, eu estava pensando se eu poderia ter uma opinião sobre o assunto, ou se é apenas para eu caminhar dez passos atrás, arar a terra, desembrulhar o milho e cozinhar para vocês?"

Low se voltou para ela. "Eu não gostaria de lembrar---" Mais uma vez ela interrompeu.

"Claro que não."

Sem saber como proceder, ele quis mostrar que o voto dela valia tanto quanto o dele ou o de Brink. "Talvez você queira assumir a liderança?"

"Eu não disse isso. Minhas histórias de sobrevivência não chegam nem perto das de vocês. Tudo o que eu estou querendo dizer é que eu sei como passar por certas situações, e acho que a minha opinião deva valer alguma coisa."

Os dois homens trocaram olhares, então se voltaram para ela. "Então opine," Low propôs vividamente.

"Eu irei. Eu acho que o Comandante Low deveria continuar na liderança. Tecnicamente, nós ainda estamos em uma missão da NASA. Mesmo isso sendo" ela hesitou "uma extensão ou um desvio não planejado. Mas por outro lado, se nós começarmos a explorar ruínas alienígenas em busca de plaquetas metálicas ou qualquer coisa do tipo, então eu acho que Ludger deveria assumir o posto."

O cientista balançou a cabeça. Se esta pequena discussão o havia abalado, ele não demonstrou nada.

Low foi agradável. "Olhe, Ludger, eu não acho que ninguém aqui está na 'liderança'. Nós todos estamos no mesmo barco e em um grupo muito pequeno para nos preocuparmos com formalidades. Se alguém vier com uma boa idéia, é só dizer. Nós iremos analisar e decidir juntos."

"Naturalmente. Bem, de qualquer modo, eu gostaria de nomear o local."

"Para mim, eu apenas chamaria de 'Ilha,'" Robbins disse satiricamente.

"Eu não tenho nenhuma objeção em relação a isso." A Resposta de Low fez com que ela o olhasse de uma maneira meio zombadora. Qualquer outro significado disso não veio à tona.

"Me desculpem, mas eu tenho que discordar. Uma descoberta dessas merece um nome de verdade. Eu chamaria este lugar de Cócito."

Robbins ergueu uma sobrancelha. "Isso é mais um nome alemão?"

O cientista sorriu. "Não exatamente. No *Inferno de Dante*, Cócito era o nome do nono círculo do inferno. Pode parecer intimidador, mas ele também foi o caminho de volta para o mundo exterior."

"Encantador. Bem, se você insiste. Eu acho que esse nome carrega um significado mais forte do que 'Ilha'" Robbins não estava de mau humor.

"Aqui não é tão infernal," Low objetou. "Você disse que já esteve no Saara e em Gobi. Exceto pelo fato de terem

uma comunicação melhor, eu diria que ambos esses lugares são piores do qual nós encontramos agora. Cócito, que assim seja." Ele continuou a sua escalada, e os outros o seguiram, Brink discursando sobre a natureza das paredes destruídas e das estruturas meio enterradas que eles estavam encontrando pelo caminho.

"Percebe como eles argumentam e discutem?" A presença que fez a observação deslizou por cima do trio enquanto eles se distanciavam do transporte em forma de asteróide e se dirigiam para o centro da ilha. 'Acima' era uma designação muito relativa.

'Em algum lugar nas proximidades' seria uma descrição mais precisa.

"Com que propósito?" declarou um outro. "Eles caminham vagarosamente. Talvez não de forma aleatória, mas sem ter um objetivo certo em mente. Eles não resolveram nada, não fizeram nada. Eles olham e não enxergam, eles escutam mas não ouvem."

"Seus sentidos são limitados." O primeiro se recusou a se desencorajar.

"Percebe como eles andam? Muito eretos e firmes. A julgar pela forma, pareceria que eles iriam se desequilibrar e cair a qualquer momento. Eles só tem os finos membros superiores para se equilibrarem. Sem rabos, sem asas, nada. Ainda assim eles se movem livremente e eretos. O seu senso de equilíbrio deve ser muito sofisticado."

"Mas o senso de posição deles não é relativo ao resto da realidade. Isso é fácil de perceber," insistiram outras doze formas que estavam ali perto. Enquanto observavam, eles se misturavam em uma complexa mistura de padrões de imagens, compondo longas seqüências de pensamentos.

"Por que eles deveriam se preocupar com isso? Eles são limitados apenas à realidade. Se você se lembrar, isso é o suficiente." Então surgiram mais exalações de pensamentos, que em qualquer outra circunstância, soariam como suspiros.

"Concentração." Cinco outros existiram temporariamente, formando um pentagrama de contemplação. "O odor. O que não poderia ser trocado pelo perfume de uma flor se decompondo, ou a sensação do vento na face."

"Já chega," xingou outras oito formas. "Qual é o sentido em desenterrar velhas lembranças? Já se fazem

centenas de anos."

"Não, milhares," insistiram quinze outras. E eles se inclinaram a discutir as lembranças.

O perfume de uma flor. Aquele que primeiro encontrou os visitantes deslizou e os assistiu. Olfato. Tato. Por qualquer um desses, ele trocaria a eternidade por um instante.

Existe uma diferença entre viver para sempre e existir para sempre.

Eles não podiam invadir a realidade, a não ser através de uma forma extremamente transitória. Eles haviam rejeitado essa idéia e preferiam a tratar como se não existisse. Eles não teriam um efeito maior sobre os viajantes do que o cair de uma folha.

Mas algumas vezes, o observador lembrou, o cair de uma folha poderia gerar eventos grandiosos – se as circunstâncias fossem adequadas.

"O que vocês acham do nome que eles deram ao nosso mundo, e conseqüentemente, a nós?" Seis novas presenças se interessaram no assunto. A discussão foi tomada com muito interesse, assim como qualquer novidade que pudesse surgir.

"O pensamento deles é grosso, mas claro o suficiente quando é pronunciado verbalmente. Eles são imagens gravadas não na pedra, mas sim no ar." Sete se juntaram a três para perfazerem dez.

"Dois deles parecem estar em conflito. Nós podemos sentir desejo, admiração, medo, e ódio, tudo junto. Muito típico de espécies imaturas."

"Lembre-se," reforçou o primeiro, que permaneceu como um ponto solitário de cognição no meio de toda a declaração, "uma vez, nós também fomos sujeitos a essas emoções. Algumas vezes eu sinto falta delas."

"Sente-se falta de tudo," declararam trinta ou mais, que soaram junto em concordância.

Os que observavam aqueles que discutiam sobre os bípedes recém chegados representavam toda a população daquele mundo, que devido à ação deles, iriam referir a si próprios como Cócitans. O nome era divertido e, como algo novo, muito apreciado. Isso iria durar o tanto que os bípedes durassem, o que podiam prever que não deveria ser muito tempo.

"Ajude eles," cochicharam cinco presenças.

"Ajude-os," concordou o resto da população.

Houve uma convenção, onde foi decidido que quem deveria fazê-lo seria aquele cujo primeiro os observou.

"Isso não terá valor algum," declararam os mais pessimistas.  
"Nuca teve."

"Nós podemos tentar," insistiu o mais positivo dentre aqueles que estavam presentes.

"Não temos nada além do tempo."

O estreito cânion por onde eles estavam avançando era repleto de pequenos arbustos com espinhos retorcidos, que pareciam apontar na direção deles. Low pensou em apertar um dos galhos, para testar a sua consistência, mas acabou achando que não era uma boa idéia. Pela aparência da planta, talvez ela decidisse apertar a mão dele de volta. Uma pequena quantidade de água escorria de uma rachadura. Era encorajador, mas talvez não fosse potável. Uma grande forma laranja saiu de um buraco acima do nível em que se encontravam, os observou por um breve momento e então desapareceu rapidamente. Não havia permanecido o bastante para que Maggie pudesse dar uma boa olhada, mas foi o tempo suficiente para que ela percebesse que tinha mais do que dois olhos.

Robbins colocou um das mãos no braço de Low. "Espere um minuto. Eu acho que vi algo."

O piloto olhou de volta para ela. "Primeiro você escuta algo, então você sente algo. Agora você viu algo."

"Não, de verdade." Ela ficou ao seu lado, encarando-o.

"Aéreo?"

"Terrestre. Não tenho certeza."

"Quantas pernas?"

"Veja por si mesmo." Ela apontou agitada.

Um vulto colorido piscou no ar diante deles. Não era uma chama, mas o fantasma de uma. Ele flutuou, não era mais do que uma sugestão de forma, não mais do que um contorno indefinido. Como uma manifestação, foi desapontadoramente inconsistente.

Enquanto eles o olhavam atenciosos, ele circulou, forçando-os a se virarem lentamente para acompanharem o seu progresso. O seu contorno variava na forma, mas nunca de densidade. Low já havia visto névoas mais densas do que isto.

Depois de circundá-los duas vezes, ele pareceu subir até o topo do cânion e então ir para a esquerda, cada vez mais atenuando sua forma. Retornando, ele repetiu a seqüência.

Haveria uma face no meio daquele vulto e da neblina que o encobria? Robbins achou que ela havia visto uma, mas não tinha olhado mais atentamente para ter certeza.

Um sonho à luz do dia. Ele desapareceu completamente após fazer a sua segunda subida pelo cânion. Silencioso como um vento matinal, foi um fenômeno transitório que gerou uma discussão considerável no meio dos viajantes.

Ninguém disse 'Você viu aquilo?' porque todos haviam o perseguido com os olhos o tempo inteiro.

"Não havia calor." Disse Brink. "Pelo menos, não senti nenhum."

"Não, era uma luz fria. Não pareceu emanar nada, até onde percebi."

"Então, o que era?" Robbins esperou.

Brink se manteve neutro por um tempo, mas sentiu vontade de especular. "Gás de pântano. Fogo fátuo. Não vou atormentar vocês com o nome alemão. Um fenômeno atmosférico local, aparentemente inofensivo."

"Eu acho que ele quis sugerir que nós devêssemos virar a esquerda," ela insistiu.

Low estava paciente. "Vamos lá, Maggie. Não podemos tomar direções de acordo com luzes que aparecem por aí."

"Por que não?" Ela o encarou desafiadoramente. "Dado o nosso conhecimento do local, que é praticamente nada, isso me parece um bom indicador como qualquer outra coisa."

Low olhou para Brink, que encolheu os ombros como que dizendo 'Ela quis que você estivesse no comando, lembra?'. O Comandante analisou o cânion à frente. Poderiam ir para a direita ou para a esquerda. Não parecia fazer diferença por qual caminho eles pudessem tomar.

"Tudo bem. Nós vamos aceitar a dica da sua luz, Maggie. E se esse caminho nos levar para um penhasco, você pode ser a primeira a pular."

"Tudo bem." Ela caminhou e tomou a frente. Ele seguiu silenciosamente. Existiam ocasiões em que ele agia de acordo com o resultado de um lançamento de uma moeda, então porque não agir de acordo com um capricho de uma luz, para variar? De qualquer modo, aquilo tudo pareceu que valeu a pena, porque a jornalista agora estava energética e momentaneamente havia esquecido a circunstância infeliz na qual se encontravam.

"Provavelmente partículas carregadas pelo ar que reagiram com a luz do sol," Brink hipotetizou, "ou alguma reação piezelétrica dessas paredes antigas. Contudo eu acredito que possa ter sido algo mais. Uma placa de trânsito, talvez, que durou desde os tempos antigos."

"É...", murmurou Low. "Depósito de lixo nessa direção."

Brink não se irritou. "Eu não me importaria de encontrarmos um. Depósitos de lixo são cheios de coisas úteis."

"Você sabe, Ludger, você é incorrigível."

"Eu aceito essa designação com honra, Comandante."

"Eu acho que vocês dois estão errados." Robbins pisou em uma seção desmoronada da parede. "Aquilo não foi um fenômeno natural. Ele estava tentando nos mostrar algo."

"Tudo é possível, Maggie." Brink tentou não soar condescendente. Não era sempre que ele conseguia. "Este é um mundo completamente novo. Quem irá dizer quais leis naturais podem e quais não podem ser respeitadas aqui? Talvez luzes dançantes que apontam direções."

"Havia um rosto," ela insistiu. "Apenas por um instante, mas eu o vi."

"Isso se chama antropomorfismo. Isso também ocorre com aquelas pessoas que enxergam figuras nas nuvens ou contornos nas estrelas."

"Era um rosto. Não era humano, mas distinto. A minha observação é tão válida quanto a sua."

Low tentou a acalmar. "Poderia ter sido um rosto. A luz não permaneceu por muito tempo, então é difícil dizer. Lembre-se, Maggie, a primeira regra da ciência é descrever em tudo o que você vê, e não a aceitar. Eventos extraordinários exigem provas extraordinárias."

"Talvez a luz volte," ela afirmou. "Cuidado. Tem um buraco ali."

"Eu vi," ele respondeu impaciente, e teve a sensação imediata de culpa por isso. Ela só estava tentando ser útil.

"Vejam!" Exausto pelo seu esforço, o descobridor se dirigiu aos outros. "Eles não são privados da habilidade de percepção. Desculpem a minha dissipação. Foi um esforço muito grande para mim". Apesar do enorme esforço, uns breves lampejos de luz era o máximo que podiam fazer para intervir no mundo real.

"Um esforço admirável, mas com um efeito limitado."  
Uma dúzia de outras presenças giravam por ali perto. "Eles  
estão relutantes em aceitar a evidência de seus sentidos."

"Isso é muito natural," insistiram aqueles que apoiavam  
o primeiro.

"Questionamento é um sinal de força mental, não de fraqueza." Muitos que estavam neutros se manifestaram "Eles tomaram a direção que foi indicada."

"Não é um sinal de aceitação," os objetores declararam. "A opinião deles é limitada, em todo caso."

"Possivelmente, se você tentar de novo..." Defensores ávidos do primeiro estavam em volta dele.

"Eu não posso. Essa tentativa exauriu as minhas forças. Talvez mais tarde." Qualquer ser não corpóreo estaria enfraquecido após fazer o esforço de intervir no mundo físico. "Agora eles devem seguir por si mesmos. Mas se qualquer um quiser tentar..."

Ninguém quis. Dentro daqueles que apoiavam a causa, ninguém tinha a força ou o talento para tanto. Agora eles só podiam fluir e observar, deslizando sob os pés dos viajantes nas rochas com a mesma facilidade que o fariam no ar.

Low estava se cansando da mesma paisagem, paredes rachadas e estruturas desmoronadas. "Olhe, nós não vamos encontrar nada por aqui. Devíamos ter seguido pelo outro caminho."

Nesse momento Robbins parou e apontou. "O que é aquilo? Não seria outra daquelas plaquetas metálicas? Como aquelas que encontramos no asteróide?"

O cientista parou para verificar. "Eu creio que está certa Maggie." Ele seguiu na frente, os outros o seguiram.

Talvez ela parecesse um pouco maior do que as quatro plaquetas que utilizaram para ativar o asteróide, mas não havia engano quanto à forma, a maneira na qual as inscrições se distribuía na superfície, ou o brilho da cor de carvão claro.

"Vamos levá-lo de volta ao asteróide para ver se ela se encaixa no domo."

Low sugeriu. "Talvez faça com que o asteróide faça o caminho reverso. Talvez ela faça *algo*."

"Certamente vale a pena tentar," Brink concordou.

Separando-se, eles cavaram em volta da plaqueta até que os seus dedos pudessem tocar um pouco da parte de trás. Embora tenham feito um grande esforço, ela não se soltou.

Inclinado e com os olhos meio fechados, Low continuou a tirar a terra debaixo do metal. "Parece que está encaixado de alguma maneira. Talvez nós devêssemos deixá-la como está."

"Tolice!" Brink se inclinou para frente. "Aqui, permita-me." Um esforço a mais foi feito para que se pudesse retirar a terra

mais em volta da plaqueta, de uma maneira na qual eles pudessem a empurrar para um dos lados. Ela se mexeu relutantemente para a direita, deslizando sobre os antigos mancais.

Eles provavelmente não deveriam estar surpresos, mas estavam, porque uma abertura se revelou diante deles. Ela era mais espaçosa e menos profunda do que aquela que encontraram no asteróide.

"Eu posso ver o fundo." Robbins se inclinou diante da abertura muito cuidadosamente. "Vejo um piso liso e algumas rochas soltas." Ela deu um passo para trás. "Parecem escombros que caíram lá."

"O resultado de um processo de exposição ao clima natural," Brink explicou. "Não existe um vácuo aqui para proteger a integridade da estrutura." Ele olhou em direção a Low. "Se você deseja ser o primeiro a entrar, Comandante, eu vou concordar satisfatoriamente."

Low pensou. Ele estava estudando Brink tanto quanto Maggie desde que saíram do asteróide. O cientista parecia ser tão competente no solo quanto o fora no espaço, mas sempre se precipitando sobre os assuntos dos quais Low sempre agia cuidadosamente. Seria impossível reter o seu entusiasmo para sempre. Talvez agora seria o momento de o deixar assumir a liderança por um tempo. Seria útil observar como ele agiria para decidir qual rumo deveriam tomar.

"Ludger, eu acho que arqueologia é mais a sua área. Talvez eu perturbe algo se eu não souber nem mesmo para o que eu estou olhando. Você vai primeiro."

O cientista observou a altura. "Não é muito alto. Entretanto, tentar sair depois pode se tornar um problema."

"Então nós apenas iremos usar as escadas rolantes." Low forçou um riso. "Não poderemos encontrar nada útil se nós não procurarmos."

Brink concordou balançando a cabeça. Colocando as suas pernas dentro da abertura, ele começou a se virar, pretendendo agarrar a beira da entrada e então descer lentamente o máximo que pudesse com as mãos antes que se soltasse e caísse em queda livre.

"Não é tão ruim," ele os informou. "Se eu apenas pudesse alcançar ---"

Ouve um enorme barulho de rochas se soltando, e então Robbins gritou "Cuidado!" enquanto caía para trás. Low se jogou para frente, tentando agarrar os pulsos do cientista, mas já era tarde. Brink se soltou e caiu.

Ao invés de se acalmar, o tremor e o ruído foram ficando cada vez mais intensos.

"Para trás!" Low gritou para Maggie. O aviso foi desnecessário. Ela já estava recuando.

A seção inteira da abertura cedeu, ruindo sobre a câmara abaixo. Ecos e poeira saíram da caverna, acompanhados de um único xingamento em alemão. Então, tudo ficou silencioso, exceto por algumas rochas que ainda estavam rolando.

Low se levantou e bateu em seu macacão para limpar um pouco da poeira. A abertura agora estava a vinte pés de distância e tomou a forma de uma rampa íngreme de destroços. "Maggie, você está bem?"

Ela estava distante da abertura, cuidadosamente olhando para o chão e abanando o ar com as mãos para afastar a poeira, que ainda saía da passagem.

"Ludger? Ludger!" Não houve resposta.

Pisando lentamente e com cuidado, Low andou em volta da abertura para encontrá-la. O teto havia cedido e formara uma pilha de escombros que chegava até o chão, o que proporcionava uma alternativa bem mais fácil de se chegar ao fundo. Do cientista, não havia sinal algum.

"Ludger!" Levando as mãos à boca, Low começou a descer. Alguns ecos estranhos foi tudo que teve como resposta. Ele se virou para Robbins. "Nós temos que descer e encontrá-lo." Ela concordou e começou a descer também. Sua expressão estava muito chocada.

Eles procuraram até que encontraram o ponto aonde a pilha do material desmoronado chegava mais perto do chão. Low serrou os dentes, e deu um impulso em direção ao solo, ele aterrissou de maneira firme, mas acabou se

desequilibrando e caindo para trás, e então começou a rolar sem controle.

O chão era uniforme e não havia sido danificado pelo desmoronamento. Robbins chegou ao lado de Low rapidamente, enquanto ele lutava para poder se sentar.

"Você está bem?"

Ele limpou o cascalho de suas mangas. "Sim. Apenas perdi o equilíbrio. Parece que você não teve nenhum problema com isso."

Ela sorriu de forma apologética. "Três anos no time de ginástica da faculdade. E minha mãe achava que eu estava perdendo o meu tempo..." Ela o ajudou a se levantar.

"Fique por perto," ele disse para ela.

Ela o olhou cnicamente. "Por quê? Para que possamos andar de mãos dadas?"

"Não é isso que importa." Ele a repreendeu. Juntos eles começaram a circular em volta da base dos escombros. Materiais de construções antigas, rochas naturais e muita terra formavam o monte.

Enquanto procuravam, eles deram uma pequena olhada na câmara em volta. Ela era enorme, bem maior do que o interior do asteróide. Como naquele veículo, uma luz pálida era emitida das paredes e do chão. O teto, entretanto, não emitia nenhuma luz. Ou ele estava com algum problema, ou aquela câmara havia sido projetada de uma maneira diferente. Como consequência, a luz ali era mais tênue, comparada à do asteróide.

O estudo de Low do seu ambiente atual foi interrompido por um grito de Robbins. "Oh meu Deus!" Correndo para frente, ela se ajoelhou e começou a remexer a pilha de escombros. Revelando um braço.

A única parte visível do cientista ainda estava grudada nele. "Cuidado." Trabalhando freneticamente, Low moveu as rochas maiores enquanto Robbins retirava a terra e as pedras menores.

"Nós não queremos causar um novo desmoronamento em cima dele."

Pareceu que se passou uma eternidade até que eles pudessem retirar o corpo de Brink do monte. Os olhos do cientista estavam fechados, a poeira o cobria dos pés a cabeça, e ele estava muito machucado e arranhado. A quantidade de pequenos cortes parecia um problema menor, comparada a enorme contusão acima de sua têmpora.

"Ele está em estado de choque," Low anunciou agudamente enquanto estudava os ferimentos. "Muitas contusões. Podem haver hemorragias internas. Maldição!" Tirando a camisa, ele fez um travesseiro improvisado para o cientista, colocando sua cabeça gentilmente por cima da roupa compactada.

Eles se alternaram para fazer um procedimento de respiração boca a boca e uma RCP (Reanimação Cardiorespiratória). Low tentou tudo o que sabia, e Robbins ajudou com umas dicas de primeiros socorros

que havia aprendido em suas viagens, mas nada funcionou. Com raiva e um sentimento de frustração, o Comandante finalmente se inclinou para trás da montanha de destroços, passando a mão em seus cabelos empoeirados.

"Bem, é isso."

"O que você quer dizer com 'é isso'?" O comportamento profissional de Robbins estava visivelmente abalado. "Não pode ser! Nós nem estivemos aqui por um dia inteiro!"

"Não importa quanto tempo nós estivemos aqui." Low disse quietamente. "Se nós estivéssemos aqui por uma semana, não mudaria o fato de ele estar morto." Isso soou bem mais áspero do que ele desejou. Ele desviou o olhar para longe dela. "Não há nada que possamos fazer."

Robbins ajoelhou-se ao lado do corpo do cientista. Ela acabara de presenciar uma morte um tanto injusta, ainda mais para alguém da idade dele. Ele havia ido de livre e espontânea vontade para algo que não era nada, comprado às perigosas histórias em que cobriu anteriormente. Foi a forma inesperada e rápida da morte de Brink que a atingia de uma maneira tão cruel agora. A rapidez, e a forma trivial em que aconteceu. Eles não estavam em uma zona de guerra, nem negociando com terroristas fanáticos ou lidando com o mortal vácuo do espaço. O cientista estava fazendo o seu trabalho. E agora ele estava morto, vítima de um repentino desmoronamento de uma construção alienígena. Isso foi tão impessoal. Um desmoronamento, algo que poderia acontecer com a mesma facilidade em sua terra natal, na Alemanha.

A culminação de uma grande perda e uma grande descoberta, a atingiu de uma forma obscena. Ela não chorou. Isso não seria profissional, e além do mais, ela estava muito furiosa diante de um destino tão indiferente.

## CAPÍTULO 10

"Eles não parecem lamentar," postulou um trio de Cócitans que flutuavam perto do cabelo de Robbins. A sua presença não perturbou nem um folículo, nem tocou de leve a pele da jornalista. Mas a temperatura em volta de seu pescoço se elevou um quarto de grau, algo muito sutil para ser notado.

"Se é para algo acontecer, isso levará tempo," declararam centenas de outros, que assistiam. "Cada espécie tem o seu próprio tempo."

"Se eles não lamentam pelos seus mortos, eles não podem ser considerados inteligentes." O trio estava confiante.

"Se eles soubessem que há tanto o que eles podem fazer," lembrou uma dúzia de formas mais densas. "Tantas coisas diante de seus dedos, tantas coisas que podem ser descobertas. É melhor que eles não se demorem muito."

"De fato é," murmurou um par, "pois eles já perderam o primeiro de seu grupo. Nós não temos esperança nestes, assim como não tivemos naqueles que os antecederam. Eles são apenas uma distração, nada mais."

"Alguém pensou que seria de outra forma?" Interrogou uma centena.

Aquele que havia feito o exaustivo esforço, apenas para ver a sua presença no mundo real como fantasma de uma ilusão, permaneceu desafiante.

"Eles irão lamentar, e então continuar a procurar. Eu acho que está na natureza deles. Eles não irão desistir."

"Eles irão desistir, depois de um tempo. A isolamento e a desesperança em que eles se encontram iria derrubar até mesmo o mais forte de sua espécie." Os doze eram cruéis. "Mais um dia ou dois no tempo deles será o suficiente para que comecem a ficar malucos. Irá acontecer com eles o mesmo o que aconteceu com seus antecessores."

"Esses são diferentes," insistiu o primeiro. "Eles parecem ser mais determinados do que aqueles que os precederam. Eles são fisicamente fracos e sem graça. Então a sua evolução e desenvolvimento deve ter tendido para o lado mental."

"Inteligência é inútil sem o devido controle." Os doze se dividiram e se dividiram novamente, mas os seus pensamentos permaneceram coesos.

"Eles têm controle? Nós veremos. Uma distração." Os cem se juntaram aos nove, e se tornaram mil.

"Isso foi um desperdício de energia." Eles se tornaram silenciosos, esperando e assistindo.

Maggie Robbins havia se lançado contra Low e estava batendo os seus punhos no peito dele. O Comandante surpreso tentou segurar os pulsos dela, mas ela era mais forte do que aparentava ser. Pelos menos, ele pensou, ela não o estava atacando o seu rosto. O quanto daquela raiva era por causa dele e o quanto era por causa da recente fatalidade ele não soube dizer.

Ela rapidamente esclareceu a raiva. "Seu filho da puta! Você disse para ele testar a entrada!"

"Espere só um minuto, Maggie." Ele finalmente conseguiu segurá-la pegando-a pelos seus ante-braços e fazendo-a parar. Ela havia se mantido totalmente sobre controle, absolutamente profissional até agora, mas a morte repentina de Brink a havia pego completamente de surpresa.

"No caso de você ter esquecido," ele lembrou friamente, "você votou para que eu permanecesse no comando. Estar no comando significa dizer aos outros o que fazer." Ele balançou a cabeça em direção ao corpo machucado do companheiro. "Você se sentiria melhor se eu estivesse deitado lá, ao invés de Brink?"

Ela hesitou, se mexeu inutilmente, e então livrou os seus braços das mãos de Low. Enxugando os olhos, ela descobriu que estava chateada consigo mesmo mais do que com Low. Não apenas por perder o controle, mas por fazer uma acusação muito séria e sem fundamento. Ela percebeu que estava colocando para fora a pressão de tudo o que acontecera com eles. A morte de Brink havia destruído uma barreira que ela havia construído entre as suas emoções e essa estranha nova realidade. Ela havia permitido às maravilhas daquele mundo mascararem um fato inevitável e desagradável. Iriam morrer.

Agora tudo havia se tornado claro de uma única vez, muito real e de forma amarga. Brink estava morto, eles não iriam voltar para casa, e ela nunca iria ver os seus amigos ou sua família novamente. E em poucos dias, ou se tivessem sorte, em poucas semanas, ela e a Low estariam mortos também.

"Você preferiria que fosse eu?" ela gritou de volta. "Eu sei que você pensa que eu sou inútil. Você provavelmente trocaria a vida de Brink pela minha em um piscar de olhos."

"Não," ele disse rápido e sem hesitar. "Não, eu não trocaria. Eu não penso dessa maneira." novamente ele olhou para ela. "Eu sinto tanto o quanto se pode sentir pelo que aconteceu. Eu gostei do Ludger... bem, eu não posso dizer que realmente *gostei* dele, mas eu o respeitava muito. Ele era o melhor naquilo em que fazia." Ele levantou o seu olhar.

"Ninguém poderia dizer que o teto inteiro em volta da entrada poderia desabar. Pareceu bastante sólido para mim. E deve ter parecido sólido o suficiente para Ludger também. Lembre-se, era ele quem tinha uma formação em geologia. Se desconfiasse de que a estrutura não fosse estável, certamente ele diria algo."

Ela balançou a cabeça, e esfregou as costas da mão em seu nariz. "Não, não o Ludger. Ele teria seguido em frente mesmo assim. A sua curiosidade sempre se sobressai ao seu bom senso."

"Isso não importa. Pelo menos ele se foi rapidamente. Provavelmente nós iremos acabar terminando como ele."

Ela parou de limpar os olhos. "Você realmente acredita nisso?" Ele deu de ombros. "Eu sou realista, Maggie. Nós iremos continuar tentando, continuar procurando, mas eu não estou esperançoso." Ele balançou um braço formando um grande círculo por volta dele, englobando toda a câmara em que eles se encontravam. "Eu não sei o que nada disso faz, e eu não sei como descobrir. Isso partindo do princípio de que tudo ainda esteja funcionando. Talvez Ludger poderia ter feito melhor."

"Deve haver uma maneira de reativar a nave-asteróide, uma maneira de fazer com que ela nos leve de volta para Terra."

Ele sorriu tolerantemente. "Deve haver? Porque isso deveria ser mais do que uma viagem só de ida? Mesmo se o asteróide for capaz de voltar para a Terra, o que faz você pensar que ainda tem combustível suficiente, ou qualquer coisa que use para a propulsão? Nós podemos descobrir uma maneira de voltar e mesmo assim não ir a lugar nenhum."

"Então porque você veio até esse cânion?" Seu tom era amargo. "Se é tão inútil, porque nos estamos tentando?"

"É como Ludger disse. A primeira regra da ciência e desacreditar em tudo. Mesmo eu estando convencido de que nós

não iremos para lugar nenhum, muito menos para casa, isso não me impede de continuar procurando. A ciência é sempre frustrante."

"Bem, se é assim que a ciência funciona," ela resmungou, "então a ciência é uma merda!"

Tudo o que ele podia fazer era sorrir. "Só se você estiver se referindo a hidráulica. Eu gostaria de ter tido aulas de geologia, mas isso não é um pré-requisito para a escola de aviação." Ele tornou a examinar as redondezas. "Nós podemos começar. Que direção Maggie?"

"Você espera que eu vá com você?" Ela encarou-o descrentemente. "Para que você me diga em que buraco pular ou que enfie a minha cabeça na guilhotina? Não obrigado, *Comandante*." Ela fez isso soar como se fosse uma maldição. "Se eu terei de morrer aqui, então eu irei gastar as minhas últimas horas da maneira que eu quiser. Tente obedecer as suas próprias ordens para variar."

Dizendo isso ela deu uma volta e começou a andar na direção oposta, sem nenhum destino particular em mente, sabendo apenas que ela desejava se distanciar *dele*. Ela estava extremamente nervosa  
... e extremamente confusa.

Low começou a andar na direção dela, e então parou. Ela estava triste, frustrada, e muito amedrontada. E ela tinha todo o direito de estar. Não havia nada que ele poderia fazer a respeito. Sua incrível energia que tão bem a havia servido nessa viagem e em tantas outras expedições agora só agravavam a sua fúria. Discutir não iria trazer nenhum benefício, apenas desgastaria a disposição de ambos. Para os próximos dias eles iriam precisar de todas as energias possíveis, e iriam precisar estar bem tanto mentalmente quanto fisicamente. Seria melhor deixá-la seguir um pouco sozinha, para que pudesse se acalmar e colocar a cabeça no lugar.

Ele imaginou que ela não iria muito longe. A câmara era grande, mas nem tanto, e ele não poderia imaginá-la

andando pela superfície sozinha por muito tempo, sem voltar a encontrá-lo. Entretanto, a solidão e o isolamento iriam acalmá-la mais rápido do que ele poderia fazer. Quando ela estivesse cansada de gritar e xingar, ela iria procurar por ele. Ela era uma pessoa racional e razoável, e ele achou que isso não iria perturbar a relação deles para sempre.

Eles tinham uma relação? Qualquer que ela fosse, Low iria lidar com ela enquanto as circunstâncias exigissem.

Virando, ele continuou a sua inspeção da grande câmara. Embora fosse grande, não era tão enorme quanto pareceu à primeira vista. Exceto pela área imediatamente em volta do desmoronamento, o teto parecia ser bastante sólido e estável. Ele não viu nenhuma rachadura ou fissura, ou nenhum sinal que indicasse uma falha.

Ele decidiu fazer uma caminhada completa em volta da câmara, durante a qual ele identificou cinco altos arcos na sinuosa parede. Eles poderiam ser obras de arte, ou simples decorações feitas para quebrar a monotonia do interior, mas para os seus olhos eles aparentavam ser entradas fortemente seladas. Todas as cinco eram uniformes na aparência e na consistência.

O pequeno túnel que ele encontrou não estava bloqueado, e esse ele poderia explorar. Puxando a sua compacta lanterna do seu cinto de utilidades, ele deu uma rápida checada na abertura antes de voltar para a câmara principal. A escuridão do espaço não o incomodava, mas túneis e cavernas inexploradas, sim.

No seu trajeto de volta ele escorregou. Estabilizando-se, ele olhou para baixo e viu que havia uma pequena depressão no chão que o fez perder o equilíbrio. Isso seria um sinal de que haveria outra abertura que o levaria ainda mais para dentro? Uma plaqueta metálica jazia ali perto, aparentemente feita para ser encaixada naquela depressão. Essa descoberta deveria excitá-lo. Mas ele apenas sentiu uma pequena sensação de júbilo. É frustrante saber que você tem ferramentas em forma de plaquetas metálicas e nenhuma noção de como usá-las.

Todavia, ele a pegou cuidadosamente e a acolheu embaixo do braço. Quatro plaquetas haviam ativado a nave-asteróide. Se outras quatro iriam fazer com que a nave voltasse para a Terra, ele não tinha como saber. Mas antes disso ele deveria encontrar outras três. Pelo menos agora ele tinha um objetivo, algo para fazer além de vagar cegamente

na esperança de que Deus interferisse em seu destino. A plaqueta era pesada, sólida e confortantemente real.

Ele pretendia deixá-la perto da pilha de escombros, que era um lugar conveniente para se encontrar como nenhum outro, mas quando ele estava começando a voltar em direção a ela, percebeu uma fenda em um dos detalhes que pareciam ser painéis de controle na parede. A sua proximidade com a plaqueta que estava no chão ali perto era uma coincidência muito grande para ser ignorada.

"Verdadeiros solucionadores de problemas eles são." Declarou a primeira presença.

"Eu estava certo de que a criatura iria continuar a se superar." Embora muitos dos outros ainda permanecessem incertos, faíscas de otimismo começaram a se evidenciar.

"Ele irá tomar a ação correta?" Indagaram outros doze. "Muitas vezes o primitivo pode realizar o inesperado."

"Mas se ele fizer a coisa *errada*..." Os cinquenta que haviam falado deixaram o pensamento inacabado.

"Manifeste-se," muitos encorajaram o primeiro. "Mostre à criatura o caminho. Dê a ela um sinal."

O primeiro se esforçou brevemente antes de desistir. "Eu não posso. Ainda não se passou tempo suficiente. A regeneração de energia demanda tempo."

Cada presença parou para observar a ação do bípede. "Se ele agir erroneamente, irá morrer assim como o seu companheiro. Assim como todos aqueles que vieram antes."

A primeira presença poderia não ter força suficiente para se manifestar, mas ainda era muito capaz de argumentar. "Não culpem as criaturas pela perda que eles sofreram. Não havia uma maneira correta de se entrar na câmara. O tempo finalmente começou a destruir o que nós deixamos para trás. A abertura teria desmoronado não importando o procedimento que os bípedes poderiam ter assumido. Não havia uma maneira deles saberem disto. Se a culpa pelo acontecido precisa ser assumida, então parte dela corresponde a nós, como os construtores do local."

"Se apenas fosse possível se manifestar com mais força," muitos lamentaram. "Nós poderíamos salvar essas criaturas, e elas em troca iriam nos ajudar."

"Se nós pudéssemos fazer isso," lembraram outros milhares, "nós não iríamos precisar da ajuda de primitivos abandonados. Nós poderíamos salvar a nós mesmos. Mas infelizmente, por tudo o que nós fizemos, e por tudo o que nós aprendemos, nós não podemos."

Tudo o que eles poderiam fazer, em suas dezenas de milhares, era assistir... e ter esperança.

Relutante em desistir da plaqueta, Low hesitou diante da fenda. E se ela se afundasse, fosse absorvida pela substância que compunha a parede? Isso foi o que acontecera com as plaquetas a

bordo do asteróide. Ele levantou a plaqueta para comparar com a fenda. Iria se encaixar perfeitamente.

Ele teria consultado Maggie, mas ela estava vagando em outro lugar, e Brink não estava mais presente para oferecer o seu conselho. Chegando a uma decisão, ele escorregou a plaqueta pelo receptáculo côncavo. Ela se fundiu com a parede.

Um leve zumbido se tornou audível, interrompido apenas pelo passar dos séculos. Ou talvez meramente pela poeira sendo soprada através da abertura no teto. Cauteloso, ele recuou.

Seu coração afundou junto com a plaqueta, enquanto ela se derretia no material da parede. Pela sua experiência prévia, ele sabia que agora a plaqueta era irrecuperável. Bem, valeu a pena a tentativa, ele pensou, se recusando a se desencorajar. Qualquer plaqueta que ele viesse a encontrar de agora em diante iria levar para a base da pilha de destroços, para ficar lá até que elas pudessem ser levadas para o asteróide.

O painel em que a plaqueta se fundiu começou a pulsar com um brilho diferente da luz que vinha do chão e das paredes. Um alto ruído de trituração veio não de onde a plaqueta afundou nem do vento soprando, mas sim de uma sessão próxima do chão. Low manteve distância até que a passagem estivesse completamente revelada.

Se aproximando com cautela, ele olhou através da passagem recém-aberta. A luz suave, que iluminava ternamente a grande câmara também permitiu que ele visse o interior do aposento abaixo. Ao invés de saliências misteriosas, ele era repleto com uma diversidade de dispositivos e artefatos, todos variando muito em estados de preservação e integridade.

Levantando a sua cabeça, ele se virou e gritou. "Maggie! Hey, Robbins, venha aqui! Eu encontrei algo!" Não houve resposta. Aonde ela deve ter ido?

Bem, ele não poderia esperar por ela, estava bastante ansioso.

Ali havia uma escada, ou algo parecido com uma. Um arranjo bizarro de barras e degraus, que lembravam algo que pertencia a um playground infantil após um bombardeio. Descendo com cuidado, ele chegou a um lugar que se assemelhava mais do que qualquer outra coisa a uma velha dispensa de um zelador. Nada havia sido guardado com cuidado. À primeira vista, aquela bagunça aparentava que havia sido feita como se tudo ali tivesse sido largado no último minuto.

O último minuto antes de quê? Ele pensou.

Cuidadosamente para não perturbar nada, ele se voltava de um artefato para o outro, inspecionando cada um, mas sem tocá-los. Será que alguma coisa nesse ferro-velho alienígena ainda estava funcionando? E se estivesse, como ele iria adivinhar as suas funções?

Ele parou diante de um artefato que havia chamado especialmente a sua atenção. Não por causa do seu design único e uma aparência notável, mas sim porque parecia ser o objeto mais bem conservado naquela sala. A sua superfície não estava empoeirada ou suja, e Low teve uma leve impressão de que tinha sido lubrificado por algum processo automático. Teria sido usado pelos ocupantes da nave destruída que eles haviam encontrado antes? Ou era um dispositivo de manutenção, esquecido pelos seus fabricantes? Ou um aparelho qualquer que havia sido programado para fazer alguma tarefa até que se quebre ou sua fonte de energia acabasse?

Ele deslizou seus dedos através dos flancos suaves da máquina. Nenhum metal circular se despreendeu do meio do artefato ou se projetou de dentro. Então Low ficou um pouco assustado quando um *CLICK* foi ouvido. Ele se distanciou rapidamente, pronto para subir a escada alienígena caso o dispositivo manifestasse qualquer tendência hostil.

Ele não fez nada do tipo. Ao invés disso, ele continuou agachado na sombra e a zumbir suavemente para si próprio.

"Se você está esperando por instruções," o Comandante anunciou, "você está diante do programador errado."

Ou talvez não. Em resposta à suas palavras, o dispositivo girou para encará-lo, atento e esperando. Quando Low deu um passo à frente, a máquina imitou o movimento.

Ele a estudou cuidadosamente. Na frente haviam múltiplas projeções que poderiam ser ferramentas. Mas ferramentas para o quê? Aquilo poderia servir para qualquer coisa desde lavar o chão até cirurgia dental. Mas uma coisa

era óbvia. A máquina tinha reagido a sua presença, e continuava a fazê-lo.

Ela havia sido estocada aqui, nesse aposento embaixo da grande câmara. Isso sugeria que suas funções deveriam estar relacionadas à câmara em si. Low não tinha nenhum desejo de ver o chão ser polido, ou de ter os seus dentes operados, mas aquela bugiganga poderia servir para fins mais importantes?

Por exemplo, poderia abrir uma porta selada?

Olhando para trás, ele estudou a escada que levava para a parte superior. "Como eu irei levar você até lá em cima?" ele disse em voz alta. A máquina não respondeu, simplesmente continuou parada e esperando pacientemente.

"A máquina vive."

O pensamento passou através de centenas de milhares de Cócitans que assistiam.

"Vejam o que um deles já realizou." Os defensores do primeiro estavam mais encorajados.

Mas pouco convincentes. "Isso não quer dizer nada," declararam uma enorme quantidade de cétricos. "Ele não sabe o que está fazendo. A sorte também favorece os ignorantes."

Coube a um dos defensores do primeiro responder. "A sorte não é nada além de um alinhamento habilidoso de valores pertinentes que se acredita ser aleatório. O bípede fez com que isso acontecesse."

"Fez o que acontecer?" responderam os outros. "Vê o que ele faz agora? Nada! Seus processos primitivos de pensamento estão num impasse e estão esperando a intervenção do destino. Isso não é uma prova de motivação apropriada." Muitos ali não se permitiam ao luxo do otimismo. Através dos séculos muitas esperanças foram destruídas.

"Paciência. É verdade que o tempo de reação da criatura é lento, mas eles tem feito progresso até agora. Vê, ele está pensando. Considerando alternativas. Não critique a sua lentidão, apenas atente para o resultado de suas ações."

"Que resultados?" Ressoou a voz dos objetores através do ether (*fluido hipotético, cuja existência é admitida por muitos físicos atuais, e que encheria todos os espaços vazios do universo e serviria de meio de propagação para todos os tipos de ondas eletromagnéticas*). Mas apesar dos insultos, eles também continuaram a observar.

Low contornou cuidadosamente a máquina, sem tirar os olhos de cima dela. Enquanto ele a contornava, a máquina girava para continuar a encará-lo. Postura defensiva? Ele

pensou. Ou apenas seria um movimento padrão de reação ao movimento? Ele poderia dar um pequeno chute, para ver como ela iria reagir. É claro, se a máquina tivesse sido programada para se defender, isso não seria uma idéia muito brilhante. Além do mais, ele duvidou que essa fosse a maneira correta de acionar qualquer funcionalidade que o dispositivo eventualmente pudesse ter.

A multiplicidade dos instrumentos que estavam na frente do aparelho continuava a intrigá-lo. Algum poderia servir para o console que havia no asteróide? Ele descartou esse pensamento rapidamente. Apesar da enorme quantidade de instrumentos que jaziam na superfície da máquina, nenhum deles se comparava às plaquetas metálicas que foram usadas para ativar o movimento do asteróide. Além do mais, não era razoável pensar que uma máquina trancada em um pequeno aposento embaixo de uma câmara poderia servir para operar transportes intergalácticos. Não, ele concluiu: a pequena máquina poderia ser capaz de várias coisas, mas fazê-lo retornar a Terra provavelmente não seria uma delas.

Era óbvio que era muito pesada para ser carregada, partindo do princípio de que ela permitiria que Low tentasse. Ela poderia escalar? Ela certamente tinha membros suficientes. Havia apenas uma maneira de descobrir.

Indo em direção à escada, ele olhou para trás e acenou. "Me siga." Embora estivesse sozinho, ele sentiu que essas palavras soaram meio ridículas em seu próprio ouvido. "Vamos ver se você consegue subir até o topo."

Ele começou a subir a escada. Depois de um momento de hesitação, a máquina o seguiu. Apesar da total falta de qualquer coisa que pudesse se chamar de mão, ou braços, a máquina mostrou muita agilidade em seguir o rastro de Low. Ela escorregou uma vez, mas não caiu.

Não havia nenhum detalhe afetuoso na máquina; sem olhos, ou qualquer característica reconhecível, mas Low se encontrou admirando a persistência do aparelho. Apesar da pouca diferença de altura, a máquina havia respondido a sua presença e agora parecia contente em segui-lo como um cachorro. Ele preferiria a companhia de Robbins, mas na sua falta, era bom ter algo ambulatório como companhia.

Ele gritou o nome dela assim que alcançaram a câmara principal, e mais uma vez não houve resposta. Uma busca, sem dúvida seria precisa, ele sabia, mas se ele a encontrasse,

ela provavelmente consideraria isso como intrusão, encarando isso como uma afronta à sua auto-confiança. Ele iria dar mais tempo à ela. A fauna alienígena que eles encontraram até agora era inofensiva, e ela provavelmente estava se saindo muito bem sozinha. Quando Maggie estivesse pronta, ela poderia facilmente encontrá-lo.

Voltando-se para o dispositivo, ele disse sem muita esperança: "Tudo bem, vamos ver o que você pode fazer."

Se aproximando do arco mais próximo, ele analisou as inscrições e os entalhes em um dos lados. Eles poderiam ser superfícies de controle, avisos, hieróglifos elegantes, ou nada mais do que um graffiti alienígena. Não tinha nada a perder por estar tentando, pensou consigo mesmo.

Passar os dedos através das sinuosas gravuras implicou em nenhum resultado. Talvez um toque mais específico fosse necessário. Virando-se, ele gesticulou exageradamente para a máquina.

"Você pode fazer qualquer coisa com isso? Existe qualquer coisa que você possa fazer, além de admirar essa obra de arte?"

O dispositivo se agachou, indiferente ao pedido de Low. Ele estava acompanhando-o, mas sem realizar nenhuma ação em especial.

Frustrado, ele caminhou lentamente em volta da máquina, olhando-a enquanto ela novamente girava para continuar encarando-o. No fim do percurso ele teve uma idéia. Mais uma meia-volta e a máquina estava entre ele e o arco. Agora ele começou a andar para frente. Respondendo, a máquina começou a recuar. O que ela iria fazer assim que ficasse prensada entre ele e a parede? Ela iria se esquivar, pular sobre ele, ou voar?

Ele estava apenas tentando, para compreender melhor o comportamento do dispositivo. Além do mais, aquilo era uma máquina, e não um animal. Ele sabia como um animal iria reagir a tal situação. Será que a máquina também o veria como uma ameaça?

Com a parede em suas costas a máquina girou abruptamente e se chocou contra o obstáculo. Por um curto momento Low pensou se a máquina estava tentando algum tipo de suicídio mecânico. Avançando para frente, ele pode observar que muitos dos instrumentos que estavam na parte

da frente da máquina estavam se movendo; escorregando em encaixes, preenchendo buracos, e tocando algumas ranhuras. Embora ele estivesse observando com atenção, ele sabia que aquilo era algo que ele não poderia imitar. Mesmo porque ele não tinha o mesmo número de membros.

Um zunido profundo emanou do arco. Low se distanciou um pouco. Algo girou como um giroscópio gigante. A máquina guardou os seus instrumentos e rolou para trás.

Juntos, eles assistiram enquanto a barreira parecia se derreter, para revelar uma luz, e então um majestoso portal abaixo do arco. Low considerou o fenômeno como algo um pouco assustador, e enquanto isso a máquina observava a sua obra com aquela invariável, indiferente forma de encarar as coisas.

Ele procurou em vão por sinais da barreira que desapareceu, mas finalmente acabou desistindo e atribuiu o desaparecimento dela a uma engenharia alienígena que ele não poderia compreender. Mas o que era realmente interessante era o que jazia além do portal recém aberto.

Um longo túnel se estendia para longe da entrada do portal. Não havia nenhuma luz no seu final, nenhum reconfortante raio de sol. Low atravessou o túnel, e chegou a um pequeno ambiente. A sua direita jazia uma plataforma erguida. Ao lado havia uma esfera transparente que parecia ter sido feita com quartzo puro, um vidro impecável ou mais provavelmente um material completamente desconhecido. Por tudo o que Low sabia, aquilo era um diamante artificial, embora ela fosse mais parecida com uma enorme pérola oca.

Ele se aproximou. Percebendo que o robô não estava seguindo-o, ele retornou à entrada e tentou usar o mesmo truque que havia usado no depósito. Mas não funcionou. Nenhum dos seus gritos ou gestos fizeram a máquina avançar. Quando ele tentou o truque de dar a volta e forçar a máquina a entrar no túnel, ela simplesmente saiu da frente. Não importava o que Low tentasse fazer, ele não conseguiria fazer com que a máquina desse um passo através do arco.

"Ótimo," ele finalmente disse, exasperado. "Fique aqui. Eu irei abrir a próxima porta sozinho." Ele teve que sorrir. "Fique garoto, fique!"

A máquina não respondeu, e nem ele esperou que ela o fizesse. Ela simplesmente estava parada no lugar, estática, e provavelmente estaria ali quando ele retornasse. Mesmo se ela se sentasse e jogasse todos os seus instrumentos para o

alto, ele não estaria surpreso. Há muito ele havia perdido a sua capacidade de se surpreender.

Ou pelo menos ele pensava que tinha.

Entrando novamente no túnel, ele subiu na plataforma e cuidadosamente passou a mão sobre o lindo material. Dentro da esfera ele viu um banco de forma bastante peculiar, ou uma cama,

ou uma estante. Tendo nenhum conhecimento sobre a anatomia de um Cócitan, ele não tinha como descobrir a sua real função. O interior era grande o suficiente para comportar muitas pessoas. Ou apenas um álien?

Por um instante ele pensou ter visto uma luz laranja atrás dele, não muito diferente da luz que eles haviam visto no cânion. Mas ela não se repetiu, não permitindo que ele contemplasse a sua fonte ou a sua razão. Ela poderia, ele pensou, ter sido apenas uma luz ocasionada pelo seu movimento e os reflexos que a esfera produzia.

A entrada da esfera era redonda e sem nenhuma porta. Uma vez dentro dela, ele procurou por qualquer coisa que lembrasse um botão, chave ou alavanca. Não havia nada. Nenhum painel, nenhuma espécie de controle no chão, nem mesmo um painel de luz. Havia só o estranho banco e um túnel escuro a frente.

Se inclinando para frente, ele percebeu que o chão entre o túnel e a esfera era sulcado, como uma espécie de trilho. A função era óbvia, mas o mecanismo não. A presença de uma trilha indicava que a esfera era intencionada para viajar através dela, mas os meios de propulsão ele não conseguiu imaginar. Não havia nenhum sinal de motor, exaustor, foguetes ou rodas. Isso poderia sugerir que a fonte do movimento viesse da trilha ou do próprio túnel, e não da esfera.

De uma coisa ele estava certo. A esfera foi feita apenas para o transporte local. Ela não o levaria para milhares de anos-luz mais perto da Terra.

O que abria a questão de para onde ela iria. Para outra plataforma de lançamento de uma nave-asteróide? Era muito para poder se esperar. Para uma sala cheia de plaquetas ativadoras de naves? Uma possibilidade mais razoável.

A abertura circular não mostrou nenhum sinal de que iria se fechar atrás dele, e nada que ele fez chegou perto de

ativar o sistema. Isso se, ele lembrou, tudo ainda estivesse funcionando.

Mais uma vez ele ponderou em procurar sua única companheira, e mais uma vez ele decidiu dar a ela o espaço que ela queria. Low podia consertar milhares de coisas, mas uma depressão não era uma delas.

Voltando para a plataforma, ele se encontrou admirando o maravilhoso material dela. Parecia madeira polida, até que ele chegou perto o suficiente e descobriu que podia ver um pouco do interior amarronzado que ela tinha. Nada aqui era completamente

sólido. Ele começou a pensar se aquele efeito era intencional ou se era um efeito colateral das técnicas Cócitan de construção.

Talvez olhar fixamente para o banco seria o método correto de ativação, ou talvez o seu peso poderia ativar algum mecanismo oculto abaixo dele. Ou talvez o efeito dos anos tenha resultado em um tempo maior de partida. Qualquer que seja a causa, a abertura atrás dele fechou, prendendo-o dentro da esfera. A porta se materializou do nada, da mesma maneira que a porta abaixo do arco havia desaparecido diante dele.

Ele bateu na barreira, mas sem sucesso. Ela estava fortemente trancada. Mas o quanto? Ele começou a imaginar se os Cócitans viajavam em um estado de animação suspensa. Caso isso fosse verdade, os ocupantes da esfera não necessitariam respirar.

Infelizmente, ele precisava.

Uma luz começou a emanar da superfície da esfera, de dentro e de fora. No que ele havia se metido? O ar estava fresco e abundante – até agora. Teria ele mau interpretado as funções dessa máquina? Ela era parte de um sistema de transporte local – ou era uma versão Cócitan de uma ratoeira de alta tecnologia?

A esfera balançou como se tivesse sido atingida por algo invisível. Ele fechou os olhos, esperando por um raio elétrico ou um gás tóxico. Quando nenhum dos dois aconteceu, ele abriu os olhos ... e se encontrou olhando para baixo a longa linha escura do túnel.

A esfera estava se movendo para frente. Olhando para trás, ele pode claramente ver a plataforma e o arco que dava para a câmara principal. Reflexos indicavam que a esfera estava girando como uma bola de bilhar que recebera uma forte tacada, mas dentro da esfera tudo estava estável. O banco nem mesmo vibrava, continuou equilibrado e firme enquanto que o veículo continuava a acelerar.

Não havia nenhum ponto de referência dentro do túnel, nenhuma luz ou placas brilhantes. Isso tornou difícil a estimativa da velocidade, mas calcular a velocidade relativa era algo em que Low era particularmente bom. Ele determinou que a esfera estava viajando em torno de 160 Km/h. Mas a distância que ela já havia percorrido ele não conseguiu estimar.

Então tentou lembrar do pouco que ele sabia da geografia local. Brink havia chamado atenção ao fato de que eles talvez estivessem em uma ilha, mas sem circunavegar o local não teria como provar que o lugar não era ligado a um continente. Baseado

no que eles viram, Low duvidou que eles tivessem aterrissado em um continente. Uma península talvez, se não uma ilha.

Se este era o caso, então havia uma boa chance de ele estar viajando agora sob o oceano Cócitan. Sentando-se no banco, ele só podia esperar que o túnel terminasse em algum lugar acima da superfície.

## CAPÍTULO 11

Muitos estavam observando o seu deslocamento, facilmente seguindo a esfera. Uma vez que eles eram conscientes de tais coisas, eles não tinham necessidade de calcular a sua velocidade. No seu estado atual, coisas intangíveis como a velocidade relativa da esfera era algo que não significava nada para eles.

Muitos flutuavam por cima do oceano, seguindo o movimento da esfera como se o mar, céu e rocha não existissem. O que de fato, pra eles, não existiam mais. Outros o seguiram pelo túnel, enquanto centenas de outros o acompanhavam facilmente através da rocha sólida. Para eles a densidade era um conceito que carregava apenas um significado filosófico. Eles viajariam através do ferro com a mesma facilidade com que o faziam no ar.

Eles eram indiferentes à matéria sólida, mas atravessar uma floresta com a mesma facilidade com que passavam por uma árvore não trazia mais nenhuma emoção a eles. Não há desafio naquilo que é simples, e onde não há desafio, a vida é pobre. A milésima vez em que se faz uma coisa não se compara ao sabor da descoberta.

Com prazer eles desistiriam da fácil maneira de viajar para sentir a rocha, sentir o ar e provar a água. Mas nenhuma dessas coisas era uma escolha aberta para eles. Haviam voluntariamente abandonado o mundo real e não conseguiam encontrar o caminho de volta. À primeira vista, o pensamento puro era uma nova sensação. Mas isso se tornou seco e insípido com uma velocidade notável.

A expectativa era um dos poucos prazeres que ainda restavam para eles.

"Vejam o que eles já realizaram," declarou um polígono girante de presenças.

"Eles vagam aleatoriamente. É natural que de vez em quando eles tropecem no sucesso." Os líderes do pessimismo

estavam tão ativos quanto antes.

"Eles não são animais. Um ser desprovido de inteligência teria fugido do abrigo de portas ao invés de fazer uso dele."

"Muito bem. Essa prova de inteligência deve ser considerada. Os bípedes possuem uma inteligência de baixo nível e alguma habilidade em resolver problemas. Isso os torna um pouco diferente daqueles que vieram antes ... e falharam. Muitos tiveram sucesso em

abrir portas. Onde eles geralmente falham, é o que fazem com o que encontram."

"Não sejam impacientes pela derrota," Censuraram quarenta e uma presenças que ainda estavam esperançosas.

"Nós não!" veio a resposta. "Nós apenas observamos e extrapolamos."

"Então não extrapolem o fracasso. Nós nadamos em um mar de fracasso. Não há necessidade de aumentar o seu volume." A discussão em si já era algo que ajudava a quebrar o tédio. Nesse sentido, a vinda dos três bípedes já se provou útil para os deslocados mestres do quarto planeta.

Havia tantas coisas que eles poderiam contar aos viajantes se eles pudessem ao menos fazer um contato. Um sussurro na mente, alguns pensamentos muito bem colocados, teriam prevenido a morte de Brink e feito com que as coisas fossem mais fáceis. Mas isso não era possível. Apesar do seu controle sobre o tempo e o espaço, os Cócitans podiam apenas observar e esperar, tão frustrados quanto uma lesma que pretende percorrer uma sequóia.

Mas eles ainda podiam ter esperança.

A descida do túnel era tão suave, as paredes foram fabricadas com tamanha perfeição, que até mesmo Low, que tinha uma habilidade de discernir o que está embaixo e o que está cima melhor do que a maioria dos humanos, não soube dizer a que profundidade ele estava ou o quão longe ele tinha ido. Entretanto, não houve dificuldade em dizer quando a esfera começou a reduzir a velocidade.

Uma luz apareceu logo à frente, e o notável mecanismo de transporte parou gentilmente no meio de uma outra estação que era idêntica àquela que ele acabara de deixar. Apenas o fato de o teto ser um pouco mais baixo indicava que ele não tinha viajado em um círculo. Ele definitivamente tinha chegado a algum lugar.

Levantando-se do banco, ele começou a alisar a porção da esfera que anteriormente era a entrada. Ela continuou

sólida.

*Cuidado*, ele disse a si mesmo. *Não arruíne nada*.

Talvez ele tivesse alisado em cima de algum botão tão transparente quanto a própria parede, ou talvez a porta só precisasse de tempo para abrir. Qualquer que fosse a causa, ela se abriu e permitiu que ele desembarcasse.

Havia um arco à sua esquerda e ele andou em direção a ele. Uma olhada para trás revelou que a esfera permanecera onde ele a

havia deixado. Quando percebeu que ela não mostrava sinais de que iria retornar, ele se sentiu seguro em assumir que ela iria aguardar até que ele voltasse.

A porta selada representava um grande problema. Agora não havia um robô versátil que iria abrí-la, e nenhum sinal de uma sala subterrânea que pudesse conter um. Enigmáticas pinturas e inscrições pareceram a ele, provocativamente óbvias. Sem saber o que fazer, ele se aproximou de uma.

A barreira se dissolveu.

*Interessante*, ele pensou, enquanto passava cuidadosamente através do portal. A ativação de certos mecanismos antigos requeria ferramentas especiais, enquanto outros respondiam apenas a uma mera aproximação. Aparentemente não teria como prever quais dispositivos iriam cooperar ou quais apresentariam comportamento rebelde. A porta continuou aberta atrás dele. Ele se encontrou em uma sala abobadada menor do que aquela que acabou de deixar. Ela era preenchida pelo usual brilho e fluidez nas paredes e no chão. Mais dispositivos alienígenas. Um portal aberto levava para fora. Pelo menos isso ele sabia para que servia.

Uma brisa gentil o saudou enquanto ele atravessava o portal. Ele se encontrou em uma escarpa rochosa, olhando para o mar. Era alta e reta o suficiente para um mergulhador tentar um pulo, o que não importava. Um nado de recreação não estava no topo da sua lista de prioridades.

Na distância, se erguia a enorme massa da ilha central. Da sua nova perspectiva, ele podia ver com clareza de que se tratava de uma ilha, e se houvesse algum continente naquele planeta, estava fora do alcance da sua vista. O contorno bulboso da nave asteróide era visível ao lado direito da ilha. Em direções opostas, outras ilhas se elevavam do fundo do mar. Seus misteriosos pináculos cintilavam sobre a luz do sol.

Uma incrível massa de água estava entre a ilha principal e a sua atual posição. Ele esperava fervorosamente que o sistema de transporte da esfera iria responder uma segunda vez à sua presença, e que ele não tivesse que nadar de volta. Embora a água pudesse estar morna, ele não tinha como prever a força das correntezas locais, e era improvável que um oceano tão cheio de vida fosse desprovido de predadores altamente evoluídos. Eles poderiam achar a sua carne estranha e sem gosto, mas quando eles descobrirem isso, Low não iria mais se importar com o assunto.

Não, a esfera oferecia um meio muito mais razoável de se retornar.

*Eu estou ficando velho, ele pensou, mas eu não me importaria de envelhecer um pouco mais.* Com isso em mente, ele se virou para estudar o pináculo que dominava essa ilha, assim como os outros nas ilhas vizinhas. Ele apontava agudamente para o céu, destacando o talento de engenharia de seus construtores. Não era um monumento oco, mas uma estrutura totalmente funcional, e se erguia por centenas de metros acima do solo. A maravilhosa liga de metal e vidro brilhou na luz do sol, num dourado pálido.

Uns giros de cor rosa e vermelho claro, coravam os níveis inferiores. Sobre a luz direta do sol seria muito difícil de olhar. A vegetação nativa crescia sobre as paredes reluzentes. Um arbusto ostentava pequenas pústulas azuis que palpitavam para dentro e para fora. Ele resolveu dar a ela o máximo de distância. Plantas perigosas, assim como animais perigosos, muitas vezes ostentam uma aparência inocente, iludindo uma presa em potencial para fazê-las com que cheguem mais perto para conferir a sua falsa beleza.

Em resposta à sua aproximação, uma peculiar gramínea avermelhada pareceu se contorcer sobre si própria para evitar ser pisada. Raízes elásticas que percebem o movimento, ele imaginou, ou algum outro fenômeno alien? Ao lado de arqueologia, ele adicionou botânica como uma das matérias que ele gostaria ter aprendido mais no colégio.

De volta para dentro do pináculo, ele começou a examinar mais de perto as saliências nas paredes e, em particular, os vários dispositivos alienígenas que estavam encostados nos cantos ou amontoados no chão. Alguns estavam protegidos por casulos transparentes feitos de algum material como fios de açúcar. Esses se provaram impermeáveis ao toque dele.

Marcas brilhantes flutuavam acima ou a frente de muitas telas, como se fossem displays feitos a partir de uma

reunião de vaga- lumes. Eles se moviam e giravam junto com ele de uma maneira que fossem sempre visíveis, não importando onde ele estivesse dentro da sala. Em adição à luz ambiente que emanava do solo e das paredes, os casulos tinham a sua própria iluminação interna.

Low especulou na possível função de seus conteúdos. Alguns lembravam utensílios domésticos, outros, armas peculiares. Haviam displays que mostravam objetos bem cuidados, e outros com um equipamento meio destruído, o que poderia indicar que seria o

equivalente a preservação histórica do local. Nada tinha o formato de algo que poderia ter sido feito por mãos humanas. Até mesmo o menor dos objetos mostrava uma aversão à ângulos agudos.

Haviam poucas peças iguais, e tudo parecia claramente ter sido projetado para um certo propósito. *Agora*, ele se encontrou pensando, *se eu encontrasse uma etiqueta com os dizeres, “Transporte interestelar, chave para a ativação do...”* .

Enquanto nada óbvio se apresentava aos seus olhos, ele observava os vários exemplos de design alienígena. O mais notável de todos era um grupo de cristais verdes em forma de ovo. Na Terra, ele teria suspeitado de tsavorita, esmeralda ou turmalina, nessa ordem. Mas pelo que ele sabia, aqui ela poderia ser composta até por sangue de alien petrificado.

Não eram muito grandes, do tamanho de um livro de brochura. O mais impressionante era o método do display. Ao invés de estar em uma estante ou sustentado por um suporte como muito das outras exposições, o cristal flutuava em uma suspensão dentro de um estojo vítreo transparente. Era ainda mais chamativo porque tinha um suave brilho interno.

Enquanto ele andava em volta do display, o cristal girou lentamente para segui-lo, como se ele tivesse uma curiosidade própria. Mais do que sua beleza natural, o mecanismo de sua suspensão o atraiu.

Ele provavelmente não iria além disso: alguns momentos de admiração por mais um objeto da engenharia Cócitan. Mas ao invés de ir embora, ele se inclinou para frente, tocando as suas mãos no estojo transparente enquanto dava uma olhada mais de perto.

Imagens se materializaram na frente de seus olhos, mais nítidas e limpas do que qualquer holograma que ele já tinha visto. Ele recuou, e então parou para assistir. Em adição às imagens, havia uma narração ou um acompanhamento

musical (ele não sabia dizer). A porção da câmara foi preenchida por uma espécie de canção melódica. Era tranqüilizante para os ouvidos, e ele imaginou se aquilo seria uma forma de linguagem ou apenas música. Não que isso importasse. Quanto a sua origem, ainda permaneceu incompreensível.

O mais interessante foi a seqüência de imagens, que mostravam os diversos usos dos cristais verdes. Ele não mostrou nenhum Cócitan em si, apenas os cristais e suas aplicações.

Ele percebeu que os cristais poderiam reparar máquinas quebradas, renovar trabalhos de arte, purificar água, realizar outras dúzia de funções irrelevantes, e principalmente, reviver ou tratar as feridas e enfermidades de várias formas de vida alienígena. Quando a demonstração, ou o manual de instruções, havia terminado, a última imagem se apagou.

Ele obviamente havia ativado a apresentação quando ele se inclinou para frente para ver melhor. Talvez se repetisse os gestos ou o contato que ele havia feito, ele poderia ativar apresentações semelhantes em outros displays.

Mas isso ele poderia checar mais tarde. Agora ele só estava interessado no cristal e no que ele havia aprendido sobre ele. Se ele podia revigorar vegetais e reviver animais áliens, o que ele poderia fazer em um amigo ferido? Bem, mais do que ferido, mais ainda assim...

Como ele poderia ganhar a posse de um? Ele caminhou completamente em volta do envoltório, procurando por alarmes, armadilhas ou conexões escondidas. Não encontrando nenhuma, ele tocou-o uma segunda vez, pretendendo testar a consistência do envoltório da parte frontal do cristal.

A sua mão passou através do que pareceu ser prata gelatinosa. Seus dedos se contraíram em volta da cápsula do cristal. Era quente ao toque, mas não ao ponto de o incomodar. Quando o envoltório não reagiu, nem cortando a sua mão fora ou qualquer rejeição dramática, ele suspirou com alívio e retirou o seu prêmio.

Estava na palma de sua mão, brilhando suavemente. Nenhum alarme ecoou dentro do pináculo, nenhuma luz piscou, nenhuma porta de segurança se fechou para trancá-lo ali. Em um momento o cristal estava flutuando na sua frente, e agora estava inofensivamente na sua mão. A sua pele começou a latejar. Ele só podia esperar que nenhum efeito colateral fosse cancerígeno.

Então, ele pensou consigo mesmo enquanto percorria o caminho de volta para a entrada do pináculo, era muito improvável que um objeto com tantas funções reparadoras e curativas pudesse causar algum mau ao seu portador. É claro, a química do corpo humano era diferente da daquele mundo, mas a versatilidade do cristal fez com que ele tivesse esperança. Ele já havia visto o quão eficiente o cristal fora em diversas formas de vida e aparelhos.

Será que funcionaria em um humano?

Pelo o que ele pode perceber, a esfera não se moveu. O único portal circular continuou aberto. Ele permitiu que entrasse, então quando Low se sentou no banco, a porta se fechou como antes. Uma leve balançada, e ele estava em movimento novamente.

E se este não fosse simplesmente um cômodo transporte local, mais um veículo bem mais elaborado programado para transportar seus passageiros para localidades distantes do planeta inteiro? Era difícil imaginar a direção, mas pelo o que ele pode perceber, ela estava girando de volta pela mesma rota que havia percorrido antes. Alerta para qualquer guinada ou mudança de direção, ele permaneceu tenso até que a esfera viesse a parar em uma plataforma, semelhante àquela que ele havia entrado primeiro.

E era, de fato, a mesma. Havia a grande entrada para a câmara principal, e que agora ele tinha certeza, ficava em outra ilha. Confirmações adicionais foram notadas quando ele percebeu o monte de rochas desmoronadas e o estático robzinho, que permaneceu exatamente lá, aonde ele o havia deixado.

Dando uma pequena corrida em direção a pilha de destroços, ele começou a gritar por Robbins. Para a sua exasperação, a jornalista perambulante estava fora do alcance de sua voz.

Ele desacelerou quando chegou mais perto do local do desmoronamento. Brink estava deitado da mesma forma como o haviam deixado. Deitado de costas e com as mãos atravessando o corpo. Certamente deveria haver carnicheiros na fauna local, Low sabia, mas estes devem ter se recusado a entrar na câmara através da entrada no teto. O corpo estava intocado.

Ele estava morto por pouco menos de uma hora e Low imaginou o quanto das suas funções cerebrais ainda estariam preservadas. O estudo da memória humana ainda estava se

desenvolvendo, e muitas coisas ainda estavam obscuras. Ele estava prestes a fazer um teste sobre as pesquisas contemporâneas.

O que ele estava prestes a tentar era impossível. É claro, assim como viagens interestelares. Desde que ele havia descreditado uma impossibilidade, porque não mais uma? Ao invés de questionar a tecnologia alien, ele pretendia fazer uso dela.

Mas o que ele deveria fazer com o cristal? Como ele iria usá-lo? Só haveria uma única maneira certa e várias erradas? E se ele fizesse da maneira errada? É claro, com Brink já morto ele não tinha com o que se preocupar.

Ele tentou lembrar cada detalhe que ele viu na projeção da apresentação do museu (assim que ele o chamou). O cristal ainda estaria funcional? O brilho verde poderia ser nada mais que um efeito estético residual. Ele brilhava suavemente na palma da sua mão, exatamente como tinha aparecido na projeção.

Sem saber o que fazer, ele simplesmente o colocou em cima do peito do cientista, recuou um pouco e esperou.

Por um longo tempo, nada aconteceu. Então, o brilho verde se intensificou, como se o cristal estivesse respondendo a uma programação desconhecida ou simplesmente ao toque de uma forma de vida danificada. Ele havia feito a coisa certa? Ele tinha certeza absoluta que ele não podia tornar Brink mais morto do que ele já estava.

O que aconteceu em seguida fez com que o seu queixo caísse, e Boston Low não costumava fazer isso. O cristal desapareceu. Não que ele tivesse evaporado no ar, mas ele se derreteu e afundou no peito do cientista. Rapidamente, ele se prostrou para frente, ajoelhou-se ao lado do seu companheiro e passou a mão onde o cristal havia estado. Ele não havia ficado invisível. Ele definitivamente havia sumido. E fora para dentro do cientista, derretendo através da roupa e da pele como um gelo verde em um dia quente. Uma leve aura verde se espalhou em volta do busto de Brink, permaneceu por um momento e então desapareceu. Não era nada parecido com o que ele havia visto no museu.

Um grande milagre estava para acontecer. Brink tossiu.

Enquanto o corpo do cientista começou a se contorcer, Low recuou, imaginando se haveria qualquer coisa que ele pudesse fazer para ajudar, para apressar qualquer que fosse aquele processo. Sem saber de nada, ele só poderia assistir ... e ter esperança.

Mais impressionante que a velocidade, foi a eficácia do processo. Havia passado apenas alguns minutos quando

Brink se sentou, abriu os seus olhos e começou a limpar energeticamente algo no seu rosto. Girando devagar, ele focalizou Low enquanto lutava para levantar.

"Quer uma mão?" Low estava muito atento.

"Não. Obrigado." O cientista piscou, e balançou sua cabeça como se estivesse tentando lembrar algo importante. "O que aconteceu, Comandante?" Seu olhar não estava na direção de Low, mas na massiva pilha de rochas e pedras que estava atrás dele.

"Você caiu." Low estava procurando muito atentamente por sinais de trauma pela demora da ressuscitação, mas Brink estava agindo como se apenas estivesse despertando de um sono profundo.

"Sim. Eu caí." O cientista jogou a cabeça para trás para poder ver a enorme abertura que havia sido criada no teto da câmara. "Eu me lembro de estar caindo, então senti muita dor..." Ele levou uma das mãos até a nuca. "Então, não lembro de mais nada. Devo ter perdido a consciência."

"Isso não é tudo o que você perdeu," Low informou-o de uma forma meio sinistra. "Você quebrou o seu pescoço."

"Quebrei. ?" Sem palavras, Brink parecia desorientado.

"Como está se sentindo?"

"Porque você está olhando para mim desse jeito? Eu estou meio tonto, eu acho, mas isso é tudo. Você sabe como se sente depois de se beber muito vinho? Não estou sentindo dor. Certamente não teria como ter quebrado o meu pescoço." Como para mostrar o seu estado de saúde, ele ficou de pé. "Um homem com um pescoço quebrado poderia fazer isso?"

"Não. Não, ele não poderia. Desculpe-me" Aproximando-se, Low colocou uma mão na nuca do cientista e pressionou. Brink, confuso, permitiu o gesto. Low recuou. "A última vez que eu fiz isso, a sua cabeça girou como uma cabeça daqueles bonecos que têm pescoço de mola. Ele estava quebrado, Ludger. Agora ela está como se nada de errado tivesse acontecido. Não há nem mesmo uma contusão." Ele indicou os escombros.

"Você estava enterrado ali quando essa seção do teto desmoronou. Nada além de um braço estava à mostra. Maggie e eu puxamos você." A sua voz estava desanimada. "Você estava morto, Ludger. Frio como um defunto. Você esteve morto por uma hora."

"Sério, Comandante!" ele girou os braços. "Eu lhe garanto que eu nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Partindo do princípio que eu aceite o seu diagnóstico a

respeito da minha condição anterior, a que você atribui a minha aparente ressurreição?"

"Eu não posso mostrar para você." Low respondeu prontamente.

"Ah!" Brink pareceu convencido.

"Eu não posso mostrar porque está dentro de você, intacto ou dissolvido. Eu não sei. Eu encontrei um interessante sistema de transporte. Se você se lembra, nós especulamos essa possibilidade

assim que chegamos aqui. Eu posso confirmar agora. Até onde eu pude enxergar, só existem essa ilha e várias pequenas ilhotas em volta. Eu viajei para uma das pequenas ilhas e encontrei o que pode-se chamar de um museu, ou algo do tipo, ou até mesmo um armazém. Havia muita coisa lá. Muito do que pode se provar útil.

"Uma coisa que chamou a minha atenção foi uma espécie de cristal verde. Quando eu toquei a cápsula que o envolvia, surgiu uma apresentação tridimensional com algumas de suas funções. Uma delas era o uso dos cristais para a cura de animais gravemente feridos." Ele deu de ombros. "Eu não vi nenhum risco em testá-lo em você."

"É muito difícil piorar a situação de um cadáver." Seus olhos fitaram os do cientista.

"Eu o extraí da cápsula, trouxe-o até aqui, e coloquei no seu peito. Ele se afundou ou derreteu em você, fez a parte superior do seu corpo brilhar por um tempo, então você começou a tossir. Diga-me, como foi a sensação de se estar morto?"

Brink não respondeu rapidamente porque ele estava ponderando as palavras de Low. Finalmente ele murmurou: "É como dormir, Comandante. É como dormir. Eu não me lembro de estar gravemente ferido, ou de estar morrendo, ou de estar voltando à vida. Eu só sei que eu fiquei inconsciente, e no momento seguinte eu estava acordando confuso, olhando para você. acredite em mim, lamento por não conseguir lembrar melhor o que aconteceu comigo nesse meio tempo. Eu vejo que devo acreditar na sua história."

"Eu não inventaria uma coisa dessas," Low assegurou-o.

"Eu não saberia como começar. Maggie talvez iria, mas ela pode confirmar que você estava morto também.

Brink olhou em volta. "E onde está a inquisitiva e animada Srta. Robbins?"

Low fez uma careta. "A sua morte a perturbou um pouco. Eu acho que tudo atingiu-a de uma vez só. Ela se afastou, disse que queria ficar distante de mim, mas eu acho

que ela só queria ficar sozinha por um tempo, para colocar a cabeça no lugar. Ela está mais nervosa com a situação do que está comigo, mas ela precisa de tempo para descobrir isso." Ele olhou através do cientista. "Eu pensei que ela já deveria estar de volta agora. Vou deixá-la vagando por mais um tempo." Ele fabricou um sorriso.

"Você precisa ver esse museu, ou armazém. Você ficará perdido como uma criança em uma loja de doces, Ludger. Eu

suspeito que se os tocarmos, muitos outros displays irão projetar apresentações das utilidades dos seus respectivos objetos. Vai ser como um show. Nós iremos aprender muito."

"Até mesmo como reativar uma nave espacial?" Brink estava sorrindo. "Nós podemos ter esperança. Você não teve nenhuma dificuldade em retirar esse cristal do recipiente?"

Low balançou a cabeça. "Se havia qualquer sistema de alarme, deve estar quebrado agora. Ou talvez ele tenha sido desligado em alguma sala de controle distante. Um sistema de alarme não é muito útil se não houver ninguém vivo para responder a ele."

"Você disse que encontrou um sistema de transporte?"

"Disse, mas espere até vê-lo. Ele gira e gira e você sai do outro lado." Ele riu novamente. "Sem ruídos ou vibrações, é algo maravilhoso, assim como o cristal. É uma grande descoberta, Ludger. Eu já vi pessoas demorarem mais tempo para se recuperar de uma dor de cabeça. E você simplesmente levantou e começou a falar comigo!"

"Você tem certeza absoluta de que eu estava morto, Comandante?"

"Absoluta. Morto como uma pedra." Ele indicou uma pedra do tamanho de uma bola de basquete que tinha rolado para longe do monte. Os dois homens olharam para ela por um tempo. Então se entreolharam, e eles riram junto.

"Temos que encarar isso como algo natural agora," Brink declarou.

"Eu sei. Agora nós precisamos encontrar a Maggie e dizer a ela que você está bem."

"Como você disse, ela vai voltar quando quiser."

"Eu sei, mas eu estou começando a ficar preocupado. Eu não imagino ela sobrevivendo por muito tempo por conta própria."

"Ela voltará ao normal e irá encontrar agente." Brink disse com firmeza. "Ou ela vai continuar por si mesma e morrer."

Low assustado pensou no impacto daquela frase, e então concluiu que o outro homem apenas tinha dito o óbvio. Além do mais, ele estava morto a apenas uns momentos atrás. Ele tinha o direito a essa liberdade. Low retornou para o que ainda era o tópico principal da conversa.

"Você e eu precisamos explorar o local para vermos se encontramos algo que nos ajude a voltar para casa."

"Concordo. Eu estou mais otimista agora do que estava antes. Se existem dispositivos que podem ressuscitar os mortos, então quem pode dizer o que é e o que não é possível aqui? Você disse que existem mais mecanismos nesse seu museu?"

"Centenas, talvez milhares."

Brink sorriu. "Dentre vários milhares nós precisamos apenas de um que reative a nave-asteróide. Nós temos muito trabalho pela frente."

"Eu que o diga." Low olhou em volta da enorme câmara. "O povo que construiu esse lugar deve ter morrido ou se mudado, mas eles deixaram um maravilhoso legado para trás." Ele se virou.

"Vamos lá, eu vou te mostrar o museu. Hoje a entrada é grátis."

"Assim como amanhã, e no dia seguinte, e no milênio seguinte."

"O que vocês acham disso?" O septeto de apoio ao primeiro desafiou-os ardentemente. A grande maioria de indecisos se tornou otimista e favorável, estando muito mais que convencida. "A criatura não apenas descobriu o cristal como descobriu o seu uso mais importante e o aplicou corretamente!"

Os pessimistas persistiram. "É exigida muita pouca iniciativa e inteligência para determinar o uso dos cristais para reparos em organismos orgânicos, depois de um processo de instrução visual."

"Sim. Nós iremos estar mais convencidos quando a habilidade de razão e dedução for demonstrada de forma mais explícita. As criaturas devem mostrar que podem deduzir sem ajuda."

"Vocês não podem negar o que eles já fizeram," afirmaram a primeira centena. "Eles encontraram e fizeram uso do cristal, o sistema de transporte da ilha, o abridor de portas e mais. Os presságios estão melhores como nunca estiveram em séculos!"

"Os presságios também eram bons para nós quando caímos," lembraram um grupo de formas envelhecidas de

pensamento, "e veja a que estado nós chegamos."

Cento e vinte mil percepções neutras chegaram a uma conclusão. "Progresso foi demonstrado. Muito ainda há para se fazer, e ainda é incerto se estas criaturas estarão à altura do desafio, mas mesmo assim, nós vemos razão para esperança."

"Esperança?" Duzentos mil contestadores se uniram simultaneamente. "Isso não passa de uma distração. Mais divertida e interessante do que várias outras, mas não mais conclusiva."

"Esperança... sim!" gritaram seus oponentes através do ether, que era tão extenso quanto um minuto-luz e tão curto quanto o comprimento de uma corrente peptídica. "Vocês não irão conceder os pontos?"

O argumento continuou imbatível. Como uma das únicas formas de recreação que eles poderiam ter no Nirvana que eles se aprisionaram, os Cócitans continuaram com vigor.

## CAPÍTULO 12

Brink não mostrou sinal de admiração diante do notável sistema de transporte. Low aprendeu que o cientista não se impressionava com facilidade. Depois de experimentar uma viagem interestelar, sem mencionar a sua ressurreição, isso era compreensível.

Enquanto a esfera deslizava uma segunda vez através do túnel escuro, Low manteve um olho atento em seu companheiro, procurando qualquer sinal de comportamento anormal. Até agora, Brink estava sendo o mesmo velho Brink. A sua pele não estava se dissolvendo, seus olhos não estavam girando descontroladamente, nem nada que parecesse fora do normal. Talvez porque apenas, como ele mesmo colocou, teria só acordado de um sono profundo.

O cientista ficou maravilhado com a quantidade e variedade de objetos que haviam no museu do pináculo. Ele se voltou para um de cada vez, demorando em alguns, passando rapidamente sobre outros.

Quando eles terminaram o seu curso de inspeção, ficaram juntos ao lado do portal que levava para fora, estudando o céu e o mar.

"O que eu realmente gostaria de encontrar eram mais daqueles cristais verdes." Brink protegeu os olhos, que eram mais sensíveis à luz do sol que os do Comandante. "Você pode imaginar seus valores científicos e comerciais? Eu não posso. Tais valores estão além de mim. E de acordo com o display que você disse ter visto, eles são capazes de várias outras funções também?"

Low confirmou com a cabeça. "Algumas delas eu nem saberia nomear. Não tenho as referências culturais necessárias."

"Se eles podem trazer de volta os mortos e curar um pescoço quebrado, talvez eles possam curar qualquer coisa. Câncer, AIDS, doença de Chagas, malária, dengue ... No caso de um doente terminal, seria como algo do tipo, 'Dê-me um cristal e me chame pela manhã' "

"Eu não sei." Eles se viraram e andaram de volta para a câmara. "Eu não posso imaginar como ele pôde analisar o que estava de errado com o seu sistema, reconhecer o problema, curá-lo e então ressuscitá-lo."

"Eu não posso imaginar viagens mais rápidas que a velocidade da luz, também, mas nós viajamos."

Brink estava muito concentrado. "Você disse que colocou-o em meu peito e então ele 'derreteu' em meu corpo?"

"Essa é a melhor descrição que eu posso dar a você."

Brink balançou a cabeça. "Eu imagino se ele ainda está intacto dentro de mim, ou se sua substância se dissolveu na minha corrente sanguínea, ou então em toda a minha estrutura celular."

"Gostaria de poder ajudar você, Ludger, mas eu não tenho uma parafernália médica aqui comigo."

O cientista colocou seu braço amigavelmente em cima do ombro de Low. "Coragem e persistência, meu amigo. Nós iremos encontrar as respostas para esses mistérios. Por exemplo, você já se perguntou se os efeitos curativos são permanentes, ou apenas temporários?"

Low ficou sério. "Eu não havia pensado nisso."

Brink sorriu. "Eu lhe garanto que isso me ocorreu logo após a sua explicação do que havia acontecido. Portanto, se eu cair morto no meio de uma frase, você saberá o motivo."

"Eu prefiro não considerar essa possibilidade." O senso de humor de Brink era repulsivo. "Vamos partir do princípio que seja permanente. Você está esperando que o seu pescoço quebre novamente, é?"

"Certamente não, mas nós não temos como saber. E ainda podem haver efeitos colaterais que ainda não se manifestaram."

"Eu vou ficar atento." Low disse para mudar de assunto. "Se você começar a brilhar na cor verde, vou te alertar imediatamente."

"Eu sempre considerei o verde uma das cores mais atraentes." O cientista sorriu.

Apesar dos seus melhores esforços, eles não conseguiram localizar mais cristais. Na verdade, eles não encontraram nada que pudesse ser útil. Nenhum dos

dispositivos áliens responderam às suas interações, verbais e manuais.

Entretanto, eles encontraram muitos pequenos robozinhos abridores de portas. Estes seguiram eles voluntariamente até a esfera. Embora não fossem fazer nada com a nave-asteróide, haviam muitas portas seladas na câmara principal.

"Observe." De volta para a ilha principal, Low colocou um dos robôs entre ele e um outro arco. "Quando ficam presos entre um de

nós e uma porta, eles se viram, e abrem ela." Ele continuou avançando em direção ao robô.

Ele tocou a sessão da parede e então parou. Low continuou até que ele estivesse empurrando o robô com os pés. O dispositivo ignorava a proximidade e a pressão sobre ele.

"Então...?" Brink estava ao lado, observado.

Perplexo, Low recuou e deu ao robô mais espaço. "Eu não entendo. Quando eu encurralei o outro, ele se virou e abriu a porta que levava para o sistema de transporte. A barreira simplesmente se dissolveu."

O cientista inspecionou a rocha sólida abaixo do arco. "Bem, não parece estar se dissolvendo para mim. Talvez nós devêssemos tentar outro portal?"

Seguindo a parede curva, eles chegaram a um terceiro arco, e Low repetiu o procedimento que havia feito antes. Quando isso também falhou, eles voltaram para o segundo arco e tentaram usar outro dos pequenos robôs, o resultado foi o mesmo: Nada aconteceu. Quando Low tentou o mesmo com o robô original, ele se mostrou tão passivo quanto os seus irmãos.

"Não se desanime, Comandante."

*Me animar?* Low queixou-se silenciosamente. *Eu estou sendo consolado por um homem morto.* "Tudo bem, eu estou sem idéias brilhantes, Ludger. Sua vez."

O cientista observou a câmara. "Existem muitas portas pequenas. Talvez algum desses dispositivos irá abrir uma?"

Para a sua surpresa, um dos robôs recém adquiridos de fato fez um das pequenas barreiras se dissolver. A dispensa atrás daquele portal não tinha nada impressionante como uma esfera de transporte. Ao invés disso, era repleta com pilhas de faixas reflexivas e placas que claramente pareciam ter sido feitas para vestir algo não humano. Havia longos instrumentos tubulares que podiam tanto ser armas como ferramentas agrícolas, ou simplesmente enfeites cerimoniais.

Além de ficarem parados no chão, Low não conseguiu imaginar nenhuma função que poderiam ter.

*Provavelmente um abominável closet, Low pensou. Capas impermeáveis e guarda-chuvas. Isso não irá nos levar de volta para casa.*

Brink chamou do fim do aposento. O cientista estava muito excitado. "Comandante Low! Venha rápido!"

"O que é, qual é o problema?" Low correu em direção a ele, passando através de vários mecanismos desconhecidos.

Não havia nenhum problema. Brink estava de pé diante de uma caixa bem diferente das cápsulas do museu. Ela era maior e estava ligada por meios invisíveis ao fundo da sala. Muitos cristais verdes estavam flutuando ali dentro.

Muitos cristais brilhantes e verdes, cintilando em suas cápsulas.

Exceto em quantidade, eles eram idênticos àquele que Low encontrou no museu e usou para reviver Brink. Uma olhadela em direção ao cientista revelava que ele estava olhando sem piscar para o tesouro, com os olhos focados e brilhando.

"Nós precisamos tirá-los daqui!" Sua voz estava atipicamente trêmula.

"Espere um minuto." Low olhou para o companheiro. "É claro que nós vamos tirá-los daqui. Eles podem ser muitos úteis, e valiosos, e não vamos simplesmente deixá-los aqui. Nunca se pode saber quando precisaremos de um. Mas porque a gente *precisa* tirar eles daqui?"

Suas palavras pareceram penetrar lentamente na mente do cientista, como se elas tivessem sido ditas uma a uma em um longo intervalo de tempo. Ele piscou. "Porque ... eu acho que é óbvio. Se a minha condição de vida for temporária, uma possibilidade que nós já discutimos, então a aplicação de mais um cristal pode estender a minha vida."

"Parece justo," Low replicou, "embora eu ache que você está perfeitamente saudável. Melhor de que quando chegou aqui, para falar a verdade."

"Eu fico feliz em ouvir isso." Ele estava suando? Low não podia ter certeza. "Nós precisamos extrair estes." Ele se moveu em volta do piloto, que estava olhando entre ele e o recipiente dos cristais.

Low bloqueou o seu caminho. "Espere só um minuto Ludger. Só porque estes parecem com o cristal que eu usei em você, não significa que eles tenham as mesmas funções.

Não deveríamos ter mais cuidado? Talvez um ou outro tenha outras funções. Talvez até perigosas. Porque a pressa? Não seria melhor pesquisar um pouco mais?"

Mas Brink não estava mais olhando para ele. Ele estava olhando através de Low, na direção da entrada. "Talvez alguém mais pense da mesma maneira."

Low se virou. Flashes e centelhas encheram o centro da sala. Elas eram um eco da luz-fantasma que eles haviam encontrado na superfície. Mais uma vez ela parecia tentar formar algum desenho sólido, e mais uma vez ela não conseguiu formar nada, parecia apenas uma espécie de vagalume desesperado voando. Low pensou que viu alguma urgência no seu movimento, mas então concluiu que estava sendo bobo.

"O que são essas coisas afinal?" Ele se ouviu murmurando.

"Um interessante fenômeno natural." Enquanto as luzes deslizaram para frente, Brink se aproximou do recipiente.

Low se manteve parado enquanto as luzes o contornavam. "Eu imagino se ela carrega algum tipo de material. Algumas delas parecem ser quase sólidas."

"Eu duvido." Brink abanou a mão dentro da forma. Seus dedos passaram facilmente através dela. "Eu não sinto nada. Uma leve sensação de formigamento, talvez. Elas são luzes, é tudo. Um inofensivo fenômeno atmosférico local."

Low levantou uma mão. Muitas das pequenas luzes atravessaram a sua pele, e ele teve a sensação que o cientista havia descrito. Não era doloroso, era como ter cócegas persistentes. Enquanto ele olhava atentamente, as luzes desapareceram uma por uma.

"Eu acho que você está certo, Ludger. É um fenômeno interessante, mas isso é tudo." Sentindo-se desapontado, ele se virou para o fundo da sala.

"Isso será uma frustração de mil anos!" Uma dúzia de formas de pensamento girou em torno de um eixo. "Nós não podemos fazer nada para impedi-los, avisá-los, ajudá-los?"

"Por que tem que ser diferente com estes do que com seus antecessores?" Declararam centenas de outros, que se uniram em uma única forma geométrica que nove entre dez

matemáticos humanos teria dito que seria teoricamente impossível.

"Não importa o quanto nos esforcemos, nós não podemos interferir na dimensão física de uma maneira significativa." Meio milhão se reuniram em uma convenção. "Essa foi a escolha que fizemos."

Nenhum dos que estavam presente, precisava ser lembrado sobre esse lamentável fato. Tristemente, eles observavam a uma possível renovação de um antigo fracasso, um vício que eles adquiriram muito tempo atrás. O paraíso estava preenchido de descontentamento. Poucos tinham energia para discutir. Eles haviam atingido a mais infeliz perfeição. Tudo o que eles podiam fazer era existir, e observar.

"Maravilhoso! *Wunderbar!*" Brink chegou ao recipiente, seus dedos penetravam as cápsulas com a mesma facilidade que Low tinha experimentado no museu. Seus dedos começaram a formigar quando sua mão se aproximou do conjunto de cristais.

"Mas e os possíveis perigos?" Low hesitou, incerto de como reagir.

"Tolice! Quem iria fazer um análogo mortífero a algo criado para restaurar a vida? Você está muito preocupado, Comandante. Além do mais, tendo nenhuma fonte de informação detalhada, nós devemos nos contentar com as demonstrações empíricas."

Não era como se o cientista estivesse hipnotizado, Low concluiu. Ele simplesmente estava preocupado com os cristais e com nada mais, nem mesmo com um potencial perigo. Sua atitude estava beirando o irracional, mas ele ainda podia continuar sem que fosse considerado que havia atravessado o limite. Low ficou muito atento às atitudes dele.

"Eu admito que nós não temos meios próprios de estudo. Mas o que você tem em mente?"

Brink sorriu para ele. "Nós não podemos imaginar o potencial desses cristais, levando em conta que apenas conhecemos parte de sua utilidade. Sou uma prova disso. Eu gostaria de ter visto a ação do cristal no meu corpo." Seu sorriso sumiu e Brink relaxou um pouco. "Estar morto certamente o priva de analisar as coisas." Seus dedos se fecharam em volta da cápsula mas próxima e se manteve firme.

"Nós temos que levar ao menos alguns desses com a gente."

"Por que? A porta está aberta e nós sabemos aonde eles estão. Nós podemos voltar e pegar um assim que precisarmos."

"Nós não podemos arriscar!" Surpreso com a repentina mudança no seu tom de voz, Brink teve mais cuidado em moderar as suas palavras seguintes. "Seja razoável, Comandante. Nós não temos como saber quais mecanismos podem voltar à vida nesse lugar, nem quando. Na nossa ausência, mesmo que seja breve, essa

sala pode se fechar novamente, nos privando permanentemente de seu tesouro. E nós podemos encontrar futuras dificuldades, será útil ter alguns cristais para fins medicinais."

Low concordou relutantemente. "Você argumenta persuasivamente, Ludger. Tudo bem, eu te dou os pontos. Leve os cristais. Mais eu não vou carregá-los por ai. Você vai ter que levar a maioria."

"Com muito prazer." Enquanto Low o observava, o cientista removeu um cristal de cada vez, guardando eles em cada bolso disponível na sua camisa e calça, até ao ponto de parecer alguém que engoliu uma lanterna verde. Como precaução, Low guardou dois cristais para si. O seu suave calor podia ser sentido através do material de sua calça.

"Veja, Comandante." Brink apontou para o último cristal, e rolou-o entre as palmas das mãos. "Eu não estou morto ou ferido, então deve ser por isso que ele não se funde ao meu corpo."

"Talvez ele só funcione em certos locais de contato," Low sugeriu. "Talvez o contato com as mãos não funcione."

Seus lábios se mexeram, e Brink respondeu aprovadamente e com o mínimo de arrogância. "Muito bom, Comandante! Uma observação válida." Seu olhar se dirigiu para o cristal. "Eu tenho em minhas mãos a chave para a cura da morte. Talvez também seja a resposta para tudo que a humanidade sempre sonhou."

"É uma conclusão meio utópica demais, não acha?" Low afirmou azedamente. Depois de estar nos grandes espaços que eram a câmara principal e o museu, aquela saleta estava começando a parecer apertada. O comentário de Brink sobre portas se fechando misteriosa e definitivamente deixou Low mais desconfortável ainda.

"Vamos sair daqui"

"Está nervoso, Comandante?" Brink se virou e começou a seguir Low enquanto ele andava em direção a saída.

"Estava apenas pensando no que você disse antes. Se as portas ainda podem abrir, elas também podem fechar." Sua respiração ficou mais fácil depois que ele pisou na enorme câmara. Era mais claro, fora daquele depósito. Um homem podia ver melhor. E pensar.

Ele se virou tão de repente que assustou Brink. "Você sabe, se esses cristais são uma espécie de ferramenta 'resolve tudo', será que talvez eles também possam abrir portas?"

O cientista fez um careta, e então considerou, e finalmente se encontrou concordando com a hipótese. "Uma combinação universal que une ressurreição e a abertura de portas? Eu só não acho isso impossível como também absurdo. Entretanto, essa seria a lógica humana. Nós estamos em um mundo álien e nós devemos considerar uma maneira não racional de pensamento. Quanto a sua proposta, porque não? Qual seria o mal em tentar?"

Os cristais não fizeram nada ao segundo arco selado. Low tocou um na barreira, deslizou-o ao longo da linha do chão e da parede, e o usou para contornar as inscrições marcadas na parede próxima. Além de fazer ele se sentir estúpido, isso não surtiu nenhum efeito.

"E os pequenos robôs?" Brink fez a sugestão assim que Low concedeu a derrota.

"Nós já tentamos eles, lembra? Não funcionou."

"Você tentou um por vez. E se tentássemos vários simultaneamente?"

Low estava cético quanto a isso. "Porque isso deveria funcionar? A primeira vez levou apenas um robô para abrir a porta. Porque com a segunda porta seria diferente?"

"Talvez porque esta seja diferente." Brink persistiu. "Você está pensando como um humano."

Low olhou para Brink de uma maneira duvidosa. "Isso porque eu sou um humano, Ludger. E você também. Não comece a esquecer disso."

Brink sorriu enigmaticamente. "Eu simplesmente estou tentando enfatizar o fato de que os Cócitans pensam de uma maneira diferente. O que para nós pode não fazer sentido ou parecer absurdo, pode ser perfeitamente aceitável dentro da lógica deles." Ele colocou uma mão no braço do piloto. "Venha, vamos tentar. Ou agora você está tentando conservar a energia dos robôs?"

Quando a segunda porta se dissolveu, Low estava muito contente para reparar o sorriso convencido de Brink. Como Brink havia sugerido, o uso de diferentes combinações

de robôs fez com que conseguissem abrir todas as portas, exceto uma. Nenhuma tentativa deu certo com o quinto portal. Talvez ela estivesse quebrada, Brink pensou.

Ele logo esqueceu sobre a quinta porta teimosa. Agora eles tinham mais quatro destinos para explorar. Dentro de cada um, havia uma já familiar estação de transporte.

"Eu imagino se a absorção do cristal fez algo para o seu cérebro." Low disse.

"Estimulá-lo, por exemplo?" Brink murmurou. "Eu não me sinto diferente, Comandante. Eu não tenho dúvida de que você iria descobrir essa solução mais cedo ou mais tarde. Mais tarde, provavelmente, mais ainda assim iria chegar a ela." Ele estava olhando através do alto portal do último arco, contemplando a esfera que aguardava. "Nós podemos começar a explorar."

"Eu concordo." Low se moveu. "Nós podemos começar com esta aqui."

Brink seguiu-o, uma luz verde comicamente emanado de suas vestes lotadas. "Cinco portais, cinco ilhas vizinhas. Não há nenhum mistério nisso."

Low entrou na esfera. "Eu me pergunto se todos os lugares serão iguais ao primeiro? Armazéns ou museus?"

A porta transparente se fechou atrás deles, e mais uma vez Brink admirou o mecanismo. Não havia nada primitivo como pinos ou dobradiças.

Com um leve balanço a esfera começou a andar, girando rápido e mais rápido pelo túnel enquanto seus passageiros permaneciam estáveis e calmos sentados no banco.

"Eu tenho a impressão," Brink comentou enquanto olhava para o túnel escuro a frente, "de que cada ilha será diferente."

"Intuição?" Low estava impressionado pelo simples túnel.

"Não. Simplesmente senso comum. Se eu fosse deixar para trás um museu, eu iria concentrar tudo em um só lugar."

"Claro, mas agora você está pensando como um humano." Brink riu. "Ah, Comandante. Nós ainda iremos encontrar uma maneira de sairmos desde mundo silencioso e morto."

Ele não era morto nem silencioso, é claro. O Cócito era habitado por uma população imortal, porém muda. Todos poderosos, mas impotentes. Oniscientes, mas não podiam

compartilhar as suas visões. Eles só podiam observar, debater e ter esperança.

Era a vez de Low dar um sorriso de contemplação, quando eles chegaram ao segundo pináculo. Ele era preenchido não com montes de artefatos ou cápsulas com aparatos misteriosos, mas com uma grande quantidade de mapas, globos e constelações, projetados e brilhando suavemente. O segundo pináculo era um local que reunia a topografia terrestre e galáctica.

Muitos dos esquemas e diagramas eram irreconhecíveis. Assim como muitos dos artefatos que eles haviam encontrado, os dois homens não tinham as referências necessárias para facilitar a compreensão. Eles se maravilharam diante da confluência de linhas, pontos e imagens, andando não só ao redor delas, mas através delas, enquanto imaginavam os seus possíveis significados.

"Talvez isso represente a paisagem interna do planeta, mas de uma forma que nós não possamos compreender." Enquanto ele falava, Low notou que o cientista acariciava um cristal em seu bolso por cima da camisa. "Como é possível mapear a troposfera? Essa ciência está além da nossa, meu amigo."

"Não completamente." Low apontou para uma exposição a sua esquerda.

Não havia nada de misterioso na brilhante representação tridimensional que ele havia apontado. Ela mostrava a ilha central rodeada pelas cinco ilhas menores. Os formatos dos pináculos que dominavam cada um das menores ilhas eram inconfundíveis. Poucas rochas na base das ilhas se levantavam sobre a água, mas eram muito pequenas para carregar qualquer traço de importância.

"É como se esse arquipélago tivesse sido escolhido por ser isolado de tudo." Low estudou os mapas, pelos quais poderia andar livremente através destes.

"Isso parece ser algum tipo de console ou painel de controle." Brink passou a mão em cima de uma suave projeção, começando pelo chão até chegar ao topo do mapa. Instantaneamente a projeção se expandiu para exibir a topografia submarina, nada tão maravilhoso quanto o sistema em que eles haviam visto antes.

"Você se encarrega disso, Comandante." O cientista abriu caminho. "Eu sou um ótimo leitor de mapas, mas não tão bom quanto você, tenho certeza."

Low não sabia dizer se Brink estava sendo sincero ou sarcástico novamente. Deixando isso de lado, ele se inclinou

para frente e começou a experimentar os controles. O simples movimento das mãos ativava várias funções, de uma dissecação interna da estrutura da ilha, a indicações das populações animais e vegetais do local, acima e abaixo da água.

Um certo giro de sua mão, não mais radical que os outros movimentos, fez com que toda a projeção sumisse.

"Desapareceu." Low olhou pasmo para aonde a projeção estava flutuando.

"Não, espere." Ajoelhando, Brink pegou algo no chão. Era uma versão em miniatura do painel de controle. "Tente isto. Prossiga." Ele passou-o para Low.

Combinar as duas mãos permitia expandir ou contrair o mapa, movê-lo, e acessar todas as numerosas funções que o sistema apresentava. Quando era desligado ele permanecia quieto em sua mão.

"Isso vai ser útil." Ele o enfiou em um bolso vazio, sentindo-o se acomodar contra a sua pele. "Vamos ver o que mais nós podemos encontrar."

Tudo o que eles encontraram era interessante, especialmente os mapas mostrando os maiores continentes Cócitans. O mais próximo se encontrava incrivelmente distante de onde eles se encontravam. Nenhum pareceu conter alguma população dos seres que haviam construído o lugar. Apenas o mapa das ilhas era portátil.

Quando eles se viraram para partir, eles tiveram um choque muito grande. Um dos piores medos de Brink havia se realizado.

Enquanto eles estavam analisando o conteúdo dos mapas, a porta que levava para o transporte silenciosamente se fechou atrás deles.

"E eu estou sem nenhum robô abridor de portas no meu bolso." Low preocupado, passou sua mão ao longo da barreira. Era tão sólida quanto o chão. "Agora nós temos um sério problema."

"Talvez nós possamos encontrar outro robô."

Sem saber o que fazer, eles percorreram novamente a sala dos mapas. Embora tivessem encontrado várias maravilhas, não acharam nenhum abridor de portas.

Foi a vez de Brink desistir primeiro. Mas depois de tudo o que fizeram, Low não estava disposto a ser condenado a morte por uma porta teimosa. Uma inspeção mais cuidadosa revelou um pequeno painel de serviço jogado solto no chão perto da porta, onde normalmente um robô estaria. A linha que o prendia a parede era tão suave que eles poderiam

andar sobre ela uma dúzia de vezes e mesmo assim não percebê-la. Felizmente, Low tinha uma visão muito aguçada.

Quando eles finalmente observaram o painel, muitos fios e canais foram revelados. A sua aparência era muito normal e sua função e mecanismos pareceram desanimadoramente familiares.

"Cabos," Low murmurou. "Simplesmente cabos velhos."

"Simples, talvez," lembrou Brink. "Velhos com certeza. Comuns? Eu não apostaria."

"Eles são cabos, isso é tudo. Nós precisamos iniciar um processo de engenharia conhecido com "fuçar". Dê-me uma mão aqui, Ludger."

Brink estava relutante. "Nós podemos nos explodir"

Low sorriu para o seu companheiro. "Isso não devia preocupar você. Está forrado de cristais. Se você explodir, o trarei de volta. E você pode retornar o favor. Segure isto." Ele indicou um cabo pequeno e fino.

Juntos os dois homens puxaram até que o cabo se soltou de suas ligas. O interior não era metálico, mas feito de algum material branco, semelhante à cera. Ele não soltou uma torrente de faíscas. Entretanto, liberou o suficiente para derrubar os dois homens.

"Ludger!" Low se levantou e tentou limpar os olhos. "Onde você está?"

"Aqui, Comandante!" Brink estava se levantando lentamente. "Foi uma experiência chocante."

Low recuou. "Se você for fazer trocadilhos, faça-os em alemão, ok? Dessa forma eu não poderei entender você." Depois de um rápido relance, ele disse indiferentemente, "Porta aberta."

De fato, a porta havia desaparecido. O acesso ao túnel estava mais uma vez disponível e a esfera os aguardava, imóvel na trilha.

Não querendo testemunhar se o efeito era permanente, ou mesmo se havia um sistema anti-falha que tinha entrado em ação, os dois homens se apressaram para passar pela porta. Ela continuou aberta quando eles entraram na esfera.

"Agora, isso que eu chamo de uma experiência de vida." Low se sentou no banco. "Até mesmo a mais avançada tecnologia está suscetível à aplicação de força bruta."

"Apenas para certas aplicações, Comandante," Brink o corrigiu. "Eu admito que estou grato pelo resultado. É confortável pensar que nossos músculos primitivos ainda

podem ser úteis para nós." A esfera balançou e começou a acelerar. "Espero que não haja efeitos colaterais. Nós forçamos uma porta. Que, com sorte, não abriu um portal para o meio do oceano."

Low olhou involuntariamente para cima, para o escuro teto curvo. "Ainda bem. Eu temia que a esfera fosse ser desativada e nós teríamos que andar todo o caminho de volta para a ilha central."

"Eu acho que nossos esforços foram facilitados pela idade desse complexo. Qualquer coisa poderia parar de funcionar a qualquer momento. Nós tivemos sorte até agora."

"Se isso é sorte," Low resmungou, "eu vou querer baunilha."

"Eu não entendo," Brink respondeu. "Meu domínio do inglês coloquial não é perfeito."

"Você está indo bem, Ludger, não se importe com isso."

"Em qualquer eventualidade, nós ainda temos estes." O cientista indicou o bolso cheio de cristais. "Eles podem nos ajudar em qualquer dificuldade."

"Isso é um fato?" Low encarou curiosamente o seu companheiro enquanto a esfera começou a desacelerar, chegando à ilha principal. "Como você sabe disso? Você leu alguma coisa que eu não li, viu algo que eu não vi?"

"Não mesmo." Por um momento, Brink estava confuso. "Eu simplesmente sinto isso."

Uma luz mais forte iluminava a esfera quando ela parou de rolar e chegou à plataforma. "Wow! Eu não sabia que cientistas

'sentiam' conclusões. Pensei que exigiam provas substanciais."

"Eu não posso explicar." Brink se levantou do banco. "Eu simplesmente sei."

"Típico de você." Low o seguiu através da saída. "Da próxima vez você pode 'sentir' uma maneira de reativar o asteróide. Eu simplesmente 'sei' que você pode."

Brink não respondeu ao sorriso do Comandante.

## CAPÍTULO 13

"Eles continuam a progredir." Mil e uma presenças se manifestaram positivamente. "Os cristais da vida não os trouxeram problemas. Eles não os utilizaram de maneira errônea ou tentaram aplicações inválidas."

"Senso comum não se equivale à verdadeira inteligência." Quinhentos e dois dissidentes disseram duvidosamente. "Um animal que toca uma barreira elétrica aprende a não repetir a experiência. Isso constitui um aprendizado, na ausência de uma verdadeira inteligência."

Uma dupla considerou. "Além dos cristais, eles descobriram e usaram a sala dos mapas tão bem quanto o sistema de transporte das ilhas. Nós apostamos a fragrância de uma flor que agora eles irão se deslocar e explorar as outras torres."

Os desconfiados estavam desdenhosos. "Qualquer um pode apostar aquilo que não possui, não pode obter ou dificilmente lembrar." Havia uma nota distinta de melancolia nessa resposta.

"Eu apostaria, se pudesse." Respondeu o outro.

"A curiosidade excessiva pode ser prejudicial." A grande maioria dos observadores permaneceu neutra, a emoção genuína era muito preciosa para se desperdiçar naquilo em que não há esperança.

"Fazer nada seria mais prejudicial ainda." Exclamou um batalhão prosaico. "Eles precisam continuar a jornada, pois há riscos e perigos que eles desconhecem. Ficar parado é começar a morrer."

"Exceto para nós," lembrou muitos outros. "O fardo é maior."

"Como nós podemos morrer?" Eles eram todos filósofos, pela necessidade ou pelo desejo. "Essa experiência que estamos atravessando é uma espécie de vida ou morte?" Isso era uma questão que havia sido debatida durante centenas de anos, para a qual eles ainda teriam de inventar uma resposta satisfatória.

"Observem. Eles já avançaram em direção ao próximo túnel."

"Outra porta rebelde pode ser o suficiente para detê-los," teorizaram uns trinta.

"Não estes." Foi o primeiro que falou agora, aquele que fizera a tentativa desesperada de estabelecer contato. A sua falha apenas

inspirou a esperança. "Eles são mais engenhosos do que as barreiras da previsibilidade. Vocês viram como eles lidaram com a barreira?"

"Insofisticado," advertiu um arco de pensamentos.

"Deselegante."

"Mas no final das contas, eficiente," argumentou o primeiro.

"E é isso que importa." Deslizando para baixo, ele flutuou para algum lugar entre o cume da ilha central e as sobranceiras de Brink.

"Se apenas nós pudéssemos atravessar o plano e avisá-los! Se nós pudéssemos oferecer ajuda ao invés de dúvidas!" Exceto pelo primeiro, todos aqueles que tentaram não conseguiram nada além de futilidade.

"Talvez surja uma oportunidade para nós tentarmos outra vez." Um grupo daqueles que concordavam com o primeiro, se aproximaram. Num primeiro momento, eles eram apenas três. Mas no momento seguinte já eram mais de meio milhão. "Talvez em alguma circunstância que não possamos prever, haverá mais oportunidade."

Por tudo o que eles fizeram e aprenderam, por todo o tempo que eles haviam existido numa dimensão e na seguinte, uma coisa que os Cócitanos não podiam fazer era olhar no futuro. Se eles fossem capazes, não estariam presos à situação que se encontravam agora. Com a mesma certeza e a naturalidade em que um Cócitan gira em torno do próprio eixo, eles teriam escolhido um caminho diferente para seus futuros. Um que permitisse que eles mostrassem o que deixaram para seus visitantes. Um que permitisse a eles explicar.

Pela segunda vez no dia os dois homens se empregaram a chamar por Maggie Robbins, e pela segunda vez não houve resposta para os seus gritos.

"Algo aconteceu a ela," Low murmurou desconfortavelmente. Ele começou a estender o braço para pegar o seu comunicador.

"Não é necessário." Brink considerou as possibilidades.

"Talvez ela tenha escalado a pilha de destroços para explorar lá fora. Procurando algo familiar em um mundo estranho, ela talvez tenha retornado para o asteróide. Ou possivelmente ela esteja se banhando nas águas desse oceano, tentando temporariamente se distanciar das dificuldades que nos foram impostas. Se a segunda opção for a correta, então eu invejo a sua maneira de adequação. Estou cogitando a idéia de ir nadar agora mesmo."

"Mais tarde," disse Low. "Nós temos pináculos para explorar."

"Ah, percebe?!" Brink reprimiu seu companheiro. "Essa é exatamente a atitude de que eu estava falando. Se nós não formos cuidadosos, o stress e a tensão será mais prejudicial do que qualquer dispositivo álien possa ser."

Low se virou e o encarou. "Você realmente quer ir nadar?"

O cientista olhou para o lado. "Bem, não agora. Como você disse, há mais dois pináculos para inspecionarmos."

Low se mostrou satisfeito. "Imaginei que fosse assim. Você está tão interessado quanto eu."

"Eu lamento dizer que você está certo. Mas não vamos condenar a Srta. Robbins por acreditar e agir de outra forma. Se ela pretende tomar o seu tempo para relaxar e se recuperar mentalmente, então ela está se comportando de uma maneira mais sensível do que você ou eu. Quem conseguiu sobreviver as mais difíceis reportagens do mundo da mídia, pode certamente suportar a experiência de se estar em um planeta álien."

Low teve que sorrir. "Estou contente em ver que o seu senso de humor também sobreviveu."

"Estou feliz por achar isso. Eu fui, em certa ocasião, acusado de não ter nenhum. Talvez a aplicação do cristal, que, por sinal, eu deverei chamar de cristal da vida, tenha melhorado-o de alguma forma. Nada como morrer para se enriquecer o senso de humor."

"Irei concordar com você." Low gesticulou. "Mas eu ainda acho que já está na hora de conferirmos." Dizendo isso, ele retirou o comunicador do seu cinto e o ligou. O LED correspondente a unidade de Brink estava aceso. Mas o terceiro permaneceu apagado.

"Não importa," ele resmungou. "Ela desligou a unidade dela. Eu não posso me comunicar com Maggie até que a ligue de novo." Ele estava claramente frustrado. "Droga! Ela sabia que devia manter o comunicador ligado o tempo todo!"

"Percebe agora, Comandante? Ela deseja preservar a sua solidão."

"Tudo bem," ele repreendeu. "Eu não posso pedir para ela ligar o comunicador, mesmo porque não podemos falar através do aparelho desligado." Então me parece que não temos escolha a não ser deixá-la sozinha por mais um tempo. Vamos seguir em frente. Eu não quero estar em uma das ilhas menores depois que escurecer. Talvez o sistema de transporte desligue a meia-noite."

"Ou talvez se nós dois não retornemos aqui a tempo, ambos nos transformaremos em abóboras?" Brink riu suavemente. Isso não pareceu normal, de alguma maneira, mas Low tinha outras preocupações além da natureza do riso do cientista.

Enquanto eles andavam em direção ao terceiro arco, eles continuaram a chamar por Maggie. Apesar das afirmações de Brink, Low continuou preocupado.

"Mesmo se ela tivesse saído para descansar, ela já deveria ter voltado."

"Talvez ela esteja tentando fazer exatamente isso." Brink teve que dar uma pequena corrida para continuar ao lado de Low. "Ela talvez tenha circulado essa câmara uma dúzia de vezes enquanto você estava no museu, ou enquanto estávamos na sala dos mapas. Não tendo encontrado você, ela talvez tenha ido o procurar em um outro lugar. Talvez nós iremos encontrá-la na terceira ilha, ou na quarta, nos esperando com a sua impaciência característica."

"Eu não me preocuparia muito com ela, meu amigo. Eu acho que ela já sobreviveu a coisas piores."

"Como você saberia?"

Brink o encarou inseguro. "Eu não entendi o que você quis dizer."

"Não se importe, não é nada. Você provavelmente está certo, Ludger. Eu estou enlouquecendo me preocupando com ela enquanto ela provavelmente está em algum lugar descobrindo segredos áliens ou imaginando onde diabos eu estaria. Nós iremos encontrá-la cedo ou tarde."

Como nas ocasiões anteriores, a porta da esfera fechou silenciosamente atrás deles assim que ambos estavam sentados no banco de passageiros. Mais uma vez, Low se encontrou imaginando quantos Cócitans caberiam ali dentro. Uma dúzia, ou apenas um exageradamente grande? Seu pensamento foi interrompido assim que a esfera começou a se mover.

"Eu estive pensando sobre estes túneis." Low disse enquanto os dois estavam lado a lado, olhando para frente, esperando pela luz. "Estive pensando neles desde a primeira vez que vi um. Pensando sobre eles agora mesmo."

Brink respondeu tolerantemente, como era óbvio que iria fazer. "E o que esteve pensando, Comandante?"

"Se eles estão todos intactos. Se todos eles têm tetos fracos, como aquele que reveste a câmara principal. Aquele que desabou e

te matou." Ele olhou para cima. "Um desmoronamento aqui mataria a nós dois, e mesmo se Robbins descobrisse sobre o uso dos cristais, não seria muito útil. Eu não acredito que os cristais possam reviver corpos que estejam se parecendo com gosmas ou panquecas."

"Para uma hipótese apática, suas imagens são muito vívidas, Comandante." Brink considerou a possibilidade. "Eu acho que os engenheiros desse mundo iriam se certificar de que as construções submarinas fossem bem mais fortes e resistentes do que aquelas da superfície. Na minha opinião, esses túneis são provavelmente as estruturas mais firmes que nós possamos encontrar. Além do mais, eles com certeza devem ter inúmeros sistemas anti-falhas para tratar imediatamente qualquer problema que a estrutura possa ter.

"Por exemplo, ao primeiro sinal de vazamento eu esperaria que as esferas desligassem. Então, vamos assumir que se estamos nos movendo, não há perigo algum." Low ia comentar alguma coisa, mas Brink o cortou.

"Eu não estou tirando essas conclusões porque eu estou 'pensando como um humano'. Eu simplesmente espero uma engenharia mais completa de espécies tão inteligentes."

"Parece o suficiente para mim." O assento tremeu um pouco perto das costas de Low. "A não ser que o mecanismo anti-falhas tenha falhado primeiro. Nesse caso, não haveria aviso."

"Eu percebo porque eles o quiseram como Comandante da nave, Boston Low. Você se preocupa não só com o óbvio, mas também com o invisível. Eu acho que se um dia você estiver preso em um armário escuro, você encontrará tempo para pensar sobre a composição da atmosfera dentro dele."

"Eu faço isso o tempo todo. Isso acontece por que grande parte do tempo eu tinha que carregar meu próprio ar em tanques de oxigênio. Seu nariz fica muito sensível e você começa a se questionar sobre moléculas em individual." Então ele se silenciou, olhando para a parte de baixo do túnel.

Tendo completado com sucesso duas viagens via transporte esférico, eles se sentiram muito confiantes quando terminaram a terceira. Como esperado, não havia nenhuma surpresa aguardando por eles. A plataforma era exatamente igual às plataformas do museu e da sala dos mapas, e o grande portal do lado esquerdo estava convidativamente aberto.

Entretanto, o interior desse novo pináculo era consideravelmente diferente. Uma inspeção cuidadosa revelou que

ele estava completamente vazio. Um cilindro abobadado, paredes expostas e nada mais. Não havia nem mesmo as marcas que geralmente contornavam o chão e o teto. Nenhum artefato, nenhum console, nenhuma pilha de cápsulas lacradas: nada de qualquer que fosse. O pináculo da terceira ilha era estéril.

Low analisou o chão. Como todo o pavimento Cócitan, era suavemente reflexivo. Você não poderia enxergar seu rosto nele, apenas os contornos das formas. Provavelmente ele devia ser feito do mesmo material que ele e Brink haviam encontrado em todo lugar.

"Me parece mais um buraco seco, como eles diriam no Texas." Low ficou desapontado. "Nós podemos ao menos confirmar."

Enquanto eles entravam, seus pés calçados faziam um suave ruído na superfície lisa do chão. Quais mecanismos essa sala anciã utilizava para continuar tão limpa e livre de poeira, eles não conseguiram imaginar. Low hipotetizou a existência de robzinhos de limpeza que emergiam de seus esconderijos apenas quando necessário, enquanto Brink optou pela teoria de um forte campo eletrostático que agisse como repelente de poeira. Eles discutiam enquanto passeavam confusos em direção ao centro da sala.

"Eu não entendo." Low não sabia o que esperar, apenas sabia que ele esperava encontrar *algo*. Especialmente quando se lembrou das maravilhas que encontraram nos outros dois pináculos. "O que era esse lugar?"

"Como vou saber? Possivelmente nunca foi usado, ou talvez os Cócitans o tenham esvaziado antes do seu misterioso destino cair sobre eles. Talvez esse lugar fosse um armazém que nunca foi usado. Nós ainda podemos retornar a ilha central e tentar o último pináculo."

"Um minuto. Há algo de errado aqui." Algo sobre o vazio e a meticulosa limpeza do local continuava a intrigá-lo. "É muito limpo, muito vazio. Pode até ser que os Cócitans fossem fanáticos por limpeza, mas nós encontramos sujeira e

destroços por todo o lado. Porque eles iriam empenhar tanta energia e engenharia para manter esse lugar em condições perfeitas, quando os dois outros pináculos mostram sinais de negligência? Olhe para esse chão." Ele esfregou a bota na superfície brilhante. "Não há nem mesmo uma partícula de poeira. Isso não faz sentido." Ele dirigiu o seu olhar para as paredes e então para o teto.

"Esse lugar ainda tem um propósito."

Brink não se convenceu. "Sim. Mistificar visitantes curiosos, pelo que parece. Não vejo nada sobrenatural em um fetiche por higiene. No *Hamburg and Kiel* existem armazéns vazios que são tratados da mesma maneira."

"Eu não duvido." Eles estavam quase no centro da sala. "Mas esses armazéns são limpos na expectativa de receber comida. Se esse local fosse inútil, então porque manter o sistema de transporte funcionando até essa ilha? Porque não o desligaram até que fosse necessário?"

O cientista deu de ombros. "Talvez os Cócitanos desperdiçassem os seus recursos. É possível que---"

A sala desapareceu.

Embora tivessem sido duramente treinados e mentalmente equipados para lidar com tamanho deslocamento, tal como uma nave em órbita perdendo toda a sua potência e luz, Low engoliu seco quando a função primária do pináculo se ativou. Não havia nenhum aviso. Mas nenhum seria necessário para um Cócitan, que viria para essa ilha exatamente por esse motivo. Eles saberiam o que esperar, saberiam que ficar parado no centro da sala era todo o necessário para ativar o equipamento oculto.

A transformação abrupta foi muito mais difícil para Brink. Ofegando involuntariamente diante da nova situação, o cientista disse algo em alemão e esbarrou em Low. Alcançando-o, o Comandante pegou firmemente o braço do seu companheiro para que pudesse se equilibrar.

"Se acalme, Ludger. É apenas uma ilusão, ou projeção de algum tipo. Você ainda consegue respirar, não é? A gravidade está normal. Nós não estamos caindo. Apenas parece que sim."

"Uma ilusão." Brink encontrou na calma do Comandante uma ilha de estabilidade no meio de tanta distorção. Seu olhar se dirigia de Low para as imagens. "Eu estou acostumado a testemunhar ilusões, e não fazer parte delas!"

"É uma sensação completa," Low afirmou. "Nada sobrou." Ele deu um giro lentamente. "Estamos totalmente cercados. Não se move com a gente. Eu conheço uns astrônomos que dariam cinco anos de suas vidas pela chance de passarem uma semana aqui."

Eles estavam flutuando no espaço. Estrelas, nebulosas e outras coisas espaciais os circundavam. Alguns tipos eram muito estranhos, cada um representando uma nova descoberta

astronômica que até hoje era desconhecidas pela Terra, mas que eram representados aqui com uma grande familiaridade.

Perto do rosto de Low havia uma estrela rodeada por quatro planetas. O sol brilhava numa espetacular miniatura, periodicamente lançando pequenas projeções, enquanto os planetas lentamente rotacionavam ao seu redor. Low imaginou se a estrela seria quente, caso a tocasse. Inclinando-se para frente, ele conseguiu ver formações individuais de nuvens se movendo nas pequenas atmosferas. Enquanto ele olhava, um furacão do tamanho de uma cabeça de alfinete começou a girar em um dos planetas.

Ele se aproximou em direção ao pequeno globo e viu que ele se expandia em resposta. Agora estava do tamanho de uma bola de tênis, seus continentes e mares ficaram mais visíveis. O mais próximo que sua mão chegava, maior o globo ficava, até que sua projeção chegou a ter de largura duas vezes a altura de Low. Uma região específica no oceano leste chamou muito a atenção dele.

"Veja ali, Ludger. Ali estão a ilha principal e as outras ilhotas. É o Cócito."

Maravilhado pela simplicidade do design do planetário tanto quanto a tecnologia que o tornou possível, Brink conseguiu apenas murmurar.

"Eu imagino, meu amigo. Se nós continuássemos a ampliar a imagem, continuar a aumentar a resolução, nós poderíamos focar em uma ilha, entrar no pináculo, e encontrar representações de nós mesmos deslumbrando as nossas próprias imagens?"

"Não sei." Low distanciou a sua mão e assistiu enquanto o globo diminuía cada vez mais, até atingir o tamanho de uma bola de gude. "Nós não precisamos saber. Se eu quiser ver a minha imagem, olharei em um espelho."

Girando, ele gesticulou em direção a um conjunto denso de estrelas vermelhas. Instantaneamente elas giraram e foram em direção a ele. Ele teve que se manter firme para não fazer um movimento errado e distanciar as estrelas

novamente. Concentrando-se na maior, ele fez com que ela se expandisse enquanto as outras diminuíssem, fazendo um trabalho de separação semelhante ao que uma criança faz ao separar as bolhas de sabão durante um banho na banheira.

Dois planetas circulavam a estrela vermelha, que também possuía uma tiara de cometas e asteróides. Um olhar mais atento revelou que ambos os planetas estavam queimados e sem vida. Com

um gesto, ele jogou as estrelas para um lado, e devolveu-as para as suas respectivas posições iniciais.

"Um planetário." Brink falou como se ele estivesse em uma catedral. Logicamente, era um local que se referia à astronomia.

"Mas que planetário... Eu não reconheço nenhuma constelação."

"Nem eu. Olhe abaixo dos seus pés."

Brink obedeceu. Não havia chão algum. Eles estavam no meio do nada, contemplando coisas distantes que se estendiam eternamente. Estrelas giravam sobre os seus dedos. Uma miniatura de uma grande nebulosa, vestígio de uma antiga supernova, iluminou o seu calcanhar com cores amarelas e avermelhadas.

Low deu um passo para frente para ver o que acontecia. A ilusão não perdeu nada da sua perfeição. Ele sentiu, mas não podia ver a superfície embaixo dos seus pés. Eles não iriam cair continuamente, para vagar eternamente no meio do cosmo. O planetário era maravilhoso, mas não era um bom lugar para alguém que sofresse de tontura.

"Nada mudou," ele disse a Brink. "O chão continua no mesmo lugar, pode-se sentir, apenas não podemos vê-lo. Venha, tente você."

"Eu irei permanecer aqui, obrigado."

"Faça como quiser." Dando vários passos em direção ao vazio do espaço, Low começou a aumentar e a diminuir vários objetos estelares. "Pegue um planeta, Ludger. Qualquer um. Use apenas a mão."

O cientista concordou com a cabeça. Como foi ordenado, a supernova surgiu de seus pés, e se expandiu até que ela englobou os dois. As cores e as luzes eram estonteantes. Dentro do gás fluorescente haviam inúmeros pequenos fragmentos, um estudo detalhado de qualquer um deles exigiria centenas de anos de muito esforço da comunidade astronômica. Atrás da nebulosa haviam estrelas nunca vistas pela Terra, constelações inteiramente desconhecidas pelo homem.

"Pequenos gestos, esse é o ingresso." Low demonstrou, exibindo detalhes tão pequenos quanto crateras no meio de uma lua. Embora ele demorasse para desistir das coisas, até agora ele não havia encontrado sinal de vida inteligente naqueles planetas. A galáxia era muito vasta, ele não tinha idéia para onde ir ou para onde olhar, e eles só tinham brincado com o sistema por poucos minutos. Dando-se tempo suficiente para aprenderem a manipular o

mecanismo de uma maneira mais eficiente, não haveria como prever o que poderiam encontrar.

"Fascinante." Brink estava mexendo com um sistema que continha nada menos do que três cinturões de asteróides e quinze planetas. "O sistema responde a membros de qualquer tamanho e formato. Nenhum contato é necessário, então nós podemos operá-lo tão facilmente quanto um Cócitan faria, ou qualquer outro ser inteligente. Aparentemente, apenas a presença é o suficiente para a ativação."

"Você pode imaginar o quanto que uma ferramenta dessas pode ensinar?" Low recolocou um grupo de cometas de volta às suas órbitas. "Você imagina o poder que isso daria a uma criança? Você nunca conseguiria tirar um grupo de quinta série daqui de dentro."

"Eu mesmo não quero sair," Brink admitiu. "Se apenas nós soubéssemos em que direção focalizar, ou o quão longe, eu acho que nós talvez vejamos uma representação perfeita do nosso sistema solar. Assumindo que a observação deles atingiria tão longe, é claro. O Sol e a Terra podem estar fora dos limites desse mapa altamente detalhado. Nosso sistema solar pode não ser discernível a partir do Cócito."

"Deve haver uma chave em algum lugar. Deve haver um índice de catalogação." Low supôs.

Brink concordou. "Eu suspeito que haja, mas encontrá-lo já é outro problema. E se nós o encontrarmos, como nós iremos lê-lo?" Ele girou, constatando novamente a enormidade de distância e números de objetos. "Sem saber em que direção começar, levariam anos para se analisar cada sistema individualmente dentro dessa projeção."

"Eu estive procurando. Concentrando-me nas estrelas mais brilhantes." Low disse melancólico. "E mesmo assim eu não pude reconhecer um único Sol."

"Não há como sabermos a distância que percorremos durante a viagem. Nós devemos estar muito longe de casa."

Eles imergiram nas belezas e nas maravilhas do planetário, até que Low lembrou relutantemente ao seu

companheiro que eles ainda tinham que explorar o último pináculo.

"Isso é divertido, e muito elucidativo, mas isso não fará com que nós voltemos para casa. E eu gostaria de encontrar a Maggie, também, e dizer a ela sobre as nossas descobertas."

"Eu confesso que você está me fazendo pensar sobre a situação dela." Brink continuou cercado por estrelas, sua cabeça balançando suavemente enquanto analisava a atmosfera de um planeta qualquer. "Como será que nós o desligamos?"

"Fazendo o oposto do que foi necessário para ligá-lo, eu acho." Low estudou a escuridão. Não havia nada para indicar a saída, nenhuma seta brilhante, não havia nenhuma luz indicando onde estava o arco, nada. "Eu acho que a porta estava nessa direção." Ele caminhou através das estrelas, Brink seguindo-o de perto. O cientista tinha um ótimo senso de direção, mas sabia que não seria páreo para um astronauta.

Pareceu a eles que haviam caminhado meio quilômetro, mas na realidade foi bem menos, quando o universo começou a girar atrás deles. O incrível cosmo havia sumido. Mais uma vez eles se encontraram na alta, limpa e vazia sala abobadada. A saída estava à frente, e além, a esfera estava esperando silenciosamente na sua trilha.

"Inacreditável." Brink parou para dar uma outra olhada no local. Não havia nada que indicasse a função da sala. O único brilho que havia agora vinha dos cristais da vida que enchiam os bolsos do cientista. "Nós precisamos voltar para este lugar!"

"Sim." Low concordou plenamente. "Depois de encontrarmos algo para comer."

"Eu imagino quantas maravilhas ainda esperam por nós."

"Eu pretendo guardar o meu ingresso para voltarmos outra vez." Disse o Comandante.

Brink parou abruptamente e apontou para um canto.

"Comandante, eu acho que vi algo se mexendo por ali!" Low se virou para ele. "O quê? Onde?"

O cientista apontou. "Naquela direção, perto da saída do túnel." A esfera se agitou, e se aproximou lentamente. Brink elevou as mãos na altura da boca. "Maggie? Maggie

Robbins!" Não houve resposta. "Será que ela nos seguiu até aqui?"

"A não ser que a esfera tenha voltado para ela, ou que existam duas na mesma trilha. Acho que você admirou nebulosas demais, Ludger."

"*Verdamp!* Eu tinha certeza que eu tinha visto algo." Então eles continuaram a andar, e encontraram o caminho bloqueado.

A criatura não tinha pernas. Isso em si não era uma surpresa. Formas de vida sem pernas eram comuns na Terra. Mas geralmente,

elas não eram muito grandes. Mas esse exemplar Cócitan era *enorme*. Tinha a massa corporal um pouco maior do que a de Low. Ostentava uma carapaça esquelética e tinha uma grande caixa torácica. A cabeça igualmente esquelética oscilava para frente e para trás de um comprido e flexível pescoço, enquanto o rabo terminava em uma espátula em forma de diamante. Duas estruturas finas mas muito fortes que poderiam ser braços, pernas ou asas saíam da parte superior do corpo magricela.

Em relação às estruturas que saíam do crânio, os dois homens não tinham nenhuma dúvida. A mandíbula dupla era coberta por dentes brancos e afiados. Em adição a isso, a criatura também tinha companhia.

"Calma." A voz de Low se reduziu a um sussurro. "Nós somos uma forma alienígena para eles. Talvez eles não saibam o que fazer com a gente."

Em resposta a voz do piloto, as criaturas se ergueram e começaram a ir em direção deles. Elas lembravam uma ossada ambulante. Convencido de que as criaturas não pretendiam dar a eles um buquê de flores, Low começou a andar para trás em direção ao arco.

"Parecem se mover como enguias." Brink seguiu seu companheiro. "Eles podem pertencer a qualquer filo, ou família."

"Olhe aqueles dentes," Low exclamou. "Não parecem ter sido adaptados para comer grama." Low alertou, e Brink se chocou contra ele.

"Realmente, Comandante. Eu acho que nós devemos continuar em retirada. Talvez ativar o planetário pode desorientá-los."

"Tarde demais, Ludger."

Mais três monstruosidades apareceram atrás deles, fazendo com que os dois homens questionassem a maneira como elas haviam entrado na câmara sem janelas, ou qualquer outra entrada, a não ser o arco que tinham atravessado. Isso era um mistério que teria de esperar para

ser resolvido. As estranhas criaturas haviam criado mais um problema.

Impedidos de entrar na esfera ou na câmara do planetário, eles se viraram e correram para o fim da plataforma.

"Nós temos que contorná-los de alguma forma e entrar na esfera!" Low exclamou enquanto corria. "E nós temos que fazer isso antes que uma dessas criaturas entre lá e a acione acidentalmente e a

mande para longe, ou nós estaremos presos aqui. Eu não sei quanto a você, mas eu não quero ter de andar por aquele túnel. Além de ser totalmente escuro, seria inevitável ser esmagado caso uma esfera passasse por lá."

"Eles parecem ser capazes de movimentos rápidos," Brink declarou, "mas mesmo assim eles se mostram relutantes em atacar. Eles nos perseguem, mas permanecem apenas em alerta."

"Nós podemos parecer comida," Low ofegou, "mas talvez nós não cheiremos como uma ou qualquer coisa. Devem estar confusos. Isso assumindo que eles realmente tenham olfato."

Brink olhou por trás de seu ombro. As criaturas continuaram a sua horrível e aterrorizante caçada. "Qualquer que sejam os seus sentidos, é o suficiente. Eles sabem que nós estamos aqui."

"Jogue um cristal da vida neles!" Low sugeriu.

"Não seja absurdo, Comandante! Além desses cristais terem um preço inestimável e serem finitos, eles provavelmente apenas iriam os deixar mais fortes!"

"Você pode estar certo quanto a isso." A veemência da resposta do cientista fez com que Low o olhasse de uma forma diferente. "Mas nós temos que tentar *algo!*" Ele desejou fortemente ter uma boa espingarda de cano duplo, calibre 30. Com certeza haviam armas exóticas no pináculo do museu, prontas pra o uso. O problema era que eles não conseguiriam discernir uma arma de uma bateadeira de cozinha. Além do mais, eles estavam em outra ilha.

"Eu vejo muitas portas à frente." Brink estava tendo problemas para respirar. "Qual delas?"

"Qualquer uma que abrir," Low gritou de volta. Atrás deles, as enguias estavam se aproximando. Enquanto seus corpos esqueléticos raspavam ritmicamente contra o chão, eles emitiam uns assovios que pareciam ser inadequados para os seus tamanhos. Ocasionalmente um levantava a parte

superior do corpo, para melhor localizar os humanos antes de continuarem a perseguição.

Low alcançou a porta do meio. Não havia maçaneta, mas profundos entalhes estavam cravados em cada lado da barreira. Agarrando com firmeza a primeira fenda, e então a próxima, ele tentou puxar com muita força.

Brink permaneceu ao lado, assistindo. "Rápido, Comandante!"

"O que você acha que eu estou fazendo? Isso não requer nenhuma habilidade científica, você sabe."

Brink começou a puxar com as próprias mãos. Ele não teve sucesso maior que seu companheiro. A porta permaneceu resolutamente fechada.

Tateando seus bolsos e seu cinto, Low tentou todas as ferramentas compactas que tinha. Nada funcionou, e as enguias estavam muito perto agora.

"Eu estou sem idéias," ele gemeu.

Brink deu um golpe na parede. "Nós teremos que lutar com eles."

"Talvez os seus dentes sejam mais afiados dos que os meus. Tem uma coisa que não tentamos ainda."

Dizendo isso, ele recuou até que chegou perto da enguia mais próxima. Então ele se virou, abaixou o seu ombro e investiu.

Sobre o impacto, a porta se desfez com um ruído.

Ambos os homens se encontravam em um pequeno e estreito corredor. Ele fedia como uma vala cheia de animais mortos. Pilhas de ossos e outros restos orgânicos cobriam todo o chão.

Com as enguias os pressionando, eles recuaram para dentro do aposento. Low momentaneamente perdeu o equilíbrio, xingou, e não olhou para baixo para ver o que causara o seu escorregão.

"É hora da alimentação no zoológico e nós conseguimos nos enfiar no armário da comida. Ótimo!"

"Eu não quero virar almoço," Murmurou Brink. "Eu não posso imaginar o que estas criaturas comem normalmente, mas é evidente que as suas intenções em relação a nós não são nada boas. Suas posturas indicam que são mais do que simples carnicheiros."

As enguias estavam dentro do compartimento agora, seus crânios projetados balançando de um lado para outro, reconhecendo o ambiente.

Low cheirou o ar. "Ei, Talvez eles não gostem de comida alemã." Esse comentário foi digno do tão ausente

Borden. Brink olhou para seu companheiro com surpresa, e Low complementou:

"Eu sempre disse que tentaria ser mais engraçado antes de morrer." Esse comentário trouxe à tona uma visão desagradável do que poderia acontecer.

"Eu espero que Maggie não tenha encontrado nenhum desses e que este não seja o motivo pelo qual não a encontramos." Alguma coisa chamou a sua atenção antes que o cientista pudesse comentar, ele agarrou o outro homem pela camisa. "Olhe ali! Saia da frente!"

"Não há 'sair da frente'," Brink respondeu impertinente. "Nós estamos presos aqui e... *vas ist mit ihnen los?* Qual é o seu problema?" Low o agarrou e o colocou para o lado. Um momento depois a primeira enguia se aproximou e os fez recuar. Brink fechou os olhos, mas era outra presa que as criaturas tinham em mente. Presas com menos vida.

Pulando com grande entusiasmo, a criatura fez um grande ruído quando aterrissou em um monte de vestígios orgânicos. E então apareceram as outras três, e em seguida a outra. Logo todas as cinco criaturas estavam no meio daquela abundância de restos de animais que costumavam habitar o Cócito. Os ruídos de mastigação, deglutição e de ossos quebrando encheram o ambiente. Pedacos de carne foram rasgados com uma velocidade assustadora.

Low esperou, enquanto ele e Brink permaneciam ocultos por uma pilha de carniça, esperando a oportunidade para ter certeza de que todas as criaturas estavam totalmente ocupadas. "Vê? Eles não estavam atrás de nós. Eles queriam entrar aqui. Nós apenas nos colocamos no lugar errado na hora errada."

"Observação astuta, Comandante. Meus parabéns. E agora, para colocar alguma observação científica nisso, eu acho que seria mais razoável se nós dermos o fora daqui, *nicht wahr?*"

Movendo-se devagar para não chamarem a atenção para eles e fazerem com que as enguias não resolvessem mudar de dieta, eles contornaram em volta da bagunça e saíram lentamente pela porta aberta.

"Isso não faz nenhum sentido," Low indagou quando eles finalmente estavam de volta para a plataforma do transporte.

"Porque essas criaturas estão andando soltas por aqui? Com que objetivo?"

"Pergunte a um Cócitan." Devido a sua fuga apertada, Brink não estava com humor para formular teorias

irrelevantes. "Vamos, Comandante. Como você havia sugerido anteriormente, nós ainda temos um outro pináculo para explorar."

Embora não tinha como ignorar o incidente, Low não deixou isso afetar a sua atitude. Entrando na esfera, ele sentou ao lado de Brink. O familiar banco não acolchoado era tão confortável quanto um sofá de veludo. Um momento depois a porta se fechou e a esfera começou a rolar.

Só então os dois homens se permitiram relaxar. Eles aprenderam da pior maneira possível que nem tudo desse mundo ou era inanimado, ou era amigável.

"Insetos nativos." Brink se inclinou para trás e cruzou os braços.

As sobranceiras de Low se ergueram. "Como disse?"

"Essa é a explicação. Essas criaturas parecidas com enguias não tem 'objetivo' nenhum. Depois que esse lugar foi abandonado, eles de alguma maneira entraram e se acomodaram. Eles são simplesmente carneiros, como ratos ou baratas."

"E a cova repleta de restos orgânicos?"

Brink tinha uma resposta para isso também. "Um depósito antigo. Ou um que continua funcionando automaticamente. Quanto à fonte da carniça, devido à falta de informação, eu não irei especular. Eu apenas acho que será melhor para nós se tomássemos mais cuidado de agora em diante."

"Concordo plenamente."

"Enquanto nós investigamos profundamente esses complexos, nós podemos encontrar mais dessas criaturas, ou até piores."

"Já pensei nessa hipótese." Os dedos de Low se agitaram. "Gostaria de ter uma arma."

"A sua utilidade seria discutível. Eu acho que possuir uma arma em locais perigosos acaba resultando em um aumento grande demais na auto-confiança, prejudicando o bom senso, que pode levar a resultados desastrosos."

"Tudo bem," Low xingou. "Me dê uma vassoura de loja de esquina e eu lidarei com o excesso de confiança. Me desculpe se eu não estiver com um espírito científico correto."

"Sobre estas circunstâncias, Comandante, eu desculpo você." O cientista piscou. "Desde quando eu pisei fora do asteróide e vi o primeiro invertebrado rastejando sob uma pedra, eu senti que deveriam haver maiores, e mais agressivas criaturas morando por aqui. O que seria mais

natural do que eles virem e se esconderem nessas diversas câmaras?"

"Se nós encontrássemos uma que pudesse ativar o asteróide," Low murmurou. "Eu satisfatoriamente iria doar um dedo ou dois para uma dessas criaturas." A esfera estava pegando mais velocidade agora, acelerando suavemente ao longo da imaculada trilha.

## CAPÍTULO 14

"Acho que os bípedes lideram muito bem com a situação."

Os Cócitans haviam se reunido em um grande grupo acima da ilha central. A distorção induzida pela multidão era tão grande que nenhum outro pensamento era possível perto dali. Os seres alados ficaram confusos, uns foram em direção ao chão e outros voaram em direção a ilha principal, enquanto, nos confins das rochas e da terra, as criaturas simplesmente permaneceram em suas tocas, quietas e tremendo. Apenas aqueles que eram relativamente desprovidos de pensamento, como as enguias-carniceiras, não foram afetados. Estes, e outros providos de uma inteligência verdadeira, que automaticamente agia como uma proteção contra a presença mental massiva.

Destes últimos, só havia três. E eles já tinham muitos problemas para lidar.

Grande parte das presenças não estava diretamente perseguindo os bípedes. Eles permitiam aqueles que se envolveram desde o início a debater atos e razões, satisfeitos em os deixar interpretar e divulgar os fatos. Haviam outros para observar, outros para contemplar. Eles prestavam atenção apenas com uma porção de si próprios, mas ainda sim compreendiam tudo muito lucidamente. O sistema era perfeitamente eficiente e historicamente incompleto.

O Paraíso, eles aprenderam rapidamente, era recoberto por emaranhados dos quais eles não podiam escapar.

"Com todos os recursos do planetário eles não foram capazes de localizar o seu sistema natal!" Os quatrocentos e vinte que comentaram não esconderam o seu desprezo. O movimento era tão intenso que fez com que um fragmento de uma folha levantasse vôo. Ninguém percebeu porque não havia ninguém para perceber. Só havia os três bípedes abandonados, que estavam mergulhados em seus próprios problemas.

" 'Enguias' foi como chamaram os carneiros. Um nome curto para uma entidade tão comprida. Eles os evitaram de maneira muito eficiente."

"Foi um acidente, uma coincidência fortuita," insistiram outros trinta e três. "Eles fugiram e se esconderam cegamente. Não

há nenhum crédito nessa ação. Eles não tentaram entender, ou resistir."

"Eles sobreviveram," vociferaram aqueles que apoiavam o primeiro. "Eles não podem ser criticados pela solução que deram. O que importa são os resultados."

"Eles foram favorecidos pelas próprias ações. Eles alteraram as variáveis ao seu favor." A grande massa de indecisos declarou friamente. "Nós vimos tantos chegarem e partirem. Eles são apenas um divertimento breve, antes que seus corpos acabem fertilizando o solo. Esses ainda hão de se juntar aos predecessores. Entretanto, não pode se negar de que eles tem feito progresso. Miseravelmente, pobrememente, mas progridem apesar de tudo. Eles de fato merecem reflexão."

"Eu sustento a idéia de que a sorte pode ser quantificada assim como qualquer outra lei natural." Os questionadores desceram até o nível do indivíduo que postulou tal frase. Os otimistas se alinharam nas suas centenas para discutirem a seu favor. E assim começou, mais uma dentre as incontáveis discussões que vigoravam sobre as ilhas. Abaixo, os bípedes continuavam a vagar de um lugar para o outro, enquanto tempestades no Paraíso não eram percebidas por eles.

A esfera começou a desacelerar, até parar no fim da linha do planetário. Após aguardarem um pouco para terem certeza de que o túnel estivesse deserto, Brink e Low saíram e caminharam rapidamente em direção a câmara principal. Nada havia mudado desde a última visita. Como antes, não havia sinal algum do terceiro membro da equipe. Checando o seu comunicador, Low percebeu que ela ainda não ativara a sua unidade.

"Já chega," Low disse finalmente. "Ela já explorou demais. Eu acho que já é hora de todos nós nos reunirmos, e discutirmos o que nós iremos fazer agora. Ela talvez possa ter adquirido alguma informação que possa ser útil para nós."

"Você pode ir e discutir o que quiser com ela, Comandante."

Tem uma coisa que eu preciso fazer primeiro."

Low encarou o cientista. "Algo que você *precisa* fazer? Eu não entendo, Ludger. Não há nada aqui que 'precise' ser feito. Venha e me ajude a encontrar a Maggie. Se ela não ligar o comunicador, nós teremos que rastreá-la sem ele."

Brink deu um passo para trás. "Depois." Ele encarou Low com um olhar diferente. "Como eu disse, há uma coisa que eu preciso fazer antes." Assim dizendo, ele se virou e partiu.

"Espere um minuto." Low se apressou para bloquear a frente do cientista. "O que é tão importante que precisa ser feito agora, tão de repente? O que é mais importante do que descobrir o que aconteceu com a Maggie?"

O outro o encarou com descrença. "Porque, os cristais, é claro. Eles precisam ser analisados mais atenciosamente, estudados profundamente. Eles são a chave."

"A chave para o que?" Low ficou tenso. "A chave para encontrar comida? A chave para retornarmos para a casa? Se ela não servir para nenhuma dessas coisas, não é uma chave que eu estou interessado e não é uma chave que eu tenha que me preocupar agora."

"Porque eu... Eu não tenho certeza, exatamente." A honestidade estava estampada na cara do cientista. "Eu simplesmente tenho esse sentimento de que eles são a solução para tudo."

"Eu pensei que você nunca agisse por 'sentimentos'. Pensei que você fosse estritamente empirista."

"É por isso que nós temos que estudar esses cristais agora, com profundidade." Brink começou a implorar. "Venha comigo Comandante. Você tem um conhecimento muito vasto, seu apoio é muito importante. Você tem ótimas idéias, junto de boas habilidades."

"Eu ficarei contente em te ajudar a estudar os cristais," Low concordou, "*depois* de nós termos encontrado Maggie e discutido o que nós iremos fazer. Com o que você pretende estudar os cristais? Nós não temos nenhum equipamento, nenhum instrumento apropriado."

A confusão do cientista era aparente, assim como o seu desconforto. "Eu não sei," ele respondeu secamente. "Eu irei tentar com o que estiver disponível."

Low o estava olhando cuidadosamente. Era uma resposta ilógica, não era uma característica do metódico,

racional Brink que ele conhecia. Algo estava definitivamente errado.

"Você vai, agora?"

"Ya!" a confusão de Brink se tornou um desafio. "Eu vou." Ele olhou para seus bolsos, brilhando suavemente por causa dos cristais. "Eles precisam de cuidados."

"Cuidados?" Saindo da frente do cientista, Low seguiu ao seu lado, tentando encontrar na expressão dele alguma pista do que poderia estar causando esse comportamento irracional. Fisicamente Brink parecia estar bem, sem nenhum dano aparente causado pelo seu breve contato com a morte. Seriam os cristais que estavam o afetando de alguma maneira? Ou seria algo mais?

"Aonde você vai?"

"De volta para a despensa." Os olhos de Brink estavam firmemente voltados para frente.

"Por quê? Você já está completamente lotado de cristais. Porque você precisa voltar lá?"

"Para me assegurar de que aqueles que deixamos para trás não desapareceram."

Low se adiantou para que pudesse encarar de frente o cientista. "Ludger, me escute. Eles não vão criar pernas e sair andando, e não há mais ninguém aqui. Ninguém irá mexer com nada que não estivermos olhando. Porque essa preocupação repentina? Eu ainda não sei do que você está falando quando diz que eles precisam de cuidados."

"Eu talvez tenha me expressado mal," Brink respondeu lentamente, "Eu preciso tomar conta deles. Eles emitem um... eu não sei como se diz em inglês... uma ressonância, um calor penetrante."

"Os que você está carregando não estão o aquecendo o suficiente?"

"Você não entende."

"É isso que eu venho dizendo," Low respondeu.

"Eu preciso cuidar deles."

"Ok, tudo bem!" Low estava farto da teimosia do cientista. "Então vá cuidar dos seus preciosos cristais. Eu voltarei aqui assim que eu encontrar a Maggie. Sufoque-se neles se você

preferir. Enfie um no seu nariz. Você está esquecendo o que é importante aqui, Ludger."

Brink voltou a olhá-lo, seus olhos nublados. "Não, Comandante. É você que não entende o que é importante aqui."

"É mesmo? Engraçado, eu pensei que fosse encontrar Maggie, comida e água, e então procurar uma maneira de voltarmos para casa. Como sou idiota."

Por um momento Brink pareceu ser ele mesmo. "Todos fins louváveis, Comandante. Cada um irá acontecer no seu próprio tempo. Mas os cristais precisam ser atendidos primeiro."

"Eu acho que o tempo significa tanto para mim quanto para você, Ludger. O cristal reviveu você. Ele não o tornou imortal."

"Eu sei disso." Brink estava andando rapidamente para trás. "Acho que essa é uma boa noção para se ponderar."

"Excelente. Vá brincar com os seus cristais e ponderar. Eu vou encontrar a Maggie." Com isso, ele se virou rapidamente e começou a andar na direção oposta, deixando o cientista para a sua obsessão inexplicável.

Ele procurou, mas não encontrou. Não havia sinal da jornalista errante em qualquer lugar da câmara. Ele procurou em várias portas menores, que levavam a mais estoques ou despensas. Mas a nenhuma Maggie.

Sua idéia seguinte era de escalar a pilha de destroços e retornar a superfície. Enquanto ele ainda estava se decidindo se iria ou não subir, ele não pode deixar de perceber que estava parado na frente do último dos quatro portais. Mais uma ilha para visitar, ele pensou. Mais um pináculo para explorar. Maggie poderia ter descoberto sobre o sistema de transporte, e ter ido explorar? Se ela estivesse em algum lugar da quarta ilha, seria uma boa explicação de o porquê eles ainda não se encontraram, e porque ela não teria respondido aos gritos e chamados.

Ele considerou. Brink estava preocupado com seus cristais.

Porque não fazer uma rápida visita ao último pináculo enquanto ainda estava claro?

Agora ele estava tão à vontade com o sistema de transporte esférico quanto se sentia em relação ao BART (acrônimo de **Bay Area Rapid Transit**, é um sistema público de transporte rápido que serve parte da área da baía de São Francisco.). Exceto, ele pensou enquanto subia na plataforma e entrava na esfera,

pelo fato de que em casa não haviam criaturas carnívoras que o seguiam em busca de comida.

Por outro lado, ele pensou enquanto a esfera começou a acelerar, nas estações de San Francisco ou Oakland você não tinha um transporte exclusivo a sua espera.

À primeira vista, o interior da quarta ilha não parecia ser diferente da primeira. Era cheia de artefatos alienígenas, muitos em cápsulas que o lembraram muito as do museu. Mas claramente não era um arquivo. Havia muitos containeres, que estavam estocados

um em cima dos outros ou muito perto dos seus vizinhos para que ele pudesse passar entre eles. Nenhum continha uma etiqueta ou respondia com projeções explicativas aos seus gestos. Aquilo poderia ser um local de uma montagem de algo, ou apenas um depósito onde tudo havia sido esquecido.

Ele não reconheceu nada. Se qualquer uma das exposições do museu estivesse ali, elas estavam fora do alcance de sua visão. Havia esquinas e corredores que ele hesitou em visitar, onde as luzes da parede e do chão mal penetravam. Alguns dos containeres eram particularmente tão grandes que poderiam guardar objetos do tamanho da *Atlantis*. Se ele pudesse decifrar as inscrições gravadas neles, talvez fosse capaz de imaginar o que eles continham. Não sendo capaz disso, ele só podia adivinhar.

Bem abaixo da ponta do pináculo e dominando o centro da câmara havia um enorme edifício triangular. Havia tantas curvas nas paredes, tantas dobras e ângulos, tudo parecia reforçar a idéia de que aquilo não poderia de forma alguma ter sido criada por mãos humanas. Low procurou em sua memória alguma referência terrestre, mas acabou desistindo. Aquilo era uma pirâmide, e não era; Era um obelisco, e não era.

Era feito com o maravilhoso vidro metálico, que parecia ser o material preferido dos Cócitans para construções, e emanava um brilho dourado a sua volta. Tiffany uma vez havia feito um vidro assim, Low pensou. Ele havia visto alguns exemplares no MET ( Metropolitan Museum of Art ), vasos brilhantes e tigelas feitas do que parecia ser ouro adornado com delicados tons de vermelho e verde, rosas e azuis. Eram extremamente parecidos. Exceto pelo fato de o que ele estava vendo, era capaz de suportar o peso de um trem.

Curioso para saber quais artefatos preciosos ele poderia conter, ele caminhou metodicamente em volta de todo o edifício. A sua longa caminhada demorou menos tempo do que ele havia imaginado, e o havia deixado no meio do

caminho entre a grande estrutura e o portal que se abria para a estação de transporte.

Enquanto contornava a estrutura, ele manteve seus olhos atentos, mas não pode encontrar nenhuma porta ou janela. O mais enigmático era a total falta de inscrições. Tudo o que ele havia encontrado, desde as paredes da câmara principal até os contêineres que enchiam essa sala, eram cobertas por elas. Sua total ausência aqui propôs um enigma.

Ele considerou explicações possíveis. Talvez fosse um bloco sólido de um material que os Cócitans consideravam ser valioso por alguma razão desconhecida. Talvez fosse uma escultura, apesar do seu enorme tamanho. Ou talvez fosse um local sagrado de culto, onde as inscrições iriam apenas poluir a imagem, uma espécie de altar inter-estelar.

Ele estava no meio do caminho quando um peso no seu bolso o fez parar. Seus dedos apalparam o dispositivo álien portátil de mapeamento que eles haviam encontrado no segundo pináculo. Porque não fazer uma tentativa e ver o que ele era realmente capaz de fazer?

Tirando-o de suas calças, ele passou os dedos sobre as inscrições como havia feito antes. Uma projeção do planeta apareceu em sua frente. Ele foi reduzindo a escala, até que a imagem mostrasse apenas as seis ilhas no meio do oceano.

Com cuidado, ele foi ajustando a imagem para focalizar a ilha em que estava. Como ele havia esperado, o incrível mapa foi ampliando a imagem até que ele pode ver a enorme estrutura em forma de pirâmide que estava na sua frente. A visão dupla da coisa era um pouco desconcertante. Pelo menos, ele pensou, o dispositivo não mostrava ele olhando para si mesmo. Aquilo era um mapa, e não uma câmera.

Apesar dos seus melhores esforços ele não conseguiu visualizar o que havia no interior da pirâmide. Aparentemente ele estava exigindo muito do poder de resolução do aparelho. Mas uma manipulação cuidadosa revelou um túnel conduzindo ao interior. Ele estava muito satisfeito com a sua intuição e a performance do aparelho.

Movendo-se para um lado da estrutura, ele parou diante da posição do túnel. A inclinação brilhava e era exatamente igual a qualquer parte de outras seções da parede. Não havia nada que indicasse que era uma entrada. Mas de uma coisa ele estava certo: ele nunca teria a encontrado sem o dispositivo de mapeamento.

Ele procurou em vão por um robô abridor de portas semelhante à aquele que ele havia usado na ilha principal. No lugar de robôs ele encontrou uma diversidade de dispositivos perto da entrada. Ele precisou de algum tempo para encontrar a combinação certa de uso. Ele estava quase desistindo quando o seu último esforço fez com que parte da parede brilhasse como se estivesse sendo lavada por uma água cristalina, e uma abertura aparecesse.

Ela era várias vezes mais larga e duas vezes mais alta que Low. Se isso fosse uma entrada cerimonial ou um corredor apertado para os seus construtores, não havia como ele saber. Ele ainda não tinha a mínima idéia de como os fundadores dessa civilização perdida poderiam se parecer. Ele respirou profundamente, e então entrou.

Depois de alguns passos ele parou para olhar para trás, e ficou grato em ver que o portal permanecia aberto. Ele podia ver facilmente a câmara principal do pináculo. Depois de se assegurar de que a porta não iria fechar repentinamente, ele continuou, indo em direção ao coração da pirâmide. Enquanto ele avançava, uma luz fluía aonde ele se aproximava, nas paredes, chão e teto, iluminando o seu caminho. Quais mecanismos ocultos rastream o seu movimento ele não sabia, mas resolveu descobrir.

A menos que eles encontrassem um caminho de volta para casa, ele iria ter muito tempo para poder apreciar tais distrações.

O chão da passagem conduzia para baixo em um ângulo leve, que eventualmente o levou para uma sala menor, cheia de outros dispositivos. Ele teve que gastar mais tempo para analisar as suas possíveis utilidades, até que ele reconheceu alguns do seu encontro anterior. Combinando esses, Low conseguiu abrir a segunda porta, permitindo que ele fosse mais longe.

Ao contrário do exterior da pirâmide, a câmara e o portal eram magnificamente ornamentados com inscrições entalhadas. Embora parecessem ser abstratas à primeira vista, uma inspeção mais cuidadosa revelou plantas e animais, minerais e estrelas: uma esplêndida amostra da vida no Cócito. Algumas das criaturas ele reconheceu ter visto na superfície da ilha principal.

Em nenhum lugar dos desenhos detalhados ele conseguiu encontrar algo que se destacasse como um Cócitan.

"Ele olha diretamente para nós e não nos reconhece,"  
Declarou uma centena de críticos.

"Como ele poderia nos distinguir das outras formas de vida?" O primeiro se manteve firme. "O mural nos mostra de forma simples.

Nós não estamos operando nenhum instrumento ou edificando grandes construções. As referências necessárias não estão presentes."

"Ele iria reconhecer-nos se elas estivessem?"  
argumentaram outros onze. Eles foram tão intensos ao ponto de fazer Low se virar

rapidamente. Olhando por cima do ombro, ele não viu nada, embora os onze estivessem flutuando ao redor do seu pescoço. Ele sentiu a pergunta deles sem a ter escutado.

Sentindo um movimento, ele piscou. Não havia nada, apenas a câmara suavemente iluminada e uma nova passagem à frente dele. Low levantou as sobrancelhas, e então continuou em frente.

Como a câmara, o novo túnel era elaboradamente enfeitado. A pirâmide parecia ser maior por dentro do que aparentava ser por fora. Algum truque da ótica álien, ele imaginou. Dado ao que ele já viu, ele era capaz de aceitar mais distorções de luz e espaço sem parar para pensar em como aquilo poderia ter sido feito.

Ao invés de inscrições, a decoração tomou a forma de projeções em baixo relevo que flutuavam pelas paredes a uma distância tão pequena quanto o comprimento de uma unha. O valor do material, de um potencial aparentemente enorme, o maravilhou.

Brink deveria estar aqui, ele sabia. Essa passagem era um paraíso da arqueologia. Ele estudava as decorações enquanto avançava, tentando memorizar o que podia. Uma análise mais detalhada teria de esperar.

Brink estava preocupado com os cristais da vida. Low não estava muito certo quanto a rotular o seu comportamento como uma obsessão. Quando o cientista terminasse de 'cuidar' deles, ele certamente iria voltar ao trabalho. Low sentiu o par de cristais descansando no seu bolso traseiro. Seu calor era gentilmente confortante, mas parecia ser difícil de ser algo viciante ou endoidecedor.

Uma abertura se distorceu à frente e ele adiantou o passo, certificando-se de manter um olho no chão. Não havia garantia de que um degrau não iria aparecer diante de seus pés. Talvez ele tenha involuntariamente tocado uma sessão errada da parede, ou atravessado um raio invisível. Ele só

sabia que tinha desencadeado a seqüência de acontecimentos que ocorreram em seguida.

"É o fim," Declarou o grupo de pessimistas. "Ele está maravilhado com a beleza e o mistério que o cerca, a tal ponto que uma porção necessária do seu processo de pensamento foi negligenciada."

"Isso não importa." Milhares fluíam para dentro e para fora da estrutura da pirâmide, do ar dentro dela e das decorações que Boston Low se encontrava admirando. "O fim será o mesmo."

"Foi um esforço respeitável," afirmaram um milhão. "O melhor do milênio. Talvez algum que venha depois se saia melhor." As presenças já estavam pensando em Low como se fosse passado, como se ele já estivesse morto.

Sem saber, a sua chegada havia ativado alguns mecanismos anciãos. As suas complexas interações eram irrelevantes. O que importava era o resultado.

Ele entrou em uma câmara muito maior da qual ele acabara de sair. Espaçosa e com um teto mais alto, foi o palco do encerramento de várias histórias. No instante antes de sua chegada, um cristal da vida havia caído de seu suporte sobre algo que aparentava ser uma escultura grotesca.

Mas esculturas não absorviam cristais da via. Apenas corpos orgânicos podiam fazer isso. Emitindo um profundo som de trituração, começou a se mover. Poderosos membros articulados sacudiram e se contorceram. Um crânio se elevou. Órgãos se regeneraram. Vivo novamente, ele se levantou e começou a vasculhar as redondezas.

Low o viu assim que chegou a uma cerca que marcava um declive acentuado. Ele estava em um mezanino olhando para o chão cerca de vinte pés abaixo. Ao mesmo tempo a criatura olhou para cima e o encarou. Uma mistura de bocas e pernas era unida através de uma rede de ligamentos e tendões expostos. Não haviam ossos, nem exoesqueleto, nem olhos, ouvidos ou narinas. Apenas bocas e pernas cheias de garras.

Um guardião não precisava de mais nada.

Esticando-se, ele sentiu a sua presença. Sem visão, ele se focou no intruso com sentidos desconhecidos por Low. Ele deu um passo para trás.

Contraindo a sua impressionante rede de conexões e fibras, a criatura venceu os vinte pés de altura rapidamente e aterrissou atrás do Comandante. Se ele não tivesse se esquivado, ela teria arrancado a sua cabeça. Enquanto ele se virava para confrontá-la, um som assustador saía das diversas

bocas. A criatura revirou as suas presas e recolheu as suas pernas, indicando que iria investir novamente. A criatura era, ele pode ver agora, do tamanho de um alce adulto.

Com essa monstruosidade bloqueando a saída, Low foi forçado a recuar até que ele estivesse perigosamente perto da queda. Ele não via olhos na criatura, mas ela obviamente estava ciente da sua presença. Uma espécie de sensores infravermelhos, talvez, ou

talvez algo ainda mais notável. Diversas bocas abriam e fechavam. Estava esperando, sem dúvida, ele pensou. Ele podia se virar e pular para baixo, mas ele não tinha dúvida de que a criatura iria facilmente alcançá-lo.

Ele teria que contorná-la de alguma maneira. Fingindo que iria para direita, ele rapidamente foi para esquerda. O monstro não caiu no truque, seguia exatamente cada passo seu. Não era apenas mais rápido que ele, era mais ágil também.

*Está brincando comigo*, ele percebeu. Isso não iria funcionar. Cada vez que corria para os lados a coisa chegava mais perto.

Logo ele não teria opções a não ser pular. Direto para a toca da criatura, sem dúvida. Ele só estaria adiando o inevitável.

Lutar estava fora de questão. Ele não tinha armas, e o seu oponente era grande demais e tinha muitos membros e bocas que teria de se esquivar. Ele tinha que fugir, de alguma maneira.

Mas não importava o que ele fizesse, nada impedia o avanço inexorável da criatura, sempre se posicionando entre ele e o túnel. Embora não indicasse ser necessariamente inteligente, era claro que conhecia a câmara muito bem. Ela saberia instintivamente onde a saída estava, ou havia sido ensinada sobre isso? Caso fosse a última alternativa, então o monstro foi deixado aqui para algum propósito. Para punir os profanadores do templo, Low imaginou, ou para impedi-los de ir mais longe?

Se ele acabasse virando uma bolacha, essa possibilidade parecia desagradavelmente real no momento, essa explicação ficaria evidente.

Como um visitante legítimo iria se identificar para um guardião como esse? Ele teria qualquer coisa com ele que pudesse garantir a sua passagem?

Ele tirou o projetor de mapas do bolso e o acenou. "Está vendo? Fabricante local. Eu pertenço à aqui." Não

dando nenhum sinal de que entendera ou simpatizara com o gesto, a coisa manteve sua postura rígida de caça.

Rapidamente, Low começou a pensar em tudo que possuía, desde a pequena lanterna no seu cinto de utilidades até o pequeno pacote de tecidos anti-bacterianos que faziam parte do kit da tripulação. Em todo o caso, o resultado foi o mesmo: a criatura ignorou.

*Direita ou esquerda?* Low pensou freneticamente. Ele tinha que fazer uma escolha. Enquanto ele contemplava as suas opções cada

vez mais escassas, ele sabia que nunca iria conseguir. A coisa era absurdamente rápida.

Era claro que ela estava tomando o seu tempo. Se por algum milagre Low pudesse se esgueirar e entrar no túnel, a criatura não poderia o seguir. Ela era muito grande. Tudo havia sido preparado para que ela permanecesse naquela câmara. A sua permanência era algo que deveria servir a um objetivo.

O que era tão importante aqui que exigisse tal guardião? Ele iria morrer sem descobrir.

O projetor de mapas era compacto e pesado. Mirando, ele o atirou-o com toda a força. Ele bateu inofensivamente no corpo da criatura.

Tocando em um bolso traseiro, ele pegou um dos poucos objetos que ainda estava com ele. Mas porque lançar um cristal da vida? Ele pensou. Provavelmente iria apenas deixar a criatura mais forte. Será que ele poderia arrumá-lo em algum lugar, de uma maneira que o cristal o revivesse depois de ter morrido? É claro, se o monstro o destroçasse, seria algo difícil até mesmo para os cristais miraculosos reviver um monte de pedaços de carne e ossos separados. Isso sem mencionar a possibilidade da criatura o comer.

Tentando dividir a sua atenção entre o enorme monstro que se aproximava e as suas opções restantes, ele olhou para trás. Foi quando ele encontrou um par para a criatura, deitada e inanimada no chão. Estava inerte, dissecada e morta.

*Ótimo*, ele pensou. Mais um. Os grunhidos estavam muito perto agora. Ele sentiu uma ponta de expectativa nisso.

Que fosse, ele decidiu. Se não funcionasse, pelo menos ele iria morrer mais rapidamente.

Virando-se, ele jogou um cristal da vida na criatura morta que jazia ali perto. O cristal bateu exatamente no meio da massa de tendões e articulações, e rapidamente desapareceu no corpo da criatura. Girando para novamente

encontrar o demônio na sua frente, ele apenas ouviu o segundo revivendo.

Levantando-se e se esticando, a criatura se inclinou para cima. Sentindo o movimento, ela se preparou, se focou ... e investiu.

Low imediatamente caiu no chão. O monstro havia passado por sobre ele para atacar o outro caçador. Grunhidos fortes enchiam o ar enquanto acontecia um encontro de garras e presas.

As bocas começaram a abocanhar o que podiam. As garras eram enterradas na carne de ambas as criaturas. Membros

poderosos se contorciam uns contra os outros. Como um par de lutadores bêbados, os dois guardiões giravam e rolavam em uma orgia de fúria.

Enquanto isso Low lentamente se levantou. Sem nenhuma chance de passar por ali agora, ele não tinha escolha a não ser seguir em frente.

Por quanto tempo eles iriam lutar? Low pensou. Até que um matasse o outro? Eles pareciam páreos um para o outro. Poderiam lutar por muito tempo. Talvez eles lutassem até chegarem à exaustão.

Essa era uma solução que ele aceitaria facilmente. Virando-se, ele continuou a avançar. A curiosidade, assim como a necessidade, o haviam conduzido ao túnel que havia no lado oposto do mezanino.

Ele não sentiu a multidão se reunindo em volta dele. Mesmo quando em milhões, os Cócitans não interferiam de maneira significativa no mundo físico. Mas a sua pressão mental era tão forte que Low começou a sentir uma dor de cabeça, que ele rapidamente atribuiu a sua recente fuga. Se ele soubesse a verdade sobre a origem da dor, ela teria se tornado bem mais severa.

Um tornado de presenças excitantes corriam através do Cócito quando Low conseguiu passar ileso pelos guardiões. Pouquíssimos visitantes haviam chegado tão longe. Por esse motivo, ninguém mais pôde prever o que poderia acontecer agora. Era de fato, uma coisa inteiramente nova, e era merecedora da atenção que estava recebendo.

"Que solução elegante," o primeiro orgulhosamente declamou. "Para anular um guardião invencível, basta outro guardião invencível." Até mesmo os mais céticos estavam impressionados, e então silenciaram os seus comentários de mau agouro.

Low não sentiu nada. Enquanto avançava cuidadosamente, não fazia idéia da quantidade de mentes que acompanhavam o seu progresso. Acompanhado por um

milhão de fantasmas, ele estava mais preocupado com um cisco no seu olho esquerdo.

A passagem se abriu para outra enorme câmara. No seu centro havia uma magnífica plataforma decorada com uma escultura muito refinada, banhada em uma pálida luz clara em uma cor que ele não havia encontrado antes. Low avançou com muita atenção, pronto para correr em direção ao túnel, mas não haviam guardiões aqui ,

mortos ou o que quer que fosse. Aproximando cuidadosamente, ele analisou a escultura.

Mais do que tudo, aquilo o lembrou de figuras que ele havia visto em um livro de mitologia. Um grifo descansando, ele pensou, feito para andar sobre dois membros, ao invés de quatro. Nenhuma ave terrestre tinha uma cabeça como aquela. Quanto às asas, elas se projetavam de suas costas em grupos de três. Ele não estava certo de que eram asas. Aquilo poderiam ser guelras externas, um vestígio de uma ornamentação antiga, ou apenas um atrativo sexual.

Subindo na plataforma, a razão para o detalhe extraordinário da escultura se tornou claro. Aquilo não era uma escultura, e sim um cadáver. Algo sobre o seu aspecto, algo na expressão daquela face inerte o tocou de uma maneira singular.

Ele sentiu que finalmente encontrara um Cócitan.

## CAPÍTULO 15

Ele não podia ter certeza, é claro. Com vida, a criatura poderia se mostrar tão voraz quanto os monstros que ele acabara de escapar. Mas ele percebeu algo diferente. As expressões eram sensíveis, os membros superiores descansando relaxados ao lado do corpo, ao invés de estarem contraídos, tudo contribuiu para a imagem de um ser inteligente.

Só havia uma maneira de descobrir. Será que ele ousaria?

E se aquilo fosse nada mais do que mais uma máquina devoradora, um tipo diferente de guardião esperando por uma ressuscitação precipitada, e que servisse apenas para manter aquela câmara livre de vermes intrusos como ele? No fim, a falta de instrumentos predatórios como garras afiadas e presas grandes fizeram com que ele se decidisse. Talvez ele pudesse cuspir veneno ou atacar pulando na caça com ambas as pernas, mas não tinha a consistência de um caçador feroz.

Colocando a mão no seu bolso, ele pegou o cristal. A fluorescência verde estava forte como nunca. Subindo na plataforma, ele estudou a face calma da criatura por um longo momento antes de finalmente colocar o cristal cuidadosamente no centro do que ele julgou ser o peito. Enquanto ele se dissolvia no corpo da criatura, Low tomou uma distância respeitável dali. Agora ele estava pronto para correr para dentro do túnel caso o ser revivido exibisse qualquer tendência hostil.

Ambos os olhos abriram simultaneamente. Eles eram grandes e intensivamente inumanos. Low deu outro passo para trás, observando e admirando a paz da ressurreição daquele ser. Ele permaneceu no mesmo lugar enquanto ressurgia, seus membros superiores se movimentaram, a face se virou lentamente para o céu, havia se passado muito pouco tempo até que a ressurreição havia começado.

Por quanto tempo a criatura deveria estar ali? Low pensou, enquanto ela se levantava e assumia uma postura

ereta. Um ano, um século, um milênio? Ela se virou lentamente sobre as suas coxas para analisar as redondezas, metodicamente observando os detalhes da câmara, a luz ambiente que vinha do teto iluminando-a. Eventualmente seu olhar se dirigiu para o único ocupante da câmara, além de si própria. Aqueles olhos extraordinários

encontraram os de Low. Nem o humano nem o Cócitan piscaram naquele momento.

Confusão, alegria e excitação agiam sobre os observadores reunidos. Eles eram incapazes de influenciar o curso dos eventos, que demonstrou ser muito mais otimista do que a maioria pode prever, isso fez com que a frustração quase excedesse a arrogância deles. Tão forte foi a expansão de percepções que fez com que Low olhasse várias vezes para trás, em busca de algo. Embora mais de um milhão estivesse o acompanhando, não havia nada que ele pudesse ver.

Ele não tinha mais que especular sobre o nível de inteligência do ser revivido. Aquilo não era um guardião selvagem que estava olhando para ele, nenhum carnívoro sedento por comida. As asas tripartidas sacudiram nas costas do álien. Pareciam servir para algo invés de voar. Elas não poderiam erguer a incrível massa corporal do chão, assim como os braços de Low não poderiam fazê-lo voar.

Quando a criatura – O Cócitan, Low se corrigiu – não mostrou sinal de que iria avançar, o Comandante deu um passo hesitante à frente. "Desculpe por tê-lo acordado."

O bico do ser se abriu, e sons emergiram. Pelo que Low sabia, aquilo poderia ser tanto uma bela música ou até grunhidos sem sentido. Se aquilo fosse uma linguagem, estava além da sua compreensão. Embora parecesse estranhamente gutural e absolutamente incompreensível, ele escutou cuidadosamente na esperança de poder entender algo. Mas esse esforço foi totalmente inútil.

Ele abriu bem os braços, esperando que a gesticulação ajudasse na compreensão. "Eu não consigo entender você."

Em resposta, o Cócitan gesticulou com um braço e falou novamente, mais devagar e menos autoritariamente. Suas pálpebras estavam semi-cerradas. O que isso significava permaneceu um mistério para Low. Ele não era melhor em ler os gestos do Cócitan do que entender a sua linguagem.

Isso assumindo que o álien estava de fato dizendo algo para ele, e não uivando uma espécie de canção pós-renascimento.

Robbins, agora, com a sua experiência em inscrições Maias e seu conhecimento geral sobre linguagens, talvez teria se saído melhor. Certamente ela não poderia se sair pior que Low. O Comandante tinha um raso conhecimento de alemão e russo. Ele era fluente em nada, exceto em matemática.

Infelizmente, Robbins estivesse onde estivesse, o havia deixado por conta própria.

"Você pode me dar licença só por um momento, por favor?" Sem muitas expectativas, ele retirou o seu comunicador do cinto. Ele só iria funcionar se a unidade receptora estivesse ligada. Ele não tinha nada a perder. Levantou o comunicador bem lentamente, para mostrar que era inofensivo. O Cócitan observava cuidadosamente cada movimento. Embora não tivesse uma aparência assustadora como os guardiões, ou ser ameaçador como as enguias carniceiras, o álien tinha dois metros de altura, era largo, e grande o suficiente para causar algum dano, caso sentisse necessidade. Low estava tomando o máximo de cuidado para não assustá-lo, embora não agisse de uma forma que parecesse se impressionar com facilidade.

Sem muita esperança, ele ativou a unidade e tentou se comunicar com Robbins. Quando ela lembraria de ligar o maldito aparelho?

"Só estou tentando fazer contato com uma amiga minha," ele explicou alegremente. Os olhos do álien continuaram a o examinar. Estaria curioso, impaciente ou indiferente? Ele não poderia dizer.

"Ela têm andado por ai por um bom tempo, e provavelmente eu não poderei me comunicar com ela, porque parece que desde quando nos separamos ela desligou o comunicador---"

"Boston? Boston, é você?" A voz estava distorcida pela distância e a interferência causada pelas estruturas, mas era inegavelmente reconhecível. Agradavelmente surpreso, Low ficou de boca aberta olhando para o comunicador. Quanto ao Cócitan, ele parecia agora estar analisando o aparelho que Low tinha nas mãos.

Ele sorriu palidamente. "Acho que eu estava errado." Girando o sintonizador, ele tentou eliminar a estática. "Maggie, onde você está? Onde diabos você esteve e o que andou fazendo?"

"Tentando encontrar você," ela gritou de volta. "Eu estive em todas as pequenas ilhas."

Então a suposição do cientista estava correta. "Eu acho que nós nos desencontramos. Nós temos que nos reunir. Temos companhia."

"Companhia? Eu não entendo."

Enquanto Low falou, ele manteve um olho atento no Cócitan. Ele parecia estar relaxado e calmo em cima da plataforma, silenciosamente estudando o visitante e as redondezas.

"Encontrei um dos habitantes locais. Deve estar chateado em ter o seu sono perturbado, está meio introvertido. Nós tentamos nos comunicar, mas o conhecimento dele de inglês é igual ao meu sobre a linguagem Cócitan."

"Um álien? Você está falando sério? Um álien vivo, de verdade?"

"Não," Low respondeu sarcasticamente. "Isso na verdade é um efeito especial. Ele está sentado bem na minha frente. Nós tentamos dizer uma coisa para o outro, sem muito sucesso. Ele estava morto, mas perfeitamente preservado, e eu o revivi com um cristal da vida."

"Cristal da vida? O quê?"

"Eu vou explicar tudo. Onde você está?"

"Bem, você sabe, aquelas bolas de vidro que o levam da ilha central para as menores? Não é difícil descobrir pra que servem, a máquina faz todo o trabalho. Eu entrei em uma e vim parar nessa câmara enorme."

Low balançou a cabeça distraidamente. "Brink e eu visitamos todas as ilhas, exceto uma. Você pode descrever onde você está?"

"Claro." Ela continuou. "O lugar é lotado de objetos dentro de envoltórios transparentes. Alguns deles têm uma luz interna. A maioria não responde, mais um ou dois reagem quando você os toca."

O pináculo do museu, Low concluiu. "Eu sei onde você está. Nós podemos nos encontrar na câmara principal. Eu não acho que você seja capaz de entender nada do que essa criatura está dizendo, mas você não pode se sair pior do que eu. Se você quiser tentar, eu a trarei até aqui."

"Ah, eu acho que poderei conversar com ela," Maggie disse orgulhosamente. "Sem problemas. Vai ser divertido experimentar."

Low ficou surpreso. "Experimentar o quê?"

"A linguagem Cócitan, é claro. Pelo menos, eu assumo que seja a linguagem local. Onde você pensou que eu estivesse todo esse tempo? Eu estive estudando a língua

Cóctan." Ela disse com a mesma casualidade em que diria que estaria estudando dinamarquês.

"Como você conseguiu? Brink e eu não conseguimos nem entender vagamente o que algumas inscrições na parede poderiam significar."

"Uma das exposições aqui," ela explicou. "É realmente fascinante. Isso faz com que um CD-ROM pareça tão primitivo quanto giz e um quadro negro. Você coloca uma dessas coisas contra a sua cabeça, eu não sei exatamente o mecanismo, mas funciona. Indução cerebral direta?"

"Indução cerebral...," ele hesitou. "Onde você ouviu isso?"

"Eu li em uma revista uma vez. Ou talvez eu tenha feito uma reportagem sobre isso. Eu não tenho certeza." Ela riu. "Eu acho que isso acrescenta algo na sua memória. Você aprende muito, e rápido. Você pressiona a sua testa contra essa espécie de travesseiro, diz algo e instantaneamente a tradução está na sua mente. O mais importante é, quando você se afasta do aparato, a informação continua na mente. Eu meio que esbarrei nisso. Minha cabeça bateu no receptor, ou o qualquer que fosse, e eu reagi instintivamente. Então as primeiras palavras em Cócitan que eu aprendi foram palavras muito feias."

Maggie ter aprendido a língua foi extremamente conveniente, Low pensou.

"Eu não vejo motivo para não funcionar com você, Boston," ela continuou. "Embora eu tenha mais experiência com outras línguas. Talvez isso tenha me ajudado a aprender mais rápido. Mais uma vez, eu não sei dizer. Eu gostaria de ter tido um desses quando eu era uma estudante na UCLA. O laboratório de linguagem não chega nem perto de se comparar com isso."

"Uma coisa é aprender a linguagem," ele disse. "Falar é uma coisa totalmente diferente. O nosso anfitrião aqui parece ter uma voz muito profunda e rosna muitas palavras. Você acha que a sua garganta consegue reproduzir todos os sons?"

Um pequeno LED verde no topo do comunicador piscava enquanto ela respondia. "Sem problema. Eu tenho treinado a pronúncia com o Educador. Alias, vai ser assim que eu vou chamá-lo daqui pra frente. O tom não parece ser tão importante quanto a pronúncia. Acho que consigo pronunciar a maiorias dos vocábulos. Agora, que história é essa de 'cristal da vida'?"

"É mais fácil de explicar pessoalmente. Vamos nos encontrar perto do local do desmoronamento. Se eu não aparecer, não fique esperando muito por mim."

Houve um tom repentino de preocupação na voz da jornalista.  
"O que isso quer dizer?"

"Eu tive alguns problemas em chegar até aqui. Talvez eu tenha mais no meu caminho de volta. Não há nada que você possa fazer. Apenas certifique-se de estar lá."

"Boston?" Seu tom ficou mais sutil. "Me desculpe por me separar daquela maneira. Eu estava nervosa, e frustrada, e assustada, e um monte de outras coisas, tudo junto. A única maneira que eu encontrei de lidar com essa confusão foi me isolando para colocar a minha cabeça no lugar. Funcionou comigo na Namíbia e na China, então eu achei que iria funcionar aqui também."

"Tudo bem. Esqueça."

"Obrigada. Você sabe, eu sou quase tão famosa pelo meu temperamento quanto que pelas minhas reportagens."

"Agora você pode ser famosa pela sua habilidade de tradução."

"E quanto a esse nativo? Ele irá esperar por nós até que voltemos?"

Low olhou para o Cócitan. Estava o ignorando, entretido com o que estava ao redor. "Eu não sei. Se ele tentar me seguir, eu certamente não vou me opor. Pelo outro lado, não vejo nenhum benefício em forçá-lo a vir. Ele é bem maior que eu, e tenho certeza que ele não vai achar nada agradável empurrões insistentes."

"Acho que ficará aqui tanto tempo quanto permanecer vivo. Ele esteve morto por muito mais tempo do que Ludger." Maggie pareceu incrédula. "Brink está vivo?"

"Sim, eu revivi ele também. Porque está tão surpresa? Você aprendeu um língua alien em apenas algumas horas, e eu aprendi como reviver os mortos. Talvez amanhã nós descobriremos como manipular a anti-gravidade ou até mesmo a imortalidade. Iria ajudar bastante se nós pudéssemos fazer algumas perguntas a esse ser."

"Perguntas são o que eu sei fazer melhor do que qualquer outra coisa," ela respondeu. "Ok, eu vou encontrar você perto do local do desmoronamento. Estou indo para lá agora."

"Bom. Ah, se você se encontrar com Ludger, tenha calma com

ele."

"O que disse?"

"Apenas não o irrite. Esses cristais da vida se tornaram uma

espécie de obsessão para ele. Ele não está agindo normalmente."

"Não se preocupe comigo, Boston. Eu sou uma profissional em mimar personalidades excêntricas."

"Foi apenas um aviso. E mantenha o seu comunicador ligado neste canal. Não devemos nos preocupar em economizar as baterias agora. Eu não quero perder contato com você novamente. Acho que é muito importante mantermos a comunicação até nos encontrarmos."

"Então, até lá!"

Low percebeu que ela estava se movimentando. O que significava que ele deveria ir também. Colocando o comunicador de volta no seu cinto, ele olhou para o Cócitan e então começou a andar em direção à passagem.

"Escute, você pode esperar aqui até que eu volte? Eu irei trazer uma amiga que pode se comunicar com você. Existem muitas coisas que nós gostaríamos de perguntar à você." Frustrado, ele fez o melhor para tentar explicar com as mãos.

O Cócitan olhava atentamente cada movimento, mas não deu sinal algum de que havia entendido qualquer coisa. Palavras emergiram da boca em forma de bico, elegantes e incompreensíveis.

"Certo." Low estava na entrada do túnel. "Você espere aqui." Depois de dizer isto, ele se virou e começou a correr para atravessar o túnel.

No meio do caminho, ele puxou o comunicador do cinto. "Você ainda está aí, Maggie?"

"Eu estou a caminho, Boston."

"Eu também."

"Talvez quando encontrarmos uma maneira de voltar para casa"-ela não disse 'se', ele percebeu- "nós possamos levar algumas dessas coisas com a gente. É tudo muito interessante, mesmo que não saibamos para que elas sirvam. Qualquer objeto desses teria um preço inestimável na Terra. Gostaria que eu traduzisse essa última frase para Cócitan?"

"Não," ele disse enquanto caminhava. "Você pode praticar mais tarde com o nosso anfitrião."

"Ok. É engraçado a maneira em que uma vez dentro da sua cabeça, o conhecimento permanece com você. Às vezes

eu ---" Ela parou abruptamente.

"Maggie?" Ele levou o comunicador até mais próximo da boca. "Às vezes você o quê, Maggie? Responda. Você está bem?"

A criatura era muito grande, com uma aparência muito estranha, extremamente desagradável de se olhar e não mostrava nenhum sinal de ter inteligência. O que isso estava fazendo no

pináculo do museu ela não sabia. Não estava lá quando ela chegou. Diferentemente de Brink e Low, esse foi o seu primeiro encontro com uma forma de vida maior que um lagarto. Embora Low não tenha dado nenhum detalhe, ela não chegou a pensar de que era um Cócitan.

Parecia mais um caranguejo do que uma aranha, mas pela aparência que tinha, possuía traços dos dois. A criatura encaixaria perfeitamente em um filme barato de terror da década de 50, exceto pelo fato de ela cheirar extremamente mal, e de seus membros fazerem movimentos muito complexos que seriam muito difíceis de reproduzir em um filme vagabundo. Grande e assustador, ele bloqueou com facilidade o caminho dela.

Ela não conseguiu ver nenhum olho, embora fosse óbvio que o monstro estava ciente da sua presença e localização. Com uma carapaça rígida, apontou as pernas brilhantes em direção à jornalista. Enquanto ela recuava, Maggie escutou os gritos de Low pelo comunicador e soube que deveria responder. O choque da aparição repentina da criatura a havia paralisado por um momento.

Tinha simplesmente surgido na frente dela, sem nenhum aviso. No meio da paz e da quietude do museu, ela havia se fascinado tanto com Educador que tinha abaixado a guarda. Agora era tarde demais para tomar precauções.

Ela olhou ansiosa para a direita e para a esquerda, mas não havia proteção alguma em nenhuma direção. Apenas exposições e vitrines, nenhuma que fosse grande o suficiente para ela se esconder. Além do mais, a criatura obviamente havia se fixado nela e iria persegui-la não importando para onde corresse.

Um lado do pináculo continha várias portas que não haviam sido exploradas. Todas estavam na direção da plataforma de transporte. Se ela tivesse sorte, algumas delas poderiam estar conectadas, permitindo que ela driblasse a criatura.

Ela se virou rapidamente e começou a correr em direção a parede. Todas aquelas horas gastas na academia tinham a intenção de a manter com uma aparência jovem e vigorosa. Agora as centenas de quilômetros que ela havia corrido estavam sendo postas em prática para um uso mais importante.

Não parecia que o monstro era muito rápido, ela pensou enquanto corria. Ela se distanciou dele, entrou em um túnel e encontrou um caminho de volta para a esfera. Não havia necessidade de preocupar Low. O pobre homem já levava uma

carga do tamanho do mundo de tanta ansiedade. Ela iria se comunicar de novo assim que estivesse a salvo, dentro da esfera.

Enormes e rígidos dedos se fecharam em volta da sua cintura. Só então ela olhou para trás, e se viu encarando para uma imitação de face, totalmente retorcida. Mandíbulas contorcidas estavam ao alcance do seu pescoço. O que faltava naquela cena era uma grande quantidade de saliva. Um fedor implacável saía da enorme boca por causa da sua ausência. O monstro fedia tanto quanto um cadáver em estado avançado de putrefação.

Ela havia subestimado a sua velocidade, tanto quanto a sua determinação.

Embora alguns de seus movimentos parecessem maquinais, era claro que não era mecânico. Enquanto ele a erguia do chão e a carregava em direção a uma abertura escura na parede, igual a que ela usou para tentar escapar, Maggie estava se perguntando porque ela não tinha gritado. Seria porque ela não podia, ou porque a sua personalidade não permitia dar o braço à torcer nem mesmo para uma criatura como aquela? Qualquer que fosse a resposta, não haveria ninguém por perto para escutar, e ela não queria fazer nada que pudesse enfurecer a besta. Se ela fizesse muito barulho, a criatura poderia decidir acabar com o incômodo, quebrando o seu pescoço.

Ela se debateu inutilmente. A maneira em que estava sendo carregada era muito dolorosa e ela estava tendo problemas para respirar. Ela esperava desaparecer dentro da garganta da criatura a qualquer momento. Para o seu alívio, o raptor aliviou a pegada quando teve que passar por cima de um display cilíndrico que havia no meio do caminho, permitindo que ela respirasse livremente mais uma vez.

A maior das aberturas estava próxima agora. A voz de Low continuou a chamá-la pelo comunicador. A criatura ignorou, e com os braços presos Maggie não poderia alcançar

o botão para poder responder. Ela só podia escutar os chamados do Comandante, sem poder fazer nada.

"Maggie, droga, responda!" Low tentou tudo o que conseguiu pensar para restabelecer contato, mas tudo indicava que a unidade dela estava funcionando perfeitamente. Então porque ela não respondia?

Ele começou a correr. Ela se meteu em alguma confusão, mas o quê? Será que ela teria se envolvido em um desmoronamento como

Brink, e teria deixado o comunicador para trás? Ela estaria caída inconsciente em algum lugar, incapaz de responder aos seus chamados?

Low pensou em uma hipótese muito desagradável. Será que ela teria encontrado um guardião?

Ele desacelerou a medida que se aproximou da câmara intermediária, o lugar onde quase havia morrido. Por um instante ele não ouviu nada. Então ele começou a escutar o som de corpos se debatendo e lutando, e ele se inclinou devagar para frente para olhar.

Os dois guardiões estavam do mesmo jeito em que ele os havia deixado, lutando incansavelmente. Um estava sem um membro enquanto que o outro sangrava muito, devido a vários ferimentos. Nenhum dos dois dava sinal de que estava cansado ou que iria parar.

Ele esperou até que eles rolaram para um canto mais distante da câmara antes que ele fosse em direção a passagem. Mantendo-se abaixado e se movendo rapidamente ele cobriu a distância até o túnel sem ser notado. Ou talvez eles tenham notado a sua presença e decidido ignorá-la. Se qualquer um dos dois baixasse a guarda, o seu oponente poderia se aproveitar do momento. Nesse caso certamente haveria uma evisceração e desmembramento.

Feliz com a sua fuga, Low entrou no túnel mais estreito e mais baixo que levava para fora da pirâmide. Quando ele finalmente saiu da estrutura, quase desmaiou de tanto alívio.

*Não há tempo para isso*, ele pensou severamente. Sem parar para descansar, ele se virou e correu para a plataforma da esfera. O que aconteceu a Maggie provavelmente não iria esperar dias para fosse resolvido. Ela precisava de ajuda *agora*. E de tanta ajuda quanto fosse possível.

Isso significava envolver Brink.

Se ele não conseguisse persuadir o cientista a colocar de lado a sua obsessão com os cristais para poder ajudar, ele teria certeza de que Maggie estaria em um grande perigo. Se

Brink não pudesse ser persuadido, poderia ser empurrado e puxado.

À frente, a esfera brilhava como uma pérola gigante.

## CAPÍTULO 16

Ele partiu rapidamente para a câmara principal da ilha central. Não havia sinal de Maggie, e ele não esperava que ela se materializasse na frente dele, sã e salva ao lado dos escombros. Uma verificação no túnel revelou o que ele já sabia: a esfera de transporte da ilha do museu havia sumido. Mais apreensivo do que nunca, ele retornou à câmara principal.

Ele não teria que sair a procura de Brink. Ele sabia exatamente onde encontrar o cientista.

"Ludger."

O outro homem estava reclinado no canto da despensa onde eles haviam encontrado o suprimento de cristais, apreciando o calor emanado por eles. Ele havia tirado os que estavam no seu bolso e o espalhou em sua volta formando um pequeno cercado de cristais. Como um funcionário de férias, ele estava deitado no meio da moldura verde brilhante, com as mãos na nuca e os olhos fechados.

Low avançou. "Ludger, Maggie está em perigo. Eu não estou supondo isso, eu acabei de falar com ela pelo comunicador. Ela estava conversando comigo quando foi abruptamente interrompida, e então parou de responder. Mas a sua unidade continuou funcionando. Alguma coisa aconteceu a ela. Ela está com um grande problema." Ele afastou alguns cristais com a ponta do pé. "Eu preciso da sua ajuda, Ludger. Maggie precisa da sua ajuda."

Brink abriu os olhos e se sentou. Relaxado e satisfeito, ele se esforçou para voltar ao seu estado voluntário de sedação. Enquanto falava, esfregava os olhos, como alguém que acabara de acordar de um sono profundo.

"Problema? Que tipo de problema?"

"Eu já te disse." Low se esforçou para conter a sua irritação. "Eu não sei. Nós temos que descobrir."

"Ah, não temos não, Comandante. Você pode cuidar disso sozinho. Eu tenho certeza que você é muito melhor que

eu nesse tipo de coisa." Ele acenou de maneira indiferente e voltou para a posição reclinada que se encontrava antes. "Eu estou ocupado com estudo e reflexões."

Era claro que o cientista não tinha interesse nenhum em ajudar Low, Maggie ou até mesmo a si próprio. Tudo o que importava para

ele eram os seus amados cristais. Seu comportamento se tornou claramente reconhecível. Ele havia se tornado um viciado.

*Ótimo*, Low murmurou. Ele tinha dois companheiros nesse mundo. Um estava em Deus sabe em que tipo de problema, e outro havia se tornado o primeiro drogado extraterrestre.

Pelo que Low se importava, depois de eles terem resgatado Maggie, o cientista podia passar o resto da sua vida contemplando os cristais até que sua mente e corpo tivessem se deteriorado. Mas agora o Comandante precisava dele.

Pelo menos ele estava coerente e podia conversar, o Comandante pensou. Havia algo na aparência dos cristais, no suave calor que eles emanavam, que poderia tornar pessoas viciadas a eles? Se ele descobrisse a causa desse efeito, talvez ele pudesse neutralizá-la. É claro, se o vício tivesse alguma conexão com o fato de que Brink havia absorvido um cristal em seu corpo, então não haveria muito que Low ou qualquer um pudesse fazer.

Silenciosamente o Comandante tentou contar o número de cristais que estavam em volta do corpo do cientista. Parecia haver a mesma quantidade do que antes. Isso significava que qualquer atração que pudessem exercer, ela não exigia o consumo constante de cristais para sustentar o vício. Os efeitos colaterais de seu uso eram visíveis. Era algo realmente traiçoeiro.

"Veja, Ludger, você pode voltar aqui quando terminarmos. Eu só preciso da sua ajuda para salvar Maggie."

"Desculpe, Comandante, mas eu já encontrei toda a ajuda que eu precisava," Brink respondia indiferentemente. "Existe um dispositivo aqui que eu acredito que sirva para produzir esses cristais."

"Como você sabe disso?" Low estava impaciente. "Sem nenhum conhecimento sobre a linguagem local, como você descobriu isso?"

Os olhos do cientista piscaram e ele encarou o Comandante. Seus olhos haviam adquirido um leve tom verde, Low pensou; ou aquilo só era a sua imaginação?

"Parece ser muito simples. Há várias inscrições ilustrativas na máquina. O mecanismo em si parecia ter sido feito para que qualquer idiota pudesse operar. Talvez até eu ou você."

Low respondeu o insulto. "Então porque você ainda não a ligou e se enterrou nesses malditos cristais?"

"Eu tentei, Comandante. Acredite, eu tentei. Entretanto, quando eu passo a minha mão sobre os encaixes, seguindo o padrão indicado nas inscrições, nada acontece. Eu tentei isso várias vezes e eu estou certo de que fiz da maneira correta. Minha conclusão é que deve haver algo mecanicamente errado com esta máquina. Eu acredito que o problema possa ser resolvido." Sua voz tinha ficado tensa.

"Pense nisso, Comandante! Pense no que significaria trazer essa máquina para a Terra. Ressurreição sob demanda. Cura para todas as doenças e enfermidades que atormentam a humanidade. Coloque uma moeda e receba um milagre. Uma máquina de milagres!"

"Certo: se isso funcionar em todo mundo, e para todos os problemas médicos. Por enquanto, Doutor Fausto, eu tenho certeza que ninguém irá tocar na sua preciosa Mefistófeles medicinal se você parar por um momento para ajudar Maggie ao invés de Moloch." (Referente à obra "A Trágica História do Doutor Fausto", peça teatral baseada na lenda de Fausto escrita por Christopher Marlowe em aprox. 1588.)

"Comandante! A sua interpretação foi muito melhor do que eu esperava."

"Obrigado. Eu também gostaria de adicionar que eu tenho uma faixa preta de segundo grau em Tae Kwan Do. Então levante a sua bunda alemã desse chão e me dê uma mão." Quando Low se aproximou, Brink rapidamente recolheu as suas pernas.

"Ficar me ameaçando não é algo necessário, Comandante. Vá procurar a sua jornalista rebelde se quiser, mas me deixe em paz."

"Ela não é rebelde. Eu já te disse, ela esta em perigo!"

"Jornalistas estão sempre metidos em problemas. É a alegria deles. É dos problemas que eles tiram as histórias, do mesmo jeito que um peixe tira oxigênio da água do mar."

Low mordeu o seu lábio inferior antes de responder, com suas palavras bem espaçadas e enfatizadas. "Escute-me, Ludger. Existem criaturas nesse planeta que não são

bonitinhas e pacíficas. Eu sei; eu tive que lidar com duas delas no último pináculo que visitei."

"Então isso só me faz acreditar que você pode lidar com essa crise sem a minha ajuda." Brink aproximou seus joelhos do peito e passou seus braços em volta deles, tomando a aparência de uma criança de seis anos tentando se esconder em um armário. "É mais importante que eu permaneça aqui para cuidar dos cristais da vida e tentar descobrir como fazer a máquina funcionar."

"Me desculpe, Ludger. Eu não tenho mais tempo para discutir." Dizendo isso, ele se abaixou e agarrou o ombro do cientista. "Você vem comigo. Agora."

"Eu não vou." Brink se levantou e afastou a mão de Low.

Embora os dois homens fossem do mesmo tamanho, Brink não era um adepto de exercícios físicos. Enquanto que Low, apesar de sua idade, ainda possuía o físico muito vigoroso que sua profissão exigia. Isso somado a sua habilidade em artes marciais fariam com que ele dominasse Brink sem muito esforço.

Empurrando Brink para um canto para mantê-lo fora do caminho, Low começou a pegar os cristais. Aparentemente a única maneira de fazer o cientista se mexer era também mexer na fonte da sua atração. Low encheu seus bolsos com os cristais com o mesmo prazer que seu companheiro havia feito.

Confuso, Brink tentou se levantar de onde havia caído. "Não! Não toque neles! Me devolva eles!"

Low achou o calor dos cristais algo agradável, mas dificilmente algo que seria motivo para uma paranóia. Era muito cedo para dizer. Não tendo outra opção, ele iria começar a prestar muita atenção nas próprias atitudes.

Para a sua surpresa, Brink foi em sua direção. Low se esquivou com facilidade, usou o seu braço e sua perna direita e fez com que o cientista caísse no chão novamente. Usou o mínimo de força possível. A sua intenção era advertir, não machucá-lo. Brink não seria muito útil para Maggie se estivesse com os dois braços quebrados.

Respirando em um ritmo acelerado, o cientista rolou no chão. Sua expressão era de desespero. "Por favor, Comandante! Você não entende. Eu tenho que ---"

Contrariado, Low o agarrou e o encarou com muita raiva. "Você tem que o quê?" Ele pegou um dos cristais. "Ter um desses perto de você?"

Brink deu um passo à frente, e estendeu uma das mãos. "Sim, exatamente isso, Comandante. Eu tenho que estar perto

deles. Eu não posso explicar, mas---

"Tudo bem," Low exclamou, interrompendo-o. "Fique perto de mim que você estará perto deles, certo? Se você me ajudar a resgatar a Maggie eu devolverei todos eles para você. Eu vou até mesmo te ajudar a reconstruir seu 'berço' com eles. Então, o que vai ser?" Depois da pausa, ele adicionou. "Eu sei que você está olhando

aquele pedaço de cano, ou o qualquer que seja. Se você tentar me acertar, Ludger, eu terei que revidar mais forte. Você não gostaria do resultado. Use a sua lógica."

"Além do mais, isso seria ruim para a moral da tripulação. Conflito e camaradagem não podem coexistir." Ele se virou para partir. "Eu estou indo agora. Se você decidir ficar, pode ter certeza de que nunca mais irá rever os seus preciosos cristais." Ele acalmou o seu tom.

"Eu sei que você não é totalmente responsável pelos seus atos agora, Ludger. São os cristais. Você de alguma maneira se tornou viciado neles. Talvez porque você tenha absorvido um. Vamos lá, use a sua cabeça! Traga de volta os seus poderes analíticos. Deus sabe o quanto você é melhor nisso do que eu. Tente voltar mentalmente, analise o que está acontecendo com você agora."

Brink não se moveu. Agora ele abaixou a cabeça entre os joelhos. "Eu sei ... *ich vergessen*... Eu sei que eu não tenho sido eu mesmo ultimamente. Eu percebo agora que os cristais se tornaram uma espécie de obsessão para mim."

"Você só pensa nisso. Está te consumindo. Com sorte nós descobriremos a causa e talvez possamos combatê-la. Mas agora nenhum de nós tem nenhuma idéia sobre isso, então você terá que lidar com essa situação."

"Sim. Você está certo, Comandante." Ele levantou a cabeça, e pelo menos por um momento, ele pareceu ser o velho Ludger Brink: confiante, cheio de segurança, de bom caráter e com só um toque de arrogância. "Eu vou te ajudar com a Maggie. Mas se ela não está mais respondendo, como nós iremos encontrá-la?"

Low tirou o seu comunicador do cinto e o mostrou para Brink. "Todos estes aparelhos tem uma função embutida de localização. Não importa que Maggie não esteja respondendo. O que importa é que a unidade ainda está ligada e funcionando. Ela pode não estar falando, mas nós ainda podemos rastreá-la. Ela me disse que estava na ilha do museu." Ele segurava firmemente o aparelho em sua mão

esquerda. "De acordo com o aparelho, ela ainda está lá. Isso deve facilitar um pouco as coisas. Vamos lá."

Brink não ofereceu resistência alguma enquanto seguia Low de volta para a câmara principal. Juntos eles foram para o túnel de transporte da ilha do museu.

Eles tiveram que caminhar rapidamente, quase correr, o caminho inteiro do túnel, rezando para que Maggie não aparecesse

repentinamente em uma esfera. Embora nenhum deles pudesse dizer qual era a sua composição química, ambos sabiam que ela não era feita de um plástico fino. Rolando pelo túnel a alta velocidade, a esfera iria certamente esmagá-los.

A escuridão adiante permaneceu silenciosa. E nenhuma abominação alien surgiu para impedi-los. A superfície polida do chão era perfeitamente lisa e sem rejuntas. A escuridão pode ter atrasado-os, mas eles não caíram ou tropeçaram.

Muitas vezes o Comandante teve que parar e esperar por Brink, mas na maior parte do tempo o cientista manteve o ritmo muito bem. Ou ele costumava correr com freqüência, Low imaginou, ou o cristal que ele absorveu deu-lhe uma energia extra. Mas isso não importava.

Ambos estavam muito cansados quando finalmente saíram do túnel e chegaram à plataforma. Parando um pouco para retomarem o fôlego, começaram a chamar pelo nome da jornalista.

Eles continuaram a chamar pelo seu nome enquanto entravam no pináculo. Familiares cápsulas, displays e vitrines estavam a sua volta. Mas agora, ao invés de representarem maravilhas e artefatos interessantes, o mar de objetos representava um perigo desconhecido.

Ao invés de guiá-los para o interior do complexo, como Low havia esperado, o comunicador indicava fortemente para a direita, apontando para o que parecia ser uma porção de buracos, ou portas. Quando eles alcançaram a parede, Low andou várias vezes para frente e para trás até ter certeza de qual abertura o comunicador estava apontando.

"Eu não gosto disso." Tirando uma pequena lanterna do seu cinto, Low a ligou e entrou lentamente no túnel escuro. Aqui a luz que emanava das paredes e do teto era extremamente fraca, não iluminava nem os degraus do caminho. "Na última vez em que eu estive em um túnel, tive sérios problemas."

Brink estava checando os arredores. "Passagem de manutenção, eu suspeito."

"Você está escutando água correndo?" Low perguntou.

"Sim. Tenha cuidado. O chão está ficando escorregadio." Ele cheirou o ar. "Água salgada. Este túnel deve estar abaixo do oceano. Dado o pequeno tamanho das ilhas, eu não ficaria surpreso em descobrir um grande complexo subterrâneo. É uma ótima maneira de se aproveitar o espaço. Eu faria o mesmo se vivesse aqui."

"Eu terei isso em mente da próxima vez que eu precisar construir uma universidade, ou qualquer coisa que essa estrutura deva ser." Quando Low se abaixou para passar através de um cano vazando, a água gelada do mar pingou na sua nuca.

"Nós precisamos tentar atravessar!" insistiram muitas formas de pensamento que haviam seguido os visitantes desde o início.

"Caso contrário eles irão cair no precipício, apesar do esforço de chegar até onde chegaram e de terem cumprido tantas coisas, tudo terá sido em vão se perecerem aqui."

"Atravessar?" Quinhentas percepções se intrigaram com o problema. "Nós tentamos atravessar por milhares de anos. Não há como atravessar."

Uma imagem se formou diante de todos. Era uma representação do primeiro encontro com os viajantes. Como uma lembrança do que eles haviam sido, era um forte estimulante.

"Nós podemos ao menos tentar," declarou o primeiro. "Quem irá tentar comigo?"

Centenas se candidataram. Escolhendo uma conexão relativamente estável do espaço-tempo, eles procuraram a fissura mais promissora e a pressionaram, comprimindo-se. A abertura tinha uma espessura nanométrica, assim como todos eles, mas devido ao esforço coletivo, ela cedeu um pouco.

"Olhe, bem ali." Low apontou para onde flashes de luz haviam aparecido na escuridão. Fragmentos fluorescentes fluíram juntos para formar um contorno, uma forma reconhecível. Esticando-se, a luz tentava mostrar, revelar, iluminar o caminho. O esforço envolvido para produzi-la era imenso.

"Correntes de ar." Brink disse desprezando-a. "Gás fosforescente. Um inofensivo efeito colateral fruto da engenharia local. Eu suspeito que à medida que formos nos aprofundando, iremos encontrar efeitos mais interessantes."

"Eu espero que esteja certo." Ignorando as fagulhas frenéticas, os dois homens prosseguiram.

Com um sentimento coletivo de remorso, centenas se desapontaram e abandonaram seus esforços.

"Observem." A vasta população que não havia participado da empreitada também ficou desiludida. "Nós não somos nenhuma solução perto do que já chegamos a ser. Não há esperança."

"Não falta esperança onde há vida," promulgou um grupo que apoiava o primeiro. "Melhor tentar e falhar do que não tentar."

"A salvação não está no solecismo," responderam aqueles que duvidaram.

"Há vida aqui?" Um número expressivo de espectadores permaneceram atentos ao interrogatório, o qual resultou em um discurso artificial.

Apenas os mais persistentes permaneceram próximos, seguindo o progresso dos visitantes com um interesse perseverante.

"Primeiro nós nos tornamos irrelevantes para a nossa dimensão, e então aconteceu o mesmo para esta em que estamos." O primeiro se mostrou inflexível. "Algo precisa ser feito, ou a nossa consciência irá terminar como as nossas formas físicas."

Apesar de terem tentado, havia pouco que eles pudessem fazer. A filosofia era uma arma muito fraca para confrontar músculos e forças físicas. Do jeito que estavam, eles não podiam ajudar os bípedes nem mesmo com uma leve noção, muito menos com um pensamento completo.

"Por aqui." Monitorando cuidadosamente o comunicador, Low se virou para a esquerda. Não havia como dizer a profundidade em que estavam, nem a distância que haviam percorrido. Canos e tubos, conduites e sifões se contorciam no ambiente. Low se sentiu como se estivesse descendo em uma vasilha infinita de espaguete. Não havia nada construído com o vidro metálico, ele notou. Apenas metais simples e plásticos, com manchas de alguma cerâmica escura.

Havia água por todo o lado; escorrendo de fissuras, se condensando nos canos frios, correndo em pequenos riachos através do chão. Ele tentou não pensar nas milhões de toneladas de rochas que estavam sobre suas cabeças, ou os bilhões de litros de água do mar que estavam contendo.

Brink virou rapidamente para a direita. "Eu acho que ouvi algo."

Low confirmou com a cabeça. "Eu também escutei." Se virando para a direção do barulho, eles continuaram com muita cautela. Suas botas espirravam água, que já cobria vários centímetros do solo. Seres pequenos e esguios fugiram para se esconder nas sombras.

"Cuidado." Mirando a lanterna para baixo, Low deu um passo à frente. "Tem alguma coisa grudenta aqui. É um muco ou coisa parecida."

Brink usou a própria lanterna para iluminar aquela estranha massa que havia chamado a atenção do Comandante, cuidadosamente pisando em volta do monte. Tinha a aparência de um cabo de borracha exposto muito tempo ao sol.

Aquilo não era um cabo.

A prova veio quando eles viraram a curva e se depararam cara a cara com a sumida Maggie Robbins. Sem poder se mover, ela permaneceu olhando para eles, embrulhada no material como um presente de natal. A gosma ainda estava se cristalizando em volta dos seus membros quando eles se apressaram para libertá-la.

Aprisionada pelo material grudento, ela não parecia muito profissional. Ela aparentava estar completamente apavorada. Estava exausta, e Low notou alguns círculos escuros de baixo dos olhos dela. Aquilo não era falta de maquiagem. Algo acontecera a ela que a havia estressado mais do que podia suportar.

Enquanto os dois lutavam freneticamente para libertá-la, ela olhava assustada para todas as direções. "Fujam! Saiam daqui enquanto podem." Ela hesitou um momento, e então continuou.

"Não! O que eu estava dizendo? Me livre dessa coisa nojenta antes que ele volte!" Ela encarou Brink. "Não é nada pessoal, Ludger, mas você não deveria estar morto?"

"Eu estava. Agora estou vivo. Eu irei explicar para você mais tarde." Ele cortou uma de suas amarras.

"Eu espero que estejamos vivos para você poder explicar." Low libertou o pescoço e os dois braços de Maggie, mas ela ainda não podia se mexer. Suas pernas ainda estavam juntas e coladas na parede.

"Antes que o quê volte?" Brink perguntou.

"Você acha que eu fiz isso comigo mesma? Para um suposto cientista, você está ignorando o óbvio. Antes que---" Ela parou no meio da frase e fez algo extremamente não profissional, embora fosse muito compreensível dada à situação. Seus olhos se arregalaram e ela gritou histericamente.

Os dois homens se viraram, e ali estava: um ser enorme que lembrava um caranguejo, quitinoso e segmentado. O monstro havia se deslocado na escuridão para ficar entre a saída e os humanos.

Apesar do perigo, Brink ficou fascinado com o monstro. Ele podia ver claramente de onde as fibras grudentas emergiam: não de uma fiandeira no fim do abdômen como nas aranhas, mas de órgãos especializados localizados nas pontas das pernas dianteiras. Enquanto ele os estudava, o monstro balançava-se para frente e para trás em cima de suas várias articulações. As formas de vida subterrânea aqui, Low concluiu, eram basicamente musculosas e muito agitadas.

A cabeça gargólica da criatura estava totalmente ciente da presença deles, embora não tivesse olhos. Os guardiões que ele havia deixado para trás na pirâmide deviam ser parentes desse pesadelo ambulante. Todos pareciam pertencer à mesma família taxonômica: aquela que você nunca convidaria para entrar na sua casa.

A principal diferença entre essa besta e os guardiões do túmulo era que essa era bem maior, mais assustadora e equipada com um arsenal bem mais sofisticado do que apenas garras e dentes. Era certamente uma criatura que estaria no final da lista das criaturas mais belas da Mãe Natureza.

"Não fique aí olhando!" Robbins teria chutado Brink se ela pudesse. "Me tire daqui!"

"Eu estou aberto para sugestões, Maggie." Brink estava muito calmo. Provavelmente muito ocupado em classificar a criatura para se assustar, Low pensou. Talvez ele só começaria a se assustar quando o monstro enterrasse uma presa no seu peito.

Low desejou fortemente ter uma arma. Até mesmo uma faca de cozinha era bem vinda. Mas eles não tinham nada, armas não eram um equipamento necessário para exploração espacial. Ele prazerosamente trocava a sua pensão pela escavadeira que eles usaram para fazer os buracos na superfície do asteróide. Tudo o que eles tinham no cinto era necessariamente pequeno e inofensivo. Ele suspeitava que

deveria haver um spray de pimenta no cinto de Robbins, mas por alguma razão ela não o levou para a EVA.

Tudo o que ele ainda tinha era o comunicador, alguns tabletes medicinais, um pouco de comida concentrada e sua lanterna. Sem mais nada para fazer, ele mirou a forte lanterna para a criatura. Sem saber aonde os órgãos sensoriais estavam localizados, ou qual parte do espectro de luz ela poderia detectar, ele não poderia tentar cegá-la.

Mas quando ele jogou o raio de luz para um lado, a cabeça do monstro se virou e seguiu o movimento. Então ele balançou a luz para direita. E mais uma vez a cabeça esquelética se virou para segui-la. Ele sentiu uma pequena sensação de esperança.

"A luz a distraí! Use a sua lanterna, Ludger." Essa observação era desnecessária, porque Brink já havia percebido o que acabara de acontecer.

Mas mesmo que seguisse a luz com seus órgãos sensoriais da visão, a criatura não saía do lugar.

Pelo outro lado, ela também não estava avançando. Eles apenas arranjaram uma maneira de ganhar tempo.

"Isso não está funcionando," afirmou Low.

"Eu invejo os seus poderes de observação, Comandante." Brink deu um sorriso seco ao seu companheiro. "Não há motivo para continuarmos com isso. Inevitavelmente nossas baterias iriam acabar e então a criatura nos atacaria. A luz a distraí, mas não a assusta. Talvez uma combinação de luz e movimento seja mais eficiente."

Assim dizendo, e antes que Low pudesse deduzir a sua intenção, o cientista pulou para frente. Balançando os braços, ele gritou o mais alto que conseguiu. Xingamentos em inglês, russo e alemão, isso sem mencionar um pouco de latim, não provocaram nenhuma resposta no monstro. Mas todo o movimento e as luzes sim. Ferozmente, ele se inclinou para a direção de Brink.

"Ludger, não!" Low foi em sua direção, mas Brink não iria desistir. Se aquela coragem instantânea era um impulso natural ou não, Low não pode dizer. Parecia que ele estava disposto a tudo para obter os cristais de volta.

Se inclinando para frente mas sem cair, o monstro começou a perseguir a fonte da luz e do movimento. Brink conseguiu fazer com que ele se afastasse da jornalista, que ainda estava presa. Se Brink escorregasse e caísse, Low sabia que a criatura o pegaria.

"Não se preocupe com ele agora!" Robbins gritou para chamar a atenção de Low. "Se ele quer ser um herói, deixe-o. Mas não desperdice o esforço dele! Tire-me daqui!"

Brink se manteve. "Isso me lembra dos meus dias de colegial, Comandante, mas eu não posso manter esse ritmo para sempre. Não perca tempo!"

Low se virou para Robbins. Guardando a sua lanterna no cinto, ele recomeçou a rasgar o material grudento. Robbins tentou ajudar da maneira que pôde.

"Eu não podia me soltar." Se contorcendo, ele conseguiu libertar uma de suas pernas. "Foi muito rápido para mim. Eu não pude---"

"Está tudo bem," ele disse. "Isso não importa. Tudo o que importa é que nós libertemos você, e sairmos vivos daqui."

"Ok, eu me consolo com isso."

Pelo seu comentário irônico, Low pôde perceber que ela estava à beira da histeria. Ela teve uma vida cheia de experiências difíceis, mas nada se comparava a isso.

Tentando libertar a outra perna da jornalista, Low quase se enroscou no material incrivelmente adesivo.

Isso não estava adiantando, ele pensou impacientemente. Não estava indo depressa o suficiente.

Olhando em volta, ele encontrou vários objetos metálicos. Um tinha uma lâmina afiada, outro tinha a forma de um gancho. Com esses instrumentos ele conseguiu cavar com mais eficiência no casulo que prendia Maggie, até mesmo nas partes mais rígidas. Elas já estavam muito duras, mas uma a uma foram rompidas pelos esforços do Comandante.

Com Robbins empurrando do lado de dentro e Low rasgando e abrindo o outro lado, um fio após o outro começaram a se romper, até que ela pôde se libertar por completo. Os resíduos do material permaneceram na sua roupa, mas isso não era problema.

O rosto dela estava muito próximo do de Low, mas nenhum dos dois parou para pensar nada a respeito. As circunstâncias em que estavam não eram muito românticas.

"Você está bem? Pode ficar de pé?"

"Acho que sim."

"Bom." Ele deu um sorriso. "Se você tivesse me escutado, nada disso teria acontecido."

"Não?" Ela respondeu com um sorriso irônico. "Você não disse que deveríamos ficar colados uns nos outros?"

"Não literalmente." Então eles se lembraram de algo momentaneamente esquecido. "*Ludger*."

Ele respondeu com energia, e até alegremente, os gritos desesperados dos companheiros.

"Estou bem! Ele está mais perto, mas está confuso se deve atacar primeiro a mim ou a luz. Eu espero que ele escolha a luz. Mas

eu preciso atentar para o fato de eu estar ficando sem espaço. Qualquer ajuda será muito bem vinda. Não demorem!"

Low pegou na mão de Maggie e juntos eles seguiram a voz de Brink. Ele ainda estava gritando e gesticulando para chamar a atenção do ser cuspidor-de-cola.

Não demorou muito para que eles o encontrassem. Ele estava encurralado entre um canto e a criatura, que estava em dúvida entre o que atacar primeiro. Low duvidou que ela permaneceria assim para sempre.

"Use a sua lanterna," Maggie sugeriu. "Atraia ele para longe."

"Nós não podemos continuar a fazer isso. Nossas baterias irão acabar. Nós temos que tentar algo diferente."

Ela olhou para ele ansiosa. "Como o quê?"

"Como eu não sei." Ele observou ao redor. "O que você acha que aquilo seja?"

"O quê?" Virando-se, ela viu que a luz iluminava um grande monte rosa grudado na parede. Fios grossos o sustentavam, e era coberto por um muco brilhante.

"Uma bolsa de ovos?" Ela tentou se lembrar de qualquer coisa parecida. "Depósito de comida? Um ninho?"

"Pode ser qualquer um deles, ou qualquer outra coisa. Ou até mesmo os três." Pegando outro fragmento metálico, ele encorajou Maggie a fazer o mesmo. "O que quer que fosse, é muito importante. Veja o cuidado em que foi construído, a grossura dos fios que o suportam."

"Se a sua avaliação estiver correta e nós a atacarmos, a coisa virá para cima de nós como um leão faminto."

"Você está certa." Low mais uma vez olhou ansiosamente as redondezas. "Por aqui."

Ele a conduziu até perto de um cano em que se podia ouvir uma poderosa corrente de água passando. A água escorria de uma fenda.

"Bata aqui."

Os dois começaram a atingir o cano com os objetos metálicos até que um fluxo razoável começou a sair da

fissura. O cano inteiro começou a vibrar como se fosse estourar a qualquer momento.

"Aqui!" ele indicou.

Apoiando as pernas em outro cano, eles empurraram com toda a força na direção em que Low havia indicado. Nada aconteceu.

"Com mais força! Use o peso do seu corpo!"

"Está me chamando de gorda?" Então ela disse com mais seriedade, "E se isso quebrar agora? Pode explodir na nossa cara."

Sua expressão estava contorcida enquanto eles se esforçavam contra o pesado cano.

"Você tem uma idéia melhor?"

Ela continuou empurrando. "Não. Aliás, eu nem cheguei a entender a sua idéia. O que nós estamos tentando fazer?"

"Você verá ... Eu espero."

Eles ouviram um ruído de algo trincando, e então o cano estourou. A força da água derrubou os dois. Com uma pressão maior do que de um hidrante, a água saía do cano e batia com força no monte rosa na parede. Os filamentos que o prendiam começaram a sair voando.

Quando estava a meio metro de Brink, que havia recuado a máximo que podia, a criatura virou-se para trás. Emitindo um choro extremamente alto e agudo, a criatura mostrou muito mais velocidade e agilidade do que Low supôs que tivesse, ela corria loucamente em direção ao ninho inundado.

"Ludger, por aqui!" Levantando-se, Low e Robbins acenaram na direção do cientista.

Com o monstro distraído com o seu ninho, Brink conseguiu se juntar a eles novamente. Juntos eles começaram a correr das profundezas escuras para a iluminada câmara do museu.

Robbins rapidamente ficou para trás. "Vamos lá, Maggie," Low a apressou.

"Não posso." Ele viu que ela estava mancando. "Fiquei muito tempo em uma posição. Meus músculos da perna estão doendo."

Os dois homens a ajudaram. Colocando seus braços em volta do ombro de cada um, ela deixou que a carregassem,

usando as pernas a medida do possível. As lamentações do monstro e o forte barulho de água foram ficando para trás.

Então eles chegaram ao familiar e iluminado ambiente do museu. Maggie sentou-se em um container, dentre tantas centenas de outros mais, cada um guardando um objeto que teria um preço inestimável na Terra. Ainda tremendo, ela começou a massagear suas coxas.

Low se aproximou. "Você está melhor?"

Ela deu um sorriso fraco. "Eu estou fora daquele inferno, então não há muito para o que se preocupar agora." Ela chutou o ar

com a sua perna esquerda. "Eu estou melhorando. Ficarei bem." Ela ficou de pé e começou a alongar a panturrilha direita. Low considerou oferecer ajuda, mas acabou desistindo. Tal ajuda poderia ser mal interpretada. Ele teria ficado surpreso ao descobrir que ela iria aceitar a ajuda com muita gratidão.

"O que a criatura queria com você?" ele perguntou.

"Felizmente, eu não descobri." Ela olhou para o cientista silencioso. "Eu aposto que Ludger pode pensar em alguma possibilidade horrível."

Brink pensou. "Quer realmente que eu faça isso?"

"Não. Vamos assumir que ela apenas queria uma companhia amigável." Ela começou a massagear a outra perna.

"Suas intenções poderiam ser outras além de mortais. Talvez fosse apenas um artrópode que goste de juntar coisas e resolveu te adicionar à coleção. Só porque ele te capturou e a prendeu na região do seu ninho não quer dizer que ele pretendia devorar você. Talvez tenha sido apenas a sua aparência."

O cientista não forneceu nenhuma interpretação a mais enquanto caminhavam em direção a plataforma de transporte. O globo brilhante aguardava, um gênio esférico que só podia conceder o mesmo desejo todas as vezes: o de viajar entre as ilhas.

No meio do caminho Maggie pensou em bater os seus pés um contra o outro para tentar limpar um pouco de suas canelas, mas acabou desistindo. A quantidade de gosma em suas botas era tão grande que se fizesse isso, seus pés provavelmente iriam ficar grudados.

Mas dado o que acabara de passar, ela ficou realmente tentada.

## CAPÍTULO 17

Muitos milhões de Cócitans esperançosos haviam observado e analisado cada instante do incidente. As reações de todos foram bem diversificadas.

"Eles continuam a elucidar e a solucionar os problemas diante deles." O primeiro estava bastante satisfeito.

"Eles utilizaram ferramentas ocultas." Disseram àqueles que o apoiavam.

"Eles já provaram repetidas vezes que são capazes de agir e reagir com inteligência e senso comum, mesmo sob forte ameaça."

"Nós nunca cogitaríamos a utilização dos canos." Algumas centenas de milhares deslizaram gentilmente em direção ao grupo cada vez maior de otimistas.

"Ah, água!" Muitos lamentaram a memória perdida de sentir a fluidez do líquido. "A maravilhosa sensação de sentir o líquido gelado! Imagine poder bebê-la novamente." Esse comentário pareceu ecoar por todos os seres de forma muito triste. "Os simples prazeres do mundo físico – todos se foram. A sensação, livre do pensamento – para sempre perdida."

"Quem de nós não trocaria a eternidade pela capacidade sensorial de um verme?" Muitos estavam flutuando em cima da esfera rolante, tentando obter alguma sensação de velocidade. Faziam isso sem esforço nenhum. Ar ou terra, água ou pedra – não fazia diferença para eles. Nada poderia impedir ou atrasar o seu progresso.

Isso era mais uma forma da maldição que havia caído sobre eles. Eles nunca sentiram prazer em transitar com tanta facilidade, porque não havia o que sentir no final do caminho.

"Me desculpe." Robbins ainda estava mancando levemente quando eles reentraram na câmara principal da ilha central.

"Pelo quê?" Low a olhou nos olhos.

"Eu já te disse. Por ter me afastado daquela maneira. Me aventurando por conta própria. Fui estúpida. Sou famosa por causa disso. Acontece que eu sempre tive sorte. Eu tive sorte em Yucatan, eu tive sorte em Burkina Faso, eu tive sorte no Turcumenistão."

Brink discordou. "Você se subestima, Maggie. Você simplesmente é muito boa naquilo que faz."

"Sim, claro," ela respondeu desapontada. "Eu me saí muito bem lá. Se vocês dois não tivessem aparecido, eu já teria virado biscoito de caranguejo, ou qualquer coisa que ele pretendesse fazer comigo." Ela tremeu quando terminou de falar.

Low olhou Brink profundamente. "Isso mesmo. Nós *dois*."

Ela se recuperou. Low duvidava que Maggie Robbins pudesse permanecer desanimada por muito tempo, não importasse o quão desagradável as circunstâncias pudessem ser. Isso fazia parte de seu caráter emocional.

"É claro, umas das razões de eu ter tanta 'sorte' ao longo dos anos, é por causa que eu sempre ando na companhia dos melhores profissionais. Alias, antes que aconteça qualquer coisa, eu gostaria de agradecer a vocês."

Então Maggie beijou Low. Não fora um beijo demorado, mas também não havia sido uma rápida beijoca na bochecha. Low havia ficado momentaneamente paralisado, e Maggie fez o mesmo com Brink.

"Hey, vamos lá!" ela os reprimiu assim que terminou. "Talvez salvar a minha vida não tenha sido grande coisa para vocês, mas isso significa muito para mim. Você deveria estar orgulhoso, Ludger. Isso o deu oportunidade de conhecer outra forma de vida alienígena." Antes que ele pudesse responder, ela se voltou para Low. "Quanto a você, Comandante, Eu sei que isso faz parte do seu trabalho. Mas obrigada mesmo assim."

"De nada. Você pode me agradecer de novo se quiser."

Ela acabou cedendo, e então começou a sorrir. "Quem diria, Comandante Low, você tem senso de humor! Só precisa tirá-lo do seu cinto de utilidades de vez em quando."

"Eu sei. Mas isso é apenas porque eu não tenho visto muita coisa para rir ultimamente."

Ela se aproximou mais dele, sua voz diminuindo gradualmente. "Você não entendeu, não é mesmo? São nessas situações em que você precisa sorrir mais."

Brink se enfiou no meio dos dois. "E agora Comandante, se você não se importa, os cristais da vida por favor?"

Low olhou para o outro homem. "Escute, Ludger, porque você não deixa que eu os carregue para você? Você pode ficar com uns dois, para abraçar e para dormir com eles, se quiser. Será melhor para você, acredite em mim."

O olhar confuso de Maggie passava do piloto para o cientista. "Boston, Ludger; o que está havendo aqui?" Eles a ignoraram.

Brink começou a tremer. Por um momento, Low pensou que o outro homem iria pular em cima dele novamente, em outra tentativa fútil. O cientista deveria ter aprendido com a experiência que haviam tido mais cedo. Será que os cristais, ou a sua falta, ainda estariam afetando o seu poder de julgamento?

"Esse não foi o nosso acordo, Comandante." Brink estava claramente se esforçando para se conter.

"Tudo bem, Ludger. Mas eu acho que você está cometendo um grande erro."

"Será que estou?" Brink balançou a cabeça em direção ao brilho verde que saía dos bolsos de Low. "Um desses me trouxe de volta à vida. O que teria de errado em mantê-los perto de mim?"

"Você não percebe que eles se tornaram uma obsessão? Será que sua mente já está tão deturpada que você não percebe mais o que está acontecendo com você?"

"Obsessão? Mente deturpada?" Robbins ficou ainda mais confusa. "Será que alguém poderia fazer a gentileza de me contar o que está acontecendo aqui?"

Brink estendeu as duas mãos. "O nosso acordo, Comandante. Eu lhe asseguro de que minha lucidez não foi afetada de maneira alguma. Eu simplesmente desenvolvi uma afeição pelos cristais, e não uma obsessão. Eu estou com o absoluto controle das minhas capacidades, tanto físicas quanto mentais."

"Claro que está." A voz de Low estava sarcástica. Mas ele tinha dado a sua palavra, e não estava com disposição para outra luta.

Retirando os cristais de seus bolsos, ele os entregou para o cientista, que zelosamente os guardava em seus próprios bolsos da calça e da sua camisa.

"Apenas tenha certeza de que é você que tem controle sobre essas coisas, e não o contrário."

"Eu não consigo imaginar a outra possibilidade." Os olhos de Brink brilhavam enquanto manuseava os cristais.

"Obrigado, Comandante," ele disse baixinho quando Low havia lhe entregado o último cristal.

"Eu levarei estes de volta para a sala aonde nós os encontramos. É lá aonde eles pertencem." Enquanto ele girava para

partir, um pequeno brilho verde vindo do bolso de Low chamou a sua atenção. Ele apontou.

"Àqueles?"

"Desculpe. Você já está com a maioria deles de volta. Era isso que você queria." Ele deu uns tapinhas no bolso. "Eu irei ficar com esses por um tempo."

Por um instante, Brink permaneceu parado. Então ele dirigiu seu olhar para Low. "Veja, Comandante, minha 'obsessão', como você a chama, não é tão forte como imagina. Não é necessário para mim possuir todos eles." Dizendo isso ele se virou e começou a andar no meio da câmara gigante, em direção à dispensa dos cristais.

Dedos se agarraram ao braço de Low. "Ok, agora, você poderia me explicar o que está acontecendo aqui antes que eu tire conclusões erradas?"

Low pensou um pouco antes de responder. "Quando nós estávamos libertando você lá no túnel, você se lembra de ter dito que Brink deveria estar morto?"

"Eu não me lembro de muita coisa que aconteceu lá em baixo, mas eu me lembro de ter dito isso. E daí?"

"Eu encontrei um cristal peculiar no pináculo do museu. Você sabe, algumas exposições projetavam apresentações explicativas. Então, uma das exposições mostrou um cristal, fazendo todo o tipo de coisas maravilhosas, incluindo curar àqueles seriamente feridos e até reviver os mortos. Como Ludger havia morrido, eu pensei que tentar um cristal nele não poderia fazer mal algum, caso algo desse errado. Enfim, nem preciso dizer que funcionou. Mais tarde nós encontramos um monte desses cristais em uma das salas laterais dessa câmara." Ele apontou para a direção em que Brink havia ido.

"Logo ali."

"Então um desses cristais que você pegou o trouxe de volta à vida?"

Low balançou a cabeça afirmativamente. "Desde quando nós a encontramos, ele criou uma espécie de paixão

por essas coisas. Não se sente bem, a não ser que esteja perto deles. Ele encontrou uma máquina naquela sala que acredita servir para fabricar mais cristais. É como se ele quisesse se afogar naquelas coisas. Eu sei que ele parece normal e consciente, mas se você deixá-lo sozinho por muito tempo com essas coisas, ele perde toda a lógica e a motivação. Não

fica querendo mais nada além de estar ao lado dessas coisas verdes."

"A única maneira que eu encontrei de fazê-lo me ajudar a te resgatar, foi pegar todos os cristais e prometer devolvê-los apenas quando você estivesse salva. Ele foi muito relutante. A primeira coisa que ele tentou fazer foi lutar comigo."

As sobrancelhas de Maggie se ergueram. "Ludger? Tentar atacar você? Por um punhado de cristais?"

Low confirmou com a cabeça. "Eu sei como tomar conta de mim mesmo, Maggie, e eu estou em uma forma muito melhor do que a dele. Apenas depois de perceber que lutar comigo não iria adiantar nada, é que ele concordou em ajudar." Ele olhou para a direção que o cientista havia tomado. "O que, devo admitir, ele fez eficientemente."

Ela estava cética. "Eu não consigo imaginar Ludger brigando com você."

"Eu também fiquei muito surpreso. Isso mostra como os cristais mexeram com ele." Ambos ficaram em silêncio por um tempo.

"Eu nunca teria imaginado," ela murmurou. "Ele parecia tão normal. Pelo menos para o jeito dele."

"Eu sei, mas você não o viu da maneira que eu vi, esparramado no chão no meio dos cristais, com o olhar vazio como o de um drogado."

Ela ainda estava relutante em condenar o outro homem. "Eu já vi gente agir assim por causa de café, ou chocolate."

"Talvez você esteja certa. Talvez eu esteja exagerando."

"Então, o que nós faremos agora?"

"Quando nós chegamos aqui pela primeira vez, Ludger e eu encontramos uma daquelas plaquetas que usamos para ativar o asteróide. Pelo menos, parecia uma delas. Eu gostaria de encontrar outras três e tentar naquela pilastra de controle. Eu não consigo pensar em mais nada."

Ela piscou com se estivesse tentando lembrar de algo. "Pensando bem, eu acho que vi uma delas."

Low a olhou surpreso. "Você está brincando. Não, você não está brincando. Aonde você viu?"

Ela olhou para baixo. "No pináculo do museu. Mas aquela coisa está lá!"

"Nós tomaremos cuidado. Ludger e eu andamos bastante por lá sem nenhum problema. Além do mais, a criatura deve estar muito preocupada em secar o seu ninho. Você está dentro? Se não, poderá ficar aqui, sem nenhuma recriminação."

"Estou dentro? Às vezes você coloca as coisas de uma maneira engraçada, Boston Low." Ela olhou através da câmara. "Acha que Ludger virá com a gente?"

"Sem chance. Eu acho que ele merece um momento de sossego. Vamos deixá-lo ficar deitado no meio dos cristais por um tempo. Você consegue se lembrar aonde exatamente você viu a plaqueta?"

Ela sorriu e confirmou com a cabeça. "Eu acho que sim. Não era muito longe da entrada."

"Ainda bem. Vamos dar uma olhada."

A plaqueta de fato estava aonde Maggie havia indicado, em um suporte ao lado de seis placas inscritas cuja função permaneceu um mistério para eles. Será que podiam ativar outros dispositivos? Ele fez uma nota mental sobre elas para uma referência futura, caso precisasse. Talvez eles encontrassem uma estrutura de controle que tivesse depressões quadradas ao invés de arredondadas.

A plaqueta deslizou suavemente para a sua mão. Nenhum alarme tocou, nenhuma porta de segurança se fechou, e nenhuma criatura monstruosa se materializou para impedir a partida deles. O retorno para a câmara central foi muito calma e sem nenhum imprevisto.

Low colocou a segunda plaqueta ao lado da primeira. Elas pareciam idênticas, mas quem poderia realmente afirmar? Superficialmente elas poderiam parecer perfeitamente iguais, mais a estrutura interna poderia ser totalmente diferente. É claro, isso também se aplicava às plaquetas que eles usaram para ativar o asteróide.

O pináculo do planetário continha a terceira, que também fora bem fácil de se achar. Mas não importava o

quanto que procurassem, eles não conseguiram encontrar a quarta.

Low lidou com a sua frustração silenciosamente. Uma coisa era ter encontrado apenas uma, mas encontrar três e não encontrar a última era um tanto quanto intrigante. Ele mastigava o último pedaço do concentrado de comida que havia nos trajes. A

prioridade deles iria se tornar encontrar comida, e não plaquetas metálicas.

Eles descansaram um pouco junto a parede da câmara principal enquanto decidiam o que iriam fazer em seguida. Low se virou inconformado para a sua companheira.

"É isso aí, Maggie. Eu estou sem idéias. A não ser..."

"Não espere que eu tenha uma idéia brilhante. A não ser que o que?"

"Você realmente acha que pode conversar na linguagem Cócitan?"

Ela limpou a garganta e grunhiu alguma coisa para ele. Parecia alguém com um problema no pulmão tentando cantar. Ela balançou a cabeça afirmativamente.

"Muito bem. Pelo menos, soou muito bem. O que você disse?"

"Uma canção de ninar, eu acho, ou algo equivalente. É parte da introdução da linguagem. O que você tem em mente?"

Ele deitou as costas no chão duro. "Você se lembra de eu ter dito que eu encontrei um dos nativos?" Ela confirmou. "Vamos fazer algumas perguntas à ele. Talvez ele saiba aonde nós possamos encontrar uma dúzia de plaquetas. Talvez tenha boas sugestões para nos dar. Você não pode se sair pior do que eu fui."

Ela segurou a mão de Low. "Não seja tão duro consigo mesmo. Eu sei que você está habituado a resolver qualquer problema que possa surgir, mas nenhum treinamento poderia tê-lo preparado para isso." Ela apertou seus dedos gentilmente. "Então você quer que eu interrogue o álien. Porque não? Não pode ser mais difícil do que obter uma resposta direta de um burocrata de Pequim." A sua expressão se tornou apreensiva. "Como ele se parece?"

"Pode relaxar. Não é nada parecido com o caranguejo do túnel, ou nada que tenhamos encontrado até agora. Tem uma aparência bem amigável, para falar a verdade. É alto, bípede, tem uma cara que não dá embrulho no estômago, dois braços com dedos, e uns equipamentos que eu não

consegui identificar. Sua feição é... como posso dizer... nobre. Você pode sentir. Ele irradia uma paz para a gente."

Ela o olhou meio desconfiada. "Você faz parecer que seja um tipo de Deus."

"Não. Não se parece com nenhuma divindade. Ele é apenas um ser inteligente e pacífico que se esforçou muito para se

comunicar comigo. Não preciso dizer que não conseguimos. Eu prometi que iria voltar com você, mas como você sabe, nós acabamos nos atrasando. Então, você irá tentar?"

Ela não hesitou. "Pelas palavras do famoso astronauta desaparecido, o que temos a perder?"

"Eu não estou desaparecido," ele respondeu. "Eu estou bem aqui."

"Claro, mas você é um homem. Naturalmente deve pensar que todo o mundo gira em torno de você." Ela se levantou. "É melhor nós avisarmos Brink o que iremos fazer."

"Ele não virá." Low se esticou enquanto se espreguiçava. Ele estava muito cansado para dormir.

Assim como Low havia previsto, Brink estava deitado no meio da sala, rodeado pela aura verde dos cristais. O brilho dava um certo ar de mau humor em seu rosto.

"Eu ressuscitei um Cócitan," ele contou ao cientista. "Maggie conseguiu aprender um pouco da linguagem por um aparelho de tradução, ou algo do tipo. Nós encontramos três plaquetas e nós iremos visitá-lo para vermos se conseguimos encontrar a quarta. Depois do ocorrido no túnel, eu acho que seria uma boa idéia se todos nós andássemos juntos."

"Isso é uma ordem, Comandante?" Brink o olhou despreocupadamente.

"Não. É apenas senso comum. Mas agora, você não precisa mais de senso comum, não é mesmo? Você tem os seus preciosos cristais."

"Eu colocaria de outra forma, Comandante." Brink sorriu desdenhosamente. "Mas a sua conclusão foi precisa o suficiente. Eu escolho permanecer aqui."

Maggie deu um passo para frente.

"Ludger, eu estou surpresa com você. Nunca ninguém havia feito contato com um espécime alienígena antes. Essa é a primeira vez que temos contato com um ser extra-terrestre mais desenvolvido do que um líquen. Como um cientista, eu

imaginava que conversar com uma forma inteligente não-humana seria a concretização do seu maior sonho."

"Independência financeira e um laboratório totalmente equipado são os meus sonhos agora, Maggie." Sua expressão era vazia e distante. "Para que eu pudesse estudar esses maravilhosos cristais profundamente."

"Maldição, você é um *cientista!*"

"E no momento, um cientista muito tranqüilo." Ele acenou indiferentemente. "Vão conversar com o seu Cócitan. Se ele disser qualquer coisa interessante, vocês poderão contar para mim mais tarde."

"Vamos lá." Low segurou o braço dela. "Não consegue ver que ele está sendo influenciado, ou drogado, ou qualquer coisa do tipo? Ele está pensando coerentemente mas não de uma forma linear. Seu cérebro está contaminado com o verde." Ele desferiu um olhar mais profundo para o cientista, que Brink ignorou sem esforço algum.

Eles o deixaram olhando para o teto, como se estivesse embriagado. Ele poderia não ajudá-los na nova tentativa, mas por outro lado não iria se meter em confusão se permanecesse daquele jeito.

"Então esse é o pináculo do túmulo." Robbins estava de pé diante do familiar portal que separava a plataforma de transporte da entrada da enorme câmara que continha a pirâmide.

"Impressionante".

"Eu também achei." Ele a conduziu até a pirâmide central. "Nós temos que ter cuidado aqui. Existe uma dupla de guardiões orgânicos. Eles se parecem um pouco com a criatura que a capturou, só que menores e mais simples. Eles também não produzem uma corda grudenta ou uma teia. Pelo outro lado, há menos espaço aqui para nos mover."

"Espere aí!" Ela alertou. "Você não disse nada sobre guardiões. Caso você não tenha descoberto até agora, eu não estou interessada em repetir a minha experiência."

"Você acha que eu estaria aqui se não achasse que é seguro o bastante?"

Ela pensou um pouco antes de responder. "Sim."

"Bem, eu não iria," ele respondeu de mau humor. "Eu prometo: Se não for seguro, nós não tentaremos." Ele estendeu a mão num gesto reconfortante.

Ela ignorou a sua mão, mas se juntou a ele. A pirâmide estava logo adiante. "Como você saberá se é seguro ou não?" O chão estalava embaixo das botas. "Você disse que existem duas dessas coisas."

"É isso mesmo, e eu as deixei lutando uma contra a outra. Elas pareciam ser páreo entre si, incapazes de ferir uma à outra muito

gravemente ou de desistir da luta e fugir. Com sorte, elas ainda estarão se atracando. Ou talvez ambos já estejam mortos ou tenham sumido." Ele entrou no túnel.

"Ou talvez," ela adicionou enquanto seguia Low, "eles tenham se reconhecido como parentes distantes e estejam procurando aquele que os trouxe de volta a vida."

Para variar, Low estava certo. Quando eles chegaram na entrada da câmara interna, não havia sinal dos guardiões. Sem se preocupar em procurá-los, eles correram no meio da perigosa área aberta e entraram no túnel mais estreito. Maggie achou o silêncio angustiante, mas para Low aquilo trazia uma sensação de alívio.

O Cócitan de Low ainda estava no sarcófago, mas ele não estava de pé olhando as redondezas. As suas asas ou barbatanas não estavam se movendo gentilmente no ar, e seus grandes olhos não se voltaram para os visitantes. Low estava desapontado, mas não surpreso. Obviamente os cristais da vida funcionavam de maneira diferente em diferentes organismos, e este havia estado morto por muito mais tempo do que Brink. Por quanto tempo, ele não pode imaginar.

Mais uma vez ele estava deitado no topo da plataforma, com seus braços gentilmente deitados ao lado do corpo. Subindo na plataforma para poder olhá-lo melhor, Low sentiu que deveria ter sido mais insistente com Brink. Os poderes de observação e análise do cientista eram indiscutivelmente melhores do que os de Low. Ele teria idéias e pensamentos a oferecer.

Mas Brink não estava aqui, e ele e Robbins estavam. Eles teriam que resolver as coisas por si mesmos. Uma opção que ele não considerou foi ter trazido Brink à força. Mas essa hipótese estaria fora de questão, entrar na pirâmide levando um homem a força não seria fácil.

Hesitante nos primeiros momentos, Maggie começou a se aproximar para examinar o corpo do alien. "Está morto."

Low deu um sorrisinho. "Não se pode enganar uma repórter com a sua experiência, não é mesmo?"

Ela ignorou o sarcasmo. "Eu me pergunto quantas vezes esses cristais da vida podem trazer de volta os mortos?"

"Nós estamos prestes a descobrir." Colocando a mão em um dos bolsos, ele segurou um dos cristais verdes que ele havia pego da reserva pessoal de Brink. Se inclinando diante do estranho corpo da criatura, ele colocou o cristal no peito do alien da mesma maneira

em que havia feito antes. O interior da câmara repentinamente se encheu de fagulhas e faíscas rodopiantes, como fragmentos de uma chama que se separam de uma vela.

Tendo falhado em atravessar para o plano físico, um dos Cócitans maus humorados voltou à realidade. "Isso não pode continuar. Eles não podem continuar a ressuscitar o Criador."

"Porque não?" Centenas de formas de pensamento atravessaram o objetor.

"Porque o processo é exaustivo. O Criador não tem paciência quando está vivo."

"A morte é apenas *física*." Lamentaram milhares.

Para todos os Cócitans presentes, exceto um, a morte era algo tão improvável como o conforto gerado por um único raio de sol.

Low segurou o braço de Robbins e a puxou para trás enquanto o cristal se dissolvia no corpo do alien. Sendo a primeira vez que ela estava testemunhando uma ressurreição, ela ficou fascinada.

Pela segunda vez naquele dia os olhos do Cócitan se abriram, a boca em forma de bico se moveu, e seu sistema respiratório pode apreciar o ar novamente. Pela segunda vez a forma alta e musculosa se ergueu e se sentou. Girando lentamente no pescoço comprido e forte, a cabeça apenas parou quando seus olhos se encontraram com os dois humanos a sua frente. Robbins inconscientemente chegou mais perto de Low, que, sem pensar, colocou um braço em volta de sua cintura. Dessa vez ela não o afastou.

A ressurreição não era um milagre, apenas um fenômeno tão distante da capacidade da ciência humana, que a fazia parecer um. Um exemplo vivo das Leis de Clarke (o escritor de ficção científica britânico Arthur C. Clarke formulou três leis que tratam da relação entre o homem e a tecnologia, são elas: 1) Quando um cientista distinto (renomado) e experiente (de mais idade) diz que algo é possível, ele está quase certamente certo. Quando ele diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado. 2) O único caminho para desvendar os limites do possível é

aventurar-se além dele, através do impossível. 3)Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica.). Certamente era um evento comum para o Cócitan. Ao invés de comemorar a sua ressurreição, ele permaneceu inerte na plataforma, dando tão pouca atenção a sua vida quanto aos visitantes. Embora Low não pudesse dizer com certeza, imaginou que o alien estivesse entediado.

"Tente," ele sussurrou para ela.

Dando um passo hesitante para frente, Maggie deixou o seu conhecimento recém-adquirido fluir de seus lábios. Embora fosse essa a reação que eles estavam esperando, Maggie se assustou um

pouco quando o alien olhou no fundo dos seus olhos e começou a responder.

"Eu consigo entender." Ela disse baixinho para Low. "Não perfeitamente, mas eu consigo entender. Acho que eu não me expus o tempo necessário ao indutor."

"Fale com ele," Low a encorajou.

Ela o olhou meio insegura. "O que eu devo dizer?"

"Não me pergunte. Você é a jornalista. Você já fez várias entrevistas antes."

Ela engoliu em seco. "Essa situação é um pouco diferente."

"Não importa," ele murmurou impacientemente. "Apenas inicie uma conversa. Pergunte a ele se sabe aonde estão mais plaquetas. Pergunte como nós podemos voltar para casa. Pergunte-"

"Eu não posso perguntar nada, se você não se calar." Low obedientemente parou de falar.

Era extraordinário ouvir aqueles rugidos melódicos saírem da boca de Maggie Robbins, mais notável ainda era observar o Cócitan ouvir e responder. Ela se esforçou ao máximo para traduzir para seu companheiro.

"Eu nos apresentei. Em resposta ele disse ser o Criador. Esse é o nome, ou título, que a sua espécie deu a ele. Pelo menos é isso que posso dizer."

"Apelido interessante. Continue."

Ela falou novamente, e uma segunda vez a entidade respondeu. "Ele não pensa assim. Alias, eu acho que ele odeia esse título. Mas é um nome curto, e ele me disse que seu verdadeiro nome é muito comprido e complicado para mim. Eu não irei discutir isso."

"As plaquetas," Low a lembrou. "Pergunte sobre as plaquetas."

Mas o Cócitan tinha seus próprios planos para a conversa e recusou o tópico. Robbins se viu obrigada a explicar não apenas quem, mas o que eles eram, e como vieram parar no Cócito. Depois de um tempo, ela encontrou uma oportunidade para traduzir para Low.

"Ele não esteve morto por tanto tempo ao ponto de perder a curiosidade. Ele está interessado em nós de certa forma." Ela se virou novamente para o alien, que começou a falar novamente.

"Eu não posso dizer como reativar a nave-asteróide, como vocês a chamam. Eu não tenho interesse nenhum nisso."

"Mas nos temos." Dentro do contexto da complexa gramática Cócitan ela tentou enfatizar a importância do pedido. "Esse não é o nosso mundo, essa não é a nossa casa."

"Não é mais a minha também," a entidade respondeu. "Ou de nenhum outro ser pensante. É um lugar de morte cognitiva, onde todos os sobreviventes que pensam são máquinas. Por muito tempo elas prosperaram." A amargura das palavras do alien eram ditas com clareza. "Elas foram muito bem construídas. No caso de uma específica, extremamente bem."

"Me desculpe, eu não entendo. Me diga o que aconteceu aqui. Onde estão todos os outros? O que aconteceu para este mundo?"

As asas se agitaram no ar, e um suspiro muito profundo saiu do enorme peito da criatura. "Muito bem. Eu irei contar para vocês. Eu me esforçarei para usar palavras simples e ser o mais objetivo possível para que você possa entender tudo. E quando eu terminar, eu pedirei a vocês que me deixem cumprir o meu destino e não me perturbem mais."

Ela balançou a cabeça afirmativamente. Low estava ansioso.

"Então?"

"Ele irá nos explicar algumas coisas," ela disse. "Em troca, ele quer algo de nós."

Ele levantou a sobrancelha. "O que ele poderia querer de nós?"

Dois olhos azuis claros o encararam. "A morte."

## CAPÍTULO 18

As perguntas fluíram naturalmente. Ela se surpreendeu com a facilidade em que dialogava, como se ela conhecesse aquela linguagem desde a infância. As palavras simplesmente saiam de sua boca, sua mente fazia a tradução sem esforço nenhum. Apenas quando ela precisava usar palavras que não tinha recebido do Indutor, enfrentava uma pequena dificuldade. Era como se ela estivesse fazendo uma tradução em tempo real de russo para quíchua (Língua indígena da América do sul).

"Quem é você? Não me diga seu nome, quero saber como um indivíduo."

"Como eu disse antes, sou chamado de o Criador, uma designação que eu não escolhi para mim. Construtor seria mais apropriado. Designer, conceitualista. Eu prefiro Engenheiro."

Ela se lembrou de traduzir isso para Low. "Ele é um engenheiro."

"Isso é algo." Low se sentiu esperançoso.

"Você esteve morto," ela observou, inconscientemente relatando o óbvio.

"Agradavelmente morto. Em breve, eu estarei novamente, se vocês pararem de interferir, há muito tempo atrás eu me cansei da vida, das bobagens necessárias para ela e das coisas absurdas que os seres supostamente inteligentes herdam."

Low respondeu a tradução de Maggie. "Diga a ele que lamentamos por ter perturbado o seu ... descanso. Nós respeitamos os seus desejos e prometemos não revivê-lo novamente. Diga a ele que nós também temos fortes desejos. Ele não quer viver e nós desejamos muito voltar para casa. Mas nós não podemos fazer isso sem ajuda. Nós não pedimos para vir aqui, assim como ele não pediu para ser ressuscitado."

Robbins falou por Low. Quando ela terminou, os olhos insondáveis do alien mudaram de direção rapidamente e

foram encarar o Comandante.

"Sim, vocês estão aqui. Vejo que há uma pequena história detrás disso."

"Há muito tempo atrás, o mundo do – Eu irei usar a nomenclatura bem mais simples dada por vocês – Cócito era forte e

vigoroso. Nós descobrimos como manipular a matéria em nosso favor, assim como vocês estão aprendendo a fazer."

Robbins se surpreendeu. "Como você sabe disso? Você não sabe nada sobre o nosso mundo."

Ele se voltou para ela. "Vocês não estariam aqui se não fossem tecnologicamente evoluídos. Apenas espécies tecnologicamente evoluídas seriam capazes de alcançar um dos Mensageiros."

"Mensageiros? É assim que você chama o asteróide?"

"Paciência, pequeno bípede. Nós acreditamos que a nossa sociedade e filosofia cresceram junto com os nossos desenvolvimentos tecnológicos. Nós encontramos uma maneira não de igualar a velocidade da luz, mas de ultrapassá-la. Eu não conseguiria me expressar de uma maneira simples o suficiente para que você possa entender, a explicação técnica está muito além da sua compreensão."

"Com certeza," ela respondeu. "Eu mau consigo programar meu aparelho de DVD."

"Nós decidimos não usar essa descoberta para viagens pessoais porque algumas eram muito demoradas. Embutido nesse processo existe um efeito bumerangue. Então, enquanto as viagens de ida eram muito demoradas, a volta toma muito pouco tempo. Caso contrário, vocês teriam envelhecido muito durante a viagem."

"Nós enviamos tantas sondas quanto o número de planetas que acreditávamos haver vida inteligente. É um universo muito grande para se estar só, nós buscamos avidamente por companhia de outras espécies. Cada sonda havia sido disfarçada, camuflada, como um fenômeno natural para não alarmar os habitantes locais."

Ela traduziu para Low.

"Para não alarmar é? Teve exatamente o efeito contrário em nós. Mas se não tivesse sido assim, nós não teríamos respondido tão rapidamente. Continue."

O Cócitan continuou. "Apenas uma espécie suficientemente avançada para deixar a gravidade do próprio planeta seria capaz de investigar e ativar um mensageiro."

Uma vez ativado, cada sonda havia sido programada para voltar aqui trazendo seus descobridores. Esse complexo de ilhas foi especialmente projetado para ser um local de boas vindas, onde nós poderíamos nos encontrar em um lugar que os maravilharia, não assustando-os."

"Isso explica exposições como as do museu e o planetário," Low comentou para Robbins quando ela tinha terminado de traduzir para ele.

Ela concordou. "Isso sem mencionar do Indutor de linguagem. Agora eu entendo porquê. Se você for receber alguém de uma tribo primitiva, é muito mais gentil introduzi-lo a uma pequena vila, antes de levá-la para um aeroporto internacional lotado."

"O planetário. Pergunte sobre o planetário." Ela obedeceu.

"Ele foi elaborado para mostrar não apenas o nosso planeta, mas todos os corpos celestes vizinhos, para mostrar a relação entre o nosso planeta e o dos visitantes."

Low murmurou. "Então a Terra de fato estava lá. Ludger e eu apenas não olhamos para o lugar certo."

"O que?" Maggie confusa estava tentando entender o que ele havia dito.

"Não é nada. Eu te conto mais tarde. Continue."

"Nós adquirimos um vasto conhecimento," o Cócitan disse, "o qual nós ansiávamos em compartilhar com outras espécies, se elas pudessem ser encontradas. Todas as espécies sentem necessidade da companhia de outras. Num universo vasto e infinito, toda forma de pensamento é muito preciosa, deve ser encorajada e cultivada onde quer que esteja. Centelhas no meio da escuridão devem se unir para combater a escuridão avassaladora. Mas eu estou falando de eras há muito tempo perdidas."

Assim dizendo, o Cócitan abaixou a cabeça num gesto vagamente humano, mas aquilo poderia significar algo totalmente diferente. Eles não teriam como saber.

"Mas algo aconteceu." A voz de Maggie se silenciou. "Algum desastre ou cataclisma."

O alien ergueu a mão e gesticulou delicadamente com os dedos. "Ao invés disso, diga tragédia. Que nós mesmos trouxemos. Uma conseqüência da nossa ânsia de conquistar, de transcender, ultrapassar."

"O que aconteceu com os outros?" ela perguntou. "O seu foi o único corpo preservado que nós encontramos."

"Preservado." O Cócitan passou a mão na beirada da plataforma. "Nada disso foi de minha autoria, nada foi decidido por mim. Eu não sabia nada sobre isso. Eu desejava apenas uma partida tradicional do mundo dos vivos. Eu quis morrer. Mas ao invés, isso foi feito a mim."

Enquanto o Cócitan falava e ele esperava pela tradução de Maggie, Low não pode deixar de perceber que o número de luzes dançantes haviam aumentado, e estavam ficando mais intensas. Ele fantasiou ter ouvido um gemido fantasmagórico, e sorriu ao perceber o quão forte sua imaginação havia se tornado.

"Essa é a conversa mais longa," observou uma dúzia de formas, "que o Criador já teve com qualquer visitante."

"Isso não importa," declararam outros sessenta e três. "Nada irá acontecer. Isso irá acabar da mesma maneira que antes, e quando terminar, esses viajantes irão adicionar as suas proteínas e fluídos corporais aos seus predecessores. Nada irá mudar."

"Nada irá mudar," lamentaram centenas de milhares.

"Tudo aconteceu depois de nós enviarmos as primeiras sondas para os planetas com vida inteligente." O Cócitan encarou por um momento o teto, se recordando. "Enquanto eles viajavam, algo muito importante aconteceu na nossa sociedade. Não uma calamidade natural, como você sugeriu. Nós evoluímos muito além da sujeição ao clima e da geologia. Além do mais, nós adquirimos controle sobre os nossos corpos. Nós expandimos a nossa expectativa de vida ao máximo que nossas formas físicas podiam suportar."

"Mas ainda assim, para alguns isso não era o bastante. Como costuma ocorrer na ciência, várias descobertas importantes em campos diferentes ocorreram quase que simultaneamente."

"Primeiro, os cristais da vida, como o chamam, foram sintetizados. Na época, foram considerados como o ápice da tecnologia Cócitan."

A expressão do Criador era enigmática. Embora Robbins tenha aprendido a linguagem falada, ela continuou igualmente ignorante em linguagem corporal. De qualquer forma, o Criador não era muito expressivo.

Low se viu olhando frequentemente por cima do ombro, apenas para não ter que encarar o alien o tempo todo.

Em volta haviam apenas as paredes elaboradas e as luzes dançantes. Ele tentou prestar mais atenção à entrevista. Embora ele não pudesse entender uma palavra do diálogo, era fascinante observar Maggie e o Criador conversarem.

"Esses cristais, o que eles são?" ela perguntou.

"Primeiramente, eles não são exatamente cristais. A sua aparência é um fruto da sua composição. Internamente, eles não são

nada parecidos com cristais. O brilho externo e a sua forma na verdade escondem mecanismos orgânicos de extrema complexidade. Pensem neles como pequenos, mas completos hospitais, contendo tudo o que é necessário para o reparo de uma forma de vida orgânica. Com o desenvolvimento dos cristais, não era mais necessário para os feridos e doentes viajarem em busca de cuidado médico. Um tratamento completo poderia ser inserido em seus próprios corpos."

"Cada cristal tem a habilidade de diagnosticar e executar o trabalho médico necessário. A ressurreição dos mortos constitui meramente num reparo mais complexo, porém não impossível. É simplesmente uma questão de manipular e revigorar algumas moléculas."

"Funciona em humanos também," ela o informou.

"O poder de análise dos cristais é considerável."

"Eu vi o resultado do uso de um cristal em alguém que fora recentemente morto." Ela lembrou, "mas em alguém que passara tanto tempo morto como você, eu pensei que os padrões cerebrais estariam perdidos além de qualquer reparação."

"O que você está perguntando a ele agora?" Low quis saber.

Ela acenou para ele. "Apenas o básico, Boston. Pare de me interromper, ou eu não conseguirei entender a resposta." Frustrado por não poder acompanhar a conversa, Low se silenciou.

"Aprender como preservar os mortos," o Cócitan explicou, "é um passo necessário para a descoberta da ressurreição. Isso inclui métodos de preservação de padrões cerebrais. Embora esse não seja o meu campo, eu acredito que isto está relacionado a se manter alguns fluxos elétricos enquanto houver falta de atividade biológica. Como podem ver, foi me dado o melhor que nossos biólogos e físicos eram capazes de oferecer. Eu, como já mencionei anteriormente, não fui consultado nessa questão."

"Mas você é o único." Robbins fez uma afirmação, não uma pergunta.

"Na verdade não. O pináculo do museu está repleto de exposições, que podem ser ativadas, caso saibam como. Há muitos que podem ser trazidos de volta a vida."

"Não, eu quero dizer, você é o único Cócitan. O único representante preservado da espécie dominante. Pelo menos, o único que nós encontramos."

Aquilo poderia ser um sorriso? Low imaginou enquanto encarava o alien. Ou aquilo poderia significar uma coisa completamente diferente?

Seus pensamentos divagaram até se lembrar de Brink. "Pergunte a ele quanto tempo os efeitos colaterais do cristal duram." Ela traduziu e fez a pergunta.

"Isso varia," o Cócitan explicou, "depende do organismo. No seu caso, eu não poderia dizer. Vocês tem sangue quente e tem um sistema circulatório fechado. Além disso eu não posso especular os detalhes da sua anatomia interna."

"Você ainda não nos disse porque você recebeu esse tratamento especial." As habilidades de repórter de Maggie estavam aflorando. "O que o tornou tão único?"

O Cócitan demorou um pouco antes de começar a responder. "Eu infelizmente nasci com uma mente brilhante."

"Você não se sente honrado por isso?"

"Honrado?" O alien se inclinou tanto para frente que Maggie quase teve que recuar. Mas ela se manteve firme. Em sua carreira ela já tinha encarado várias armas e ameaças. O sentimento que ela recebia do Cócitan não era nem de ameaça nem de amizade. E também não era de indiferença.

"Você disse que seu povo conseguiu várias descobertas científicas ao mesmo tempo." Low disse através de Robbins. "Você apenas comentou os cristais. Quais são os outros?"

O Cócitan virou-se para ele. "Houve uma máquina. Um instrumento complexo chamado o Olho. Um nome muito simples, para algo tão complexo. Eu não o nomeei, embora eu seja o culpado por seu desenvolvimento."

"Então você foi mais que um engenheiro." Robbins falou lenta e pausadamente para ter certeza de que não houvesse enganos.

"Você também foi um cientista." Ela olhou para o seu companheiro.

"Boston, além de engenheiro ele também era um cientista."

Low acenou com a cabeça e deixou ela continuar a tradução.

"Engenharia era a minha paixão," o Cócitan explicou. "A ciência era a razão da minha existência. No final das contas, acabou sendo a razão da minha inexistência, e a dos meus amigos, e---" A criatura se interrompeu e começou de novo.

"Deixe me contar sobre a máquina."

"Eu não desenvolvi o Olho sozinho, é claro. Nenhum mecanismo tão complexo, tão extraordinário em suas capacidades,

poderia ser o produto de um esforço individual. Mas eu fui o responsável pelos teoremas e pela engenharia básica."

"O conceito foi aceito pelos outros, aperfeiçoado, e eventualmente, construído. Isso levou tempo. Alguns o chamam de mágica, mas é claro, não existe tal coisa. Era simplesmente uma aplicação de uma ciência avançada.

"Na época, eu estava certo de que o mecanismo poderia ser construído. Meu entusiasmo foi compartilhado por alguns amigos pesquisadores. Dentro do que vocês chamariam de comunidade científica, houve muito ceticismo, mas a proposta acabou sendo recebida. 'Nos forneça as especificações técnicas', me disseram, 'que essa máquina será fabricada'."

"Então o que eu poderia fazer, se não apenas obedecer? As informações necessárias foram fornecidas." As asas do Cócitan se moveram mais depressa. Isso seria um sinal de entusiasmo, Low imaginou, ou agitação? Ou alguma emoção alien que ele nunca poderia entender?

"Em tamanho, o Olho não era tão grande quanto outros projetos. Nós já criamos cidades que arranhavam os céus, criamos túneis e templos em baixo dos oceanos, exploramos o coração do planeta. Nós reduzimos máquinas complicadas ao tamanho de uma célula, cujos componentes consistiam em átomos individuais. Vocês já encontraram um desses, na forma dos cristais da vida. O Olho era um artefato único. Era simplesmente... o Olho."

Robbins traduziu para Low, e então perguntou, "Esse Olho, o que ele fazia de tão importante?"

O Cócitan relaxou os músculos. "Ele permitia a entrada em outro plano de existência, visitar uma outra dimensão. Transcender as barreiras do tempo e do espaço como as conhecemos. Atravessar o Olho faria com que sua consciência se separasse da sua parte física. O corpo seria compactado dentro da própria consciência."

"O processo era rápido, indolor e libertador."

"O que ele está falando?" Low colocou um braço em volta do ombro de Robbins.

"Eu não tenho certeza. É muito complicado. Só por que eu entenda as palavras não quer dizer que eu entenda o que ele está dizendo. Eu acho que ele está falando algo sobre entrar em outras dimensões." Ela procurou esclarecimento.

"Para fins de explicação, a interpretação que você tomou irá servir, pequena viajante. Dentro dessa outra dimensão, tudo o que é

físico não existe. Crença, sentimentos, e outras formas de pensamento permanecem apenas. Atravessar o Olho o transformaria em uma conceitualização de si mesmo. Criaturas etéreas constituídas apenas da própria identidade, capazes de perceber e observar o mundo físico, mas não de interagir com ele. A solidez não era mais uma barreira, apenas a vastidão do espaço permaneceu inalcançável."

Gesticulando enquanto falava, o Cócitan lembrava uma bailarina para Low. Embora fosse grande, tinha muita graça e nobreza em seus movimentos.

"Era mais do que uma metamorfose," ele continuou, "Era abrir mão de uma existência em troca de outra. Na falta de imperfeições físicas, a morte foi reduzida a um conceito filosófico.

"Mais e mais seres da minha espécie escolheram a transformação. Eles a viram como uma elevação de seu ser. Quando milhares, ao invés de dúzias, começaram a atravessar o Olho, um procedimento simples na aparência quanto complexo no seu mecanismo, e comecei a ficar cada vez mais preocupado. Eu não era o único, mas como o criador do processo eu acreditava que era o único capaz de prever as últimas conseqüências."

"Você previu o perigo," Robbins comentou.

"Perigo? Que perigo poderia haver em se elevar para a ordem de um ser superior que não pode ser morto, ou até mesmo ferido? Onde não havia a dor física e teoricamente se poderia viver para sempre? Talvez, 'existir' para sempre seria o termo correto, porque eu não chamaria aquilo de vida."

"Eu tentei avisar aqueles que ainda gostariam de abandonar o universo em que vivíamos. Mas quando o sentimento de êxtase e a alegria gerada por aqueles que já fizeram a travessia tocou o mundo, que era a única forma de eles se comunicarem com o mundo físico, milhões começaram a fazer a travessia. Todos queriam entrar no novo paraíso.

"Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu, que havia sido elogiado e honrado, me tornei a escória para a minha espécie. Então eu recolhi meus pensamentos a mim mesmo, enquanto dezenas de milhares se enfileiravam para atravessar."

"Como um cientista, eu sempre suspeitei de respostas simples. Soluções deveriam ser difíceis, deveriam tomar muito tempo e serem dolorosas de se obter. O Olho havia sido muito fácil. Na busca pela imortalidade eu senti que nós, como espécie, estávamos

negligenciando algo vital. Como mencionei, se há existência, logo haveria vida. Eu não estava certo de que perder a essência física também seria uma forma de vida.

"É claro, sem eu fazer a viagem por mim mesmo, não há como eu confirmar os meus medos."

"Você atravessou?"

"Você não entende. Ninguém que atravessou expressou nenhum interesse em voltar. A satisfação era absoluta. Isso apenas me deixou mais desconfortável."

"Em certo ponto, eu achei que só havia sobrado uma única alternativa para mim. Eu deveria fazer algo inesperado o suficiente para chocar aqueles que permaneciam deste lado. Eu fiz um aviso que eles não poderiam ignorar. Eles precisavam ser lembrados sobre a beleza da mortalidade."

"Então eu tomei a minha própria vida."

Robbins abriu a boca diante do enorme alien. Low teve que a balançar um pouco para obter uma resposta. "Vamos lá Maggie, o que ele disse? Porque está o olhando desse jeito?"

"Ele disse... ele disse que é um suicida. Ele se matou para avisar aqueles que ainda não tinham atravessado o Olho."

"Eu deixei," o Cócitan continuou, sem se importar se os dois humanos haviam ou não terminado a sua conversa, "um pedido. Eu ordenei que meus colegas não usassem os cristais da vida para me reviver. Nisso, pelo menos, eles me atenderam. Mas sem o meu conhecimento, foi me dado esse velório especial, e meus restos mortais foram preservados ao invés de poderem retornarem ao solo. Que absurdo! Talvez eles tenham pensado que em algum dia eu desejaria ressuscitar, para poder atravessar o Olho para me encontrar com eles. Todos sabiam de mim, mas ninguém me conhecia."

"Mas você já foi ressuscitado," Robbins sugeriu.

"Não pela minha espécie, nem por ninguém que parecesse com você. Outros já vieram. Não muitos."

"Outras naves," Low murmurou quando Robbins terminou de traduzir.

"Alguns já usaram os cristais da vida para me reviver. Eles fizeram as suas perguntas e então partiram, me deixando em paz. Nenhum retornou, e não sei do destino de nenhum deles."

"Nós podemos imaginar," respondeu Robbins.

"Eu sou o único Cócitan que sobrou." Não havia traços de frustração ou remorso na sua voz. "Isso eu sei pelos diálogos que tenho tido com aqueles que me revivem. Eu tenho certeza de que aqueles que me colocaram aqui, tomaram os seus lugares na fila, até que as vozes do meu povo não mais foi ouvida na superfície desse mundo. Eles a abandonaram para as formas inferiores. Eles usaram a máquina para anular a evolução. Minha máquina." A cabeça se curvou para baixo, e dessa vez, não houve dúvida do significado por trás daquele gesto.

Por um tempo, nem os humanos, nem o Cócitan falaram.

"Todos eles se foram?" Robbins perguntou.

"Todos. Partiram, atravessaram, se foram: qualquer metáfora que queria usar servirá. Eu não tenho motivos para pensar de outra maneira. Se eles ainda vivem, eu não posso dizer. Essa é uma designação que eu reservei ao mundo físico. Mas eles estão aqui, enquanto falamos."

"O quê?" Low começou a olhar em todas as direções, procurando pelo invisível.

"Eu pensei que eu havia sentido algo." Robbins se virou lentamente, avistando apenas o chão, as paredes e o teto. "Eu tenho tido uma sensação estranha desde quando eu dei o primeiro passo para fora do asteróide. Uma presença." Centelhas e faíscas começaram a brilhar em volta dela, enigmáticas e indefinidas.

Novamente Low falou através de Robbins. "Isso tem alguma coisa a ver com essas luzes brilhantes? Quando elas ficam mais fortes, eu fico com uma sensação de que estamos sendo observados."

"Vocês estão," o Cócitan os contou. "Como formas alienígenas e inteligentes, vocês são uma ótima distração."

"Quantos estão nos observando?" Low perguntou.

O Cócitan pensou um pouco antes de responder. "Eu não vejo razão de não estarem todos aqui. Observando, escutando, comentando."

"Todos?" Robbins disse incerta. "Quantos você disse que atravessaram Olho?"

O Cócitan fez um gesto com a mão. "Não é tão impossível quanto parece. Reduzir o pensamento, para um estado próprio, a existência requer muito pouco volume no espaço. Assumindo que cada travessia foi bem sucedida, o número seria aproximadamente três bilhões."

"*Três bilhões?*" Robbins engoliu em seco enquanto as luzes a contornavam. "E todos eles estão, nessa sala com a gente?"

"Porque eles deveriam estar em outro lugar se eles poderiam estar aqui? Como eu havia dito anteriormente, vocês são uma ótima distração."

"O que ele disse?" Low perguntou ansioso.

Ela se virou para ele. "Ele disse que todos os Cócitans que atravessaram o Olho estão aqui agora, nessa câmara com a gente. Você, eu, ele, e mais três bilhões de formas de pensamento."

Low assobiou baixinho. E olhou mais uma vez para cima.

"Engraçado. Agora estou com a sensação de que aqui está um pouco apertado."

## CAPÍTULO 19

Felizmente, nenhum dos dois era claustrofóbico, ou permanecer naquela câmara seria insuportável. Não por causa da pressão, ou qualquer outro fator físico. Apenas o fato de saber que você está em uma sala com bilhões de outros seres, já seria o suficiente para causar um certo desconforto.

"Como você sabe disso?" Low perguntou.

"Foi uma dedução lógica, e como um Cócitan eu estou mais sintonizado com a minha espécie do que vocês. Eu não posso ter certeza dos números, mas eles devem estar aqui. Eu sou sensível a projeções que vocês não podem sentir. Posso dizer que meus semelhantes estão aqui, e ao mesmo tempo não estão."

O Criador tentou se levantar, mas acabou cedendo. Então ele sentou-se no chão novamente, claramente exausto.

"O que foi?" A preocupação de Low surpreendeu Robbins.

"Não é agradável a ressurreição para alguém que esteve morto por tanto tempo. Os cristais foram desenvolvidos para aqueles que sofreram algum acidente, pudessem ser revividos imediatamente. Não foram projetados para reanimar corpos antigos, como o meu. Como vocês sabem, esta não é a primeira vez que eu sou ressuscitado. Sob certas circunstâncias, a eficácia dos cristais é mínima. Estou cansado desse processo, ele se tornou insuportavelmente doloroso."

"Lembre-se de que eu escolhi a morte: ela não me escolheu. Minha forma física é tão antiga que até os melhores processos de preservação feitos pelos meus colegas não conseguem preservá-la. Minhas funções orgânicas estão fracas, meus órgãos estão secos. Eu tenho certeza de que a intenção de isso tudo era de que assim que fosse revivido, eu deveria atravessar o Olho. Não foi planejado que eu permaneceria por muito tempo, a ponto de acabar nesse estado precário."

"Você está sentindo muita dor?"

Novamente ele expressou aquilo que talvez fosse um sorriso.  
"Apenas mentalmente."

"Então porque você não se juntou a eles? Porque não atravessa o Olho?"

"Pelo mesmo motivo de eu não ter o feito antes," o engenheiro-cientista explicou. "Imortalidade é um conceito sedutor,

muito melhor tratado em uma discussão filosófica do que na prática. A cada vez que sou revivido, eu sinto uma tristeza cada vez maior naqueles que migraram. É exatamente como eu temia: Eles estão muito infelizes com suas vidas imortais."

"O Criador está ensinando aos viajantes." Os dez milhões que comentaram permaneceram desapercebidos ao lado do ombro esquerdo de Maggie.

"Eles irão compreender?" questionaram outros vinte milhões. "E se compreenderem, irão ajudar?"

"Eles não irão," insistiram quarenta milhões que estavam perto do calcanhar de Low. "Porque eles deveriam? Nem nós o fizemos."

"Isso é relativo," declarou o primeiro. "Não está relacionado com o momento. Nós tivemos milhares de anos para aprender, e ainda assim somos incapazes de afetar a nossa própria condição."

"Quem poderia ter imaginado a eternidade como algo tedioso?" Observaram outros cinquenta milhões.

"Por tudo que eu posso sentir," o Cócitan se dirigia para Low e para Robbins. "o paraíso é um lugar melancólico e entristecedor. Quando alguém desiste de sua forma física, desiste também das sensações causadas por ela. Tato, olfato, paladar e diversos outros sentidos que vocês não possuem. A capacidade de sentir campos elétricos, por exemplo, e a habilidade de saborear o infra-vermelho. Fazendo-se a travessia, todos os sentidos são perdidos, perdidos para sempre."

"Como você sabe tudo isso?" Robbins perguntou.

"As sensação das quais eu falei estão presentes agora mesmo enquanto falamos. Eu até agora não senti nada que contradissesse o que eu já postulei. A cada vez que sou revivido, eu sinto um desencanto cada vez maior, um desejo intenso de trocar o infinito por inexistência."

"Então porque eles não fazem isso logo?" Robbins traduziu para Low. "Porque eles simplesmente não voltam?"

"Não seja ridícula, Maggie. É impossível." Disse Low.

"Na verdade," o Cócitan explicou, "é possível sim. Ao menos teoricamente."

Mais uma vez Robbins traduziu cada palavra. Exceto pelo sorriso forçado, que ela acrescentou voluntariamente para enfatizar sua opinião. "Viu?"

"Ok." Low se virou para encarar o criador. "Se é possível, e ao mesmo tempo muito desejado, porque você quando foi revivido não foi até essa máquina e a ligou no sentido inverso ou qualquer coisa que seja? Ela ainda está funcionando?"

"Como eu havia dito anteriormente, a minha forma física não é capaz de deixar essa câmara especial. Se eu tentasse perfazer qualquer tarefa simples, como me levantar dessa plataforma e andar em direção a saída, meu endoesqueleto iria se desfazer. Minha cabeça iria afundar para dentro dos ombros e acabar em algum lugar dentro do meu corpo, esmagando os meus órgãos pelo caminho."

"O que me mantém integro nessa plataforma é um dispositivo que, por falta de um termo melhor, eu chamaria de um campo de força. É algo similar, mas muito diferente dos cristais da vida. Vocês acham que depois de milhares de anos, minha carne e meu sangue continuariam funcionais sem nenhum tipo de ajuda?"

Low ficou meio repreensivo, e recuou alguns passos para trás.

"Não há necessidade de fugir. A área do campo é altamente específica e não pode afetar você." O álien parou por um momento e respirou fundo. "Agora ele quase nem está me afetando."

"Eu não posso ativar o Olho, muito menos executar os procedimentos necessários. É provável que os ajustes tenham sido feitos por aqueles que já atravessaram, mas eu não posso afirmar."

"Você realmente acha que esse portão, ou qualquer coisa que seja, ainda poça estar funcionando?" Low perguntou através de Robbins.

"Como eu havia dito antes, não há como eu saber. Eu não tenho visto o aparelho desde quando eu dei fim a minha própria existência. Um fim que me traz conforto, no qual sofro intensamente a cada interrupção."

"Sentimos muito," Robbins respondeu, "mas nós não tínhamos escolha. Nós estamos desesperados para encontrar uma maneira para voltarmos para o nosso mundo."

"Eu entendo. Deve ser muito difícil estar tão longe de casa."

"Não para mim," Low disse assim que Maggie havia traduzido a frase para ele. "Eu tenho várias perguntas que eu gostaria de saber a resposta. Agora, diga-nos sobre essa máquina."

Apesar do seu desgaste aparente, o engenheiro-cientista fez o seu melhor para cooperar. "Como qualquer aparelho da tecnologia Cócitan, o Olho foi projetado para que pudesse se auto-desligar

quando não estivesse em uso para preservar os seus mecanismos contra a deterioração. A menos que um evento não planejado, ou alguma força da natureza o tenham danificado, ele deveria permanecer se auto-reparando e se mantendo, esperando até que seja ativado novamente. Vocês já testemunharam como a tecnologia Cócitan pode se sustentar sozinha, ou vocês não estariam aqui agora."

Low afirmou com a cabeça. "O transporte entre as ilhas, o planetário e vários outros dispositivos permanecem funcionais."

"O meu povo sabia projetar e construir. Mas eles não eram capazes de criar um teorema matemático que os trouxesse satisfação. Num grande delírio de especulação, eles deixaram tudo o que eles haviam construído para trás. É uma pena.

"Se o Olho pudesse ser reativado, e se ele fosse ajustado apropriadamente, não tenho dúvida de que milhões, se não todos, regressarão para o mundo físico e se submeter a uma vida normal e sujeita a morte. Muitos deles poderiam ser de grande ajuda para vocês."

"Quanto a mim, não há nada mais que eu possa fazer por eles. Eu já fiz muito quando vivo. A minha punição foi não ser deixado em paz. E talvez também tenha sido ficar aqui, para poder ajudá-los. Vocês devem entender, não são nada para mim mais do que uma interrupção inconveniente. A sua partida deve garantir o meu descanso."

"Nos ajude," Low pediu para o alien, "e eu prometo que nós não o interromperemos novamente." Essa era uma promessa fácil de ser feita.

"Vocês desejam retornar para casa." O Cócitan engenheiro parou por um tempo para se lembrar do projeto que havia feito há muito tempo atrás. "Eu me lembro do mecanismo de ativação implementado nas sondas. Eu acredito que envolvia..." E uma longa lista de termos técnicos de engenharia se seguiram.

Uma breve descrição no entanto, não deixou dúvidas sobre o que ele estava se referindo.

"As quatro plaquetas," Robbins disse excitante para Low. "ele está descrevendo o sistema das quatro plaquetas!"

"Nós temos três. Diga a ele que nós temos três."

"Então o problema é simples. Eu acho que deve haver mais por aqui, nesse pináculo. Antes de se tornar o meu local de

descanso, aqui era um museu de viagem. Procurem perto da entrada. Eu acho que vocês irão encontrar o que buscam."

Assim dizendo, ele se encurvou para o chão, e assumiu a tradicional posição de descanso, deitado de barrida para baixo, com suas asas abertas.

"Eu estou farto dessa vida, assim como estou cansado de todas àquelas que vieram antes dessa. Deixem-me agora, e se vocês respeitarem a minha inteligência assim como eu respeitei a de vocês, não me façam passar pelo sofrimento da consciência novamente. É hora de eu deixar de ser." A cabeça fina e majestosa se voltou para eles.

"Vão agora, espero que encontrem o seu caminho para casa, pois a minha espécie não conseguiu."

"Nós não sabemos como agradecer a você." Robbins disse rapidamente, ciente da intensidade do momento.

Os olhos cheios de compreensão começaram a minguar. A voz agora era um eco do que era momentos antes. "Vocês ainda não estão em casa. Me agradeçam quando chegarem ao seu destino." Os olhos fecharam, a voz silenciou e a respiração parou. Mais uma vez, o grande engenheiro-cientista deixou de ser.

Robbins enxugou os olhos. "Eu espero que nós não tenhamos causado muita dor a ele. Eu gostaria de pensar que nós não tenhamos feito mal algum para ele."

"Não se preocupe com isso." Low disse firmemente. "Ele está morto agora. Novamente. Era isso que ele queria." Ele se virou em direção à saída. "Talvez agora nós possamos conseguir o que queremos."

Eles deixaram a tumba, que agora era um lugar silencioso e sem vida. Eles tiveram que parar por um momento para aguardarem os guardiões ensandecidos rolarem para fora da câmara central. Enquanto ele e Maggie corriam, Low se perguntou se eles iriam lutar até que seus organismos apodrecessem, ou até que um conseguisse vencer o outro. Isso poderia acontecer amanhã, na próxima semana ou no próximo ano. Ou talvez o efeito dos cristais poderia

simplesmente acabar de uma hora para outra. Isso não importava, uma vez que ele não esperava voltar novamente para essa ilha.

Foi necessário menos de vinte minutos para encontrarem a quarta plaqueta. Assim que a retiraram da vitrine em que ela estava meio enterrada, algo fez com que Low se virasse para contemplar o

sarcófago piramidal. Erguendo lentamente a mão direita, ele bateu continência, a primeira depois de tantos anos de aposentadoria. Então ele se virou para Robbins.

"Certo. Agora nós podemos partir."

Low carregou cuidadosamente a preciosa plaqueta até o túnel de transporte. À essa altura, ele já se sentia tão confortável dentro da esfera como se sentia dentro do metrô de volta para casa. Não, isso não era verdade, ele se corrigiu. Ele se sentia ainda mais confortável. Não havia mendigos, nem estudantes abandonados, assaltantes ou pichações.

Enquanto a esfera deslizava em direção a ilha central, ele olhou através da parede transparente, tentando imaginar se havia alguma indicação no meio do caminho, como placas ou sinais. Era uma brincadeira infantil, mas que conseguiu o distrair por alguns minutos.

Robbins estava pensativa e então resolveu interromper Low. "Você sabe, Boston, nós estamos tomando uma atitude muito egoísta aqui, com toda essa obsessão de voltar para a Terra. Havia tantas coisas que poderíamos ter perguntado ao Cócitan. Questões que intrigam a humanidade durante milhares de anos, poderiam ser resolvidas em algumas poucas palavras."

"Como o que?" Ele continuava a olhar através da parede da esfera.

"Ah, como por exemplo, o significado da vida? Ou qual é o tamanho do universo?"

"Onde estão os biscoitos?" ele adicionou, fazendo-a sorrir. "Eu não sabia que tele jornalistas pensavam sobre estes assuntos. Eu pensava que se a matéria não fosse quente, ou não fosse o assunto do momento, ela seria irrelevante. A reflexão é algo que eu não associo com o jornalismo de hoje em dia."

Se ela se ofendeu com isso, não demonstrou. "Isso não tem nada a ver com jornalismo moderno. São questões que se tivessem me ocorrido na hora, eu as teria perguntado."

Low balançou a cabeça. "Eu nunca imaginei que jornalistas pensavam desse jeito."

"Para quem eu perguntaria então?" ela lembrou. "As pessoas que tenho que entrevistar, as histórias que eu tenho que cobrir, não tem muito em comum com as grandes questões. Eu deveria fazer um programa especial sobre 'O significado da vida'. Já estou me imaginando na redação de Topeka, lendo os artigos tão rápido que

fariam até a sua cabeça rodar. Alias, foi mais ou menos assim que eu comecei."

"A mídia não está interessada. Eles não gostam que seus repórteres pareçam mais inteligentes do que os cidadãos simples. Você acha que essa história daria uma boa audiência?" Ela não esperou que ele respondesse, e ele sabia que ela esperava que ele não o fizesse. "Mas isso não significa que não poderia ser interessante."

A luz começou a brilhar no túnel. As placas imaginárias do Peixeiro, Chinatown e do distrito financeiro desapareceram da retina de Low.

"Me desculpe, Maggie. Eu tenho sub-estimado você e a encaixado em um estereótipo desde o início da missão."

"Esqueça. Parte disso é minha culpa, e eu já estou acostumada. Por exemplo, quando nós começamos, eu pensei que você era um robô seco, rígido e sem humor. Agora vejo que não é como eu imaginava." Ela sorriu e ele retribuiu o favor.

Ela tinha um sorriso muito bonito, ele pensou. Dentes perfeitos, como o esperado de uma jornalista mundialmente famosa. A sujeira e o suor acumulados não afetavam a beleza de sua pele. Seu cabelo era comum, mais seus olhos eram como safiras. Seus lábios eram...

Ele se virou. Finalmente estavam chegando à plataforma da ilha central.

Dentre as milhões de formas de pensamento que observavam, a confusão e a alegria predominavam igualmente.

"Eles conversaram com o Criador e encontraram a quarta plaqueta! Eles a usarão para retornar para o seu planeta natal, e tudo voltará a ser como era antes."

"Talvez," advertiu o primeiro. "Tenham paciência. Nós fomos pacientes por centenas de anos. Dêem tempo ao tempo."

"Paciência nós temos em quantidade infinita. Só a esperança que não está na mesma proporção." Disse um coro

de dez milhões de otimistas.

"Vamos novamente discutir a física da sorte," sugeriram alguns milhares. Então eles recomeçaram a discussão.

O forte *beep* que invadiu o interior da esfera assustou e confundiu seus passageiros, além de interromper Low de analisar as qualidades de Robbins. Então ele percebeu que o som vinha de seus comunicadores. Eles estavam recebendo uma chamada.

Puxando o seu comunicador do bolso, Low apertou um botão e aproximou a boca do microfone. "Ludger?"

"É óbvio que seria eu, não é Comandante?" As palavras do cientista eram fracas e trêmulas. "Eu lamento informar, mas eu estou em uma situação um tanto quanto delicada."

Low trocou um olhar com Robbins antes de responder. "Vá com calma. Nós já estamos de volta para a ilha central. O que há de errado? Você perdeu um de seus preciosos cristais?"

"Não." Claramente Brink estava em uma situação muito difícil para responder ao sarcasmo de Low. "Mas quase perdi um, e é essa a causa do problema. Eu não consigo me mexer. Eu também estou..." ele disse essas palavras de uma maneira bem sofrida, "sentindo muita dor."

"Agente firme. Nossa esfera acabou de chegar."

Demorou apenas alguns instantes para a esfera parar e abrir a porta. Eles saíram apressadamente.

Low ergueu o comunicador. "Nós já estamos aqui. Onde está você?"

Não havia sinal algum do cientista. O vento soprava dentro da enorme câmara.

"Estou na superfície," Brink respondeu. "Temendo que nós tenhamos ignorado algo importante quando descobrimos o que havia no subsolo, eu decidi subir novamente e caminhar pelas redondezas da abertura da câmara. Eu deveria ter tomado mais cuidado."

"Você ainda não nos contou o que há de errado."

"Você verá. Suba pela abertura que eu lhe darei as direções."

"Nós estamos a caminho."

Juntos Robbins e Low subiram rapidamente a pilha de destroços até que chegaram à abertura da superfície. Era estranho estar de volta à luz do sol depois de tanto tempo no subsolo. Depois de horas gastas em companhia de artefatos alienígenas, guardiões raivosos e do Criador, eles voltaram a contemplar a planície rochosa que era extremamente normal.

Olhando para o céu, Low se perguntou qual seria a duração de um dia Cócitan.

"OK," ele informou pelo comunicador, "Já estamos aqui fora." Ele se orientou. "Nós estamos de frente para o sol."

A resposta do cientista era trêmula. "Vire quarenta e cinco graus para a sua direita e irá me ver. Eu não estou longe. Por favor, aprecem-se."

Eles tiveram apenas que subir um pequeno barranco. Nada complicado, ambos venceram o obstáculo com relativa facilidade.

"Ali está ele." Robbins apontou para o seu companheiro.

Enquanto eles se aproximavam, não parecia haver nada de estranho. Brink estava apoiado com o seu lado esquerdo na rocha, aparentemente apenas relaxando e apreciando a vista. Mas quando eles chegaram perto, eles perceberam que não havia sinal do seu ante-braço esquerdo. Estava escondido no meio de uma fenda na parede de pedra. Eles correram em sua direção.

"O que houve, Ludger?" Mesmo tendo perguntado, Robbins estava tentando descobrir o que houve.

"Como vocês podem ver, meu braço ficou preso."

"Como você conseguiu fazer isso?" Robbins tentou olhar de um outro ângulo.

"Eu estava carregando um dos cristais da vida." Ele deu um sorriso fraco. "Se você apenas o segurar sem o pressionar contra o corpo, pode-se sentir o calor que eles emanam sem precisar absorvê-los. É muito revigorador."

"Subindo essa ladeira, eu escorreguei e perdi o equilíbrio. O cristal caiu nesse buraco. Não é muito profundo, e eu pensei que eu poderia pega-lo facilmente. Mas quando eu tentei, a pedra acima deslizou e, como podem ver, prendeu o meu braço. Eu não consigo me soltar. A cada vez que eu tento, a pedra se mexe mais e piora a situação. É incrivelmente doloroso. Eu acho que todos os meus ossos do braço se quebraram."

"Felizmente eu consegui alcançar meu comunicador com a minha outra mão."

Low ficou pensativo por um momento e então disse: "Aguente firme Ludger. Nós vamos tirar você daí."

Mas por mais que eles cavassem em volta do braço do cientista, eles não conseguiam libertá-lo. Quando Low tentou usar uma rocha comprida para alavancar as outras, só tornou a situação pior. O solo e as rochas eram muito instáveis. Se

mais algumas pedras deslizassem, o pescoço do cientista também estaria em risco.

"Eu acho que não consigo agüentar muito mais..." ele estava tremendo e suando muito.

"Pode gritar se quiser," Robbins disse olhando para o cientista.

"Não é isso," Brink ofegava. "Não preciso de nada tão melodramático. Eu só acho que vou desmaiar..."

Ele se revirou agoniadamente antes de terminar a frase.

Low o ajeitou. "Nós temos que o tirar daqui. Eu estou preocupado com esses sangramentos. Mas se não tivermos cuidado, toda essa parte pode desabar. Então nós teremos que nos desenterrar também."

Robbins secou o suor da testa e olhou para ele. "Talvez uma das máquinas alienígenas no museu?"

"Isso não é um problema complexo de engenharia. Nós devemos resolver isso sem ter que envolver nada tão exótico. Além do mais, ele já está em estado de choque. Pelo tempo de nós descobrirmos qual aparelho nós poderíamos usar, provavelmente ele já estaria morto. Nós precisamos de um aparelho que possa remover grandes quantidades de terra, e eu não me lembro de ter visto nada parecido. Pelo que sabemos, poderia haver dúzias de equipamentos capazes de nos ajudar, mas provavelmente demoraria semanas para encontrar um e fazê-lo funcionar."

Robbins pressionou a orelha contra o peito do cientista. "Ele ainda está respirando, mas está com dificuldade." Ela se ergueu.

"Você tem razão, Boston. Nós precisamos fazer alguma coisa rápido!"

Ao invés de escavar rapidamente, eles tentaram mover a pedra maior. Brink ocasionalmente voltava à consciência, mas ele não estava mais coerente. Delirando em três línguas diferentes, ele começou a balançar a outra mão, antes de entrar em coma.

Não importava a quantidade de rochas e cascalho que eles conseguissem remover. Quando aparentava que estavam tendo algum progresso, mais terra deslizava para frustrar a tentativa. O sangue agora era visível no braço esquerdo, gotejando pela manga da camisa.

"Isso não é nada bom." Low recuou, cansado pelo esforço que fez. "Nós precisamos tirar ele daí *agora*, ou ele vai sangrar até a morte. Você está me ouvindo Ludger? Você consegue me entender? Nós não temos mais opções."

Os olhos do cientista estavam divagando.

"*Ich .. verstehen.* Eu entendo, Comandante. Faça o que tem de fazer." Low e Robbins podiam estar cansados, mas Ludger estava completamente esgotado.

Low se aproximou. "Se nós não fizermos algo rápido, Ludger, você irá sangrar até a morte."

"Não quero... morrer."

Tirando um pequeno embrulho do seu cinto, Low o abriu e pegou duas pílulas, que colocou na boca do outro homem. "Você consegue engolir isso? Eu posso encontrar um pouco de água, se você quiser."

"Sem água. Eu preciso de um whisky" Abrindo a boca se inclinando para frente, Brink fez um esforço para engolir as pílulas. Low e Robbins observavam apreensivos.

"É um analgésico concentrado," Low explicou. "É parte de todo o kit de emergência."

"E agora?" Ela o olhou ansiosa.

"Nós acendemos um fogo." Em resposta ao olhar confuso que ela o lançou, Low respondeu, "Eu vou precisar de fogo para cauterizar a ferida."

"Cauterizar? Você não está brincando, não é mesmo?"

Low a encarou sem ao menos piscar. "Você tem uma idéia melhor?"

Ela balançou a cabeça negativamente. "Eu não tenho uma idéia melhor ou qualquer outra idéia. Você tem certeza do que está fazendo?"

"Não," ele respondeu secamente, "Eu não tenho." Ele tirou da calça um pedaço comprido de metal alienígena. Tinha cerca de cinco centímetros de largura e uns trinta de comprimento, e era muito afiado em um dos lados.

"Eu usei isso para libertar você da teia do caranguejo gigante. Guardei porque pensei que poderia ser útil." Seu olhar se dirigiu novamente para Brink. O cientista estava dormindo tranquilamente, pelo visto, o poderoso analgésico já estava fazendo efeito. "Não era isso que eu tinha em mente." Ele começou a tirar a parte superior do traje de vôo.

"O que você está fazendo?"

Ele dobrou a barra de metal. "Eu não sei que liga metálica é essa, mas esse pedaço é bem afiado. Se eu segurasse apenas com a minha mão, eu cortaria os meus dedos fora. Eu acho que isso deve funcionar. É melhor que funcione. Vamos procurar algo que possa queimar."

"Eh... eu acho que eu tenho uma idéia melhor," ela murmurou. "Que tal usar um dos cristais ... depois que você terminar?"

Low pensou por um tempo. "Eu devia ter pensado nisso antes. Tudo bem, você fique preparada com um cristal. Mas eu quero uma fogueira, caso isso não funcione."

Quando eles conseguiram acender uma fogueira, Maggie colocou uma ponta da pedra que tinham usado como alavanca anteriormente, esperando até que estivesse bem aquecida. Quando a extremidade já estava quente o suficiente, Low segurou a pedaço de metal usando a parte superior do seu traje como luvas.

"Você tem certeza de que isso irá cortar... tudo?" Robbins perguntou.

"Isso deve cortar tudo com certa facilidade. Inclusive o osso. Só espero que ele não acorde quando eu estiver no meio do trabalho." Se aproximando de Brink, ele assumiu uma postura firme, olhou para Maggie e começou a cortar. Ela estava esperando ao lado, segurando cuidadosamente um dos cristais que ela retirou de um dos bolsos lotados do cientista.

Trabalhando o mais rápido possível, Low não teve tempo de pensar o que sua companheira deveria achar daquele espetáculo sangrento. Ela já disse ter estado em zonas de guerra e provavelmente já testemunhara coisa pior. Ele desejou que isso tivesse sido verdade.

Apesar do torniquete que eles haviam feito em volta do braço de Brink, o sangue jorrava muito rápido. O metal cortou tudo muito depressa até que alcançou o osso, e fez a lâmina ficar mais lenta. A mão de Low estava escorregadia por causa do sangue e ele temeu perder o apoio. Então ele atravessou o osso e recomeçou a cortar rápido novamente.

"Acabei!" Exausto, ele puxou Brink para trás e o apoiou na parede. Robbins rapidamente pressionou o cristal contra o que sobrou do braço e o manteve por um tempo.

Apenas alguns segundos se passaram quando a jornalista começou a sentir o cristal fluir no meio dos seus dedos. Recuando um pouco, ela assistiu enquanto ele parecia

se derreter em cima da ferida. Uma luz verde-pálida o envolveu do ante-braço até o ombro. O sangramento diminuiu, e então parou.

"Está funcionando!"

Low estendeu sua camisa manchada de sangue na rocha, para que pudesse secar. "Não tire conclusões precipitadas."

"Eu não tirei," ela respondeu, "Venha e veja por si mesmo. É como mágica."

Sem mais sangue, sem nenhum tendão suspenso ou pedaços de ossos expostos. Apenas uma camada de pele nova no lugar do corte.

"Isso é ruim," ele comentou, desapontado.

Ela fez uma careta. "Ruim? O que você esperava?"

"Eu esperava uma regeneração completa, que o braço desenvolvesse uma mão nova. Eu acho que até mesmos os cristais tem as suas limitações." Ele passou seus dedos ensangüentados na extremidade do braço de Brink. A nova pele era perfeita, não daria para dizer que o membro tivesse sido cortado ou até mesmo lesionado.

"Interessante. Os cristais restauram a vida mas não partes do corpo. Eu aposto que se nós pegássemos a outra parte, poderíamos re-implantar a mão dele." Ele olhou atentamente a fissura estreita que causou todo o problema. Levaria dias para tentar recuperar o membro do cientista. Isso sem falar no risco que corriam de sofrer mais um desmoronamento.

Brink não precisava de duas mãos, Low pensou. Ele era um homem que usava o cérebro para trabalhar.

Robbins chegou à mesma conclusão. "Ele não tem motivos para reclamar. Isso é bem melhor do que a outra alternativa."

Eles permaneceram ao lado do cientista durante toda a noite. A vista das estrelas e das constelações era muito bem vinda e acolhedora. Não havia necessidade de procurar um abrigo, pois a temperatura estava amena, apenas poucos graus abaixo do que estava de dia.

Pela manhã, Brink já estava bem recuperado. Low lhe ofereceu um pouco de água e umas frutas silvestres que havia encontrado e que, rezava para que não contivessem nenhuma toxina que pudesse o fazer mal. Eles as comeram sabendo que em caso de envenenamento, um cristal da vida poderia resolver a situação.

Brink estava se virando muito bem com o braço que lhe restara. "Está tudo bem," ele disse para seus

companheiros. "Eu disse para você fazer o que tivesse que ser feito, e você fez. Pelo menos, eu estou vivo."

"Você sabe qual era o meu maior medo?" Low lhe contou. "Que o choque pudesse ter matado você, o que me obrigaria usar um dos cristais ... com você ainda preso na pedra."

Brink estava pensativo. "Talvez nem todos os cristais sejam iguais. Talvez ajam algumas indicações ou etiquetas de uso que não

consigamos entender. Talvez alguns não sejam capazes de uma ressurreição completa."

"Foi tudo minha culpa. Eu tinha, e ainda tenho, muitos cristais comigo. Eu deveria ter deixado aquele onde estava."

Robbins pôs a mão no braço do cientista. "Não se culpe. Não haveria como você saber que a pedra iria deslizar do nada."

"Ela está certa." Pelas manchas de sangue e a cor que a polpa da fruta deixou em seus lábios, Low estava com uma aparência um tanto quanto peculiar.

"Não, eu me culpo sim." Brink parou, tentando encontrar as palavras apropriadas. "Eu tenho que agradecer a vocês. Recentemente eu tenho sido um pouco..."

"Obcecado?" Low sugeriu a palavra sem ao menos pensar.

O cientista sorriu. "Esse é um ótimo termo, Comandante Low. Eu ainda sinto a influência deles." – ele deu um tapinha no bolso cheio de cristais.- "mas agora eu acho que prefiro controlar meus interesses do que deixá-los me controlarem."

"Bom. Então talvez você já esteja pronto para receber algumas boas notícias. Se lembra de eu ter comentado sobre um Cócitan preservado? Bem, enquanto você estava tomando banho de luz de cristais, eu o ressuscitei. Duas vezes. Maggie estava lá na segunda vez. Nós aprendemos bastante sobre esse mundo e o que aconteceu com ele."

"Eu gostaria de ter testemunhado isso." Agora parecia que o antigo Brink estava se manifestando com mais força.

"Você teve a chance. Agora nós prometemos que não iríamos mais revivê-lo. Em troca, ele nos disse onde estava a última plaqueta metálica. Agora nós temos quatro delas. Se irá funcionar ou não na nave asteróide, ninguém sabe, mas não custa nada tentar."

Brink confirmou com a cabeça. Ele não mais aparentava estar nervoso ou agitado. Seu recente encontro com a morte teve um efeito atenuador em suas ações. Nada como perder um braço para colocar a cabeça no lugar. Ou

talvez essa calma repentina fosse mais um efeito colateral desconhecido dos cristais? Low não se importava mais. Ele simplesmente estava satisfeito com o resultado. Ele estava feliz em ter o cientista novamente no time.

"Se você liderar o caminho, Comandante, eu farei o melhor que eu posso para ajudar."

Brink apontou na direção da câmara principal.

"E os seus preciosos cristais?" Low perguntou maliciosamente.

"Ah... estes?" Brink tocou os bolsos. "eles não vão a lugar algum." Então eles começaram a andar em direção a abertura da câmara principal. "Nós estamos perdendo tempo aqui. Eu sugiro que vocês se mantenham próximos de mim, agora que minha capacidade de acenar para vocês foi drasticamente reduzida."

## CAPÍTULO 20

Eles reuniram as quatro plaquetas e as levaram para a pilastra onde havia as depressões correspondentes. Se as plaquetas iriam ativar a nave asteróide ou qualquer outro dispositivo, não havia como eles saberem, já que não havia um painel para a inserção das plaquetas dentro do asteróide. O que havia antes tinha se metamorfoseado e se fundido ao chão, levando as quatro plaquetas originais com ele.

Uma de cada vez, Low cuidadosamente inseriu cada uma nos seus respectivos lugares. Antes de inserir a quarta e última, ele pediu que Maggie se afastasse um pouco. Então ele encaixou a plaqueta e correu para se juntar a jornalista.

Eles ficaram um do lado do outro, esperando. As placas metálicas estavam encaixadas nos seus respectivos lugares. A luz do dia estava atravessando a fenda no teto. Um pequeno ser da fauna local passou despercebido por um canto.

Nada aconteceu.

"Talvez se nós mudássemos a ordem da colocação," Robbins sugeriu. "Talvez nós tenhamos trocado alguma placa de lugar."

"Eu não acho que exista uma ordem errada." Low fez o seu melhor para manter a esperança na sua colega, assim como a sua própria. "Não há nada indicando qual plaqueta deve encaixar em que lugar."

"Nós fomos tolos por esperar que isso fosse resolver a nossa situação." Ambos se viraram para Brink. "O que você esperava? Que essa câmara se transformasse em uma nave gigante e nos carregasse de volta para a Terra?"

"Esta máquina está quebrada. Nós fomos mal acostumados ao encontrar tantos dispositivos que ainda funcionassem. Seria irracional se esperássemos que tudo funcionasse. Irracional!" Brink gesticulava muito com as mãos, e então parou e encarou Low. Seus olhos eram selvagens.

Os benefícios da amputação já estavam acabando, o Comandante percebeu tristemente.

"Talvez seja necessário mais do que as quatro plaquetas para ativá-lo, talvez esteja faltando uma parte dos controles." Brink colocou a mão no que tinha sobrado do seu outro braço. "Talvez esteja incompleto, assim como eu estou."

Robbins parou de repente. "Vocês sentiram isso?"

"Sentimos o que?" Low perguntou, confuso se deveria sentir pena ou raiva do cientista.

Maggie não precisava responder. O chão começou a tremer. As vibrações subiram dos pés até seus corpos. Tudo isso seguiu acompanhado de um zumbido elétrico, parecido com um gemido dado por uma criatura se espreguiçando depois de um longo período de hibernação.

O teto não desabou, o chão não se partiu. A câmara simplesmente continuou a vibrar em harmonia com essa energia misteriosa. Mas ela não começou a subir e a viajar na direção da Terra. Pela segunda vez, Low notou a grande diferença que havia entre o interior do asteróide e a câmara em que eles estavam.

Ele voltou a sua atenção para a abertura no teto. Pedras e cascalho caíam, tornando a pilha de entulho mais alta. Eles estavam aguardando, ansiosos.

Robbins voltou a sua atenção para um canto da câmara. "Ali!" Ela apontou.

No auge de todas as expectativas, Low achou aquilo um tanto quanto desestimulante. O quinto arco, finalmente se abriu. A sua aparência era idêntica daquela porta que ele abriu com o auxílio do robô.

Eles entraram com precaução dentro da porta recém-aberta. Além dela não havia nenhuma maravilha do mundo Cócitan, ou uma nave. A visão já lhe era algo muito familiar. Outra estação de transporte. Era exatamente igual a todas as outras quatro. Low olhou para o teto e para o túnel. E então para a esfera perolada que aguardava os viajantes.

A vibração no chão havia cessado. Olhando para trás, Low pôde perceber que as plaquetas conseguidas com tanto sacrifício, ainda estavam nas depressões aonde foram colocadas. Caso precisassem, poderiam removê-las facilmente.

Isso nem chegou perto do que Brink estava esperando. A decepção parece que o atingiu mais forte do que aos seus companheiros.

"Outra esfera." Brink disse sarcasticamente. "Que excitante. Talvez esse túnel termine em Orlando. No meio da Disney World."

"Eu acho que o destino é muito óbvio." Low suspirou. "é a quinta ilha. A única que ainda não visitamos." Ele levantou uma sobrancelha. "Porque eles desenvolveram um sistema tão elaborado

para abrir a porta dessa ilha? Porque protegê-la dessa maneira? Deve haver algo especial na quinta ilha. Algo ainda mais notável do que o sarcófago do Criador."

"Uma loja de naves-asteróide em liquidação, sem dúvida." Brink deu uma risadinha. Era claro que a sua lucidez estava ficando cada vez mais prejudicada. Talvez isso tenha sido causado pela recente frustração. "A nave é de graça, mas você deve doar uma parte importante do seu corpo para levar o mapa."

"Ludger, contenha-se." Low olhou seriamente para o outro homem. "Use um dos cristais se você quiser."

Brink recuou. "Vocês deviam se acostumar logo com o lugar," ele disse zombadamente, "porque nós iremos ficar aqui por muito tempo. Provavelmente para toda a eternidade. Nunca sairemos daqui. Nunca! Dentro de alguns milhares de anos, outra espécie amaldiçoada de visitantes irá chegar aqui e encontrar os nossos esqueletos apodrecidos. Oh Cócito! Eu não poderia ter dado um nome mais apropriado!"

"Agora, se vocês me derem licença"- ele fez uma reverência-"eu tenho que encontrar um bom lugar para o meu enterro. Não peçam para vir comigo. Cada um deve encontrar o seu próprio lugar."

Tagarelando em alemão, ele girou e começou a correr loucamente para longe deles.

"Ludger!" Low deu alguns passos antes do outro homem parar e refletir. Não seria nada bom ter de lutar com ele novamente e imobilizá-lo. Enlouquecido da maneira em que estava, ele era capaz de causar algum ferimento grave em quem quisesse interrompê-lo, e isso não seria bom para ninguém.

"Ludger, por favor!" Robbins ficou ao lado de Low. A sua tentativa de convencer o cientista foi tão efetiva quanto à do Comandante.

"Deixe para lá, Maggie." Low colocou um braço em volta dela. "Deixe ele ir."

"Ir para onde? Ele pode acabar se machucando seriamente de novo, e da próxima vez nós podemos não encontrá-lo."

Low olhou por um tempo a fuga do cientista. "Ele voltou pra o seu santuário dos cristais. Se ele permanecer lá, ele ficará bem. Mesmo se ele recuperar a sanidade, ou não."

Mas ela não estava satisfeita. "Mas nós temos que ir atrás dele, nós temos que ajudá-lo."

Low a encarou. "Por quê? Quando você saiu correndo de perto de mim, eu não fui atrás de você, mas isso não a impediu de colocar a cabeça no lugar."

O olhar dela ficou afiado. "Eu nunca perdi a cabeça." Nervosa, ela afastou o braço de Low. "Eu estava chateada e eu precisava de tempo para pensar." Ela apontou na direção em que o cientista havia tomado. "Ludger passou dos limites. Ele não é mais responsável pelos seus atos. Ai é que está a diferença."

"Talvez mais tarde ele vá se recuperar. Ou não." Low estava insistente. "Eu não vou gastar a energia que me resta para tentar trazê-lo de volta à realidade. Nós não estamos nos concentrando no que deve ser feito e além do mais, teremos que encontrar uma fonte de alimento." Ele se virou. Brink estava fora de vista.

"Relaxe, ele ficará bem. Ele está carregando muitos cristais da vida. Será que eles poderiam curar a insanidade? Caso possam, então ele irá curar a si mesmo. Ele só precisa de tempo. Eventualmente ele irá ficar cansado, ou com fome, ou ambos. Então ele irá lembrar quem ele é, e aonde está. Então ele irá procurar por nós, vindo com aquele mesmo sorriso encabulado de quando nós o salvamos da última vez.

"Enquanto isso, desde que nós não temos nada melhor para fazer, bem que poderíamos fazer uma visita à quinta ilha. Quem sabe? Talvez lá tenha um enorme supermercado Cócitan. Acho que com a fome que eu estou, até aceitaria comer alimentos desidratados, mesmo que já tenham mil anos de idade." Se virando, ele foi em direção ao portal.

"Mas porque haveria a necessidade de um sistema de trancamento tão sofisticado? É isso que eu não entendo."

Ela o seguiu. "Talvez nós encontremos a chave para a chave." Ele bufou. "Eu estou cansado de encontrar chaves. Eu só quero voltar pra casa."

As sobrancelhas da jornalista se arquearam e ela deu um olhar reprovador para Low. "Quem está sem paciência

agora?"

Ele não respondeu. Sua camisa fedia a sangue de Brink, ele estava faminto, cansado e deprimido, e o pior de tudo, ele não fazia idéia de como dizer a Maggie como ele se sentia sobre ela.

A esfera de transporte da quinta ilha funcionou exatamente igual a todas as outras, sua porta havia fechado antes que ela lentamente começasse a acelerar em direção ao túnel escuro. Low se

concentrou para tentar determinar a duração da viagem. O tempo foi muito próximo ao das viagens anteriores.

Quando eles finalmente pararam, Low e Maggie saíram da esfera e se encontraram em uma enorme câmara, com um teto alto, e repleta de instrumentos. Os dispositivos eram maiores do que tudo o que Low havia visto antes, exceto pelo sarcófago piramidal do Criador.

Do lado de fora, o maquinário parecia ser muito simples, o que devia contrastar com seus interiores altamente complexos. Se destacando de tudo, havia um enorme painel de controle que se erguia em direção a ponta do pináculo. Contornar a estrutura do painel iria levar algum tempo, pois ela era do tamanho de uma casa. Low estava procurando por controles específicos, enquanto que Maggie buscava por depressões onde talvez plaquetas pudessem se encaixar. Nenhum dos dois encontrou nada.

O que eles encontraram foi um agrupamento de projeções inscritas em vidro, cristal ou em algum outro material translúcido. Quando eles tocavam, ou tentavam manipular, ou passar as mãos pelas marcas, nada acontecia.

Robbins se afastou um pouco para poder analisar melhor as imagens formadas pelas inscrições.

"Isso não significa nada." Low não se esforçou nem um pouco para tentar esconder o seu desapontamento e cansaço enquanto estudava a superfície. "É só uma representação de alguns Cócitans."

"Você está olhando, Boston, mas você não está enxergando." Ela passou a ponta do dedo ao longo de uma linha. "Você vê como eles começam muito bem desenhados, e gradualmente vão ficando cada vez mais manchados e fracos até se reduzirem a nada?"

"E...? Uma parte da imagem está preservada e a outra não."

"Não, não é isso! Você não percebe?" A excitação de Maggie contrastava com o cansaço de Low. "Existe um padrão estabelecido, da esquerda para a direita, de formas bem definidas e claras para um estado transitório e então para

formas apagadas. Além do mais, o material da esquerda está liso e polido, assim como o da direita."

"O que você quer dizer?" ele perguntou impacientemente.

Ela deu um passo para trás e apontou para o enorme mecanismo. "Você não entendeu? Essa é a máquina!"

Ele piscou, sua apatia estava sumindo. "Você quer dizer que este é o Olho?"

"É isso que o diagrama significa para mim. Acredite, depois de alguns meses olhando para milhares de hieróglifos Maias, começa-se a entender certas maneiras de se ilustrar as coisas." Ela olhava atentamente para a superfície da máquina. "O único problema é que o Cócitan disse algo sobre *atravessar*, e eu não estou vendo nada como uma porta ou um portal por aqui." Ela andou em volta da estrutura. "Tudo parece ser sólido e maciço, exceto por esta parte aqui."

Movendo-se para a direita, ela apontou para um orifício que havia no flanco da máquina. Ele apresentava o mesmo design elaborado que os outros dispositivos daquela sala.

"O que poderia encaixar ali?" Low se inclinou para frente para estudar a abertura. "É muito pequena para receber uma das plaquetas. Talvez precisemos de algo como uma chave, ou um cartão."

"Só existe uma coisa que nós encontramos até agora que poderia ser classificada como uma ferramenta universal." Low pareceu meio confuso, e então Maggie apontou para o bolso do Comandante.

Low apalpou o último cristal que havia restado. "Você está falando sério?"

"Porque não? Eles ressuscitam pessoas, e alienígenas. Porque não máquinas?"

"De um ponto de vista científico, essa afirmação não faz o menor sentido. Você usaria uma chave de parafuso para concertar um carro, mas isso não funcionaria em uma pessoa."

Maggie deu um sorriso dissimulado. "Mesmo se uma pessoa tiver pinos nas pernas que precisem ser apertados?"

Ele pensou. "Talvez você esteja certa. Talvez eu esteja usando a lógica humana novamente." Ele ficou um tempo olhando para a fenda. "Se a máquina já estiver estragada, colocar algo dentro dela não irá fazer mal algum. Agora se ela ainda pode ser ativada, bem... eu deixei a minha chave de ignição do Olho em outra calça." Ele sorriu, admirado. "Você é uma menina muito observadora, Robbins, Você sabia disso?"

"Se eu não fosse," ela respondeu prontamente, "Eu já teria morrido mais de vinte vezes nos últimos dez anos." Ela deu um passo para o lado para dar mais espaço para Low. "Vá em frente."

Pegando o cristal que havia em seu bolso, ele se inclinou para colocá-lo na abertura ... e hesitou. "Espere um minuto. Porque nós

estamos nos importando com isso, sem contar no provável desperdício de um cristal da vida? Não há nenhuma espaçonave aqui, nenhuma maneira de voltar para casa."

"Nós estamos fazendo isso porque nós podemos," ela disse, "e porque isso talvez possa nos trazer ajuda. O Criador não pode fazer mais nada pela gente. Talvez essa máquina possa. Talvez ela permita que nos comuniquemos com os Cócitans da outra dimensão e eles poderiam nos dizer como reativar a nave asteróide. Se não, eles ainda podem nos dizer onde podemos encontrar comida, ou como sair dessas ilhas."

Ele deu um suspiro profundo. "Como eu disse antes, eu não tenho idéias melhores." Então ele se virou para ela. "Tome. Isso foi sua idéia. Faça você."

"Okay." Ela pegou o cristal, ficou com ele um tempo nas mãos sentindo o seu calor agradável que emanava. Então ela cuidadosamente o colocou na abertura e deu um pequeno empurrãozinho. O cristal desapareceu de vista.

Low rapidamente chegou mais perto e colocou um olho dentro da abertura. "Eu não consigo mais enxergar o brilho do cristal. Definitivamente ele foi para algum lugar."

"Pode ter certeza disso." Ela colocou uma mão no ombro de Low e o puxou para trás.

Luzes começaram a sair ao longo de toda a estrutura. Elas pulsavam pela superfície translúcida, formando círculos e linhas de cores intensas. Algumas eram consistentes e duradouras, umas piscavam rapidamente, e outras iam e viam. Ocasionalmente quando elas colidiam, produziam uma explosão de fagulhas.

Low comentou. "Definitivamente o cristal fez algo."

"Isso não é tudo." Robbins se virou. "Veja, Boston."

Todo o maquinário ao redor pareceu estar ganhando vida. Era como se todos os dispositivos do pináculo tivessem sido ativados pela inserção de um único cristal. Um zumbido profundo enchia o ar.

"Alí!" ela gritou, apontando. "Alguma coisa está acontecendo!"

Uma enorme seção da parede começou a deslizar. Quando ela finalmente parou, havia se formado uma passagem para o exterior. Eles entraram na abertura recém formada. Aquilo não era uma ilusão. Parados no meio do portal, eles conseguiram sentir o cheiro

do mar e ouvir o barulho das ondas batendo contras as rochas lá em baixo.

Atrás deles, mais e mais máquinas continuaram a criar vida, emitindo os sons característicos da tecnologia Cócitan.

À frente deles e separada da ilhota por uma porção razoável do oceano, havia a ilha central. Ela era facilmente reconhecida, tanto pelo seu tamanho quanto pela silhueta da nave asteróide descansando no repositório de pedra. Duas das outras ilhotas também eram claramente visíveis dali, com seus pináculos reluzentes cortando o céu. Dentro daquela mais a esquerda, Low pensou, o Criador estava tendo o seu último sono, tendo o lento sonho dos mortos e totalmente inconsciente dos eventos que estavam acontecendo agora. Ele não poderia mais dar conselhos, eles estavam realmente por si próprios.

Curiosa como sempre, Robbins comentou enquanto observava. "O que deverá acontecer em seguida?" Ela olhou para trás e para dentro da sala onde estavam. "Me parece muita energia e muita parafernália apenas para se abrir uma janela."

Low estava admirando a câmara. Havia tantas luzes que ele teve que colocar a mão na frente do rosto para proteger os olhos.

"Agora mesmo nos estamos entre a ilha central e a máquina. Acho que seria uma boa idéia se nós saíssemos do caminho." Ele pegou a mão dela, e ambos se afastaram um pouco.

Menos de um minuto depois, um enorme raio de luz surgiu da parte frontal da máquina. Eles caíram no chão, impressionados com o seu brilho e intensidade.

"Não olhe diretamente para a luz. Cubra os seus olhos e se afaste dela."

Robbins fechou os olhos e começou a andar para longe da fonte luminosa. Ela começou a enxergar entrelinhas dentro das suas pálpebras. "Se eu estou de olhos fechados, como é que eu posso saber para onde devo ir?"

Low abriu os olhos e deixou que eles focalizassem o chão. Quando ele recuperou a visão, percebeu que poderia olhar para a direção do projetor, desde que não olhasse diretamente para o feixe de luz em si.

"Vá com calma, não é tão ruim quanto parece." Ele tomou o braço de Maggie e a guiou para frente. "Deixe a sua visão se ajustar gradualmente."

Quando eles alcançaram o portal que separava o interior do pináculo da estação de transporte, finalmente se viraram para apreciar o que haviam feito. A câmara inteira estava viva, repleta de luzes, cada máquina estava funcionando, independente do seu tamanho. O incrível raio de luz saía pela janela em direção ao oceano.

Flutuando no alto da ilha central estava o Olho. Ele estava suspenso por raios de luz, cada um deles vindo de uma das cinco ilhotas. Lembrando um enorme disco, ele lentamente girava em torno de si, dando uma volta completa a aproximadamente a cada minuto.

"Nada mau, para um pequeno cristal," Robbins murmurou.

Low vislumbrou a incrível paisagem. "Me parece mais um disco do que um olho. Talvez esse nome não seja descritivo." Ele pisou novamente na câmara, protegendo o rosto contra a luminosidade. "Parece que existe algum tipo de película transparente em volta. Como uma enorme bolha de sabão. Não se pode enxergá-la, mas pode-se ver o reflexo da luz nela."

"O que será que vai acontecer agora?" Maggie disse ansiosa.

Dessa vez Low não tinha nada para dizer. Eles ficaram ali assistindo por volta de trinta minutos até que a luz começou a enfraquecer. Nada aconteceu em seguida. As luzes simplesmente foram enfraquecendo até que se apagaram por completo. Todos os cinco raios de luz se apagaram. O disco que estava flutuando sobre a ilha central parou de girar, e então voltou para o lugar escondido de onde veio, em algum lugar no meio das montanhas no meio da ilha central.

Então tudo voltou a ser como antes de Maggie ter inserido o cristal no orifício. Em algum lugar distante uma criatura voadora deu um gemido sob o sol que se punha. Uma última máquina parou de fazer seus sons característicos. Estava tudo calmo dentro da sala.

Eles ficaram ouvindo o som das ondas por um tempo.

"Não funcionou," Low disse finalmente. "Quero dizer, funcionou. Apenas não fez nada."

"Simplesmente parou." Robbins estava analisando as máquinas e os instrumentos que haviam na sala. "Nós não tocamos em nada e tudo parou."

"Provavelmente foi projetado para se desligar se nada acontecesse," ele pensou, "Ou..."

"Ou o que?" ela perguntou.

"Isso é demais para um único cristal. Talvez seja necessário mais alguns para tornar a máquina totalmente operante."

Os dois se entreolharam. "Ludger."

Low confirmou com a cabeça. "Exatamente. Mas ele ainda está com a fissura dos cristais. Ou quem sabe ele já tenha voltado a si. Eu espero que ele ainda esteja racional o suficiente para não entrar em um estado psicótico."

"Eu irei falar com ele." Ela demonstrava confiança enquanto os dois se dirigiam para a esfera. "Eu já consegui conversar com homens no meio de um combate e políticos em campanha. Acho que posso lidar com um cientista viciado."

"Você nunca tentou persuadir uma morto vivo," Low lembrou.

Ela sorriu enquanto entravam na esfera. "Como eu havia dito, já lidei com políticos em campanha."

Invisíveis e imperceptíveis, três bilhões de formas de pensamento os acompanhavam.

Eles facilmente encontraram Brink. Como Low havia imaginado, ele havia voltado para a dispensa aonde tinham originalmente encontrado os cristais. Quando eles chegaram, o encontraram mexendo no aparelho que dizia ser capaz de produzir os cristais em grande quantidade.

"Alguma sorte?" Low perguntou enquanto os dois se posicionavam em volta do cientista.

Brink olhou para cima rapidamente antes de voltar ao seu trabalho. Ele não parecia surpreso em vê-los.

"Eu acredito ter feito algum progresso. O layout da máquina é bastante claro, mas eu não tenho as habilidades, ou os equipamentos necessários para fazer o reparo."

Fazendo um gesto para que Maggie permanecesse atrás, Low se aproximou e olhou para dentro do dispositivo. Brink conseguiu um pequeno milagre ao conseguir abrir a máquina. Ou talvez, o Comandante pensou, um mecanismo simples de abertura havia respondido ao toque do cientista.

Exposto à luz, o interior do dispositivo era repleto de estranhos componentes coloridos. Não havia nada que lembrasse um cabo, um chip ou uma placa de circuito.

"Eu não consigo encontrar nenhum lugar aonde uma chave de fenda se encaixaria nessa coisa."

"Claro que não," Brink concordou, "mas há lugares aqui, e aqui" – ele apontou para espaços no meio da seqüência- "onde eu consegui remover componentes inteiros." Ele indicou uma pilha de pequenos globos e elipses que ele havia colocado de lado. "Eu já tentei ligar o equipamento sem essas peças, tanto quanto colocá-las em várias combinações diferentes. Até agora, nada funcionou." Ele colocou a mão no que havia restado de seu braço. "Eu iria mais rápido se ainda tivesse duas mãos."

*Isso tudo poderia não passar de blocos de brinquedo,* Low pensou.

Ele deu um passo à frente.

"Deixe-me dar uma olhada."

Se ajoelhando, ele começou a inspecionar o interior da máquina, agindo como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Na verdade, ele estava analisando o outro homem. Haviam círculos abaixo dos olhos do cientista, uma combinação de fadiga ocular, falta de sono e alimentação. Possivelmente deveria haver outros efeitos colaterais que ele não podia enxergar, conseqüências do recente falecimento e ressurreição que teve que passar. A força física nunca foi uma qualidade do cientista, mas homens enlouquecidos são capazes de fazer coisas extraordinárias caso sejam contrariados. Low sabia que ele deveria se mover com precaução.

"Nós podemos tentar dois globos aqui ao invés de uma elipse," ele sugeriu.

"Qualquer coisa! Tente qualquer coisa!" A ansiedade na voz de Brink denunciava o seu desespero. Será que os efeitos do cristal que o trouxe de volta a vida estariam começando a acabar?

Low pegou um dos globos e ficou brincando com ele na mão. "É o seguinte Ludger: Maggie e eu encontramos uma maneira de conseguir uma informação muito valiosa. Talvez sobre como retornar para casa, talvez sobre como sobreviver

aqui. Nos não sabemos ainda. Nós não sabemos porque não pudemos acionar totalmente a máquina em questão."

"Que pena." A resposta de Brink foi uma mistura de admiração e indiferença. "Nada pode exceder a importância de nós aprendermos tudo sobre os cristais, é claro."

"Ah, é claro." Low trocou um olhar com Robbins. "Alias, essa máquina que nós encontramos parece funcionar a base deles."

"Eu não estou surpreso. Os cristais são *allgegenwartig*. Eles podem fazer qualquer coisa."

"Parece que sim, não é mesmo? Você deveria ter visto o que nos conseguimos fazer com apenas um deles. Imagine o que poderia acontecer se tivéssemos mais alguns." Ele deu um tapa na máquina de cristais de Brink. "Se nós conseguirmos fazer essa coisa funcionar, nós iremos dividir a produção com você."

"Me parece razoável." Brink concordou de imediato.

Robbins observava tudo silenciosamente, desejando que ela pudesse fazer algo para ajudar. Low parecia estar cuidando bem da situação sozinho, e embora ela permanecesse quieta, estava aguardando o momento certo de intervir.

"Deixe me ver o que eu posso fazer." Low se ajoelhou e começou a mexer no interior do mecanismo.

Um flash de luz fez com que Robbins se assustasse e desse um passo para trás, Low a acalmou.

"Relaxe. Alarme falso. Essa parte não encaixa aqui, mas eu acho que não causou dano algum. Eu vou tentar essa cavidade do outro lado."

Algum tempo depois ele se ergueu ao lado da máquina aberta. "Tudo aqui foi muito bem projetado. Eu não me surpreenderia se isso realmente funcionasse." Se inclinando, ele passou um dedo ao longo de uma ranhura na superfície.

Luzes começaram a brilhar do lado de dentro. A última coisa que Robbins esperava era que Low realmente conseguisse consertar a coisa. Como uma máquina poderia criar cristais que continham mais energia do que ela consumia, ela não podia imaginar. Obviamente ela se utilizava de fontes desconhecidas.

A pequena caixa acoplada à parte de trás da máquina começou a ser preenchida com os brilhantes cristais verdes. Quando ela se encheu completamente, a máquina parou. Nada que Low pudesse fazer, desde esvaziar a caixa, ao tentar o mesmo procedimento que havia feito, fez com que a máquina voltasse a funcionar.

Enquanto isso, Brink estava colhendo a nova safra. Low o confrontou.

"Parece que isso é tudo o que nós podemos fazer, por hora. Nós iremos pegar a nossa parte agora, Ludger."

"Sério Comandante," respondeu o cientista enquanto se dirigia para a porta de saída, "Você acha que eu devo entregá-los a você para um experimento estúpido? Se esta máquina atingiu o seu limite, isso quer dizer que não haverá mais."

Low se moveu para bloquear o caminho. "Não importa para o que nós o queremos, Ludger. Você concordou em dividir."

"Eu não acho que minha promessa valha alguma coisa aqui, Comandante." Com o seu caminho bloqueado, Brink se virou e começou a andar em direção aos contêineres no lado oposto.

Low o seguiu, tentando ser o menos rude possível. Cedo ou tarde o cientista iria ficar sem espaço. O Comandante permaneceu em um tom calmo para tentar persuadir o cientista a enxergar a razão. Robbins utilizou os seus próprios argumentos, mas apesar da sua experiência, ela não teve sucesso em convencer Brink a agir racionalmente.

A dispensa terminava em um penhasco que a ligava ao nível inferior. Brink parou, e hesitou ao chegar à beira. Não havia nenhuma escada, elevador ou qualquer outra maneira em que ele pudesse descer. Com um punhado de cristais por entre os braços, ele olhou para o seu atormentador.

Low parou. "Ludger, nós não temos tempo para isso. Maggie, cuide da porta. Se ele passar por mim, tente atrasá-lo."

"Boston, você tem certeza que---?"

"Apenas faça isso, okay?"

Ela confirmou com a cabeça e assumiu uma posição que esperava que Brink a julgasse como intimidadora.

Se abaixando um pouco, Low começou a avançar lentamente, e então estendeu uma mão aberta para frente. "Vamos lá Ludger. Passe eles para mim."

"Não." Os calcanhares de Brink atingiram o limite da queda.

"Nós só queremos a nossa parte. Você pode se sufocar nos que sobrarem, eu não me importo." Ele estava muito próximo agora, e ainda assim o cientista não mostrou sinais de que iria se mover.

Quando ele se aproximou o suficiente para poder alcançá-lo com o braço, Low colocou a mão no bolso repleto de cristais do cientista. Brink se remexeu violentamente

afastando a mão do Comandante. Low o agarrou, e Brink continuou a se debater com uma força surpreendente. Os dois caíram no chão.

Embora os movimentos do cientista fossem rápidos e brutos, eram totalmente aleatórios e desesperados. Brink era muito brilhante, mas não tinha a mínima idéia de como lutar. Mesmo assim, Low teve que usar toda a sua força para tentar conter o cientista.

Finalmente ele conseguiu se libertar dando um chute que afastou Brink, e fez com que vários cristais caíssem no chão, iluminando-o com um brilho verde pálido.

"*Não!*" Brink se levantou desesperadamente, e ao recuar acabou pisando no vazio. Robbins gritou enquanto o corpo do cientista se desequilibrava para trás. Alguns segundos depois, eles escutaram o horrível som do impacto e de ossos quebrando.

Eles correram para a beira da queda. O corpo estava estirado no meio das pedras. No meio da queda, Brink havia batido com a cabeça no meio de uma rocha pontiaguda. Seu pescoço estava quebrado, e seu crânio havia sido estilhaçado. Havia pedaços de ossos e cérebro para todos os lados.

"Eu não queria fazer isso," Low murmurou tensamente. "Eu não queria que isso acontecesse."

Robbins colocou uma mão no seu ombro. "Ele teria jogado você se ele pudesse."

"Eu sei, mas aquele não era o verdadeiro Ludger Brink com quem eu estava lutando. Ficar exposto aos cristais por tanto tempo com certeza o afetou de alguma maneira. Alterou a sua personalidade." Ele dirigiu o olhar para os cristais que brilhavam no chão. "Nós temos que ter cuidado para eles não começarem a nos afetar também."

"Eu não acho que possamos revivê-lo com os cristais agora. As partes importantes estão muito despedaçadas." Eles se entreolharam. "Está feito. E não há nada que possamos fazer para mudá-lo. Talvez, quem sabe, agora ele esteja em paz." Ele indicou os cristais. "É melhor nós pegarmos estes logo de uma vez e fazer o que deve ser feito."

## CAPÍTULO 21

A esfera os trouxe de volta para a quinta ilha. Como antes, um único cristal da vida reativou todo o complexo e ergueu o Olho sobre as montanhas da ilha central.

Protegendo os olhos do magnífico raio de luz, eles se concentraram na pequena abertura que havia ao lado do mecanismo principal.

"Pronta?" Low segurou o segundo cristal na frente da fenda.

"Porque não?" Ela sorriu. "Qual é a pior coisa que pode acontecer?"

"Essa ilha inteira pode explodir e não haverá ninguém por perto para nós reviver."

"Se isso acontecer, nós acabaremos mais despedaçados do que o pobre Ludger. Pelo menos, nós não teremos mais que nos preocuparmos em arranjar comida ou retornar para casa."

Olhando para o rosto aberto e expressivo de Maggie, ele ponderou se deveria beijá-la. Aquele não era o momento certo, concluiu. Enquanto colocava o cristal na máquina, ele preferiu não pensar na possibilidade de que talvez aquela fosse a sua última chance.

As conseqüências foram imediatas. O raio luminoso ficou mais intenso e colorido, e o chão começou a vibrar. Com os lábios comprimidos, Low continuou a colocar os cristais na máquina, dando um intervalo de um minuto entre cada.

Será que o dispositivo poderia sofrer uma sobrecarga? Low pensou. No lugar aonde estava, ao lado da grande máquina, eles não podiam enxergar a ilha central. Ele passou os cristais que restaram para Robbins.

"Continue colocando os cristais. Eu preciso ver qual é o efeito que isso está causando."

"Tudo bem." Ela continuou a alimentar a máquina enquanto Low se dirigia para a abertura na parede.

Ele manteve a cabeça abaixada e os olhos bem cerrados enquanto passava perto do raio. Considerando a sua intensidade, ele achou interessante o fato de ele não sentir nenhuma vibração ou algum calor. O que aconteceria se ele colocasse a sua mão na frente? O Olho caíra e se quebraria? Ele se desviaria ou balançaria? Ou sua

mão iria simplesmente se desintegrar como uma palha em uma fornalha? Ele optou por não tentar descobrir.

Robbins o chamou enquanto colocava mais um cristal na abertura da máquina. "Está vendo alguma coisa?"

Parado abaixo do raio, Low se virou e gritou. "Tudo parece o mesmo para mim! Talvez a bolha que está envolvendo as lentes tenha ficado mais sólida! É difícil dizer. Talvez seja só um distúrbio da atmosfera. Você ainda está colocando os cristais?"

"A cada minuto," ela gritou de volta. "Porque nós não colocamos logo tudo de uma vez?"

Ele se virou para olhar dentro da câmara. "Maggie, eu não acho que essa seja uma boa---"

Ele não terminou a frase. O barulho era ensurdecedor. Ele foi lançado para um pouco além da abertura. Ele caiu sobre as pedras do lado de fora, machucando o rosto e seus braços.

Rolando, ele recuperou o fôlego e cambaleou em direção à janela. Luzes dançavam em seus olhos, e ele não podia escutar nada. Acima dele, o raio havia se tornado púrpura escuro e havia assumido a aparência de metal sólido. Mas ele não estava mais interessado no raio.

"Maggie!" Ele caiu de joelhos, amaldiçoando as suas pernas, ele se levantou novamente. "Maggie, fale comigo!" Tonto e sangrando, ele se dirigiu para a câmara. "Onde está você? O que aconteceu?"

Não houve resposta.

Não longe da base do mecanismo principal, que não havia sofrido dano algum, ele a encontrou de rosto colado ao chão. Um rápido olhar revelou que a abertura dos cristais havia se fechado. Estava saciada. Assim como um carnívoro após devorar a caça. Quando ele começou a escutar novamente, seus ouvidos estavam zunindo. Ele a virou. Seus olhos estavam fechados.

Muito chocado para chorar, ele passou seu braço por debaixo dela e a carregou em direção à abertura. Ela era forte

e vigorosa, a leveza de seu corpo surpreendeu Low. Deitando-a gentilmente dentro da abertura, ele colocou as mãos no rosto dela, erguendo a sua cabeça. Os olhos dela abriram parcialmente.

"Maggie! Você consegue ver? Você pode ver o que nós acabamos de fazer? O que você acabou de fazer?"

Do outro lado do oceano, as lentes que estavam girando lentamente haviam acelerado assustadoramente. Estavam girando tão rápido que lembravam a imagem de um globo.

Ou s de um olho.

Aquilo era apenas uma ilusão óptica. Não havia um globo cinzento, flutuando sobre a ilha principal no meio de cinco raios de luz. Era simplesmente as lentes originais, porém girando a uma velocidade tão grande que davam a impressão de solidez. Se o globo tivesse girado para a direção deles e piscado, ele não estaria surpreso.

"Funcionou," ela suspirou. Ele teve que se inclinar para poder ouvir o que ela dizia. "Sim, funcionou, perfeitamente." Com a outra mão ele pegou nos dedos de Maggie e os acariciou levemente. "Você não devia ter feito isso, Maggie."

Uma mão tremida se ergueu e tocou os lábios do Comandante. "Por favor Boston. Não fique nervoso." Ela sorriu, e ele pode perceber o esforço que isso exigiu.

"Não se preocupe. Se você ... se você não resistir, eu posso usar um dos cristais para trazer você de volta."

Seus dedos se abaixaram e se agarraram em volta do pulso dele. "Não há mais nenhum, Boston. Eu coloquei todos eles na máquina, e a máquina os consumiu." Ela se esforçou para ver. "É lindo, não? Todas essas luzes?"

"É. É muito lindo." Sua voz estava sufocada.

"Mas não há nenhuma passagem de volta. Nossa nave asteróide não se moveu." Ela sorriu de novo. "Foi uma grande explosão, não foi?" Suas costas se inclinaram enquanto cada músculo de seu corpo se tencionava. Os olhos dela se fecharam.

"Maggie?"

Ela jogou o peso do corpo contra ele. "Está tudo bem ... eu já estive nessa posição antes."

"Deitada, você quer dizer?" Ele tentou dar um sorriso, sem muito sucesso.

Ela só podia rir com os olhos. "Vocês astronautas. Sempre fazendo piadinhas." Ela tentou dar um soco em Low, mas não conseguiu erguer seus braços o suficiente. Suas narinas começaram a sangrar. "Eu acho que eu estou morrendo Boston. Eu sinto que eu estou quebrada por dentro."

A explosão o havia jogado para fora da abertura. O que poderia fazer a alguém que estivesse ao lado da fonte? Ele não

passou a mão pelas costelas dela com medo do que poderia encontrar.

"Você não vai morrer, Maggie. Você não vai me deixar aqui sozinho."

"Quê, outra ordem?" Ela tossiu, e então finalmente começou a chorar. "Não tente enganar uma repórter experiente." Por um momento ela pareceu estar perdendo o foco da visão. "Escute-me, Boston Low. Se você puder voltar para casa, se você encontrar uma maneira, você não irá desperdiçar a chance. Me prometa."

"Eu prometo." Ele limpou os olhos. "Brink ainda tinha alguns cristais com ele quando caiu. Eu vou encontrar uma maneira de descer até ele e voltarei com um---"

"Não." Sua força estava desaparecendo, mas a sua voz continuou firme. "Nenhum cristal para essa repórter, Boston. Sem ressurreição."

"Mas funcionou com Brink.irá funcionar com você."

"Não. Não era o mesmo ... depois. Você viu. Os cristais o dominaram, o modificaram assim como o trouxe de volta a vida. Eu não quero ser modificada. Quem poderia dizer o que aconteceria com ele se ele vivesse por mais tempo? Ele poderia se tornar mais maluco a cada dia. Ou talvez um dia, sem aviso, o efeito passe e a pessoa caia morta no chão. Não, obrigada. Não quero nada disso para mim. Eu prefiro morrer em paz do que ter de passar por isso."

Low estava balançando a cabeça em discordância. "*Você não vai morrer.*"

"Tudo bem então. Eu sou vou deitar aqui para relaxar. Continue me segurando, Boston. É a coisa certa a se fazer."

Silenciosamente eles assistiram aos raios que convergiam, eles não demonstravam nenhum sinal de que iriam enfraquecer, e as lentes giratórias, de que iriam desacelerar. Será que o mecanismo havia se tornado auto-suficiente? O que estaria acontecendo no complexo interior dos instrumentos e dispositivos? Será que era possível desligá-lo?

Nada disso importava. Nem mesmo encontrar uma maneira de voltar para casa tinha mais importância. Tudo o que importava agora era a mulher em seus braços, com seus olhos cerrados e com a respiração fraca.

"Hey," ela disse repentinamente. "vá com calma."

"Eu não fiz nada."

"Você está se machucando. Você não fez nada, Boston. Sem arrependimento, *compreende?* De qualquer maneira, você não iria gostar de viver com uma jornalista. Nós falamos o tempo todo, e eu tenho certeza que as mulheres jornalistas são as piores da espécie."

Ele deu um sorriso. "Eu estou surpreso de ouvir você falar sobre estereótipos."

"Que se dane. Quando se falta inspiração, caímos nos antigos clichês." Ela tossiu novamente, mais profundamente dessa vez, e seu corpo começou a se retorcer de espasmo.

Ele tocou levemente o rosto dela, e afastou o cabelo de sua testa. "Eu acho que eu iria me acostumar. Nós poderíamos dar um jeito. Eu iria fazer os atos heróicos, e você iria fazer reportagens sobre eles."

"Nem me fale. Aqui estou eu, no meio de uma história fantástica, e eu não poderei dizer uma só palavra sobre ela. Mas provavelmente isso não importe muito. Meu público não iria acreditar em nada mesmo."

"Fotos, Maggie. Vídeo."

Ela sorriu para ele. "Efeitos especiais. Edição. As pessoas acreditam naquilo que querem acreditar." Seus dedos apertaram a mão dele. "Isso dói, Boston."

"Me desculpe." Ele não sabia o que mais poderia dizer. Ele sabia que deveria existir algo, mas ele não conseguia pensar em nada na hora. Era sempre assim nesses momentos.

"Os raios. Descubra para que eles servem. Descubra por mim. É parte crucial da história. Você não pode deixar as partes importantes fora da história. Seria um péssimo jornalismo."

"Eu vou tentar. Só estou um pouco dolorido, mas irei tentar. Você pode me ajudar a descobrir. Certo? Certo, Maggie?" Os olhos dela haviam se fechado novamente. Foi quando ele encontrou as palavras certas, mas já era tarde demais. Sempre era.

"Eu te amo, Maggie."

Ela morreu nos seus braços sem dizer mais nenhuma palavra. Não havia nada de belo nisso, como os poetas previam. Ela simplesmente desfaleceu.

Ele a deitou cuidadosamente no chão, seu rosto sem vida iluminado pelo produto de uma tecnologia tão avançada, que os seus conceitos estavam muitos distantes da compreensão da humanidade. Enquanto a câmara resplandecia de vida, a única que realmente importava para ele jazia aos seus pés.

Ele pensou em ignorar o pedido que ela fizera, e correr de volta para a ilha central e pegar um dos cristais que deveriam estar no corpo de Brink. Mas as suas últimas palavras se recusavam a deixar a sua cabeça, ele sabia que ela o amaldiçoaria por trazê-la de volta, e a submeter aos efeitos do cristal.

Então ele a deixou ali, com seu lindo e silencioso rosto voltado para o céu. Deixou-a da maneira que ela sempre quis, desde a primeira vez que se encontraram: com a última palavra.

Se levantando, ele se virou e olhou diretamente para o raio. Ele podia ver do outro lado da câmara a porta que levava para a plataforma de transporte que o levaria para a ilha central. E começou a andar ... na direção oposta.

Muitas das máquinas estavam deixando escapar luz pelos seus chanfros e aberturas. E mais uma vez ele se encontrou imaginando o que aconteceria se ele entrasse em contato direto com o raio. Se fosse mortal, pelo menos ele morreria instantaneamente. Seus olhos lacrimejavam, e ele teve que limpá-los constantemente enquanto se aproximava da projeção. Aquilo era apenas luz, é claro, mas até mesmo a luz poderia causar algum efeito. E ele nunca tinha visto uma luz como essa antes.

O que estaria no final da luz? Aquilo não era um arco íris e não haveria um pote de ouro no final, e sim lentes giratórias. Ele havia prometido à Maggie que iria descobrir.

Usando várias projeções da parede e qualquer coisa que pudesse usar como apoio, ele escalou com facilidade o topo do mecanismo principal. Olhando ao longo do raio luminoso, seu olhar acabou encontrando as lentes distantes, o Olho. Se ele pudesse alcançá-lo, o que faria em seguida? Talvez ele o golpeasse e o mandasse para longe, para o meio das pedras.

Maggie Robbins era ainda mais atraente, vista de cima. Ela estava exatamente como ele a havia deixado, imóvel e

desacordada. Isso não era um pesadelo. Era real.

*Os raios. Descubra para que eles servem*, ela tinha o implorado. Talvez fosse necessário menos de um nano segundo para se descobrir.

Fechando os olhos, e impressionando de o quão calmo ele estava, ele deu um passo para fora da beirada da máquina. Ele não morreu. Suas pernas não haviam sido incineradas. Ao invés disso, ele se viu parado em pé, em cima da luz. Seus pés haviam afundado apenas alguns centímetros. Balançando-se um pouco para frente, ele

deu mais um passo. Era como caminhar sobre a borracha. Ele teria comparado com caminhar no ar, exceto pelo fato de ele já estar caminhando no ar.

Bem, isso é interessante, ele pensou. Ele conhecia dois físicos que dariam um ano de suas vidas apenas pelo privilégio de estudar esse fenômeno.

Ele continuou andando. O raio continuava a suportá-lo, fazendo-o flutuar no ar. Seus pés não afundaram mais dentro da luz. Aumentando o seu passo, ele começou a andar seguindo a luz, se distanciando da ilha em que estava e passando por cima do oceano alienígena. Não havia brisa alguma. O raio não era estreito, permitindo andar com um pouco mais de segurança. Não era nem preciso dizer que Low não tinha problemas com grandes alturas.

Além do mais, ele não se importaria muito, caso caísse. Uma queda de trinta metros não o preocuparia. Ele continuou andando calmamente, ocasionalmente colocando as mãos nos bolsos e assoviando baixinho. O pináculo foi ficando para trás assim como o cinzento globo imaginário se aproximava. Gradualmente, uma nova revelação se manifestou.

O Olho cantou.

Na verdade, parecia mais um choro agudo, devia ser um efeito colateral da rotação das lentes. Mas ele preferiu pensar naquilo como uma canção, embora fosse um lamento de uma nota só. Agora que estava próximo, ele pode perceber que as lentes não estavam girando em um único eixo, mas em vários, assim como um giroscópio. A Luz era desviada dentro da rotação da esfera, tornando impossível que ele visse alguma coisa através dela. Além do som, o Olho parecia emanar um pouco de umidade.

Ele olhou para trás. A quinta ilhota parecia pequena ao longe, com seu pináculo atravessando uma nuvem que voava baixo. Abaixo ele podia ver o terreno acidentado da ilha central, a nave-asteróide que descansava, até mesmo a

abertura que dava acesso à câmara principal. Tudo parecia tão mundano, tão irrelevante. Assim como a sua vida, ele pensou.

Ele se virou para encarar o Olho. Maggie não era a única que desejava descobrir o que havia do outro lado da montanha. De forma indiferente, da mesma maneira com que ele fazia ao atravessar a Market Street, Low deu um passo à frente em direção à esfera nebulosa.

A esfera havia desaparecido. Assim como a ilha, o mar, e o céu. Assim como a sua noção de o que estava em cima, em baixo, esquerda ou direita. Olhando para a direção que ele acreditava ser para baixo, ele não se surpreendeu ao perceber que ele não estava mais ali. Se ele pudesse olhar para um espelho, veria que não tinha mais olhos para enxergar. Ao invés de olhar, ele sentia.

Olhando (ou melhor, percebendo) em volta, ele se voltou para algo que não tinha massa nem forma definida, mas que estava ali do mesmo jeito. Ele estava ali pela virtude de seu próprio ser, à deriva, assim como Low. O cosmo havia se tornado uma nuvem sólida de presença.

Movimentando aquilo que seriam os seus braços, se ele ainda os tivesse, ele descobriu que poderia se aproximar da presença. O contato foi feito. Ele percebia as coisas não pela pele, e sim pela sua mente, cujo o 'envelope' havia sido descartado assim como toda a sua parte física. Recuando, ele notou que não estava sentindo nada. Pois não havia nada para se sentir nesse lugar: não havia calor, nem luz, nem odor. Só sé podia perceber as coisas.

Sem esforço algum, ele se moveu para longe da centelha que ele acreditava ser o olho. Olhando para baixo, ele notou que podia perceber a ilha central, o oceano e as criaturas que viviam sob ele. Ele viu tudo até o coração do planeta, e olhando para cima, pode visualizar todas as proximidades do espaço Cócitan, inclusive a superfície do sol. Tudo era incrivelmente óbvio, visto pela sua percepção recém-descoberta.

Ele notou outros pensamentos se aproximando e se preparou para recebê-los. Quando eles resolveram se manifestar, Low os entendeu muito claramente.

"Nós temos observado você por algum tempo, pelas suas ações," um declarou. Mesmo sem cabeça ou ouvidos, ele entendeu-o perfeitamente, e se virou para confrontá-lo.

Era um Cócitan, embora não ostentasse um bico ou asas imponentes. Ao invés, era a essência de um Cócitan, totalmente perceptível em seu todo. A presença cuja a qual ele pode perceber a própria existência. Ele estava feliz em tê-la confirmada.

Uma multidão se reuniu em volta, embora não houvesse a sensação de multidão. Uns eram mais frios, outros evidentemente mais quentes. Ele podia perceber cada um deles individualmente, assim como cada um deles o percebia. Atrás do primeiro haviam outros. Dúzias, centenas, milhões e mais. Espantosamente, ele notou

que poderia perceber cada um deles, tanto quanto individualmente tanto como um grupo. Ele não tentou compreender como ele era capaz de fazê-lo. No momento, era mais do que suficiente apenas aceitar tal fato.

"Onde eu estou?"

"No nosso lugar." Aquele que estava mais próximo respondeu. Eles o cercaram com uma aura de grande satisfação.

"Em outra dimensão. Submeta-se a ela. É muito notável o fato de ter conseguido se juntar a nós, mas agora você nunca poderá voltar. Nós temos procurado uma maneira de retornar a milhares de anos."

"Então, essa é a quarta dimensão." Low se virou, ou percebeu que estava virando. Não importava a direção em que olhasse, tudo parecia igual, a menos que ele se focasse no universo físico. A dimensão em que ele agora fazia parte abrangia todo o cosmo, e não limitava-se só a ele.

Brink deveria estar aqui, ele pensou. Não eu.

"Você veio através do Olho." Ele imaginou, foram uma dúzia, ou um milhão de formas que haviam se dirigido à ele? "A reativação sempre foi considerada possível, porém improvável. Todas as ações do Criador são restringidas pelas exigências da tumba. Muitos já vieram anteriormente, dentro do plano físico, mas todos falharam. Até agora. Até você aparecer."

"Obrigado." Ele sabia que deveria se sentir lisonjeado por essa homenagem vindo de uma raça anciã, mas não se sentiu. Ele não sentia muita coisa. "Quantos haviam tentado antes de mim?"

"Alguns. Todos pereceram antes de ativar o Olho, nenhum atingiu essa dimensão. Seus esqueletos, e exoesqueletos, podem ser encontrados dentre as ilhas."

"Aqui parece ser um ótimo lugar," Low murmurou. "Eu sinto que eu posso ir a qualquer lugar, ou fazer qualquer coisa."

"Nosso alcance é limitado, mas dentro dele nossa percepção é ilimitada," disseram a ele. "Tem-se acesso a um grande conhecimento. A existência é infinita, e a dor é banida. Pensamentos geram conseqüências. A força física é irrelevante."

Eles o mostraram, e apesar da sua melancolia, ele estava admirado. O mundo inteiro, o sistema solar e o seu sol, planetas, cometas, asteróides e todos os corpos celestes – tudo estava facilmente ao alcance. Ele podia penetrar e examinar qualquer coisa à sua vontade, sendo elas vivas ou mortas. Das células de um

estranho ser invertebrado ao coração do planeta, do olho de uma criatura voadora ao centro da estrela amarelo-pálida.

Tudo isso estava facilmente ao alcance de sua percepção. Mas ele não podia sentir, provar ou cheirar nem mesmo uma planta que fosse.

"Já chega," ele pensou repentinamente. "Eu tenho que voltar."

"Mas você já está de volta," eles o informaram. "Dentro dessa dimensão, todos os pontos são tangentes." E ele percebeu que aquilo era verdade.

"Não. Digo de volta para o mundo real. De volta pra a dimensão física. Vocês não sentem falta dela?"

"A respiração," declarou um, ou um bilhão. "A sensação causada pelas moléculas de poeira em contato com a retina. O peso do ar. A umidade, a aridez. As sensações comuns. Nós sentimos muita falta de isso tudo."

"Então porque vocês não voltam? O Olho não funciona nos dois sentidos? Vocês não podem simplesmente atravessá-lo de volta, agora que ele foi reativado?" Alterando a sua percepção, ele viu que os raios luminosos ainda estavam sobre a ilha, e que as lentes continuavam girando, e que todas as máquinas continuavam funcionando.

"Atravessaríamos se pudéssemos." Dessa vez ele pode ter certeza de que era apenas um indivíduo se referindo a ele. O primeiro. "Infelizmente, o caminho se perdeu para sempre. Nessa dimensão dissimulada espacialmente, não há nenhuma referência, não há placas indicando o caminho. Nós podemos perceber o funcionamento do Olho até ao nível dos seus componentes microscópicos, nós podemos perceber os raios e a sua convergência, mas apesar disso tudo, não podemos perceber o Olho em si. Está fechado para nós."

"Nós o procuramos por milhares de anos," ecoaram as formas distraídas, "sem encontrar. O Olho não pode ser percebido desse lado, não pode ser encontrado."

"Considerando a lei das probabilidades..." começaram outros milhares.

Se orientando, Low percebeu dentre o vazio uma mancha acinzentada. "Mas eu não entendo. Ele está bem ali!"

"Mas é claro que está," exclamaram milhares. "Ele sempre esteve 'logo ali'. Mas simplesmente nós não podemos localizá-lo, não podemos percebê-lo."

coro.

"Bem, eu posso." Low estava persistente. Ele se moveu.  
"Impossível!" dez mil formas de pensamento disseram em  
"Será?" o primeiro se aproximou, para examinar o novo

visitante de dentro para fora. "A neurologia dele difere da nossa. Ele nós é familiar, mas possui diferenças. Pois não é um Cócitan."

"Um ponto cego?" teorizaram os mais próximos. "Ativo e transparente, fixo e sem movimento?"

"Eu estou dizendo," Low assegurou, "está bem aqui!" A perturbação cinza era tênue e indistinta, mas real.

"Não percebemos nada," o primeiro insistiu. "Não podemos mudar isso."

"Vocês desistem assim tão fácil de retornar?" Low manifestou um gesto. "Com todo esse conhecimento, toda essa oportunidade?"

O primeiro o encarou, o fazia da maneira possível, dada as limitações do ambiente em que estavam. "Escute bem, viajante. A imortalidade é o Inferno."

"Então me siga."

Assim dizendo, ele entrou na mancha cinzenta. Ele sentiu uma forte turbulência, como se ele tivesse aberto a porta de casa em um dia tempestuoso.

Ele estava de pé ao lado do vigoroso raio que emanava da quinta ilha. O globo acinzentado estava logo atrás.

A brisa o atingiu. Em pé ao seu lado, com dois metros de altura, havia um Cócitan. Mais corpulento que o Criador, com seus olhos claros, ele inspirou lenta e profundamente. Para a surpresa de Low, ele conseguia entender as palavras que foram dirigidas a ele.

"Na outra dimensão o conhecimento é absorvido com facilidade, da mesma maneira que a comida no mundo físico. Muito foi implantado na sua mente enquanto esteve conosco. Comida!" ele exclamou, como se estivesse contemplando todas as jóias do universo. "Comer novamente. Consumir, processar." Olhando o indivíduo musculoso, Low imaginou se os Cócitans eram vegetarianos.

Um segundo álien atravessou o vórtex do Olho, seguido de um terceiro.

"Venha." O primeiro gentilmente se dirigiu a Low, o indicando a quinta ilha. "Agora que o caminho é conhecido, ele não será perdido novamente. Nós temos que dar espaço para os outros."

Olhando para trás enquanto caminhavam, Low assistiu Cócitan após Cócitan emergir através do Olho. Eles paravam para admirar o céu, o mar, uns aos outros. Eles começaram a si dispersar por todas as pontes de luz que conduziam às outras ilhas. Grunhidos de felicidade e boas vindas ecoaram através do céu.

Ele imaginou quanto tempo levaria para que todos atravessassem. Três bilhões, o Criador havia dito. Será que o maquinário teria energia o suficiente pra manter o Olho funcionando pelo tempo suficiente? Ele questionou o Cócitan que o acompanhava.

"Não se preocupe, viajante. Dentre os primeiros que estão atravessando, muito são engenheiros e construtores. Eles irão tomar conta do mecanismo e perfazer a sua manutenção. Não será permitido que as pontes se apaguem, ou o Olho cessar." Enquanto falavam, vários Cócitans de membros compridos estavam passando por Low. Suas estranhas vozes melódicas enchiam o ar daquilo que ele acreditava serem exclamações de felicidade absoluta. Alguns pulavam e outros giravam com uma graça notável, ignorando o risco em potencial que a queda de uma altura daquelas poderia causar. Outros simplesmente paravam para inspirar profundamente, tanto ar como uma nova realidade. Muitos se abraçavam. Low podia facilmente ver a alegria e o prazer em cada ação, de cada um deles.

A vivacidade das expressões era tamanha que tudo podia ser facilmente entendido, sem o uso de linguagem nenhuma.

"Onde você irá colocar todo mundo?" Low perguntou. "Até mesmo a ilha central não é grande o suficiente."

"Há um sistema de transporte interligando o Cócito e o continente mais próximo. Como todas as outras máquinas, ele estava aguardando pacientemente pelo retorno que nós mesmos não acreditávamos que iria ocorrer. Eu posso inferir que você não o descobriu então. Ainda bem que foi assim.

Caso você fosse presenteado com todo o planeta para explorar, seria mais improvável que você encontrasse a chave para o Olho.

"Após o transporte, as comunicações serão restauradas, pois nessa dimensão nós não podemos simplesmente usar o pensamento. Você não pode imaginar, não pode nem sonhar, a beleza e o encanto de se poder usar a linguagem comum novamente." Os olhos do álien se voltaram para baixo para contemplá-lo.

"Você não pode imaginar o nosso débito com você, Boston Low. O que nós devemos a você nunca poderá ser pago."

"Hey, está tudo bem. Para ser sincero, eu não fiz isso pensando que iria gerar uma boa ação. Minhas intenções, meus pensamentos, eram ... outros. Então não me dê nenhum crédito." O pináculo da quinta ilha estava próximo. "A outra dimensão preservava as suas formas físicas?"

"Assim como a sua," o Cócitan disse a ele. "Na outra dimensão todas as memórias do mundo físico são preservadas. E como as memórias, elas não envelhecem. Agora nós a recuperamos, assim como o nosso patrimônio." Uma imponente mão, cheia de dedos pousou sobre o ombro de Low. "E também, eu acredito, conquistamos novos amigos. Você não tem idéia da angústia que causou em nós. Nós podíamos observar mas não ajudar, examinar mas não comunicar, monitorar e não avisar. Muitas sensações nos foram privadas na outra dimensão, mas a frustração não era uma delas."

Quando Low entrou no pináculo, ele pode ver vários Cócitans se ocupando com as máquinas e os instrumentos. Eles trabalhavam com vigor e agilidade, como se eles só houvessem parado de trabalhar no dia anterior. Observando-os trabalharem, era impossível de acreditar que eles estiveram ausentes por milhares de anos.

"Desde o início da nossa civilização," Low declarou, "meu povo se questionou sobre a existência do paraíso."

"Paraíso." O Cócitan repetiu. "Um paraíso além do domínio da fisicalidade. Nós encontramos uma maneira de existir na ausência do mundo físico, mas não encontramos nenhum paraíso. Que o seu povo tenha uma sorte melhor."

Enquanto atravessavam a câmara das máquinas, que agora estava repleta de Cócitans trabalhando, Low tentou evitar o lugar aonde o corpo de Maggie estava. Mais uma vez uma mão imponente tocou o seu ombro.

"Eu sinto uma tensão em você."

Low olhou para cima para encarar o seu novo amigo.  
"Você pode ler mentes também?"

"Não, mas não se esqueça de que estivemos observando vocês desde a sua chegada ao nosso mundo. A sua linguagem corporal e a falada foram aprendidas. Você lamenta a perda de sua companheira fêmea, não é?"

Low apenas concordou com a cabeça.

"Ela não poderia imaginar o perigo de se estar bem ao lado do centro assim quando a quota fosse atingida. Porque você não conversa com ela agora?"

"Porque ela está morta," Low respondeu secamente. "Porque ela deu a sua vida por---"

"Hey, eu não dei a minha vida por nada. Bem, talvez pela reportagem que deve ser feita."

Low ficou boquiaberto. Maggie estava vindo na sua direção. Ela tinha estado escondida atrás de um par de Cócitans. Seus olhos brilharam, e ela estava com uma animação que Low não via desde que ela abordou pela primeira vez na *atlantis*.

Não havia nenhuma marca em seu corpo.

"Mas como...?" Ele perguntou ao seu camarada álien.

Então ela estava em seus braços, e ele não teve que se preocupar se o momento era certo para um beijo. Ela fez com que isso fosse uma certeza.

Quando ela finalmente recuou, ele só podia olhar maravilhado. "Eu pensei... que você não quisesse ser trazida de volta! Pensei que você não quisesse sofrer os efeitos dos cristais."

Ela estava rindo. Morta num minuto, gargalhando no outro. Quem disse que o universo não tinha censo de humor?

"Eu disse algo sobre os cristais da vida?" Ela indicou os dois Cócitans ocupados atrás dela. Um fez um gesto para ele que Low entendeu como um cumprimento. "Parece que eles desenvolveram várias maneiras de se fazer a mesma coisa. É só uma questão de se ajustar o cristal, ou sintonizar a sua frequência interna, ou alguma coisa assim. Eu não tenho a mínima preocupação em entender, mas eles me garantiram de que não haverá efeitos colaterais."

"E o resultado?"

"Você ainda está preocupado de que eu possa repentinamente apagar? A ressurreição é permanente, durante o meu tempo de vida normal. O qual, me disseram, foi

generosamente estendido. Você pode receber o mesmo tratamento, e nós viveremos o bastante para sermos considerados bem velhos."

Sem saber o que dizer, Low olhou para o seu novo amigo. "É verdade," disse o Cócitan. "Um cristal propriamente sintonizado pode estender a sua expectativa de vida normal. Nós gostaríamos de tratá-lo. Seria uma maneira de nós honrarmos o que nos fez."

"Nós viveremos, Boston" ela disse, "até quando nossas células puderem suportar. Talvez eu até possa terminar aquele livro que eu sempre quis escrever."

"Eu pensei que o seu povo tinha rejeitado a idéia da imortalidade," Low disse ao álien.

"A imortalidade sim, mas não uma vida longa, natural e saudável. A dimensão física oferece muitas coisas para se aproveitar."

Como se para confirmar essas palavras, Low e Maggie se abraçaram pela segunda vez, bem mais forte do que anteriormente.

O par de Cócitans que haviam revivido ela estavam olhando com muito interesse. "Eles estão acasalando?" perguntou um.

"Eu acho que não," declarou o outro. "Eu acho que isso seja apenas uma manifestação de emoção com um pouco de contato superficial."

"Que emocionante." A voz era fria, analítica ... e familiar. Low e Maggie se viraram simultaneamente.

"Ludger?" O Comandante exclamou.

"Você conhece alguém mais nesse mundo com esse nome?" O cientista se aproximou. "Como vocês podem ver, eu sofri uma conseqüência pela morte que sofri."

"Você parece ... tão envelhecido." Maggie olhou para o cientista que já fora saudável e jovial. Seu cabelo havia ficado mais ralo e grisalho, e a sua pele o fez parecer que tinha passado vinte horas em um banho quente.

Pela segunda vez ele fez a sua reverência a ela. "Muito obrigado pelo elogio. Eu estive ... num tour, por assim dizer. O reino dos mortos é um lugar fascinante, mas eu não desejaria viver por lá. Eu aprendi muito, tanto, que faz com que uma década de vida perdida possa parecer pouco a se sacrificar. Não é como se eu tivesse escolha, de qualquer maneira." Ele se virou para encarar Low.

"Se eu me lembro corretamente, Comandante, nós tivemos um pequeno desentendimento."

"Eu não empurrei você daquela plataforma, Ludger. Você caiu."

"Eu sei, e eu peço as mais sinceras desculpas pelas minhas ações. Eu não era eu mesmo, pois estava sobre a influência dos cristais." Ele apontou para a própria cara, e Low pode perceber as

linhas de expressão e as rugas. "A minha aparência atual, é o resultado da aplicação imprópria deles no passado."

"Ele ainda viverá por muito tempo," declarou o Cócitan que estava atrás de Low.

"Eu não me importo com o envelhecimento prematuro." Brink sorriu. "Isso me dará mais respeito dentro da comunidade científica. Dentro do meu ciclo profissional, você não é considerado experiente até que tenha atingido os sessenta." Ele deu uma risada. "Espere até aqueles fósseis vivos lerem o meu relatório sobre essa expedição."

"Então você não precisa usar mais nenhum cristal?" Low perguntou.

"Não." Ele deu um largo sorriso. "Eu fui tratado. Eles realizaram em mim aquilo que eu penso ser um procedimento de quiroprática neural. Não preciso de mais verde."

"E agora," anunciou o Cócitan, "Eu acredito que vocês desejem retornar para a sua casa."

"Retornar para casa?" Low balançou a cabeça, descrente. Eram muitos milagres acontecendo ao mesmo tempo. "Mas como?"

"Pelo mesmo meio em que foram trazido aqui. A nave asteróide contém um registro das coordenadas de sua origem. Pode ser facilmente reprogramada."

"Você quer dizer, que nós podíamos ter feito isso desde o início?"

"Não." O tom do Cócitan era sombrio. "Vocês nunca teriam conseguido. As mecânicas envolvidas estão muito além da capacidade de vocês. Mas não estão além da sua capacidade de entender. Com um pouco de instrução, vocês se surpreenderão com o que a sua espécie pode atingir. E nós compartilharemos o nosso conhecimento com muito prazer. Não por que nós estamos em débito com você, e sim porque essa é a nossa natureza."

"Vamos indo," Maggie insistiu. "Eu tenho uma história para relatar."

"Você não está com medo?" Low passou o braço em volta da cintura da jornalista. "É um longo caminho de volta

para casa, e o maquinário da nossa condução é bem antigo"

Ela segurou a mão dele de um lado, e a de Brink no outro.  
"Agora, porque eu deveria me preocupar com uma viagem mais rápida que a velocidade da luz? Eu já estive morta uma vez, e Brink esteve duas vezes. Se um de nós deve temer alguma coisa, esse alguém é você Boston."

Mas ele não estava com medo. Definitivamente ele não estava com medo. Não com uma comissão real dos Cócitans os escoltando da câmara.

A única coisa que Boston Low sempre havia temido, era acabar sozinho.

FIM